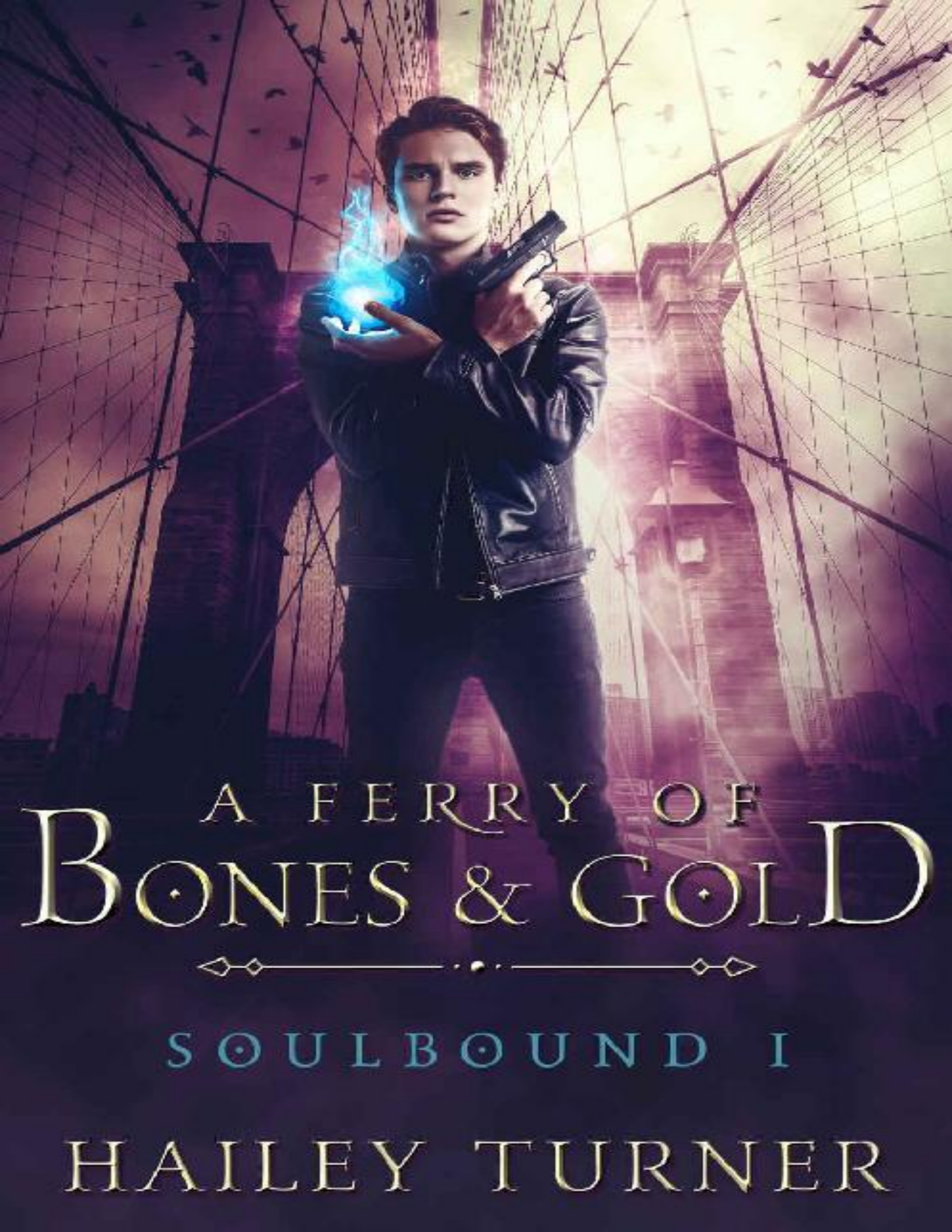
A FERRY OF
BONES & GOLD
SOULBOUND I
HAILEY TURNER

Quando os deuses fazem o chamando, você não pode dizer não.

Patrick Collins tem três anos de carreira como agente especial para a Agência de Operações Sobrenaturais quando os deuses o chamam para cobrar uma dívida de alma que ele lhes deve. Um imortal desapareceu na cidade de Nova York e os corpos estão aparecendo em uma sequência de assassinatos ritualísticos liderados por demônios que Patrick reconhece facilmente em seus pesadelos.

Incapaz de se afastar, Patrick se vê novamente enfrentando usuários de magia mercenária pertencentes à Seita Domínio. Manter-se firme e sozinho nunca foi uma opção vencedora na experiência de Patrick, mas faz anos que ele tem um parceiro em quem pode confiar.

Procurando aliados em todos os lugares errados, Patrick descobre que o próximo alvo da seita Domínio é o mesmo lobisomem que o próprio destino jogou em seu caminho. Patrick foi inexplicavelmente atraído pelo homem desde o primeiro encontro, mas o desejo não tem lugar na guerra. Isso não impede Patrick de querer o que ele não deveria ter. Jonothon de Vere é lindo, perigoso e nada além de problemas - no caso, na luta contra todo inferno e, finalmente, no coração e na alma de Patrick.

No final, todas as dívidas devem ser pagas, e Patrick só pode fazer o que ele faz de melhor - enganar a morte.

A FERRY OF
BONES & GOLD

HAILEY TURNER



Staff



Revisão Inicial: Akiko Abe

Leitura Inicial: Aimee Lee

Revisão Final: Fanny Keepers

Leitura Final: Aysha Keepers

Formatação: Annah Keepers



A Ferry of Bones & Gold é dedicado a

Nora Sakavic

Você estava lá no início desta jornada.

Prometi a você essa história há anos, e ela é tão sua quanto minha.

Obrigado por todos os anos de amizade e sarcasmo.



1



O AGENTE ESPECIAL PATRICK COLLINS não deveria estar aqui.

A cidade de Nova York não era as praias de Maui, onde ele deveria estar desfrutando de umas férias muito atrasadas e muito necessárias com o máximo de drinks tropicais que ele poderia beber. Em vez disso, ele estava de volta à Agência de Operações Sobrenaturais, encarregado de investigar um par de casos de emergência que ele tinha certeza de que alguém poderia ter lidado.

— Mil e quinhentos dólares e sem chance de reembolso — murmurou Patrick, furioso, enquanto navegava no trânsito do meio-dia para encontrar uma vaga de estacionamento em uma quadra perto de seu destino.

Era isso que ele recebia por ter atendido seu telefone quando chegou ao aeroporto internacional Washington Dulles para começar suas férias.

Nunca mais.

— Eu deveria ter ido para Maui — disse ele, pensando melancolicamente em todos os drinks com pequenos guarda-chuvas que ele não iria provar.

Para ser honesto, Patrick estava querendo experimentá-los há anos.

Depois de nove anos como mago de combate no Mage Corps, sob a direção do Departamento do Preternatural[1] dos EUA, Patrick se afastara da luta na linha de frente aos 26 anos de idade, com hábitos não necessariamente adequados para a vida civil. A SOA, um Serviço Nacional de Inteligência sob a supervisão do Departamento de Defesa, o recrutou imediatamente. O que significava que Patrick continuava fazendo o que ele havia sido treinado para fazer nas forças armadas, só que em solo doméstico e não estrangeiro e com um pouco menos de material de guerra jogado na mistura.

Três anos e mais de cem casos depois, seu trabalho consistia principalmente em cair em cidades grandes e pequenas, onde monstros e demônios se escondiam nas sombras do mundo sobrenatural. Ser designado para a Divisão de Resposta Rápida dentro da SOA significava que Patrick nunca conseguia as tarefas fáceis. Ele era pago para sujar as mãos e a alma, eviscerando demônios, humanos ou não. Bônus de risco constituíam boa parte do seu salário, mas em um dia como esse? O dinheiro nunca era suficiente.

— Quando tudo acabar, você pode ir aonde quiser. Basta fazer o trabalho primeiro — disse Setsuna Abuku, diretora da Agência de Operações Sobrenaturais, através da conexão Bluetooth no carro. — De preferência sem qualquer dano colateral desta vez.

— Como se você não me conhecesse — respondeu Patrick.

Setsuna soltou um suspiro que parecia estático através dos alto-falantes. Sua ex-guardiã de infância e atual chefe tinha um

[1] Preternatural: que está acima ou fora do natural; sobrenatural.

problema de atitude. Ou seja, ela não gostava dele todos os dias que terminavam em *'y'*[2] e ele não gostava dela.

Havia muitas razões para isso.

— A SOA não é um exército com um orçamento de bilhões de dólares e a capacidade de amortizar suas tendências destrutivas com um mero aviso.

Patrick revirou os olhos quando girou o volante e mudou o carro para marcha à ré. Estacionar em uma zona vermelha atrás de um carro da polícia não era o ideal, mas agora era sua única opção.
— Isso é uma pena. Você pode querer mudar seu orçamento.

— Por favor, pare de reclamar, Patrick.

— Se você me desse um dia de folga, talvez eu parasse.

— Eu dei. Você não parou. Onde você está?

— Prestes a entrar na cena da crime.

— Você deveria ter se reportado ao escritório de Nova York antes de entrar em campo.

— Prefiro sofrer de enxaqueca. Sabendo a minha sorte, este caso pode me dar uma nas primeiras vinte e quatro horas.

— Patrick.

— Eles têm outro corpo, Setsuna. O que eu deveria dizer? Não, eu não posso fazer isso? É para isso que eu vim aqui. Isso é por que *você* me enviou, lembra? Cadáveres e pessoas desaparecidas. Não farei nenhum trabalho enfiado em reuniões o dia todo.

Patrick estacionou o carro e tirou a chave da ignição. A ligação voltou ao seu celular quando o motor e a potência morreram. O calor

[2] Trocadilho com todos os dias da semana em inglês visto que todos terminam em y.

de junho o atingiu com força quando ele saiu, o telefone pressionado no ouvido.

A cidade de Nova York era mais quente e mais abafada que Washington, DC, e ele já sentia falta do ar-condicionado do carro. O suor escorria por sua nuca e Patrick passou a mão pelos cabelos vermelho escuro bagunçados. Os lados estavam cortados curtos, mas era um pouco longo em cima. O estilo tinha crescido com o corte militar de três anos atrás e não passaria nos regulamentos nos dias de hoje.

Fiquei mimado, Patrick pensou consigo mesmo. Aqui estava ele reclamando do ar condicionado quando passou anos vivendo sem ele.

A voz irritada de Setsuna interrompeu suas reflexões. — *Patrick*.

— O quê?

— Entre em contato com a agente especial responsável Rachel Andrita no escritório de Nova York depois de terminar o processamento do corpo.

— Isso é mesmo necessário? Este caso está sendo tratado através de DC por mim. Não é mais problema dela — ele disse.

— Se você quer um teto sobre a sua cabeça em vez de dormir no seu carro alugado, então sim, é necessário.

Patrick zombou disso. — Você esquece que minha cama consistia em um catre, um beliche duro ou o chão por anos. Crie uma ameaça melhor.

— Participe da reunião, Patrick. Isso não é um pedido. E tente não piorar a situação com o Departamento de Polícia de Nova York.

— Você sabe que eu odeio shows de cães e pôneis, Setsuna. Se você queria beijar bundas, deveria ter mandado outra pessoa.

— Você era o único que eu poderia enviar.

Patrick parou de abrir o porta-malas do carro, apertando os dedos em seu telefone celular. — Eu era?

O silêncio de Setsuna o lembrou muito de uma infância em que as respostas nunca estavam próximas. Patrick balançou a cabeça com raiva e abriu o porta-malas. Uma rajada de ar quente surgiu do espaço, fazendo-o estremecer com o calor. Ele abriu o zíper da mala, puxando o cofre de viagem que continha sua pistola tática semiautomática HK USP 9mm[3].

— Você terminou? — ele quis saber.

— Sim.

Patrick desligou sem se despedir e enfiou o telefone no bolso de trás da calça jeans preta. Ele nunca iria ganhar o empregado do mês nesse ritmo.

Digitou o código para destrancar a caixa e abriu a tampa, revelando a arma dentro. Ele a tirou do interior da espuma e deslizou a arma para o coldre, mantendo as mãos longe da vista de quem passava. Não que houvesse muitos transeuntes no momento. Todos pareciam mais interessados na presença policial mais abaixo na rua.

Prendeu o coldre ao cinto e deslizou a pistola para perto, o peso dela familiar. Patrick deixou o braço direito cair ao lado do corpo, os dedos roçando a bainha de couro amarrada à coxa. A adaga de dez centímetros de dois gumes era um artefato com o qual ele fora presenteado há três anos durante a Guerra dos Trinta Dias no



3

Oriente Médio. Ele nunca ia a lugar nenhum sem ela hoje em dia, mas se ele pudesse desistir, ele o faria.

— Inferno do caralho, — ele disse, deixando escapar um suspiro pesado.

As ordens de seus superiores podiam ser irritantes, mas a persuasão dos deuses geralmente era pior.

Patrick pegou seu distintivo secundário de ouro da SOA preso a um suporte de couro preto da bolsa e o pendurou no pescoço. Emaranhado com as placas de identificação que ele ainda usava, as correntes de metal quentes contra sua pele. Dando de ombros a jaqueta de nylon preta com suas letras douradas nas costas, fechou o porta-malas e subiu a rua para a cena do crime.

Curiosos se reuniram perto do prédio em questão. Patrick olhou através dos óculos de sol aviador para a multidão e a van de notícias situada na frente e no centro, do lado de fora da linha da polícia.

O Departamento de Crimes Sobrenaturais da polícia de Nova York detinha jurisdição sobre os assassinatos que haviam atraído Patrick à cidade de Nova York. Quando ligou para o PCB ao desembarcar em LaGuardia, a assistente de Giovanni Casale, chefe de crimes preternaturais do PCB, solicitou que ele ficasse fora da vista da mídia. Eles não estavam prontos para anunciar que os federais estavam assumindo o caso. Com as câmeras acampadas fora da área isolada, Patrick só tinha realmente uma opção para ficar fora da vista.

— Hora de trabalhar. — ele murmurou.

Patrick girou o dedo indicador em um círculo preguiçoso enquanto caminhava, alcançando a presença no fundo de sua alma que ele sempre teve consciência, mesmo quando criança.

Magia.

Aproximadamente um quarto da população mundial poderia manipular a energia de suas almas em magia. As crianças eram testadas jovens, com magia passando por vários tipos e afiliações, desde vários tipos de magia elementar até o chamado mais sinistro da necromancia. A magia era tão forte quanto a alma de uma pessoa, e uma alma ainda precisava manter um corpo vivo. Evitar o esgotamento mágico era impossível em alguns dias, mas o risco de magos era menor em comparação com outros usuários de magia.

Os magos eram os únicos registrados que podiam abrir suas almas aos rios e lagos de energia metafísica que corriam pela terra em forma de linhas ley e nexos. Essa magia externa e selvagem agia como um impulsionador, dando-lhes um alcance que a maioria dos usuários de magia nunca poderia alcançar apenas com base em sua alma. Os magos eram muito procurados por governos e militares de todo o mundo por sua capacidade de explorar essa magia, embora em alguns países eles fossem pouco mais que escravos.

Patrick não havia sido recrutado para ingressar no Departamento de Preternatural dos EUA, mas a pressão que sentira aos dezessete anos para assinar os formulários de recrutamento com a permissão de Setsuna parecera muito como se ele não tivesse escolha.

Talvez se ele não tivesse ficado órfão aos oito anos, as coisas seriam diferentes. Talvez se ele não tivesse sido magicamente aleijado durante a Guerra dos Trinta Dias, aquela maldita Seita Dominion

quase venceu em nome de todos os infernos três anos atrás, ele não seria tão amargo. Patrick sabia que não devia se prender aos cenários de *e se*, mas isso não o impedia de mergulhar ocasionalmente naquele buraco de coelho.

Flexionou os dedos, sentindo um nó estalar quando ele sacudiu a mão.

— Foco. — ele disse a si mesmo.

A magia, libertada de sua alma contaminada, girou em uma esfera azul pálida e brilhante, não maior que uma bola de golfe. Aninhava-se contra a curva de sua mão, na maior parte escondida da vista. O globo mágico agia como um ponto de ancoragem para qualquer feitiço ou proteção que Patrick precisasse chamar. A cor costumava ser mais brilhante, mas a tonalidade outrora vibrante havia desaparecido para um tom desbotado. O desbotamento do globo mágico era uma pista visual do dano interno que ele sofrera no final daquele mês de inferno literal na terra.

Patrick pode ter perdido o alcance e a força necessários para alcançar uma linha ley e lançar feitiços e proteções de alto nível, mas ele poderia lançar uma barreira de disfarce dormindo. O globo pulsava suavemente com magia, o feitiço dentro de seu padrão rastejando em sua aura, a extensão de uma alma humana.

Ele empurrou sua magia para fora, a força invisível se espalhando pelas auras próximas na multidão, sem que ninguém percebesse. A barreira não o tornava invisível; simplesmente impedia que a atenção das pessoas vagasse em sua direção até depois que ele se esgueirasse sob a fita amarela da polícia e entrasse no prédio sem impedimentos.

Patrick deixou a barreira cair uma vez que estava fora da vista da mídia, o globo mágico desaparecendo. Ele deslizou silenciosamente pelo saguão cheio de inúmeros policiais. Tirou os óculos escuros e os prendeu na gola da camiseta azul escura. Piscando para ajustar a visão, ele deu uma rápida olhada ao redor.

Enquanto a maioria dos policiais uniformizados entrava e saía como se tivessem lugares para se estar, alguns homens e mulheres em roupas comuns gravitavam em torno de um homem alto de terno dando ordens. Patrick seguiu nessa direção, imaginando que ele estava no comando apenas pela presença, porque o chefe do Bureau Giovanni Casale tinha uma voz que deixaria orgulhoso qualquer sargento.

— ... não podemos limpá-lo até conseguirmos protegê-lo. — dizia Casale. — Ramirez, chame alguém para cuidar daquele maldito agente especial da SOA. Paula disse que ele deveria estar aqui em breve.

A mulher de cabelos escuros, vestindo um terninho elegante com um escudo de ouro no cinto, arqueou uma sobrancelha e apontou o polegar na direção de Patrick. — Encontrei ele, chefe.

A atenção de Casale se concentrou em Patrick, que não se intimidou com a intensidade. Ele estendeu a mão, encontrando o olhar de Casale com olhos verdes sem piscar. — Agente Especial Patrick Collins. Estou na Divisão de Resposta Rápida, com sede no escritório da SOA em DC. A diretora me enviou sua direção.

Casale apertou sua mão, com firmeza. — Diga-me que você é alguém com experiência em demônios e que Rachel não sabotou nosso pedido de nova ajuda.

Patrick arqueou uma sobrancelha, curioso sobre o rancor na voz de Casale que ele não se incomodou em esconder. — Eu sou um mago. Demônios são minha especialidade. A SOA deveria ter informado você sobre isso.

Casale lançou-lhe um olhar aguçado e medido. — Estou no local há quase meio dia lidando com essa bagunça. Não tive a chance de verificar meu e-mail.

Patrick olhou para o teto. — Ouvi dizer que você tem outro corpo.

— Oitavo no ano. Terceiro desde o maldito mês e meio passado. O tempo entre os assassinatos está diminuindo; não temos pistas e as cenas de crime são muito confusas. O escritório de campo local da SOA não valia a dor de cabeça que estavam nos causando, por isso apelamos. E agora você está aqui. — Casale apontou o polegar para as duas pessoas que estavam mais próximas dele. — Detetives Especialistas Allison Ramirez e Dwayne Guthrie. Eles lideram toda essa bagunça e se reportam diretamente a mim. Pessoal, este é o nosso mais recente contato com a SOA.

Alto e moreno, Dwayne assentiu com um olá, mas não ofereceu sua mão. Sua parceira, Allison, tinha mais ou menos a altura de Patrick e parecia mais jovem que Dwayne, seu cabelo encaracolado e escuro preso em uma trança francesa apertada. Ela o olhou com franca curiosidade profissional. — Nunca trabalhei com um mago antes. Nosso último contato foi uma bruxa.

Patrick deu de ombros. — Apenas me alimente com mais frequência. Onde está o corpo?

— Terceiro andar, vamos levá-lo até lá — disse Casale.

O elevador que pegaram estava no lado pequeno, e todos tiveram que se apertar para se encaixar. Patrick notou o espaço que os outros três deixaram ao seu redor com um leve desinteresse. Isso não o impediu de iniciar uma conversa.

— Então, qual é o buy-in[4]? — ele perguntou.

— Qual buy-in? — Dwayne repetiu com um tom de confusão em que qualquer pessoa que não fosse um agente da SOA acreditaria.

— Ah, qual é. Todos sabemos que a polícia de Nova York odeia fazer parceria com a SOA. Tudo bem se você não quiser falar sobre as apostas sobre quanto tempo o novo cara vai durar na frente do seu chefe. Apenas deixe o agenciador de apostas saber que eu sou bom para cem em mim mesmo e quero os ganhos.

Allison balançou a cabeça. — Você está tão seguro assim sobre si mesmo?

Patrick sorriu para ela quando o elevador parou e as portas se abriram. — Eu sempre posso usar o dinheiro extra.

Assim que saíram do elevador, o sorriso no rosto de Patrick desapareceu. Sua magia respondeu aos traços fracos do inferno nas proximidades, como sempre. O reconhecimento discordante cortou as proteções que formavam seus escudos pessoais para conter a mancha de sua magia. Mergulhados na pele, trancados dentro de seus ossos, seus escudos não eram suficientes para impedir que sua magia danificada reconhecesse quando algo de qualquer um dos infernos que passavam pelo véu vazara. Nada deixa uma mancha nas energias metafísicas do mundo dessa forma.

[4] No jogo de poker o buy-in é uma taxa mínima de adesão a pagar para entrar no jogo.

— Eu acho que você está certo sobre demônios. Todo o piso está contaminado com uma mancha infernal derivada de magia negra — disse Patrick, olhando por cima do ombro para Casale.

Casale apertou a mandíbula com força o suficiente para destacar os tendões no pescoço antes de soltar um suspiro explosivo. — A bruxa que nós temos monitorando a cena do crime não me notificou de um risco como esse.

Patrick começou a andar, passando por dois policiais uniformizados que estavam de guarda no corredor. — Ela não é uma maga. A mancha é quase imperceptível, mas ainda posso senti-la. Alguém sem meu alcance provavelmente passaria despercebido.

— Todo mundo que trabalha no PCB carrega feitiços de proteção. São suficientes para manter nossas almas seguras?

— Depende do que eu encontrar na cena do crime.

Patrick tinha a sensação de que ele estaria despindo muitas almas de manchas persistentes causadas por magia negra antes de sair. Isso nunca era divertido para ninguém.

A magia negra era ilegal por várias razões, não obstante, a maioria das vítimas desses feitiços acabou morta. Patrick sabia disso melhor que a maioria. Ele havia sobrevivido a um ataque premeditado e ainda carregava as cicatrizes - físicas, mentais e mágicas - de quando ele era criança e um demônio quase arrancou seu coração.

A capacidade de Patrick de rastrear e matar demônios e monstros com laços com o mundo sobrenatural era um efeito colateral desse trauma infantil. Essa pequena peculiaridade em sua magia o tornara um trunfo para o Mage Corps e foi a razão pela qual ele foi designado para uma equipe das Forças de Operações

Especiais. Suas habilidades de caça significavam que a taxa de sucesso da missão dos Hellraisers parecia boa em teoria, mas na realidade era uma merda para a saúde pessoal de Patrick.

Alguém tinha apoiado a porta do apartamento com um vaso de plantas. Patrick entrou, passando pela pequena cozinha para a sala de estar e seu sangrento centro de atração. Ele estava consciente das etiquetas de evidência numeradas espalhadas pelo chão, certificando-se de não derrubar nada. Ele parou perto do sofá branco, outrora intocado, olhando para os restos mortais da vítima.

Patrick não estava olhando para um corpo inteiro, apenas pedaços dele. O teto parecia uma pintura sangrenta de Pollack, cortesia do torso eviscerado do morto. A caixa torácica havia sido aberta como asas de borboleta carnudas, revelando uma cavidade meio vazia que estava sem o coração e três quartos dos pulmões. A pele macia do abdômen não passava de fragmentos, intestinos escorrendo pela parte inferior do grande buraco irregular de nós róseos e cinza-rosados.

Cordas de músculo se apegavam aos ossos quebrados, saindo do que restava de cada braço. As pernas da vítima estavam roídas na coxa, os ossos do fêmur mordidos. O sangue saturou o tapete e as almofadas do sofá nas proximidades, como se ele tivesse sido arrastado do sofá para o chão. Pedaços gordos de carne estavam espalhados pelo chão ao redor do corpo, mas Patrick não viu nenhum sinal dos membros ou órgãos ausentes.

Ele apostaria todo o seu próximo salário que o cara tinha sido comido vivo.

Membros da Unidade de Cena do Crime e um representante do consultório médico estavam trabalhando cuidadosamente em torno

do corpo. O estado da vítima tornava seu trabalho um pouco mais difícil que o normal.

— Você disse que os parentes mais próximos receberão cinzas e não um corpo para uma visualização, certo? Você cremou todos os outros também? — Patrick perguntou.

— Todos eles foram cremados. Procedimento padrão para casos de homicídio sob nossa alçada. Não somos novos nisso — disse Dwayne, parecendo vagamente irritado.

Patrick sabia que a maioria das forças policiais não gostava de uma agência federal entrando e pisando na ponta dos pés. A defensiva não era incomum. Mas ele precisava jogar bem, se ele queria chegar a algum lugar com este caso. Então ele reprimiu a réplica sentada na ponta da língua, atento ao pedido de Setsuna, e concentrou-se nos mortos em vez dos vivos.

— Alguém tem um par de luvas sobressalentes? — ele perguntou.

— Por precaução, — disse uma mulher com CSU[5] na parte de trás do casaco.

Patrick seguiu para onde ela apontou e foi desenterrar um par de luvas de látex. Puxando-os, ele se aproximou do corpo e agachou-se para olhar mais de perto o rosto da vítima. O relatório que ele lera em seu MacBook durante o curto voo para Nova York continha detalhes sobre os mortos que ainda não estavam aparecendo na imprensa.

[5] Crime Scene Unit (CSU) é uma unidade de investigação e parte do Departamento de Polícia de Nova York. A unidade é responsável pelas investigações forenses de homicídios e agressões sexuais, bem como por outros crimes considerados necessários.

A pele cerosa do rosto mutilado estava fria ao toque. Ele abaixou a pálpebra para ver melhor o que ligava esse assassinato a todos os outros. O signo astrológico cortado na pele delicada fora feito com tanta precisão que Patrick duvidava que fosse o trabalho do demônio que rasgara o corpo.

Ele tocou um dedo no sinal que representava o deus imortal Ares, um sentimento desconfortável se instalando em seu intestino. Em sua experiência, nada de bom vinha da magia que chamava aos deuses.

Patrick não conseguia sentir nenhuma magia deixada para trás no próprio corpo. Fosse qual fosse o motivo pelo qual os símbolos tivessem sido um catalisador, estava quase acabando agora. O único vestígio dele era o resíduo da mancha infernal.

— Os signos são as únicas coisas que conectam os assassinatos? — Patrick perguntou.

— O MO[6] atual são corpos comidos pela metade e os símbolos. Não há conexões que possamos encontrar entre as vítimas. Não há consistência entre seus antecedentes econômicos, religiosos, raciais ou sociais. Só encontramos corpos em Manhattan. — disse Dwayne.

— Você pode ter certeza de que eles só foram encontrados em Manhattan? Eles são todos locais?

— O PCB tem jurisdição nos cinco distritos. Entramos em contato com nossas afiliadas fora da cidade de Nova York, mas não recebemos ligações de outros departamentos e não divulgamos detalhes críticos ao público. — disse Casale.

— Algum sinal de entrada forçada?

[6] Modus operandi, é uma expressão em latim que significa 'modo de operação'. Utilizada para designar uma maneira de agir, operar ou executar uma atividade seguindo geralmente os mesmos procedimentos.

— Nenhum. A porta estava trancada, assim como todas as janelas, exceto a que funcionava com o aparelho de ar condicionado, mas não há sinal de que tenha sido adulterada. — disse Allison.

— A esposa do pobre rapaz é enfermeira e voltou para casa depois de um turno da noite no New York-Presbyterian em Lower Manhattan. Encontrou-o assim — acrescentou Dwayne. — Ela teve um colapso nervoso e os paramédicos a removeram das instalações.

Patrick apoiou o peso nos calcanhares, ainda estudando o corpo. — Espero que não para muito longe. Precisarei ter certeza de que ela está limpa de resíduos mágicos antes que ela possa ser liberada. Você disse que fugiu dos agentes SOA locais que anteriormente trabalhavam com você. Qual foi a conclusão deles?

— Nada de útil. — Casale disse com um bufo. — Uma bruxa sugeriu procurar cães infernais e talvez obter controle animal para ajudar com eles.

Patrick revirou os olhos. — Em uma escala de um a besteira, eu chamo de besteira. Parece que o corpo foi atingido por um IED[7] mágico, não um cão raivoso.

— Você acha que foi o que aconteceu? Um IED mágico?

— Não. Garanto que o relatório do médico legista para esta vítima será o mesmo de todos os outros neste caso. Nenhuma entrada forçada na casa. Corpo meio comido e símbolos gravados nos olhos. — Patrick levantou-se e tirou as luvas, depositando-as em uma lixeira de risco biológico nas proximidades antes de ir para onde os outros três estavam. — Matanças como essa, especialmente com os

[7] Um artefato explosivo improvisado ou bomba caseira (em inglês: Improvised Explosive Device, ou IED) é uma bomba de fabricação caseira construída e implantada em outras maneiras do que em uma ação militar convencional.

signos, significam que essas pessoas foram alvo de um motivo específico.

Casale o estudou com um olhar ilegível nos olhos. — Você está falando de assassinato[8].

Patrick deu de ombros. — Assassinato, homicídio, ambos te matam.

— Isso é mais do que os outros agentes da SOA nos deram, chefe. — Allison disse calmamente.

O que não deveria ser o caso, mas Patrick estava familiarizado com a podridão escondida no interior da SOA que Setsuna e seus antecessores não eram capazes de entender completamente.

Patrick cruzou os braços sobre o peito, a jaqueta puxando contra seus ombros com o movimento. — Precisarei ver o arquivo completo deste caso, não apenas o relatório criptografado que você enviou à minha chefe. Eu também preciso garantir que ninguém mais esteja saindo com magia negra residual em suas almas. Quem mais esteve em contato com o corpo?

— Vamos dar-lhe nomes — disse Casale com uma careta. Ele acenou com a mão para a cena do crime e tudo mais. — Dê-me sua opinião sobre tudo isso.

— Não sei a que se referem os símbolos, mas a mastigação, a ruptura e a magia? No mínimo, você tem um problema demoníaco.

— O prefeito ficará emocionado. — Dwayne murmurou.

Casale soltou um suspiro pesado e apontou o dedo para os dois detetives. — Vocês dois estão no comando até que todos saiam. Estou

[8] Neste caso, Casale usa a palavra 'assassination' que indica que o crime foi motivado por algum objetivo específico, geralmente relacionado com contexto político ou religioso, não apenas um homicídio por motivos aleatórios ou eventuais que seria denominado 'murder'.

descendo para alimentar a imprensa. Isso deve dar ao agente especial Collins tempo suficiente para garantir que todos aqui não precisem chamar um padre para os últimos ritos. Collins você vem comigo depois que acabar aqui. Estamos nos encontrando com meu par de olhos favorito.

Dwayne olhou para Casale surpreso. — Eu pensei que seu encontro com ele fosse na próxima semana?

— Estou me adiantando.

Patrick franziu o cenho. — Quem estamos visitando?

— Alguém que possa lançar alguma luz sobre essa bagunça, se tivermos sorte.

— Se você tem ajuda local fora da SOA, por que você não foi até eles antes disso?

Casale deu um sorriso duro antes de dar as costas ao grupo e seguir para a porta. — A SOA é tecnicamente a opção mais barata, e a cidade fica chateada quando excedemos o orçamento com nossas horas extras. Verifique se meu pessoal está seguro, Collins. Se algum deles se machucar, a próxima coisa que vou enviar à sua agência é uma reclamação.

Patrick mal se absteve de revirar os olhos. Parecia que a animosidade entre as agências estaduais e federais ainda estava bastante viva.

— Certo. — disse Patrick, olhando para Allison e Dwayne. — Quem quer que eu verifique sua alma primeiro? Eu tenho que avisar, esse feitiço dói como um filho da puta.

Em uníssono, os dois apontaram um para o outro, silenciosamente oferecendo seu parceiro para ir primeiro.

2



PATRICK PASSOU uma hora limpando almas da mácula infernal. Ele sabia o que procurar, mas sua magia não facilitava o processo para o destinatário. Os oficiais da polícia de Nova York foram mais estoicos com o processo do que um punhado de inquilinos vizinhos no andar.

O que Patrick precisava desesperadamente, assim que terminou, era um cigarro para acalmar seus nervos. Ele passara de

LaGuardia para Manhattan, odiando avidamente o adesivo de Não Fume, zombando dele na janela do motorista. Patrick levara mais de um mau hábito para casa com ele das linhas de frente e ainda não havia quebrado nenhum deles. Verdade seja dita, ele realmente não havia tentado. Seu terapeuta designado pela VA[9] desesperou-se sobre ele fazendo progresso real algum dia.

— Você precisará obter os nomes de todos que moram no prédio e limpá-los mais tarde. — Patrick advertiu a bruxa PCB de plantão.

— Nós vamos lidar com isso. — respondeu a oficial. Gravado em seu crachá, embaixo de seu sobrenome e número, havia um pequeno pentagrama, denotando sua posição como bruxa. Que tipo, Patrick não fazia ideia, mas ela tinha magia, e isso era tudo o que importava.

Com nada mais que ele poderia fazer, ele deixou a cena do crime em favor de seguir Casale pelas ruas de Manhattan. Eles acabaram perto do Edifício Flatiron, embora seu destino não fosse essa estrutura icônica.

Patrick estacionou atrás do carro de polícia não marcado de Casale, em uma zona de carregamento do lado de fora de um prédio de escritórios a alguns quarteirões ao sul da Broadway. Sua entrada estava localizada na E. 21st Street, as poderosas proteções do edifício brilhando nos limites de sua visão. Patrick saiu do carro, curioso sobre o lugar que gastaria tanto dinheiro para colocar as barreiras defensivas de nível mago em um limiar público.

[9] Associação de Veteranos

Casale olhou para ele quando estava prestes a fechar a porta do carro e balançou a cabeça. — Deixe sua jaqueta aqui e esconda seu crachá.

Patrick levantou uma sobrancelha para isso, mas fez o que foi dito. Ele jogou a jaqueta SOA e os óculos escuros de volta no carro antes de enfiar o distintivo debaixo da camiseta, onde não poderia ser visto. Ele não estava deixando a arma ou a adaga para trás.

— Vamos. — disse Casale, já a meio caminho da entrada do edifício.

Patrick correu para alcançá-lo. Atravessar o limiar protegido fez seus dedos formigarem, mas as proteções não se acenderam em advertência à sua presença. Os escudos pessoais de Patrick fizeram o que deveriam fazer e mantiveram escondida sua magia contaminada.

Ele estava feliz por sair do calor do meio-dia e entrar no saguão frio e com ar-condicionado. Casale exibiu seu distintivo para os seguranças de plantão na frente e falou brevemente com eles para obter acesso ao prédio, enquanto Patrick vasculhava o diretório de empresas que residiam no endereço. Não eram muitas.

Casale dirigiu-se para o elevador. Quando um dos guardas de segurança tentou afastar Patrick de se deixar levar pelos portões de segurança dos cartões de digitalização, Casale disse: — Ele está comigo.

As poucas pessoas entrando e saindo do prédio estavam do lado mais jovem, vestidas casualmente como Patrick em jeans e camisetas. Ele não estava usando nenhum de seus tênis caros ou sapatos de grife, então suas botas de combate pretas e desgastadas se destacaram um pouco mais do que o habitual. Um segurança os

dirigiu para o elevador apropriado, afastando alguns retardatários que pareciam mais curiosos do que irritados com o atraso.

— Vigésimo quinto andar — disse Patrick quando as portas do elevador se fecharam e começaram a subir rapidamente. — PreterWorld?

— Estamos no antigo coração do Silicon Alley. A empresa é dona do prédio e aluga alguns níveis mais baixos para outras empresas — explicou Casale.

— Por que estamos aqui?

— Como eu disse. Encontrando meu par de olhos favorito.

O elevador parou e as portas se abriram no enorme piso de um escritório, em grande parte aberto. A luz do sol atravessava as janelas circundando todos os lados do edifício, competindo com as luzes no teto. Mesas longas, em vez de cubículos, ofereciam espaços de trabalho compartilhados em conjunto com mesas de café colocadas aleatoriamente e cadeiras confortáveis, onde as pessoas trabalhavam diligentemente em seus MacBooks.

Metade das pessoas que trabalhavam usavam fones de ouvido enquanto ouviam música, algumas cabeças balançando aqui e ali por uma batida que ninguém mais ouvia. Patrick podia ver uma mesa de sinuca em uma sala interior que era claramente uma área de jogos, junto com várias televisões de tela plana. Apesar da hora, uma competição de jogos de tiro em primeira pessoa estava acontecendo. Um posto de lanches cheio de junk food[10] e comida saudável em proporções iguais, além de café e cerveja, estava sendo saqueada para um lanche da tarde por não menos de dez pessoas.

[10] Comida rica em calorias e de baixa qualidade nutritiva.

A PreterWorld era a maior empresa de tecnologia que originalmente atendia aos hábitos de mídia social daqueles nascidos com magia ou que pertenciam ao mundo sobrenatural e não tinham vergonha de compartilhar suas identidades. A plataforma de mídia social, que incorporava atualizações de status, fotos e vídeo em um feed, inicialmente tinha seguidores de culto, antes que mais e mais usuários mundanos começassem a querer acessar.

Patrick não era fã de mídias sociais. Seu ódio de compartilhar todos os mínimos detalhes advinha de viver uma vida de segredos. PreterWorld, e a notoriedade e fama que alguém poderia ganhar com isso, nunca tinham sido algo que ele queria. Ele teve que dar crédito ao CEO de tecnologia. A magia de Patrick reconheceu a maioria dos empregados como usuários mágicos ou alguém que vinha do mundo preternatural, que era uma porcentagem muito maior do que a maioria das pessoas já contratadas.

Casale ignorou os olhos curiosos e avançou. Eles contornaram uma sala de conferência com capacidade multimídia no caminho para o escritório da esquina, situado atrás de paredes de vidro parcialmente fosco que gritavam *CEO*.

Patrick tentou se lembrar de tudo o que pôde sobre o proprietário e fundador da empresa. Jovem, como a maioria dos empreendedores de tecnologia, e estupidamente rico após a abertura de capital. Mas foi a menção de Casale sobre os olhos que finalmente despertou a memória de Patrick de uma reunião há muito tempo com Setsuna durante uma de suas licenças.

Havia um punhado de pessoas tocadas pelos deuses no mundo que ele precisava evitar. Setsuna o mantinha atualizado sobre o paradeiro deles quando podia. O público em geral pode não saber que

o CEO da PreterWorld era um vidente, mas o governo federal sabia, e aparentemente Casale também.

Merda, pensou Patrick.

Ele manteve sua expressão neutra, apesar do desejo de *correr* batendo no fundo de sua mente. Ele estava ciente de todos os olhos neles enquanto caminhavam ao longo do andar da empresa até o escritório de Marek Taylor. Os sussurros ao fundo não eram tão silenciosos quanto os fofoqueiros pensavam.

O homem latino alto e surpreendentemente bonito que abriu a porta do escritório não era Marek, mas alguém, ou melhor, alguma outra *coisa*. O reconhecimento queimou brevemente através da magia de Patrick sob seus escudos com a centelha específica que significava *werecreature*; ele só não sabia de que tipo.

Werecreatures eram nascidos da Terra. Eles não eram como demônios que precisavam atravessar os muitos infernos existentes ou os fae que chamavam as margens do véu de lar em um plano diferente. No passado, nos anais sombrios da história, as werecreatures costumavam ser seres humanos que se transformavam no tipo de animal predatório que você veria na natureza normal, peludos, do tipo que gostam de comer coelhos. Eles eram temidos e ostracizados ainda mais naquela época, quando descobertos pela sociedade, mas os que estavam no poder tinham visto uma oportunidade.

Um mago romano havia sido ordenado por seu imperador para criar um exército de werewolves[11]. Invocando o poder de Lupa, a loba que amamentou Romulus e Remus, ele tentou subverter o que a

[11] Achei mais interessante manter o original, visto que existem 'werecreatures' de outros animais além do lobo.

natureza havia feito. Sua tentativa de controle mágico saiu pela culatra e resultou no werevirus, um dos primeiros casos registrados de guerra biológica criada magicamente introduzida na sociedade.

O werevirus era uma doença incurável composta de duas sub-cadeias que faziam com que os infectados se transformassem em bestas monstruosas. Com o tempo, a magia que ainda alimentava o werevirus permitiu que ele saltasse sobre outras espécies, e o mundo tinha mais do que lobisomens em suas mãos agora. Nascidas ou mordidas, werecreatures não tinham vida fácil.

Patrick não sabia que fera o sujeito carregava sob sua pele, mas sabia que o estranho tinha força e sentidos sobrenaturalmente aprimorados. Os escudos pessoais de Patrick mantinham a mancha em sua alma sob controle, com um efeito colateral de amortecer seu poder a tal ponto que a maioria das pessoas nunca poderia dizer que ele era um usuário mágico. Se o fizessem, nunca o considerariam um mago. Entretanto, as werecreatures sempre eram um sucesso absoluto ou um fracasso total. O olfato deles era muito bom.

— Leon — Casale disse em saudação.

Leon se comportava de uma maneira confiante que não indicava violência, mas prometia acabar com qualquer briga que alguém iniciasse. O olhar de Patrick subiu e desceu o corpo de Leon, automaticamente procurando por armas e não encontrando nenhuma. Não que o homem precisasse de uma, já que ele era uma werecreature.

Leon era bonito, de cabelos e olhos escuros. Ele era o tipo de cara que Patrick esperava encontrar em Maui durante as férias, alguém que seria capaz de transar com ele até que esquecesse seu

próprio nome. Pena que sua semana de devassidão no paraíso não estaria acontecendo.

O olhar de Leon saltou de Casale para Patrick, estreitando os olhos castanhos. — Quem é ele?

— Ele é novo — disse Casale com bastante facilidade, parando em frente à porta que Leon estava bloqueando.

— O que aconteceu com Ramirez e Guthrie?

— Não é da sua conta. Você se importa de nos deixar passar?

Leon parecia que se importava muito, mas uma voz de dentro do escritório falou. — Deixe-os entrar, Leon.

Leon fez uma careta e saiu do caminho, permitindo que os dois entrassem no espaçoso escritório moderno. Marek Taylor - CEO, bilionário e um dos poucos videntes tocados pelos deuses dos Estados Unidos - estava na casa dos vinte anos, com cabelos castanhos elegantemente cortados e olhos castanhos afiados que os observavam com uma intensidade assustadora.

Patrick não invejava a posição de Marek. Os magos, especialmente os magos de combate, tinham um risco maior de morrer no trabalho do que outros tipos de usuários mágicos, baseados nos tipos de missões e casos que eles lidavam. Os videntes, por outro lado, ficavam cegos, seu poder aumentando em força com cada cor que perdiam até que a única coisa que podiam ver era o futuro. A maioria enlouquecia após seu lento deslizar para a escuridão e acabava morta, geralmente por meio de suicídio.

Patrick tinha feito a coisa de morrer lentamente uma vez antes. Ele preferia engolir sua arma do que passar por isso novamente.

Sua magia facilmente reconheceu o verdadeiro status de Leon, mas o reconhecimento de Marek demorou a penetrar em sua

consciência. Patrick sentiu uma profundidade de poder que o lembrou daqueles buracos azuis no oceano, os buracos marinhos que se escondiam muito abaixo da superfície. Marek carregava poder em sua alma, coisas que Patrick sabia que não deveria mexer.

Os Destinos sempre ficavam tão fodidamente *chateados* quando ele quebrava seus porta-vozes favoritos.

— Feche a porta quando sair, Leon — disse Marek após um momento de silêncio tenso.

Leon nunca tirou os olhos de Patrick. — Tem certeza?

— Está tudo bem.

— Eu vou estar lá fora.

— Não ouça a conversa — Casale disse a ele. — O que precisamos discutir é confidencial.

— Sem promessas — Leon zombou.

Ele saiu do escritório e fechou a porta. Casale olhou para Patrick. — Você pode impedi-lo de bisbilhotar?

Patrick assentiu. Em vez de focar sua magia através de um globo mágico para uma simples ala de silêncio, ele se aproximou da parede as suas costas. Levantando a mão, ele esboçou um símbolo na parede de vidro. A magia seguiu seu dedo como tinta. Ele pressionou a mão sobre as linhas levemente brilhantes e forçou seu poder para fora. A estática passou pela sala, criando uma barreira de ruído branco criada magicamente que impediria qualquer um de ouvir a conversa.

Marek afastou a cadeira do escritório da mesa e levantou-se. Sua roupa era casual, de acordo com o tema não formal da empresa, mas Patrick sentia que todas as roupas de Marek eram de marca. Uma das poucas amigas de Patrick havia crescido em Paris e tentara

ensiná-lo sobre moda quando ela descobriu que ele não tinha noção. Eles tiveram que encontrar maneiras de passar o tempo no campo de alguma forma, mas Patrick não se importava com roupas civis quando ele usava uniforme.

Marek deu a volta na mesa e não ofereceu assento a ninguém no punhado de cadeiras ou no sofá de couro ocupando espaço em seu escritório. Ele parou a alguns metros deles, com as mãos nos quadris.

— Vi nossa reunião para a próxima semana — disse Marek, encarando Casale.

— Eu sei, mas algo surgiu. Precisamos conversar — respondeu Casale.

— Vi nossa reunião para a próxima semana — Marek repetiu lentamente. — Mas eu não vi você vindo aqui hoje.

Casale olhou para ele surpreso. — Você sempre vê minhas visitas.

O olhar de Marek se afastou para prender Patrick como um inseto na coleção de um entomologista[12]. — O que significa que eu não vi você.

Patrick manteve seus batimentos cardíacos firmes graças aos longos treinos. Uma boa mentira sustentada por uma história bem contada com a voz e com corpo. Com uma werecreature não presente para cheirar a verdade, Patrick poderia manter seus segredos em segurança - ele esperava.

— Ou você não viu o problema que Casale veio aqui para lhe perguntar — respondeu Patrick.

[12] Entomologia é a especialidade da biologia que estuda os insetos sob todos os seus aspectos e relações com o homem, as plantas, os animais e o meio-ambiente.

Marek olhou para Casale antes de voltar sua atenção para Patrick. — Suponho que você esteja falando dos assassinatos que foram noticiados ultimamente. Não preciso ser um vidente para saber qual caso exige a atenção de um chefe em campo como um problema imediato. Além disso, se eu passasse todas as horas acordadas olhando para o que as pessoas estavam fazendo, eu seria trancado em Bellevue.

— Eu não estou aqui sobre o que você faz no seu tempo livre — disse Casale.

— Não, você está aqui apenas para comprar o futuro.

— Estou preparado para pagar o preço que você definir para a sua visão.

— É a cidade? — Marek perguntou causticamente.

— Temos outro corpo hoje, Marek. Um homem bom morreu sem nenhuma razão que possamos discernir, como todos os outros. Tenho um caso novinho em folha de desaparecidos com um dos principais gestores de fundos de Wall Street prestes a explodir nas notícias. Lidar com a esposa de Malcolm Cirillo todos os dias não é fácil para mim, você sabe disso. Eu não estaria aqui se não achasse que você poderia ajudar.

— E ele?

Patrick levantou uma sobrancelha para o dedo que Marek apontou para ele antes de sorrir preguiçosamente para o vidente. — A última pessoa designada ao caso.

— Você tem nome?

— Por que você não responde à pergunta de Casale?

— Por que você não responde a minha?

Patrick deu de ombros e não abriu a boca.

— Marek — disse Casale, tentando redirecionar a conversa. — Você vai ajudar?

Marek olhou para Patrick por mais alguns segundos antes de soltar um suspiro irritado. — Tenho uma reunião em dez minutos. Apenas faça isso rápido! O que você quer saber?

— Quem ou o que está matando pessoas em Manhattan e deixando símbolos astrológicos nos olhos dos mortos?

Os olhos castanhos de Marek lavaram-se em um cinza prateado. Sua aura estava aberta e mágica - invisível, antiga, magia *primordial* - correu forte contra os escudos de Patrick antes de se recuperar de volta ao vidente. Marek soltou um grito estrangulado, curvando-se sobre as pernas trêmulas, o brilho de sua aura diminuindo. Patrick pegou um dos braços antes que ele pudesse plantar o rosto no chão e o arrastou até a cadeira mais próxima.

Marek colocou a cabeça entre as pernas e respirou fundo. Sua reação disse a Patrick tudo o que ele precisava saber sobre esse caso - que era, como sempre, *complicado* para porra quando Patrick era trazido para a mistura.

Enquanto Casale examinava Marek, Patrick desativou sua ala do silêncio. Entre uma respiração e a seguinte, Leon entrou no escritório, um grunhido vindo do fundo de sua garganta.

— Má visão — disse Patrick. — Não se preocupe, estamos indo embora.

Leon torceu os lábios, dentes muito mais afiados do que antes. — O que você perguntou a ele?

A maneira como Leon colocou seu corpo entre eles e Marek, a maneira como ele tocou e cheirou o outro homem no caminho, disse

a Patrick que eles eram mais do que apenas colegas de trabalho. Amantes, talvez; no mínimo, amigos.

— Sinto muito, este é o resultado, mas você não tem autorização para saber, Leon — disse Casale, enquanto se afastava para deixar Leon tomar seu lugar. — Ele pode precisar de um hospital. Eu nunca vi Marek reagir assim antes.

— Nós sabemos o que fazer por ele quando isso acontece. Apenas saia daqui, Casale — Leon rosnou.

Casale não tentou pressionar seu caso. Em vez disso, ele apontou a cabeça para a porta, e Patrick o seguiu para fora do escritório até o elevador, dolorosamente consciente dos olhares sombrios que as werecreatures da força de trabalho estavam enviando para eles. Patrick podia sentir os olhos seguindo todos os seus movimentos, e o peso de toda essa atenção não se dissipou até as portas do elevador fecharem na sede da PreterWorld.

— Isso foi uma perda de tempo — disse Patrick, quebrando o silêncio durante a viagem.

— Marek nunca deixou de ver o futuro antes — disse Casale, com uma expressão severa no rosto.

— Há uma primeira vez para tudo.

— Não para ele.

— Quer a visão dele funcione para você ou não, eu não acho que a matilha dele vai gostar de você vindo depois disso. — Ao olhar afiado de Casale, Patrick revirou os olhos. — O quê? Posso não ver o futuro, mas não sou cego.

— Para fora — ordenou Casale, abruptamente, quando as portas do elevador se abriram no saguão.

Eles deixaram o prédio e Casale dirigiu Patrick para o carro da polícia sem identificação. Patrick deslizou no banco do passageiro da frente e suspirou aliviado quando Casale ligou o motor e o ar condicionado.

— Nos isole — disse Casale.

Patrick esboçou outra ala do silêncio no painel, enchendo o carro com estática. — Conversar?

O olhar que Casale lançou a ele veio de um homem acostumado a dar ordens, não as obedecer. Patrick sustentou o olhar, recusando-se a recuar.

— O status de Marek na comunidade de werecreatures não é de conhecimento geral. Como você sabia que Leon era um deles? — Casale perguntou.

— Eu sou um mago. É um truque útil que aprendemos — Patrick mentiu com facilidade. — Qual é o relacionamento de Marek com Leon?

— O que Marek faz com sua vida pessoal não é da conta do governo, como ele gosta de me lembrar.

— Parece que eu dou a mínima? Eu não sou um idiota xenófobo, apesar do meu trabalho.

— Sua agência realmente não inspira muita fé na maioria das pessoas, Collins.

— Estou ciente dos problemas na SOA. Mas esses problemas não são esse. Foi você quem pediu ajuda da minha agência e eu sou o que você está recebendo. Mas não posso fazer meu trabalho se você não compartilhar as informações que possui.

Casale o estudou em silêncio por um longo minuto antes de mudar abruptamente de assunto. — Você é um mago. Por que você não está trabalhando com a PIA?

A Agência de Inteligência Sobrenatural era a escolha tradicional para a maioria dos magos que deixavam o Mage Corps quando se recusavam a reingressar nas forças armadas. As operações de inteligência dessa agência se estendiam além das zonas de combate, especializando-se na coleta e análise de inteligência de origem sobrenatural por meio de canais superiores e empreendimentos clandestinos. A PIA quase implorou que Patrick se juntasse a eles, mas ele escolheu a SOA.

Foi uma forma de rebelião na época que realmente não mudou nada. Patrick ainda estava sobrecarregado por obrigações das quais não podia escapar.

— Já vi o suficiente do mundo na opinião do governo. Eu não precisava mais ver isso. Achei que eu voltaria para casa nos Estados Unidos — retrucou Patrick. — Pare de mudar de assunto.

— Marek é um vidente. Ele pode fazer o que quiser.

— Leon não vem da linhagem divina. Ele não tem os olhos deles. Talvez ele seja funcionário da PreterWorld. Vou lhe dar isso, mas os funcionários normalmente não parecem querer te assassinar por prejudicar um de seus colegas de trabalho. Se Leon considera Marek da matilha dele, isso lhes dará um status, tenho certeza de que a matilha divina local não está muito feliz com isso.

— Você não está errado — Casale admitiu de má vontade.

Patrick não tinha um ótimo histórico com werecreatures, especialmente as vindas da linhagem divina - principalmente porque ele não se dava bem com seus patronos deuses animais.

Aqueles que vinham da linhagem divina eram werecreatures infectadas com uma super cepa[13] do werevirus, chamada estirpe divina nas comunidades científicas. Um efeito colateral alterou permanentemente a cor dos olhos para um azul brilhante ou âmbar quase metálico, tornando impossível para eles passar despercebidos, como Leon poderia. Como bodes expiatórios visíveis, os que vinham da linhagem divina haviam se formado para receber os golpes de uma sociedade que até hoje odiava e temia sua espécie. Isso permitia que as pessoas infectadas com a menor tensão do werevirus continuassem levando vidas seminormais.

No passado, os da estirpe divina tinham sido nomeados assim pelo manto que carregavam em homenagem a seus escolhidos patronos deuses animais. Hoje em dia era raro encontrar algum deles que ainda tivesse uma conexão com aqueles imortais. Mas o favor mágico ou não, a sorte deles na vida os tornava arrogantes e difíceis de trabalhar.

Mais ou menos como Patrick, mas ele gostava de fingir o contrário.

— Você não teve a chance de perguntar a Marek sobre Malcolm Cirillo — disse Patrick. O caso da pessoa desaparecida era importante, mas ele não achava que tinha prioridade sobre os assassinatos no momento. Isso não significava que ele poderia ignorá-lo.

— Por mais que eu queira atualizar Isadora Cirillo, hoje não vamos tirar mais nada de Marek.

[13] Estirpe ou cepa (em inglês: strain), em biologia e genética, refere-se a um grupo de descendentes com um ancestral comum que compartilham semelhanças morfológicas ou fisiológicas.

— Eu posso acompanhar Marek em sua casa hoje à noite. Nós precisamos de respostas.

Patrick duvidava que eles tirassem alguma coisa de Marek, mas ele tinha que cobrir todas as suas bases. Eles tinham assassinatos ritualísticos e um gerente de fundos desaparecido, cujo caso não estava relacionado, exceto pelo fato de sua esposa insistir que estava durante sua entrevista inicial com a polícia. Aparentemente, quando o marido das mais poderosas sacerdotisas bruxas de Manhattan de um antigo coven desaparecia, as pessoas prestavam atenção. A leitura do caso que ele fizera no voo deixou óbvio que Isadora pensava que ela tinha influência dentro da cidade, e talvez tivesse.

Patrick se preocuparia com isso mais tarde.

— Marek tem dinheiro para ter um curandeiro de plantão para cuidar da enxaqueca que sua visão lhe deu, o que significa que ele provavelmente estará em seu bar preferido hoje à noite. Emma Zhang e Leon Hernandez possuem o Tempest aqui em Manhattan. Um ponto de werecreatures, mas você não ouviu isso de mim — disse Casale.

Patrick se perguntou se o relacionamento de Marek com seus funcionários era estritamente relacionado ao trabalho ou algo mais profundo. — Parece ideal para mim.

— Eles não verão dessa maneira, mas se você quiser correr o risco de ser mordido, fique à vontade. Não venha chorar para mim quando acontecer.

— Não vou ser contaminado tão cedo. Qual endereço?

Casale falou antes de passar a direção: — Eu gostaria de manter minha relação de trabalho com Marek em ascensão, então lembre-o de que ainda estamos dispostos a pagar.

Patrick acenou com o pedido e pegou a maçaneta da porta. — Sim, sim. Vou dizer a ele que você deve cem mil. Não é como se o cara estivesse precisando de dinheiro ou algo assim.

— Mantenha-me informado — Casale disse a ele ao sair do carro.

— Farei o meu melhor.

Ele era um agente federal, e esse era o caso dele agora. Patrick tinha o direito de mantê-lo sob sua jurisdição, mas nos últimos três anos descobriu que era mais fácil contar com a aplicação da lei local para obter apoio. Patrick não tinha um parceiro - sua magia danificada era muito perturbadora, de acordo com as poucas pessoas com quem ele havia trabalhado no começo antes de correr sozinho - e ele precisava encontrar apoio onde pudesse.

Ele fechou a porta e se dirigiu para o carro alugado, com os dedos coçando para segurar um cigarro. Ele realmente precisava de um para ajudar a acalmar o estresse que ele podia sentir começando a se acomodar sobre seus ombros. Mas, em vez de ficar no território em que ele sabia que não era bem-vindo, Patrick ficou ao volante e voltou à estrada.

O escritório de campo da SOA em Nova York estava localizado em um arranha-céu na parte baixa de Manhattan coberto por alas de proteção. Patrick ignorou a garagem adjacente que era tão fortemente protegida para estacionar bem em frente à entrada e acender as luzes de perigo.

Ele não tinha intenção de entrar no prédio e lidar com a SAIC[14] Rachel Andrita até que ele absolutamente precisasse. A desconfiança

[14] Special Agent In Charge, agente especial encarregada.

de Casale sobre a mulher era suficiente para Patrick pisar com cuidado. Ele poderia trabalhar para a SOA, mas não confiava em muitos dos agentes em altos cargos.

Patrick pegou o telefone e ligou para a assistente executiva de Setsuna em DC. — Ei, Brianna. Sou eu! Você pode me passar para quem quer que lide com a habitação temporária de funcionários em Nova York? Estou no meio de um caso e não tenho tempo para uma reunião.

— A chefe não vai gostar disso —, alertou Brianna. Ele podia ouvi-la digitando do seu lado da linha.

— Eu corro meus casos como eu gosto. Você sabe disso.

— Eu sei que sim. Eu trato da sua papelada em relação aos danos. Transferindo sua ligação agora.

Patrick acabou conversando com uma mulher de Recursos Humanos aqui na cidade de Nova York que relutava em entregar as chaves de um apartamento sem que ele se encontrasse com Rachel primeiro. Patrick pode ou não ter usado sua relação de trabalho com Setsuna para fazer com que a mulher ignorasse o pedido de Rachel e entregasse as chaves pessoalmente.

— Obrigado —, disse Patrick enquanto passava as chaves e um envelope pardo com informações sobre a habitação pela janela aberta do passageiro, depois de verificar sua identidade.

— Você deveria se encontrar com a SAIC primeiro. Ela não ficará feliz por você não ter — advertiu a mulher.

— Diga a ela para falar com a diretora.

— Oh, acredite em mim. Eu vou. Eu gostaria de manter meu emprego. Assine o formulário, por favor.

Patrick fez o que ela pediu, rabiscando seu nome onde ele precisava no formulário de três páginas. Ele devolveu a papelada, mas manteve a folha descrevendo a residência temporária que lhe fora atribuída. A SOA tinha tarifas reduzidas com certas redes de hotéis, mas também possuíam um pequeno número de apartamentos e casas para arrendamento em várias grandes cidades, já que às vezes era mais barato contratar agentes em moradias do que em hotéis.

Patrick recebeu um apartamento em vez de um hotel desta vez, tornando muito mais fácil para proteger. Os hotéis eram um espaço público, o que significava boa sorte para encontrar um limiar viável para estabelecer alas e bloquear tudo o que acontecia durante a noite. Ele tinha o mau hábito de trazer trabalho para casa com ele. Ao longo dos anos, aprendera que os demônios tinham tendências arraigadas e nunca entenderiam o conceito de espaço pessoal.

O prédio de apartamentos de aparência mais nova, que era o lar temporário de Patrick para este caso, estava localizado no bairro de Turtle Bay, vários quarteirões a sudoeste da ponte de Queensboro. Ele não sentiu ninguém, exceto humanos mundanos em qualquer um dos andares durante o seu passeio no elevador. O apartamento emprestado de um quarto no quinto andar tinha vista para a rua e não muito mais. Veio mobiliado e o destaque do lugar era a cama queen-size. O segundo lugar foi para o ar central que atravessava o prédio.

Patrick largou a mala e a bolsa no quarto, pegou um conjunto limpo de roupas e alguns produtos de higiene pessoal e depois foi ao banheiro. Ele queria um banho para lavar o fedor da viagem e

qualquer cheiro persistente de morte, mesmo que estivesse apenas em sua cabeça.

Ele tirou a roupa, as cicatrizes de marcas de garras no peito puxando um pouco quando arrancou a camiseta. Ele tinha as cicatrizes há tanto tempo que o tecido da cicatriz havia se desbotado para um branco leitoso em vez do rosa vívido que tinha sido nos primeiros anos de existência. Patrick esfregou seu peito quando entrou no chuveiro, tentando aliviar um pouco o aperto lá.

Ficou limpo e se vestiu, tentando resolver seus pensamentos sobre o caso até agora. Ele precisava de algum tempo para absorver os detalhes e queria colocar as mãos nos arquivos dos casos de Casale. Isso provavelmente não aconteceria hoje, já que ele tinha outro lugar em que precisava estar.

Pegou o telefone e pesquisou no google o bar que Casale mencionara. Tempest parecia ser um lugar que servia cervejas artesanais e coquetéis, em vez do clube elegante, que Patrick imaginara que Marek iria preferir, embora tivesse uma sala de eventos de nível inferior. O que significava que o jeans azul escuro e a camiseta preta que ele usava seriam trajes aceitáveis. Patrick jogou o telefone de volta na cama e voltou sua atenção para a garrafa de uísque Macallan 15 anos que ele havia embalado para Maui.

Ele tinha planos de usá-lo para ajudar a acalmar seus pensamentos, uma forma de automedicação que envolvia um copo cheio de uísque até a borda. Aprendeu um truque ou dois quando se tratava de seus hábitos de beber ao longo dos anos. Patrick media o quão longe ele estava pelo quão bem ele servia.

Ele mal tinha passado os dedos em volta do gargalo da garrafa quando seus planos mudaram num piscar de olhos.

Soltou a garrafa de uísque e, em vez disso, pegou sua arma, clicando na trava de segurança. O limiar fraco em volta do apartamento não havia sido disparado, mas havia outra pessoa aqui com ele agora. No segundo em que reconheceu esse fato, Patrick ouviu a televisão na sala de estar ligada.

— Merda — disse ele em voz baixa.

Patrick recebia visitantes indesejados que não eram da variedade demoníaca de tempos em tempos. Nada os impedia de aparecer, mas nunca fazia mal estar preparado. O carregador estava no lugar e uma bala enfeitiçada no tambor funcionava bem para ele. Saiu do quarto, arma na mão, e no momento em que viu quem estava esparramado no sofá, pensou seriamente em puxar o gatilho, e a falta de silenciador que se dane.

— O que diabos você está fazendo aqui? — Patrick exigiu.

— Assistindo beisebol, o que mais parece? Não passamos a tv à cabo pelo véu —, disse Hermes, sem tirar os olhos da televisão de tela plana montada na parede. — Você sabe que tem algo como oitocentos canais? Pelo menos cem deles devem ser pornô.

Patrick passou a mão pelo rosto, pensando ansiosamente no uísque e no fato de ter horas para matar antes de precisar estar na Tempest. — Estou muito sóbrio para lidar com você.

— Ainda está viajando com álcool? Você realmente não deveri-…

— Toque no meu uísque e leve um tiro.

Hermes se virou. — Não me mataria. Sente-se, Pattycakes. Temos coisas a discutir.

Patrick olhou para a arma e suspirou. Hermes estava certo. Nem mesmo as balas enfeitiçadas poderiam matar um imortal. — Eu odeio esse nome.

Hermes apenas sorriu. Não alcançou seus olhos dourados.

— Você continua assustador —, Patrick disse a ele.

Ele acionou a trava de segurança e colocou a pistola na pequena mesa redonda situada perto da cozinha, no lado da sala de passagem da cozinha. Ele puxou uma das duas cadeiras e sentou-se para trás, descansando os braços no encosto. Patrick passou a mão pelo úmido cabelo vermelho escuro, sem tirar os olhos de Hermes.

— O que você quer? — ele perguntou.

O imortal desligou a televisão antes de esticar os braços ao longo das costas do sofá. Sua aura estava tão esmaecida que ele parecia humano. Hermes parecia jovem, com o corpo na forma de um homem de vinte e poucos anos e o senso de moda de um punk. Seus cabelos castanhos encaracolados estavam descoloridos e tingidos de um azul desbotado, com raízes escuras aparecendo aqui e ali e nos lados raspados da cabeça. Jeans skinny pretos com uma infinidade de buracos estavam enfiados no velho Doc Martens[15] e a camiseta de banda que ele usava listava datas das turnês de quarenta anos atrás.

Patrick tinha certeza de que Hermes tinha ido a pelo menos um desses shows.

15 

— Eu quero o que sempre quero. — Hermes inclinou a cabeça de maneira arrogante, com o olhar meio pálido, mas sempre, sempre afiado. — Conversar.

— Deveria ter ido para outro lugar, então. Eu não sou conhecido por falar. Basta perguntar aos meus antigos instrutores da SERE. Ou meu terapeuta.

— Ou você veio a mim ou eu vim a você, e não é como se você pudesse atravessar facilmente o véu entre mundos. Além disso, estou gostando dessa era moderna. Coisas interessantes estão acontecendo.

Patrick fez uma careta. — Por que você está *aqui*?

Porque atravessar o véu era uma jornada difícil, mesmo quando você nascia com esse poder inerente. Os imortais já foram adorados como deuses por milhares e milhares de anos, a atenção servil de seus seguidores alimentando seu poder primordial. Histórias de suas façanhas foram escritas como história, antes de desaparecerem em lendas e finalmente se transformarem em mitos quando seus seguidores morreram e o mundo mudou, à medida que a mágica caiu no esquecimento por longos anos.

Enquanto o mundo se esqueceu deles e seus templos caíram em ruínas, isso não significava que os imortais haviam morrido; eles simplesmente desapareceram para uma sombra de seus antigos *eus* outrora poderosos.

Isso mudou nos últimos mil anos, quando a magia começou a aparecer na população humana a uma taxa superior a alguns pontos percentuais insignificantes. As pessoas redescobriram os velhos mitos como verdade viva e começaram a adorar imortais como deuses

novamente. O poder deles começou a voltar, dando vida a existências antigas novamente.

Havia quem quisesse possuí-los, como se um deus pudesse ser possuído.

A Seita Dominion se formou centenas de anos atrás, reunindo humanos mundanos e usuários de magia que acreditavam em um modo de vida melhor. Sua crença exigia que o mundo fosse subjugado através da magia, e os deuses dos infernos não incomodaram os fundadores do grupo, nem seus descendentes. A Seita Dominion conquistou seguidores em todo o mundo, embora tenha sido apenas no século passado, mais ou menos, que usuários leais de magia passaram a ver uma divindade como seu direito divino. Não importava que uma alma humana sozinha não pudesse carregar o poder de um deus - eles ainda o desejavam. A ganância não era racional, especialmente quando se tratava de poder.

Patrick tocou a mão no peito, sua mente deslizando para longe nas memórias antigas.

Os imortais podiam encontrar segurança além do véu, mas isso não era mais uma garantia, não depois da Guerra dos Trinta Dias. Eles podiam encontrar força em novos adoradores e, embora a ciência fosse toda a moda atual, a religião era uma força quieta e poderosa a não ser descartada.

Uma dessas forças estava olhando para Patrick como se ele fosse um problema a ser consertado ou destruído.

De preferência destruído.

— Eu tenho uma mensagem para você —, disse Hermes.

Patrick congelou. — A última vez que você me deu uma mensagem, quase perdemos uma cidade inteira.

— Ashanti ainda salvou você.

— Não —, Patrick grunhiu, torcendo a boca. Ele enrolou as mãos em punhos com os nós dos dedos brancos. — Apenas… *não* Hermes.

O passado de Patrick estava cheio de momentos dolorosos, e certas partes eram um campo minado de emoções. A Guerra dos Trinta Dias, e tudo o que ele havia perdido naquela luta, ainda era uma ferida aberta, mesmo agora.

Hermes não se importava. Ele nunca o fez.

O imortal encarou Patrick com um olhar duro, o fogo em seu olhar brilhando como o sol. — Você ainda nos deve, então pare de fugir.

Patrick não prometeu nada, como sempre. Os imortais não conquistaram sua confiança, da mesma maneira que ele não conquistou a fé deles. Essa inimizade não mudaria o fato de que os imortais que estavam do lado de todos os céus haviam se esforçado para chantageá-lo em uma dívida de alma quando ele era criança e não sabia com o que estava concordando. Eles o fizeram para usá-lo como arma em uma guerra que sua família havia começado, mas da qual Patrick não queria participar, mesmo agora.

Hermes ficou em movimento sinuoso antes de caminhar até onde Patrick estava sentado. Ele pegou uma das mãos de Patrick e pressionou um óbolo grego[16] antigo na palma da mão. — Isto é para você.

Patrick enrolou os dedos em torno do círculo de ouro quase talhado. — Você sabe, nós inventamos essas coisinhas plásticas

[16] Óbolo de Caronte é um termo alusivo para uma moeda colocada em ou sobre a boca de um defunto antes de seu sepultamento.

chamadas cartões de crédito. Você pode até pagar com um aplicativo de telefone hoje em dia.

A boca de Hermes se curvou em um sorriso frio. — Eu sei. Por mais convenientes que sejam as duas opções, meu dinheiro é melhor. Trarei mais quando Artemis e eu encontrarmos o resto. Dionísio os perdeu em algum jogo de pôquer em Atlantic City. Ainda estamos rastreando-os.

— Moedas gregas? Estou no meio de um caso, Hermes. O que diabos eu devo fazer com moedas gregas?

— Nos salve.

Hermes saiu da mesma maneira que ele chegou - desaparecendo através do véu como só um deus imortal poderia. Patrick deixou a cabeça cair contra os braços dobrados, rolando a moeda entre os dedos. Ele podia sentir a pulsação familiar de uma dor de cabeça de estresse chegando.

— Foda-se —, ele disse cansado. — *Porra*.

A adaga presa à coxa direita pulsava com um calor que Patrick podia sentir através da bainha de couro. Ele se perguntou se todas as orações trariam bençãos suficientes para levá-lo através dessa bagunça mais recente.

Ele esperava que sim.



3



TEMPEST ESTAVA LOCALIZADO EM ALGUM LUGAR na avenida B, perto de um parque do qual Patrick não sabia o nome. Ele sabia que não devia tentar dirigir em uma grande cidade para sair à noite, a menos que fosse absolutamente necessário. O estacionamento seria inexistente e, além disso, ele queria uma bebida. Patrick pediu um Uber e chegou ao bairro pouco antes das 20:00.

A área estava mais em crescimento do que desgastada, mesmo que os prédios fossem mais velhos do que a maioria das pessoas andando na rua. Patrick saiu do carro algumas portas abaixo do bar, pois o tráfego estava temporariamente parado quase na esquina.

A noite estava abafada, mas o tempo estava um pouco mais frio do que durante o dia. A moeda grega estava estranhamente pesada em seu bolso. Patrick passou os dedos sobre a bainha de couro na coxa direita, ativando o feitiço de disfarce no couro com um pequeno empurrão de sua magia. Ela se enrolou em seu corpo de maneira discreta.

Ninguém notaria sua adaga, assim como ninguém notaria a pistola no coldre na parte de baixo de suas costas. O feitiço vinha a calhar quando Patrick precisava de uma ou duas armas, mas não queria que ninguém soubesse que ele estava carregando. Ele

expandiu seus escudos pessoais apenas o suficiente para esconder a sensação da proteção ativa e nada mais quando se aproximou do bar.

Algumas werecreatures estavam reunidas em torno de duas pequenas mesas do lado de fora. Duas pessoas estavam fumando, a fumaça cheirando a caramelo e morangos quando atingiu o nariz de Patrick. Empurrando o desejo de parar e acender seu próprio cigarro, ele foi até a porta. A cacofonia de sons vindos de dentro do Tempest lhe disse que o bar estaria lotado.

Patrick foi imediatamente parado na entrada por duas coisas: o segurança checando identificações e o feitiço de busca que corria dedos mágicos para cima e para baixo em seu corpo, procurando qualquer ameaça metafísica. O feitiço era de baixa qualidade, mas bem conservado. Nada que Patrick não pudesse esconder facilmente com seu nível de treinamento, mas fez uma anotação mental para ficar de olho em outras surpresas.

— Identificação —, o segurança exigiu.

Patrick deixou o estojo de couro fino com a identificação da agência e o crachá no bolso. Em vez disso, ele pegou sua carteira regular e puxou sua carteira de motorista de Washington, DC, estendendo-a para o segurança verificar. Um olhar casual para a licença e um farejado indelicado em sua pessoa mais tarde, Patrick passou pela porta vigiada com um aviso baixo de — Isso não é uma armadilha para turistas.

Patrick ignorou o aviso.

Ele deu aos olhos um momento para se ajustar uma vez lá dentro. O longo bar à sua esquerda tinha uma multidão com três filas de pessoas esperando por bebidas. O espaço atrás deles estava cheio de pessoas de pé, e depois da multidão apenas algumas poucas

mesas abraçavam a parede à sua direita. A conversa estava alta e a música mais alta ainda. Tendo obtido uma audição sobrenatural do werevirus implicava que a maioria dos clientes do bar não precisava gritar para ser ouvida.

Apesar da quantidade de pessoas, o local não estava extremamente quente. Marek, ou quem quer que fosse o dono do bar, aparentemente usava ar-condicionado, o que Patrick silenciosamente apreciava. Ele cuidadosamente manobrou as pessoas para ver melhor o que o bar tinha a oferecer de álcool.

O lugar era agradável daquele jeito que parecia velho. As cervejas na torneira eram mais de micro cervejarias e artesanais do que comerciais, e as prateleiras de madeira que iam até o teto atrás do bar estavam cheias de garrafas de licor de marca para servir os melhores coquetéis pelos quais Tempest também era conhecido. Uma haste de metal foi aparafusada à parede entre duas das prateleiras mais altas e percorria toda a extensão do espaço de trabalho. Patrick podia ver uma escada deslizante de metal fina empurrada para fora do caminho no momento no final do espaço de trabalho.

Luzes embutidas no teto e lâmpadas nuas montadas nas paredes eram cercadas por finas gaiolas de ferro. A luz queimava com uma tonalidade fraca, quase âmbar. A multidão se dividia mais na parte traseira do espaço do que em qualquer outro lugar. Patrick levou um momento para ver que parte do motivo se devia à fila por um corredor curto para os banheiros e a um conjunto de escadas que levavam a um porão que abrigava a sala de eventos do bar.

Demorou quase dez minutos para Patrick finalmente chegar ao bar depois de esperar enquanto outros recebiam suas bebidas. Dois dos três bartenders eram mulheres e estavam ocupadas com outros

pedidos. O terceiro era um homem de quem Patrick não conseguia desviar o olhar, o desejo desenrolando em seu estômago com um repentino pico de calor.

Me foda, ele pensou um pouco desesperadamente. *Por favor.*

Pela primeira vez, não estar em Maui não era uma coisa ruim.

O homem era mais alto que Patrick por alguns centímetros, com ombros largos que preenchiam sua camiseta preta de mangas curtas. A camisa quase apertada acentuava seu físico sólido, e Patrick honestamente não se importaria de ver os músculos escondidos sob suas roupas. O cara parecia que sabia como lidar com uma pessoa da melhor maneira, e o pênis de Patrick se contraiu em seus jeans com esse pensamento.

O olhar de Patrick fez um movimento lento para cima e para baixo do que ele podia ver antes de voltar a descansar no rosto bonito do homem, com seu queixo forte, maçãs do rosto afiadas sombreadas pela sugestão de uma barba, nariz reto e boca expressiva. Cabelo preto casualmente desarrumado aparado mais curto nas laterais e terminando em um comprimento um pouco mais longo no topo, caindo na testa em ondas suaves. Ele não era a única pessoa que usava esse penteado no bar, mas era o que usava melhor.

O cabelo do homem ainda não era longo o suficiente para esconder os olhos. Mesmo com pouca luz, Patrick podia ver que eles eram de um azul intenso, como de um lobo, e quase pareciam brilhar. Ele olhou para Patrick intensamente, sem piscar, o que faria a maioria dos humanos mundanos abaixar a cabeça e werecreatures desejarem expor a garganta. Patrick sustentou o olhar desafiadoramente, recusando-se a desviar os olhos.

Werewolves - da linhagem divina ou não - nunca o assustaram. Na experiência de Patrick, os velhos e simples seres humanos de carne e osso eram piores.

As narinas do homem se alargaram um pouco quando ele farejou seu cheiro no ar, provavelmente absorvendo súbita a explosão de excitação de Patrick. Ele teve um pensamento fugaz de trancar seus escudos um pouco mais para esconder completamente seu perfume, mas decidiu não o fazer. Ele deixara seu perfume livre, porque entrar em um bar atendendo a werecreatures cheirando a nada era uma boa maneira de ser identificado como um problema.

O bíceps do homem flexionou de maneira perturbadora quando ele apoiou o peso no balcão, a força sobrenatural em seu corpo inconfundível. Suas mãos tinham dedos longos que descansavam contra sua área de trabalho, batendo um ritmo contra o metal. A força enrolada em seu corpo, combinada com aqueles olhos, dificultaria a maioria das pessoas passar despercebido pelo fato de que ele não era completamente humano.

— O que eu posso te oferecer? — ele perguntou, seu sotaque londrino fácil de entender através da conversa em torno deles.

Definitivamente matilha dos deuses europeia, mas o que ele estava fazendo aqui na cidade de Nova York, Patrick não sabia. O barman lançou-lhe um sorriso educado, olhando para a boca de Patrick por uma fração de segundo em uma mensagem que ele havia aprendido a ler há muito tempo.

Patrick lambeu o lábio inferior, observando aqueles olhos brilhantes descerem novamente. — E se eu dissesse, você?

— Não seria a primeira vez que eu ouvi isso — ele arrastou em torno de um sorriso. — Mas estou trabalhando.

Era uma merda que Patrick estivesse trabalhando em um caso agora. — Johnnie Walker Blue. Puro.

Uma sobrancelha escura arqueou para cima. — É para já.

Desde que não havia nenhuma elaboração na bebida de Patrick, apenas despejar em linha reta num copo vazio, levou menos de um minuto para recebê-lo. O barman colocou o copo de uísque no balcão, deslizando-o.

— Quarenta dólares —, disse ele. — Você quer abrir uma guia?[17]

Patrick pegou sua carteira e tirou uma nota de cinquenta dólares, entregando-a. — Não, mas fique com o troco.

Ele pegou o dinheiro e lançou um olhar contemplativo para Patrick. — Saúde, cara. Meu nome é Jono. Volte para mim quando quiser outra rodada, ok?

Patrick levantou um pouco o copo em resposta a essa afirmação antes de se afastar para que a próxima pessoa pudesse pedir. Ele tomou um gole do uísque, o sabor explodindo em sua língua. O gosto era delicioso, embora Patrick não pudesse deixar de imaginar como seria nos lábios de Jono.

Você não pode ter tudo o que quer, Patrick disse a si mesmo.

Se ele pudesse, não estaria nessa situação.

Ele deslizou pela multidão em direção à parte de trás do bar, examinando os rostos ao seu redor até que viu um familiar do início daquele dia. Leon estava sentado na mesa do canto de trás, ocupado

[17] Basicamente, quando você pede sua primeira bebida, o barman vai perguntar se você quer abrir uma guia. Isso significa que eles mantêm o cartão no bar para que cada vez que você venha pedir uma bebida, não tenha que passar por todo o processo de pagamento.

por um grupo de pessoas lideradas por ninguém menos do que o homem que Patrick estava procurando.

Marek parecia muito mais à vontade agora do que quando o deixaram curvado de dor em seu escritório. O CEO de tecnologia estava sentado ao lado de uma bonita chinesa americana usando um vestidinho preto e gesticulando com uma mão enquanto a outra segurava um copo de cerveja sobre a mesa. As pessoas ao seu redor estavam envolvidas na conversa, bebidas na mão e copos vazios empurrados para o meio. A conversa parecia amigável, a vibração aberta e relaxada.

Isso terminou no momento em que Leon olhou para Patrick.

Patrick bebeu seu uísque em um longo gole enquanto Leon se levantava e seguia em sua direção, uma carranca no rosto e raiva nos olhos. Não fazia sentido desperdiçar um bom uísque.

Leon deslizou pela multidão com foco mortal, e as pessoas instintivamente se afastaram. Ele parou bem na frente de Patrick, ficando lado a lado com ele, forçando-o a inclinar a cabeça para trás para olhá-lo nos olhos.

— O que diabos você está fazendo aqui? — Leon exigiu.

Patrick levantou o copo vazio e o balançou de um lado para o outro, ignorando os olhares curiosos direcionados em sua direção. — Eu pensei que fosse óbvio.

— Caia fora.

— Oh, você sabe que eu não posso fazer isso. — Patrick sorriu, mostrando os dentes em um desafio que qualquer werecreature reconheceria. — Um conhecido em comum deve ao seu chefe algum dinheiro por uma resposta. Estou aqui para discutir pagamento e troca.

— Algum problema, Leon? — Jono perguntou.

Patrick assistiu pelo canto do olho quando Jono escapou da multidão para ficar à direita de Leon em uma demonstração óbvia de apoio. Patrick suspirou interiormente. A solidariedade da matilha estava em pleno vigor. Patrick duvidava que ele tivesse a chance de descobrir como Jono era na cama agora que eles estavam de pé em lados opostos.

— Nada que eu não possa lidar —, respondeu Leon.

— Eu garanto que você não pode lidar comigo, Leon. Mas não estou aqui para lutar. Estou aqui para fazer o meu trabalho — disse Patrick.

Seu olhar cintilou ao redor do bar, rastreando os movimentos da multidão e escolhendo as pessoas que se posicionavam para agir como apoio adicional. Eles não estavam sendo sutis sobre isso. O nível de ruído diminuiu um pouco quando o pequeno grupo se tornou o foco de todos no bar.

— Seu trabalho me deu uma enxaqueca que custou mil dólares para me livrar —, disse Marek enquanto se aproximava de Leon e Jono.

— Nada que você não possa pagar.

— O que está acontecendo? — a mulher americana chinesa perguntou com um peso de autoridade à sua voz que fez Patrick reavaliar o equilíbrio de poder no grupo.

Ela era uma alfa, e a única pessoa em seu pequeno grupo que não mudou para dar lugar a ela foi Jono.

— Este é o cara que veio com Casale esta tarde, Emma —, disse Leon.

Olhos castanhos escuros olharam furiosos para Patrick, mas ele deixou a animosidade de todos escorregar através dele como água.

— Você não é bem-vindo aqui. Dê o fora. — disse Emma a Patrick.

Patrick a ignorou e olhou por cima do ombro para onde Marek estava atrás dos três. — Você pode chamar de volta seus cães de guarda?

A mão de Leon disparou e agarrou a frente da camiseta de Patrick, puxando-o na ponta dos pés em um movimento repentino que fez os dentes de Patrick estalarem juntos. — Seu merd-...

— Leon —, disse Marek bruscamente, agarrando seu ombro. — Solte-o. Ele é um maldito policial.

Patrick não lutou para quebrar o domínio de Leon, apenas sorriu para o homem mais alto. Ele jogou o copo vazio no ar perto da cabeça de Leon, forçando-o a agarrá-lo com a mão livre para não ser atingido por ele. Patrick pensou ter ouvido o vidro estalar quando o pegou.

— Você o ouviu —, disse Patrick. — Tire as mãos.

Por um segundo, Leon não se mexeu. Então, abruptamente, deixou-o ir com um forte empurrão. Patrick tropeçou para trás um passo, mas se conteve antes de ir longe demais. Quando ele virou a cabeça para olhar Marek, algo chamou sua atenção.

Chamou sua magia.

Um homem estava caminhando em direção a eles da parte traseira do bar com um foco obstinado que gritava *errado*. Os instintos de Patrick treinados pela guerra raramente lhe falhavam quando importava, e ele se moveu sem pensar.

Patrick pulou em torno de Leon em busca de Marek, passando a mão pelo braço do vidente, enquanto ele desamarrava a arma lateral com a outra. Ele sentiu a mão de Leon cair com uma contusão forte em seu ombro, enquanto o feitiço de varredura envolto no bar se *despedaçava*, o som de sua destruição soando como sinos distantes em seus ouvidos.

A magia de Patrick gritou um aviso, o reconhecimento queimando através dele em uma queimadura momentânea que incendiou seus nervos. Enquanto Leon o puxava para trás, Patrick puxou Marek da frente, tirando-o do caminho de sua arma.

Ele disparou dois tiros em seu alvo antes de Leon agarrar seu pulso e torcer o braço em direção ao teto. Ele sibilou com a força dolorosa dos músculos e levantou o dedo do gatilho, os olhos ainda no homem que continuava *vindo para eles*.

— *Que porra é essa?* — Jono exclamou, incrédulo, os dentes subitamente mais afiados na boca, os músculos se movendo contra os ossos.

A multidão entrou em pânico, afastando-se da ameaça no meio deles. O aperto de Leon afrouxou um pouco com a surpresa; isso era tudo o que Patrick precisava para se libertar. Ele se desvencilhou das garras de Leon, mudou seu controle sobre Marek e empurrou o vidente na direção de Jono.

— Cuide dele —, Patrick rosnou antes de levantar a arma lateral com um aperto de duas mãos.

As balas enfeitiçadas não pararam o homem - porque ele não era um homem.

Não estava nem perto de ser humano.

Luz cinza se retorceu dos rasgões que os impactos da bala causaram no corpo, afastando o encanto envolvido ao redor do que estava escondido embaixo. Suas roupas se desintegraram em fumaça, revelando uma pele cinza manchada de couro, aberta ao redor das articulações, ossos pretos grudados para fora e presos por músculos lisos e tendões atados. Garras afiadas projetavam-se dos tocos de suas palmas, clicando juntas enquanto se movia.

O demônio tinha forma humanoide, um bípede debruçado que fez o coração de Patrick subir pela garganta quando o encanto desapareceu completamente. Ele não conseguia desviar o olhar do tronco atarracado, com a pele dividida sobre uma caixa torácica grossa e uma cabeça que não tinha olhos nem nariz, nada além de uma boca larga e aberta, cheia de fileiras de dentes irregulares. Uma língua comprida e pontiaguda saiu da boca com uma força preênsil[18] doentia.

Caçadores de almas eram a versão infernal de um poço sem fundo de fome. Alimentavam-se de almas e magia, comendo uma pessoa viva para sustentar sua própria presença no plano mortal. Patrick só lutou com eles durante a Guerra dos Trinta Dias, e eles eram um maldito *pesadelo* para matar.

As pessoas gritaram ao tomar consciência da presença do demônio. Todos atrás de Patrick correram para a porta, mas havia muitas pessoas presas atrás de onde o demônio estava.

— Emma! — Marek gritou, parecendo frenético. — A matilha!

Patrick nunca tirou os olhos do caçador de almas enquanto ele guardava a pistola. Não faria nada contra um demônio desse calibre.

[18] Preensibilidade, em biologia, é a capacidade que têm as estruturas como cauda, dedos, artelhos, língua e etc, de se agarrar a alguma coisa.

Ele aprendeu isso da pior maneira há três anos. Em vez disso, ele colocou os dedos em volta do punho da adaga, arrancando-a da bainha mágica. A lâmina de dois gumes era de cor breu, um peso familiar na mão que estabeleceu o foco de Patrick.

Ele deixou seus escudos, cada um deles, arrastando a magia para fora de sua alma em um estalo crepitante e temível que o caçador de almas não pôde resistir. Patrick fez um movimento de corte com a mão esquerda no ar. Meia dúzia de globos mágicos explodiram em existência, sua magia queimando ardentemente brilhante como a isca que era.

O caçador de almas abriu a boca e *gritou*.

O som era como quebrar metal, fazendo os dentes de Patrick vibrarem em sua mandíbula. Então o caçador de almas avançou - mas não para Patrick.

Foi para Marek e Jono.

Patrick se colocou no caminho do demônio sem pensar duas vezes, porque era para isso que ele havia sido treinado. Ele liderou com uma rajada abrasadora de energia metafísica bruta, adaptada para lugares próximos, que derrubaram o caçador de almas por alguns segundos e queimaram um banquinho. Ele grunhiu quando o demônio estalou nos traços persistentes da explosão, sugando a magia de Patrick.

Ele girou o feitiço seguinte, a magia queimando através de um globo mágico enquanto o enviava para o chão. Explodiu em uma onda de magia que Patrick construiu em uma barreira de escudo que ele sabia que não seria forte o suficiente para aprisionar um caçador de almas. Mas fazer algo era melhor do que nada agora.

— Todo mundo deem o fora daqui! — ele gritou, lançando sua voz alta como se estivesse um campo de batalha e não um bar em uma noite de quinta-feira em Manhattan. — Agora porra!

Enquanto ele falava, o caçador de almas já estava comendo um buraco em seu escudo.

Patrick era um mago de combate, não um bruxo, feiticeiro, necromante, ou qualquer outro tipo de usuário de magia. Ele fora designado para o Mage Corps e não para o Caster Corps por um motivo. Seu repertório de feitiços e encantos pesava no ataque, talhado e afiado com uma precisão cruel por sua experiência em uma guerra contra o inferno de monstros e a Seita Dominion enviada contra o mundo humano.

Apesar de toda sua habilidade e força, sua magia era tão forte quanto sua alma - e *apenas como* sua alma. Segundo algumas pessoas, Patrick era um mago apenas no nome nos dias de hoje. Ele havia perdido a capacidade de explorar as linhas ley que corriam nas profundezas da terra e canalizar seu poder externo através de sua alma. Aquela ferida na alma era incapacitante, mas ele aprendera a contornar o dano que sofrera com a força da teimosia.

Patrick sacrificou outro globo mágico no escudo, construindo outra camada enquanto o caçador de almas passava pela primeira, retirando a magia de sua alma com mordidas implacáveis.

Ao redor dele, todos correram para a porta em pânico, a maioria se movendo com velocidade sobrenatural. Emma e Leon foram os únicos que se moveram para *longe* da saída, o que fez Patrick xingar violentamente.

— Que parte de *caiam fora* vocês não entenderam? — ele gritou com eles.

— Não vamos sair até que nossa matilha esteja segura —, Marek retrucou atrás dele.

As pessoas da sala de eventos abaixo estavam se arrastando para longe das escadas nos fundos, correndo em volta da cúpula de magia que Patrick tinha prendido o caçador de almas, temporariamente, dentro. Enquanto Leon e Emma tentavam freneticamente agrupar seu povo fora do bar, a atenção de Patrick permaneceu presa no demônio.

Ele podia ver os rasgões em sua magia quando o caçador de almas avidamente atravessava a proteção. Uma dor aguda cortou seu meio de dentro para fora. A dor foi todo o aviso que Patrick recebeu antes do segundo escudo desmoronar, devorado pelo caçador de almas.

O demônio atacou, boca aberta, sua língua estalando no ar com uma força que poderia quebrar ossos. Patrick só estava ciente das pessoas gritando atrás dele enquanto ele se mantinha firme. O globo que ele jogou entre eles foi uma distração que foi engolida inteira. Outro pico de dor percorreu o corpo de Patrick enquanto ele arrastava seus escudos de volta, mas ele ignorou, encontrando a carga do demônio no meio do caminho.

Não era a melhor ideia se aproximar de um demônio sem armadura tática e sem apoio - ele podia praticamente ouvir seu velho capitão gritando em sua cabeça sobre suas *malditas acrobacias estúpidas* - mas Patrick não se importou.

Não poderia se importar.

Patrick *não podia* deixar o caçador de almas sair do bar para deleitar-se com os espectadores inocentes.

Ele sabia o que aconteceria se o fizesse.

Ele jogou seus dois últimos globos no demônio, a explosão combinada enviando-o para trás. Patrick passou por baixo dos braços do demônio e girou por trás dele o mais rápido que pôde, arrastando a magia crua das pontas dos dedos como uma tentação. O caçador de almas foi atrás dele em vez das últimas pessoas correndo pela porta do bar, seguindo o gosto da magia no ar e da alma de Patrick.

Patrick despejou sua magia em outro globo mágico, explodindo nas costas do demônio. O caçador de almas caiu no chão, seu corpo ileso do ataque. Enquanto Patrick observava, fragmentos de sua magia serem sugados pela boca estalante do demônio, mechas azuis desaparecendo entre dentes afiados. O caçador de almas continuaria atrás dele até que comesse todo o último pedaço de magia que ele tivesse - então passaria para sua alma.

Perder pedaços de sua alma sempre *doía* pra caralho.

Aqui vou eu, Patrick pensou antes de se atirar em cima do demônio antes que ele se levantasse.

Enquanto sua magia não conseguia parar o caçador de almas, ele carregava outra coisa que podia. Algo que Patrick não tinha até os últimos dias da Guerra dos Trinta Dias, mas que ele tinha agora, era a adaga na mão.

Entre uma batida do coração e a seguinte, palavras fantasmagóricas e prateadas surgiram das profundezas da lâmina negra. Todas as línguas faladas pelos imortais que rezavam em sua fabricação para imbuí-la com faíscas de seu poder fluíam através do aço forjado pelos deuses. A força mágica temporária de uma multidão de deuses era uma muleta que Patrick estava mais do que feliz em usar quando a situação exigia.

A lâmina negra cortou o osso denso das costelas do demônio como manteiga, procurando um coração que não tinha. Um fluido espesso e negro jorrou para fora da ferida enquanto o caçador de almas tentava se soltar da adaga, gritando com o que poderia ter sido uma agonia se fosse capaz de sentir dor.

Uma luz brilhante e ofuscante estourou ao redor da adaga em um flash que lembrava mais um raio do que fogo. A boca do caçador se esticou em um grito de morte que fez Patrick querer tapar seus ouvidos enquanto a magia celeste e quente o queimava de dentro para fora até que a única coisa que restou dele foram cinzas. A ponta da adaga raspou o chão de cimento, as orações prateadas desaparecendo mais uma vez no vazio. O preto fosco da lâmina perdeu seu brilho interno, a magia que carregava dentro adormecida mais uma vez.

Patrick levantou a adaga longe das cinzas espalhadas no chão. O cheiro acre de enxofre atingiu seu nariz, fazendo-o tossir. Ele virou o rosto em seu ombro para não soprar cinzas em todos os lugares.

A dor atrás de suas costelas ainda persistia, um lembrete físico da magia e fragmentos de sua alma que ele havia perdido para o demônio. Não era um dano crítico, por qualquer meio, mas Patrick tinha alcance limitado com sua magia nos dias de hoje, e esperar que ela fosse reabastecida levava tempo. Qualquer perda, por menor que fosse, colocava-o em desvantagem, e seu trabalho era aquele em que as desvantagens podiam matar um cara.

Como quase aconteceu esta noite.

Levantando-se, Patrick deu um grande passo para fora das cinzas do caçador de almas, estremecendo ao fazê-lo. Seus ossos doíam, um lembrete do que seus escudos pessoais haviam

sustentado. Os pontos de ancoragem da proteção do escudo haviam sido esculpidos em seus ossos por uma deusa que o havia feito por razões puramente egoístas. Eles não eram fáceis de carregar, mas eram úteis.

Patrick olhou para a adaga na mão, inspecionando-a com um olhar crítico. Não havia cortes na lâmina da luta - não que alguma vez tenha aparecido - e o sangue do caçador de almas se soltou como água. Ele deslizou de volta em sua bainha, sem se preocupar em ativar o encanto de disfarce novamente.

O nervo atrás do olho direito palpitava, o aperto da dor de cabeça pelo estresse ameaçava retornar. Patrick cerrou os olhos com força suficiente para que pontos brilhantes explodissem em sua visão. Balançando a cabeça, ele olhou para o bar vazio e danificado.

Estava prestes a descer as escadas para garantir que todos tivessem saído vivos quando um som atrás dele o fez reagir instantaneamente. Ele se virou, a magia girando através de um globo mágico na mão, pronto para lutar, mas conseguiu conter seus instintos de *mate primeiro, faça perguntas depois* quando viu quem estava lá.

— Você está vivo —, disse Marek, encarando Patrick surpreso.

Jono estava atrás de Marek na porta, seus olhos de lobo azul brilhantes presos em Patrick. Ele ficou perto de Marek, agindo quase como um guarda-costas, exatamente como Leon havia feito no PreterWorld no início do dia. A proteção não passou despercebida por Patrick.

Ele cerrou os dedos em punho, extinguindo o globo. — Eu seria terrível no meu trabalho se não estivesse.

Marek olhou para ele, mas a raiva desapareceu rapidamente. — Você nunca disse que era um mago. Eu pensei que você era um policial.

— Você pensou errado — respondeu Patrick. — Agente especial Patrick Collins, ao seu dispor, embora eu desejasse não estar. Estou com a SOA e fui atribuído ao último caso em que o PCB está lidando. Cheguei hoje à tarde.

Marek tentou se aproximar, mas foi contido pelo aperto firme de Jono em seu ombro. O olhar de Marek estava cravado nas cinzas espalhadas pelo chão do bar, seus lábios pressionados em uma linha branca dura. Quando ele finalmente levantou os olhos para encontrar o olhar de Patrick, um toque de luz do outro mundo passou por eles.

— Precisamos conversar —, disse Marek.

Ao longe, Patrick podia ouvir as sirenes ficando mais altas quando a polícia se aproximava. Ele sabia que sua noite não terminaria por horas depois dessa bagunça, e tudo o que ele queria fazer era voltar para o apartamento emprestado e se afogar na garrafa de uísque. Em vez disso, ele pegou o telefone para enviar uma mensagem para Setsuna.

— Sim, nós precisamos.



4



— QUE DEMÔNIOS ACONTECEU AQUI? — Allison perguntou enquanto entrava no bar. Dwayne estava de pé, e atrás dele vinham dois membros da CSU com o equipamento na mão.

Patrick acenou para eles, não se movendo de seu lugar no meio do caminho entre onde Marek e Jono estavam perto do bar e os policiais uniformizados que responderam da estação local a um chamado de tiros. Eles entenderam rapidamente que não era um problema que eles poderiam lidar.

O assunto com o demônio morto era de natureza sobrenatural, o que significava que a jurisdição era automaticamente conferida ao Departamento de Crimes Sobrenaturais. Isso não impedia os policiais de tentarem testemunhar sobre uma criatura reconhecidamente hostil. Patrick não se importava muito com a atitude deles desde a chegada e prontamente puxou o cartão federal quando retirou o crachá. A polícia odiava essa tática, mas Patrick não estava aqui para fazer amigos.

— Você me chamou? Eu posso identificar que tipo de demônio era, — disse Patrick quando ela se aproximou.

— Você está brincando? — Dwayne perguntou categoricamente. — Seis meses que estamos administrando esse

caso, e você entra e expõe tudo em menos de vinte e quatro horas? Inacreditável.

— Você não teria gostado de ser a pessoa que lidou com essa maldita coisa na hora. Confie em mim nisso.

— Você obviamente cuidou.

— E eu sou muito grato por isso, já que ele é a única razão pela qual estamos todos vivos esta noite, — Marek interrompeu bruscamente de onde ele estava encostado no bar, digitando em seu telefone. — Onde está Casale?

— No caminho de volta para o PCB, — Allison respondeu.

Marek grunhiu, mas não levantou os olhos do telefone. — Agente Especial Collins? Eu preciso falar com Casale.

— Dê-me cinco minutos —, respondeu Patrick. Ele se virou para encarar Dwayne e Allison, baixando a voz. — O demônio está morto. Vocês não estão recebendo nada além de cinzas. Vou dar meu relatório a Casale. Você pode ler quando voltar para a estação.

— É quinta à noite. Este lugar está sempre lotado. Onde estão todas as testemunhas?

— Foram embora. Não vou adivinhar quantos eram werecreatures, mas não querem ser identificados, pois nenhum deles tinha linhagem divina. Além disso, você tem testemunhas. Vou levá-los de volta para a delegacia comigo.

Allison franziu a testa. — Isso não faz sentido. Este ataque não segue o MO de forma alguma. Um bar? É um espaço público. Todo mundo estava em casa sozinho atrás de um limiar quando morreu. Quem o demônio queria afinal?

Patrick inclinou a cabeça para onde Marek ainda estava digitando no telefone. Jono ainda não tinha dito uma palavra, mas

os observava com interesse indisfarçado. Mais do que isso, ele estava assistindo Patrick, e o peso da atenção de Jono deixava-o muito, *muito* ciente de sua presença.

— Eu aposto em Marek. O que significa que eu preciso colocá-lo atrás de algumas proteções mais fortes por algumas horas enquanto resolvemos tudo —, disse Patrick.

A cabeça de Marek finalmente se levantou. — Algumas *horas*?

Patrick o ignorou. — A cena é sua agora.

Dwayne e Allison trocaram um longo olhar que Patrick não conseguiu ler. Finalmente, Allison apertou os lábios antes de assentir. — Vamos dizer ao chefe que você está a caminho do centro da cidade enquanto lidamos com tudo aqui.

Marek guardou o telefone e se aproximou do pequeno grupo. Ele estendeu a mão para Dwayne, parecendo um pouco irritado. — Aqui. Fiz uma cópia do feed de segurança para vocês. Não brinque com os computadores lá atrás sem um mandado, porque eu não estou lhe dando permissão para pegar mais alguma coisa.

Dwayne pegou o pen drive dele com dedos cuidadosos. — Obrigado.

Marek parecia que estava pronto para sair de sua pele se ele ficasse lá por mais tempo. Patrick apontou o polegar para a entrada em um sinal claro para sair. — Conversaremos mais tarde, detetives.

— Tchau —, Allison respondeu, já voltando sua atenção para a cena do crime.

— Você disse que seu carro estava lá fora mais cedo —, disse Patrick. — Quão distante está?

Marek teria saído do bar se Jono não o tivesse ultrapassado.

— Comprei uma vaga no City quando financiei o bar para Emma e Leon. Fica em frente.

— Eu continuo dizendo que você deveria ter comprado todo o lote deles. Leon iria parar de reclamar de estacionamento se você o fizesse — Jono disse enquanto caminhavam para fora.

O veículo estacionado do lado de fora do bar era um Maserati GranTurismo [19] preto brilhante que Patrick não seria avesso a abertura em um longo trecho de rodovia se o possuísse. Ele se afundou em um grave caso de inveja do carro por um segundo ou dois, enquanto observava o veículo caro.

Recompensas de ser rico, ele pensou cansado.

Marek destrancou o carro com um bipe do chaveiro eletrônico. Patrick deixou Marek atrás do volante sem discutir. Jono esperou na calçada com expectativa, e Patrick se abaixou para mover o banco do passageiro da frente antes de gesticular para Jono entrar para o banco de trás.

— Eu sou mais alto que você —, apontou Jono.

— Isso é legal —, Patrick acentuou. E provavelmente seria em qualquer outra situação. — Mas eu sou o agente federal com uma arma. A menos que você queira que eu atire em você no caso de uma ameaça, entre no maldito banco de trás.

---

19 

Jono olhou para ele por um segundo ou dois, um sorriso crescendo lentamente curvando a boca para cima no canto. — Pode deixar, amigo.

Jono se sentou no banco de trás - mas não antes de fazer questão de entrar em seu espaço pessoal e roçar contra ele. Patrick mordeu o lábio, recusando-se a ceder, e disse ao seu pau traidor que agora *não* era a hora de se interessar. A julgar pelo olhar conhecedor de Jono, Patrick não conseguiu manter sua atração para si mesmo.

Seus escudos escondiam sua magia, mas não seu cheiro, e Patrick fixou isso tardiamente em seu pensamento enquanto ele entrava no carro. Ele fechou a porta e apertou o cinto.

— Leve-nos para a estação do PCB —, disse Patrick.

— Eu não sou motorista de táxi —, respondeu Marek enquanto entrava na rua.

— Fique feliz por eu deixar você dirigir e não irmos pegar o metrô.

— Por que nós pegaríamos o metrô depois do que acabou de acontecer? Não é rápido, e você parece estar com pressa.

— Por causa das proteções. Nós as temos no metrô de Londres — disse Jono.

Patrick olhou por cima do ombro para o outro homem, levemente surpreso com a resposta correta. — Sim.

O metrô de Nova York era muito parecido com o metrô de Londres ou o metrô de Paris. Inferno, era como qualquer outro sistema ferroviário do mundo que cortava a terra. Eles eram velhos, extensos e cheios de gente. Além disso, eles foram construídos a partir dos trilhos, por vias mundanas e mágicas. As alas de proteção

mantinham os trens e as pessoas seguros enquanto corriam pelas margens do mundo sobrenatural abaixo, que às vezes rompia o véu.

O metrô era provavelmente o local público mais seguro da cidade contra demônios no momento. Patrick não podia dizer nada sobre batedores de carteira.

O caminho para o centro da cidade foi na maior parte tenso e silencioso, interrompido apenas pelo toque do celular de Patrick. Ele checou o nome na tela e não hesitou em responder.

— Collins. Linha e localização não seguras —, disse ele.

— Caçador de almas —, Setsuna declarou categoricamente em saudação, ignorando o aviso de Patrick.

— Vejo que você recebeu minha mensagem. Está morto.

— Alguma assinatura de rastreamento de identificação?

— Não. — O que não tinha sido uma surpresa. Patrick esfregou o polegar contra a têmpora, mas a pressão temporária não fez nada para parar sua dor de cabeça. — Eu vou precisar de reforço.

— Vou montar uma força-tarefa.

— Quem?

— Você saberá quando eles chegarem —, Setsuna disse enigmaticamente antes de desligar.

Patrick afastou o telefone do ouvido e fez uma careta para a tela escura. — Porra, odeio quando ela faz isso.

— O que é um caçador de almas? — Jono perguntou do banco de trás.

— Mantenha seus ouvidos para si mesmo.

— Sem promessas.

— Malditos *werewolves* — Patrick murmurou enquanto se encolhia no banco.

Menos de cinco minutos depois, eles chegaram ao seu destino. O Departamento de Crimes Sobrenaturais ocupava um quarteirão inteiro do centro, na Center Street. O prédio da praça tinha cinco andares, com uma pequena garagem adjacente na qual Marek estacionou. O policial que estava de serviço na entrada parecia pronto para dar um sermão por tentar estacionar em uma área restrita. Uma olhada no distintivo SOA de Patrick o fez recuar.

— O estacionamento para visitantes é no próximo nível. Você precisará sair da garagem e entrar no prédio pela rua —, disse o policial.

— Obrigado —, respondeu Marek.

Marek dirigiu para onde foi direcionado e encontrou uma vaga, apertando seu carro cuidadosamente entre um pilar de cimento e um Toyota mais velho. Eles foram para a saída, descendo as escadas para a rua. Antes mesmo de chegarem à entrada principal do PCB, Patrick podia sentir o zumbido dos encantos de proteção construídos em suas paredes e fundação batendo contra seus escudos.

Balançando a cabeça para limpá-lo, ele liderou o caminho para dentro. O sargento de plantão sentado atrás de um vidro protegido à prova de balas observou sua aproximação com curiosidade. Ele não estava sozinho.

— Sage —, disse Marek, parecendo aliviado.

Ele passou por Patrick e correu pelo saguão, indo direto para a mulher que se levantou de uma das cadeiras de plástico duro ao longo da parede quando chegaram. Ela era pequena, embora seus saltos altos mais que compensassem a diferença entre ela e Marek. O vestido azul de escritório que ela usava mostrava sua pele bronzeada. O cabelo preto grosso e liso estava preso em um rabo de

cavalo baixo e elegante, emoldurando um rosto com traços distintos dos nativos americanos.

A atenção de Patrick se concentrou no colar que ela usava enquanto ele se aproximava. O pingente turquesa emitia uma lavagem fria de magia que tinha uma sensação específica, que ele só sentia quando os fae estavam envolvidos. O artefato, um objeto portátil capaz de conter magia que usuários não-mágicos podiam exercer, era bem feito. Sage não parecia uma fae, mas, novamente, o glamour podia esconder qualquer coisa.

— Eu recebi sua mensagem —, disse Sage, procurando o rosto de Marek. — Você está bem?

— Estou bem. Eu pensei que você fosse me esperar em casa?

Sage revirou os olhos exasperada. — Você disse que estava sendo interrogado pela polícia. Eu não ia deixar você encarar isso sozinho.

— Eu disse a você que eu estava bem.

— Estupidez não cai bem em você.

Marek passou os braços em volta de Sage e deu-lhe um beijo suave e acolhedor na boca. Ela bufou de irritação, mas Patrick não perdeu a maneira como suas mãos tremiam levemente enquanto ela o puxava para mais perto. Marek murmurou algo muito baixo para Patrick ouvir antes de se virar para encarar ele e Jono.

— Esta é Sage Beacot, minha parceira. Eu mandei uma mensagem para ela mais cedo sobre o que aconteceu hoje à noite e onde eu estaria — explicou Marek sem desculpas.

— Eu também sou advogada, especificamente dele —, acrescentou Sage friamente. — Sou associada sênior da Gentry & Thyme.

A dor de cabeça de Patrick latejou um pouco mais com essa notícia. Ele odiava lidar com advogados, mas odiava lidar com advogados fae ainda mais. Seja Seelie ou Unseelie[20], todos lhe deram uma enxaqueca.

— Se você está trazendo um fae, vou ter que ligar para alguém legal do meu lado —, advertiu Patrick.

Enquanto os fae não podiam mentir legalmente, eles trocavam meias-verdades e linguagem enganosa o tempo todo. Eles eram obrigados a seguir a letra - mas não o espírito - da lei. A maioria dos fae fora de Underhill eram advogados por um motivo. Patrick não estava disposto a jogar jogos de palavras com um deles hoje à noite.

— Eu não sou fae —, disse Sage.

— Seu artefato diz o contrário.

— Um pouco rude perguntar o que os outros são —, disse Jono diretamente atrás dele em um tom baixo que enviou um arrepio inesperado em sua espinha.

Todas as werecreatures tinham temperaturas corporais mais altas do que os humanos, de qualquer convicção. O calor que emanava do corpo de Jono distraiu Patrick por um segundo ou dois, enquanto ele pensava sobre como Jono se sentiria contra ele na cama. Patrick estava feliz que seus escudos pudessem esconder seu perfume, mas eles não podiam esconder a maneira como seu coração pulou uma batida.

— Agente Especial Collins? — o sargento perguntou através do orador.

[20] Fae da luz ou da escuridão.

— Sim —, disse Patrick, ridiculamente agradecido pela interrupção. Ele desenterrou a carteira mais fina que continha sua identidade e crachá da agência, segurando-a para o sargento ver.

— O chefe está esperando você. Quinto andar. Pegue o primeiro banco de elevadores logo após a porta.

Uma campainha tocou e a porta que dava acesso ao resto do prédio foi destrancada. Patrick olhou para o lado que Sage estava desafiadoramente ao lado de Marek, sua expressão aparentemente esculpida em pedra, e imaginou que ele tinha uma chance melhor de desarmar uma bomba do que convencê-la a ficar para trás. Ele acenou para eles segui-lo pela porta.

— Vamos lá — ele disse.

Eles seguiram as instruções do sargento e subiram os elevadores até o quinto andar, as portas se abrindo para um corredor. O plano aberto da empresa de Marek não estava em prática aqui, e foi preciso ser escoltado por um detetive que trabalhava até tarde para encontrar a sala de conferências onde Casale os esperava.

Casale estava em um terno diferente daquele que ele usava no início do dia. Este estava um pouco enrugado, como se ele o tivesse jogado com pressa. O relógio pendurado na parede da sala de conferências mostrava 22:56, e provavelmente era esse o caso.

— Acho que deveria ter apelado meses atrás se esses são os resultados que você obtém em menos de vinte e quatro horas —, disse Casale.

— Você parece muito feliz comigo lutando com um demônio em um bar hoje à noite —, Patrick respondeu irritado.

— Você nos deu uma folga no caso. Eu estou aceitando isso. — Ele acenou para os assentos disponíveis mais próximos, assim que saiu do dele. — Me dão um minuto?

Casale saiu da sala de conferências. Patrick deu de ombros e escolheu a cadeira mais próxima para se sentar. Os outros três se entreolharam antes de se sentar do outro lado da mesa de conferência, em um acordo de nós contra eles. Ninguém falou até Casale retornar cinco minutos depois, carregando uma grande caixa com cheiro de comida chinesa, uma garrafa de Gatorade e uma de Tylenol de tamanho industrial. Ele colocou os três na frente de Patrick.

— Coma —, ordenou Casale.

Patrick olhou para a comida. — Você acabou de roubar o jantar de alguém?

— Claro que não. Dei-lhe dinheiro para comprar mais e tempo extra no relógio para o seu descanso. Agora coma.

Em campo, Patrick sempre carregava barras de ração extras escondidas nos bolsos e na mochila, porque o uso de magia consumia energia e ele precisava de calorias para reabastecer as duas. Um *monte* de calorias. Sua antiga equipe sabia que ele seria um filho da puta irritado até que eles conseguissem comida depois de qualquer briga. Eles passaram a levar rações extras junto com as suas para mantê-lo alimentado.

Fazia muito tempo que Patrick não trabalhava com um humano mundano que entendia o que era necessário para manter um usuário de magia saudável.

Ele pegou o garfo de plástico saindo da caixa e esfaqueou um pedaço de frango do General Tso. Colocou a peça na boca e começou

a mastigar, observando Casale se sentar na cabeceira da mesa e voltar sua atenção formidável para os outros três primeiro.

— Jonothon de Vere —, disse Casale em saudação. — Estelle e Youssef sabem que você está aqui?

Jono recostou-se na cadeira e cruzou os braços sobre o peito largo, dando a Casale um olhar pensativo. — Eu não estou agindo em nome da matilha, se é isso que você está perguntando.

— Então você deve ir.

— Ele é uma testemunha —, respondeu Sage.

— Sra. Beacot, que bom vê-la novamente. Este caso realmente não precisa da sua presença — disse Casale.

— Sou a advogada registrada de Marek para quando sua visão for solicitada. Você não deveria nem tê-lo visto hoje sem a minha presença — respondeu Sage friamente.

— A situação exigiu algumas respostas imediatas, que ainda não recebemos.

— A cidade sabe o custo de solicitar sua visão. Até que esse pagamento seja feito-...

— Está tudo bem, Sage —, Marek interrompeu, colocando a mão nas dela, que estavam juntas na mesa. — Só desta vez, eles não precisam pagar a taxa.

Sage lançou-lhe um olhar incrédulo. — Marek-...

— Não. Não discuta. Esta situação é diferente.

— Por que isso te concerne pessoalmente? — Casale perguntou, sua voz seca como um deserto.

— Porque eu não vi isso chegando, ok? — Marek estalou.

Casale olhou para Marek com um olhar ilegível nos olhos. — Eu não ligo para o fato de Jono ser testemunha, e não ligo para o seu

conselho. O que precisamos discutir sobre a sua visão e este caso é restrito.

Marek balançou a cabeça. — Jono e Sage ficam.

— Isso não é uma negociação, Marek.

— Eles *ficam.*

Patrick parou no meio da mordida, olhando através da mesa para Marek. O vidente havia perdido um pouco de cor no rosto, olhos um pouco arregalados enquanto discutia com Casale. Talvez a situação fosse fora do comum, talvez fosse a sugestão de medo em seus olhos; de qualquer maneira, Casale cedeu.

— O que é discutido nesta sala fica aqui —, disse Casale em uma voz dura. — Há muito em jogo nesse caso se houver vazamento de informações. A documentação usual está sendo elaborada em relação à sua visão, Marek. Isso se aplicará a todos vocês.

— Não assinamos nada até ver o contrato que você está nos dando —, respondeu Sage.

Patrick continuou comendo sua comida chinesa roubada, vendo a conversa ser lançada sobre a mesa como uma partida de tênis. O frango estava realmente muito bom, no que diz respeito à comida gordurosa. O Gatorade deixou um sabor artificial na boca que ele poderia ter passado sem.

Alguém bateu na porta dez minutos depois antes de abri-la. O policial uniformizado entregou a Casale uma pasta de papel pardo e algumas canetas antes de sair sem dizer uma palavra. Ele folheou os papéis antes de deslizar sobre a mesa para Sage.

— Dê uma olhada e assine —, disse Casale.

Marek estendeu a mão e tirou a pasta das mãos de Sage, pegando uma caneta enquanto ele estava nela. — Estamos assinando.

— Marek —, disse Sage exasperada.

Ele se virou e olhou para ela, e tudo o que ela podia ver em seus olhos que Patrick não podia, foi o suficiente para fazer Sage parar de discutir.

— Casale me perguntou sobre os assassinatos no noticiário hoje cedo. Eu vi o demônio no bar, mas não o vi *esta noite*. Assine o contrato, Sage — ele disse em uma voz tensa.

— Tudo bem —, ela disse calmamente.

— Uau —, disse Patrick. — Eu acho que é a primeira vez.

— A primeira vez de quê? — Casale perguntou.

— A primeira vez que um advogado assina algo sem lê-lo. E se houver uma cláusula que diga que você deve abandonar seu primogênito no PCB?

Sage lançou-lhe um olhar fulminante. — Você não é engraçado.

— Já aconteceu antes. A parte de desistir da criança, não do advogado assinando sem ler. Embora pensando bem, tenho certeza que isso já aconteceu antes. — Patrick apontou o garfo para Marek. — Onde você viu o demônio?

— Você quer dizer o caçador de almas? — Jono perguntou intencionalmente.

Patrick suspirou internamente quando a cabeça de Casale se virou para olhá-lo. — Não consegue manter seus ouvidos para si mesmo, não é?

Jono sorriu preguiçosamente para ele e não disse uma palavra.

— O demônio era um *o que*? — Casale mordeu com uma voz tensa.

Patrick pegou a garrafa de Tylenol e abriu a tampa. Ele sacudiu cinco dos comprimidos de 200 mg e os engoliu com o último Gatorade.

— Você vai se dar uma úlcera —, Jono avisou.

— Culpe o trabalho, não a medicação —, disse Patrick.

— O que você matou esta noite era um caçador de almas? — Casale exigiu.

Patrick pensou em mentir, mas algo lhe disse que o Destino que via através dos olhos de Marek não iria gostar. — Sim.

— Uma explicação para aqueles de nós que não são versados em demonologia seria legal —, disse Sage.

— Caçadores de almas são demônios das tropas de choque. Eles são usados na guerra, se forem usados, porque são tão difíceis de controlar quanto de matar.

A menos que alguém tivesse uma aliança com imortais, mas isso era irrelevante. Patrick deixou esses pensamentos de lado para lidar mais tarde, de preferência com uma garrafa de uísque na mão.

— Eles quase sempre são convocados pelos usuários de mágica da Seita Dominion —, afirmou Casale categoricamente. —Você está me dizendo que podemos ter uma célula ativa na cidade de Nova York?

— Você tem oito corpos carregando oito sinais para os deuses na morte. Eu apostaria todas as ações que Marek possui em sua empresa que caçadores de alma são as armas do crime. Quem está puxando o gatilho? Seu palpite é tão bom quanto o meu, e o meu seria a Seita Dominion — disse Patrick.

Casale ficou quieto por um longo momento, sua expressão ilegível. Quando ele falou, ele dirigiu suas palavras para Marek. — Onde você viu o caçador de almas em sua visão?

Marek mordeu o lábio inferior antes de soltar um suspiro explosivo. — Havia árvores ao meu redor na visão, mas eu podia ver edifícios, então não sei, um parque? A cidade de Nova York tem muitas deles, então boa sorte para descobrir qual é.

— Mais alguma coisa?

— Eu podia ver o demônio agachado sobre alguém no chão, mas não conseguia ver quem era. Não sei se o conhecia.

— Ou se era você —, disse Casale.

Marek se encolheu com suas palavras, e Patrick se perguntou se o Destino que ele servia já havia lhe mostrado seu próprio futuro. Sage passou a mão pela dele e lhe deu um aperto suave. Marek virou a mão na dela, enfiando os dedos juntos.

— Eu vejo o futuro, Casale. Eu vejo isso nos caprichos dos deuses dos quais estou à mercê. Nem sempre é o que qualquer um de nós quer ver —, disse Marek.

Sage desviou o olhar de Marek e encontrou o olhar de Patrick. — Você parece saber como lidar com esse tipo de demônio.

— Eu sou um mago. É o meu trabalho — respondeu Patrick.

Só que não era algo que todos os magos foram ensinados, porque eles não carregavam danos em suas almas, como Patrick. Todos os usuários de magia eram ensinados de acordo com o que sua magia tinha uma afinidade. Alguns praticantes lidavam com os elementos. Outros praticantes com curar. Outros ainda tentaram ressuscitar e escravizar os mortos - algo desaprovado em

praticamente todos os países hoje em dia, não importa quantos acessos esses vídeos têm no YouTube.

Patrick tendia a apagar incêndios com gasolina.

O método de exagero não era o favorito da SOA, mas quando a situação ficava crítica, ele fazia seu trabalho.

— Então por que você não explica por que ele atacou Marek? Você tem oito corpos e agora eles estão indo atrás de um vidente. Temos o direito de saber por que, para que possamos proteger ele e nós mesmos — disse Jono.

O olhar que Jono deu a Patrick foi desafiador, mas não inesperado, vindo de um werewolf da linhagem divina. A saudação de Casale mais cedo e a resposta de Jono despertaram sua curiosidade sobre a posição de Jono aqui na cidade de Nova York. A maioria das grandes cidades metropolitanas tinha apenas uma matilha de deuses e as rivalidades significavam guerra que nenhum ser humano gostaria de ver. Jono assumindo a liderança devido ao seu status não seria incomum, e Marek parecia bem com ele, mas poderia ser um problema mais tarde.

Patrick encontrou o olhar de Jono sobre a mesa, recusando-se a ceder. — Os caçadores de almas comem a alma de qualquer pessoa, mas eles gostam das limpas e das mágicas ainda mais. Marek? Ele é um vidente. Em uma escala de um a dez, quando se trata de poder, ele tem onze. Se a Seita Dominion quiser uma fonte de energia que ancore qualquer feitiço para o qual eles precisem dessas almas, então Marek seria a escolha.

Casale bateu os dedos contra a mesa algumas vezes antes de apontar o dedo para Patrick. — Proteção na casa de Marek esta noite.

— Isso não é necessário —, Marek tentou protestar.

— Eu acho que é. Não vou lhe dar detalhes de segurança por respeito à sua matilha, mas não acho que seu pessoal seja suficiente para mantê-lo seguro. — Casale olhou para Patrick. — A SOA pode colocar uma bruxa em campo?

Marek balançou a cabeça. — Eu não quero um agente do governo morando comigo perto da minha matilha. Não vou arriscar a privacidade deles assim.

— Então eu vou perguntar à minha esposa, a menos que você tenha alguma objeção sobre isso?

— Não, não temos —, respondeu Sage rapidamente pelos dois, quando parecia que Marek continuaria discutindo.

No olhar interrogativo de Patrick, Casale disse: — Minha esposa é sacerdotisa em um coven aqui em Manhattan. Ela pode mandar Marek com alguém que sua matilha não vai se importar.

Patrick teria preferido uma bruxa da SOA, mas não tinha vontade de discutir. A julgar pela recusa imediata de Marek da primeira oferta, eles estariam brigando a noite toda sobre isso se Patrick pressionasse.

— Eu cuidarei da casa dele hoje à noite. Envie sua bruxa o mais rápido possível — disse Patrick.

— Vou ligar para minha esposa e agilizar o processo. — Casale levantou-se, uma carranca no rosto. — Escusado será dizer que se você vir mais alguma coisa, conte-nos, Marek. Por favor. Pagaremos o custo e com prazer.

— Se eu vir mais alguma coisa para este caso, nem cobrarei de vocês —, disse Marek, sombrio.

Casale assentiu. — Collins, eu gostaria de falar com você em particular. O resto de vocês pode esperar aqui até eu terminar com ele. Não vamos demorar.

Patrick saiu da sala de conferências com Casale, seguindo-o por um longo corredor cheio de pequenos escritórios até chegarem ao de Casale. A mesa da assistente do lado de fora estava coberta de papéis e arquivos organizados em pilhas. O escritório de Casale era grande e meticulosamente protegido com tanto cuidado que ele duvidava que fosse feito por alguém de uniforme.

— Sua esposa cuidou da proteção do seu escritório? — Patrick perguntou quando se sentou em uma das duas cadeiras de couro em frente à ampla mesa de madeira de Casale. O espaço era o dobro do tamanho dos escritórios por onde passaram, como era apropriado para o posto que Casale mantinha.

— Se Angelina pudesse colocar proteções na minha vida para me manter seguro, acho que ela faria. — Casale acenou vagamente na direção da porta fechada. — O encanto de silêncio é ativado automaticamente. Eles não podem nos ouvir, por mais que Jono e Sage tentem.

Patrick piscou com a informação que Casale inesperadamente lhe deu. — Sage é uma werecreature? Eu pensei que ela era fae?

— Ela não te contou? — Casale perguntou.

— Ela carrega magia fae em um artefato. Eu pensei que isso ajudava a ancorar um glamour.

Casale suspirou, esfregando a têmpora. — Isso é minha culpa por supor que você descobriu o status dela, como descobriu tudo o mais hoje à noite. Ela é uma werecreature, mas trabalha para os fae.

Eu me sentiria mal por revelar seu status, mas você teria descoberto de qualquer maneira se estiver andando com Marek durante o caso.

— Provavelmente.

— O que aconteceu hoje à noite, Collins?

— Fui ao bar para perguntar a Marek sobre o que ele viu esta tarde. Não demorou muito tempo para o caçador de almas aparecer.

— Como?

— O demônio usava glamour. Somente um mago poderia lançar esse feitiço forte o suficiente para esconder completamente a presença de um demônio em um bar cheio de werecreatures.

— Portanto, uma célula ativa da Seita Dominion é uma forte possibilidade.

Considerando a história passada de Patrick com caçadores de almas e as pessoas que mais gostavam de usá-los, ele pensou que era menos uma forte possibilidade e mais uma realidade. — Provavelmente a única.

Casale assentiu, parecendo surpreso com a avaliação enquanto olhava para Patrick. — Você lidou com isso hoje à noite. Ouvi dizer que nem mesmo os tanques podiam danificá-los durante a Guerra dos Trinta Dias.

— Ataques aéreos ou mísseis enfeitiçados funcionaram melhor. Aqueles com laços com o mundo sobrenatural, como werecreatures, tiveram melhor sorte em se aproximar e matar os demônios do que humanos mundanos, mas ainda assim era arriscado —, respondeu Patrick.

Se a esposa de Casale era sacerdotisa em um clã proeminente, apesar de sua posição, não era surpreendente que Casale conhecesse um pouco mais do que uma pessoa comum sobre os demônios que

haviam sido a espinha dorsal dos combatentes da Seita Dominion no Oriente Médio.

— Então como você o matou hoje à noite?

Patrick esfregou a boca antes de encolher os ombros. — Isso é confidencial.

— Sério? — Casale perguntou categoricamente.

Patrick piscou, sua mente cheia de lembranças desassociadas da Guerra dos Trinta Dias que o haviam quebrado de maneiras que nunca poderiam ser consertadas. Tudo começou com o véu rasgado no Planalto de Gizé, espalhado pelo berço da civilização, antes de terminar no Cairo. O público ainda não sabia tudo o que havia acontecido durante esse período, apesar dos inúmeros correspondentes de guerra incorporados aos vídeos militares e civis enviados à Internet durante os combates.

A verdade, enterrada sob uma montanha de burocracia e classificada como 'ultrassecreto' e 'somente pessoal autorizado' em uma dúzia de países, era pior. Patrick sabia a verdade apenas porque ele havia passado por isso.

Escondida sob o caos do inferno que reinava na Terra por quase um mês, estava a tentativa de um mago da Seita Dominion de capturar um deus. Reforçado pela força do nexo sob o Cairo que agora não existia mais, o mago quase conseguiu roubar uma divindade.

Não foi a primeira vez que eles tentaram.

No final, foi preciso o sacrifício de um deus diferente para acabar com essa loucura quando Patrick não conseguiu terminar o trabalho. O relatório oficial de como a Guerra dos Trinta Dias terminou não incluía seu nome, e Patrick estava bem com isso. Ele

não queria entrar na história como o cara que estragou tudo enquanto o mundo declarava vitória. Se ele tivesse feito o que deveria fazer naquela época, se tivesse feito o que os imortais que estavam do lado do céu haviam ordenado que ele fizesse, ele não estaria nessa situação agora, vendo a história se repetir.

Patrick respirou fundo e silenciosamente e tentou acalmar seus pensamentos. A retrospectiva sempre vinha tão claramente e era tão fodidamente *inútil*.

— Fui treinado na Cidadela e passei nove anos no Departamento de Preternatural dos EUA no Mage Corps antes de partir para a SOA. Então, sim, Casale. As missões que foram designadas e os casos em que trabalhei são confidenciais em um nível que você não pode alcançar. Eu já vi e fiz coisas que sua bruxa comum nunca terá experimentado — disse Patrick.

— Independentemente da apelação que enviei, não confio na SOA —, disse Casale. — Seus últimos diretores eram egoístas e o que veio antes deles foi um traidor. Diga-me por que devo confiar em *você*?

— Porque eu sou tudo que você tem —, disse Patrick simplesmente, encontrando o olhar de Casale e sem desviar o seu. — Então me dê uma semana, Casale. Uma semana para ver se consigo parar o que está acontecendo com esses assassinatos. Vou mantê-lo informado e trabalhar com você.

O silêncio pesou entre eles por um longo minuto antes de Casale finalmente ceder.

— Uma semana —, Casale concordou em voz baixa. — E eu quero sua palavra como vinculativa para que você mantenha o PCB atualizado. Não me importo que o caso esteja agora sob jurisdição

federal. Esta é minha cidade, e é meu trabalho ajudar a mantê-la segura.

Promessas, contratos, juramentos, acordos - todos eles eram obrigatórios de maneira que até os deuses respeitavam. Escritas ou faladas em voz alta, amarrar a alma de uma pessoa às suas palavras vinculava-a a um compromisso do qual não podiam escapar.

Patrick deveria saber.

Ele tinha *tentado*.

— Uma semana —, ecoou Patrick. — Obrigado pela compreensão.

— Cristo, não me agradeça por isso. Por favor, saia do meu escritório. Terminamos esta noite.

— Vou enviar meu relatório mais tarde para seus arquivos.

Casale acenou com a mão, irritado. — Você sabe o que fazer. Apenas se certifique que a cidade ainda esteja de pé no final.

Considerando as ruínas em que algumas partes do Cairo acabaram, assim como outras cidades do Oriente Médio, era um pedido razoável. Patrick simplesmente não tinha certeza de que poderia cumpri-lo.



5



SAGE LEVOU-OS até o apartamento de Marek, uma cobertura na Quinta Avenida, com vista para o Central Park, no Upper East Side. Marek não tinha seguido o caminho óbvio dos novos ricos e comprado uma casa ou espaço em uma torre de luxo. Não, ele foi direto para o território de sangue azul, comprando um edifício Art Déco inteiro. Patrick estava vagamente com ciúmes. Se ele ganhasse tanta riqueza em tenra idade, provavelmente teria comprado uma ilha tropical em algum lugar e nunca contado a localização do local.

Eles estacionaram no porão entre uma frota de outros veículos. Patrick saiu do carro e era o homem estranho no caminho até o apartamento. Sage e Marek estavam em uma conversa profunda, com Jono falando de vez em quando. A dor de cabeça de Patrick havia diminuído o suficiente para que a conversa deles não piorasse a dor que se afastava.

Ele preferia ir ao apartamento emprestado para dormir o dia todo, mas a hora em seu telefone dizia que eram 23:46 e sua noite ainda não havia terminado.

Quando as portas do elevador se abriram com um ping suave em um pequeno vestíbulo, a porta de mogno do outro lado já estava aberta. Leon estava atrás de Emma na porta, os dois esperando impacientemente por sua chegada. Patrick esperava que ninguém

mais estivesse no apartamento. Ele estava tão cansado das pessoas agora.

— Marek —, Emma disse aliviada enquanto corria para abraçá-lo. — Você está seguro.

— Relativamente falando —, Marek murmurou enquanto a abraçava de volta.

Emma o soltou, mas não antes de marcá-lo na garganta com um deslizar da mão e do pulso. Marek não se mexeu sob o toque dela, como se ele estivesse acostumado com a atitude. Suas ações falavam mais alto que as palavras sobre o lugar de Marek na matilha deles.

Leon não se moveu de seu lugar na porta, olhando para Patrick. — Você não é bem-vindo aqui.

— Patrick está aqui para proteger a casa de Marek —, disse Jono com bastante facilidade. — Ordens de Casale.

— A casa de Marek já está protegida por um mago. Nós não precisamos da ajuda dele.

Jono deu de ombros. — Deixe-o entrar, Leon.

Leon fez uma careta. Patrick pensou que ele teria outra briga em suas mãos, mas Jono tinha a linhagem divina, não importava qual fosse sua posição pessoal na cidade de Nova York. Leon se afastou sem discutir, ainda parecendo irritado, mas a passagem estava livre.

Emma se afastou depois de deixar as marcas olfativas em Marek e Sage com o foco de uma mãe galinha e os empurrou para dentro do apartamento. Patrick notou que ela ainda usava aqueles sapatos impossivelmente altos do bar mais cedo e mal chegava ao nariz de Marek. A mulher era pequena, mas mandona, e Marek nem tentou lutar com ela.

— Depois de você —, disse Jono.

Patrick sentiu-se muito fechado quando entrou no apartamento. O limiar em volta da casa praticamente cantava em seus ouvidos, fazendo os nervos em seus dentes formigarem. Patrick balançou a cabeça para se livrar do zumbido, olhando o apartamento rapidamente.

As molduras de coroa cobriam o teto, um resquício de outro período do projeto, mas esse era o único sinal de idade na casa. As paredes que ele podia ver eram brancas e decoradas com fotografias emolduradas em vez de arte. Uma parede de janelas voltadas para o Central Park provavelmente fornecia muita luz solar para a cozinha elegante, com seus aparelhos modernos e a ampla área de estar em plano aberto. Um corredor levava a outros cômodos e uma escada levava ao segundo andar, abrigando o que quer que houvesse lá em cima.

Patrick se afastou do pequeno reencontro e seguiu para as janelas. Ele olhou para a rua e a escuridão nebulosa e pouco iluminada que formava o Central Park no centro de Manhattan à noite. Seu olhar saltou sobre a faixa de vegetação urbana escura para os prédios altos no Upper West Side. A distância era um comprimento que Patrick sabia que qualquer atirador decente poderia facilmente lidar ao encontrar seu alvo.

Ele estendeu a mão e tocou as pontas dos dedos no vidro frio, sentindo o pulso do limiar contra seus escudos. Era forte - tão forte quanto Patrick provavelmente poderia ter feito quando ele podia tocar uma linha ley. Mas esse não era mais o caso. Jogue um demônio que poderia abrir caminho através do véu, e Patrick sabia que sua magia não seria suficiente para proteger este lugar.

A magia na moeda grega que ele carregava no entanto, era outra questão.

Ele pegou o óbolo que Hermes lhe dera naquela tarde. A magia embutida na moeda de ouro não era muito diferente do tipo adormecido em sua adaga. A magia primordial de um imortal, mesmo que apenas uma faísca, sempre parecia diferente ao seu senso. Mais selvagem e perigosa do que o que os humanos poderiam produzir em suas almas, remanescente do poder metafísico que corre sob a terra.

Patrick havia aprendido a manipular as linhas ley antes dos treze anos de idade. Os militares haviam aperfeiçoado essa habilidade na Cidadela antes que ele a perdesse para um ferimento na alma que levaria para o túmulo. Algumas coisas, no entanto, o corpo nunca esqueceria. Ele pode não ser mais capaz de canalizar magia externa através de sua alma, mas manipular a magia incorporada em algo parecido com um artefato ainda era possível.

Patrick pressionou a moeda contra o vidro, segurando-a contra a palma da mão. Um brilho dourado se filtrou entre seus dedos enquanto ele tentava libertar a magia estrangeira, moldando-a na forma de uma barreira. Aquela ala em particular era a forma mais forte de magia defensiva que um mago podia lançar, e uma que ele nunca teve muita sorte em aguentar por muito tempo com sua própria magia.

Mas essa não era a magia dele.

Sem globo mágico, apenas uma mente cheia do *comando*, de *vontade*, enquanto Patrick moldava a magia no que ele precisava. Ele teve o cuidado de manter sua própria magia livre e limpa do poder que possuía na mão. Não fazia sentido manchar a defesa que ele

estava construindo, criando um buraco pelo qual um demônio poderia atravessar.

Linhas de luz rastejavam para longe da moeda e de seus dedos abertos, cortando o vidro como uma teia de aranha reluzente e brilhante. Se movia tão rápido quanto um raio, envolvendo-se em todo o prédio, afundando no limiar já estabelecido. O limiar dobrou-se sob o peso da magia, mas não se rompeu, absorvendo a barreira que agora envolvia o apartamento com o poder emprestado de um imortal.

Quando a ala ficou em círculo completo, travando no lugar dentro da moeda, Patrick a soltou. O círculo áspero de ouro brilhava na janela, afundando no vidro, ancorando a magia.

Patrick se virou para encarar Marek e os outros, passando um polegar por cima do ombro indicando a moeda grega. — Não remova.

— Eu quero saber o que você acabou de fazer? — Marek perguntou.

— Sim —, respondeu Sage enquanto cruzava os braços sobre o peito. — Nós queremos, sim. Isso não cheira a magia normal.

Emma gemeu antes de ir direto para a cozinha. — Maldito seja! Nós não conduzimos hospitalidade com você primeiro.

Patrick revirou os olhos. — Sou um agente federal. Você não precisa fazer isso.

Leon apontou um dedo para ele. — Você está partindo o pão e tomando vinho antes de sair.

— Água —, Jono corrigiu. — O cara comeu cinco paracetamóis na estação. O álcool não é uma boa ideia.

— Eu vou tomar vinho —, disse Patrick, porque ele nunca dizia não ao álcool.

Jono deu-lhe um *olhar*, que Patrick ignorou. Um alpha com linhagem divina pode estar acostumado a dar ordens, mas ele não era o chefe de Patrick, então ele não precisava obedecer.

Emma voltou com o calcanhar de um pão francês ligeiramente velho numa mão e um copo de água na outra, o que era injusto. Patrick teria preferido o vinho. Ela empurrou os dois para ele com um olhar desafiador nos olhos castanhos.

— Seja bem-vindo —, ela disse, obviamente não significando as palavras, mesmo que fosse o ato em si que importava.

Patrick arrancou um pedaço de pão e o colocou na boca, lavando-o com um bocado de água. Deixou um filme gomoso nos dentes. No limite de seus sentidos, Patrick podia sentir o limiar reagir à cerimônia casualmente feita. A fraca, quase antagônica mordida de magia estrangeira diminuiu.

Saudações de hospitalidade eram boas-vindas obrigatórias que garantiam que nenhum dano seria causado à soleira e ao lar enquanto um usuário mágico estivesse presente, e vice-versa. Quebrar as boas-vindas significava sofrer com uma dor de cabeça irritante pelo próximo dia ou mais, e o limiar para sempre proibir a pessoa em questão de entrar na casa novamente. Tornava as coisas estranhas quando era o proprietário que estragava tudo.

Patrick devolveu o copo de água. — Feliz?

— Não —, Emma respondeu.

— A magia. — Sage pressionou, como um cachorro com um osso, como a maioria dos advogados.

Patrick limpou os dedos no jeans para se livrar das migalhas de pão. — Eu usei o artefato para montar uma barreira. Espero que

seja o suficiente para manter o caçador de almas fora, mas não há garantia. Seria melhor se você ficasse lá dentro pelos próximos dias.

— Eu tenho um emprego —, Marek lembrou.

— Você é o dono. Tire uma folga para não virar almoço de um demônio — Patrick retrucou.

— O demônio estava atrás de Marek? — Emma perguntou bruscamente, girando para olhar o vidente.

Marek estremeceu. — Não?

— *Marek*.

— Quero dizer, talvez? Sim? É complicado, Emma! E não posso falar exatamente sobre isso.

— Oh, nós estamos falando sobre isso —, Emma rosnou.

— Os detalhes do caso não estão disponíveis ao público —, disse Sage, esfregando um dedo contra a têmpora.

— Marek está na matilha e sob minha proteção. Tenho direito de o saber.

— *Nós* temos o direito de saber — acrescentou Leon.

Marek jogou as mãos para o alto e virou-se para Patrick. — Você já terminou? — ele perguntou, bastante sutil.

Patrick não iria ficar por mais tempo do que ele precisava. Se Marek iria quebrar o NDA[21] contra o conselho de Sage, ele poderia lidar com as consequências, quaisquer que fossem. Longe de Patrick policiar um vidente.

— Sim, eu terminei. Ligue-me se vir alguma coisa — disse Patrick.

[21] Non Disclosure Agreement, um acordo de não-divulgação, termo de confidencialidade, ou acordo secreto, é um contrato legal entre ao menos duas partes que destacam materiais ou conhecimentos confidenciais que as partes desejam compartilhar para determinado propósito, mas cujo uso generalizado desejam restringir.

Ele estava a meio caminho da porta quando ouviu várias pessoas gritarem o nome de Marek. Patrick virou a cabeça, a mão pegando sua adaga, pronto para lutar. Nenhum sinal de demônio atingiu seus sentidos, e a barreira estava silenciosa ao seu redor.

Marek caiu de joelhos, segurando a cabeça, a expressão contorcida de dor. Emma e Leon estavam de joelhos ao lado dele, segurando-o com força sobrenatural. Sage se agachou na frente dele, com as mãos no rosto de Marek, aterrando-o. Jono havia se aproximado, um olhar perturbado em seus olhos azuis misteriosos e brilhantes, mas ele não alcançou Marek.

— Ugh, alguém diminua as luzes —, Marek falou com os dentes cerrados.

Sage se levantou e correu para o interruptor de luz mais próximo, mergulhando o andar na escuridão. Emma e Leon gentilmente convenceram Marek a se levantar, guiando-o até o sofá. Os dois se aconchegaram em ambos os lados de Marek, observando-o preocupados. Sage voltou e se ajoelhou na frente dele novamente, uma mão apoiada no joelho.

Marek respirou fundo, depois novamente, parecendo que estava tentando não vomitar. Ele ainda não tinha aberto os olhos. — Patrick? Vou te chamar de Patrick. Agente Especial parece formal demais depois desta noite.

Patrick congelou, não gostando de onde isso estava indo. —Eu estava saindo.

Marek soltou uma risada baixa e dolorida. — Sim, você estava. Mas Jono está indo com você.

— O quê? — Jono disse, dando um passo mais perto.

O olhar de Patrick passou para Jono antes de retornar a Marek. — Não.

Marek cautelosamente se recostou no sofá, como se não quisesse mexer muito a cabeça. Patrick conhecia esse sentimento. — Você precisa levar Jono com você.

— Não sou eu quem precisa de guarda-costas. É você.

— *O lobo fica com você.*

Os cabelos na nuca de Patrick se arrepiaram, nervos cantando com a voz etérea, ecoando, *feminina* que saía da boca de Marek. Seus olhos estavam abertos agora, um branco puro e sem manchas, diferente do prateado no início da tarde. Eles pareciam brilhar com uma luminescência suave que nenhum olho humano jamais deveria segurar.

— Puta que *pariu* — Jono xingou.

Marek se levantou com uma graça ágil que não lhe pertencia. Emma e Leon permaneceram congelados onde estavam sentados, observando o amigo com olhos arregalados e preocupados. Sage acompanhou seus movimentos com uma expressão de dor no rosto. Patrick teve que travar seu corpo no lugar à aproximação de Marek, ignorando o desejo de *correr* porque ele se recusava a recuar do imortal atualmente no controle do corpo do vidente.

O crepitar de poder saindo de Marek fez Patrick revidar. Não queria pensar no que estava fazendo com Marek. Ele encontrou aquele olhar sobrenatural em um rosto humano sem pestanejar.

— Saia do seu hospedeiro antes que ele perca outro tom de cor —, advertiu Patrick em voz baixa.

— *Então faça como lhe foi dito.*

— Você vai ter que ser mais específica do que isso —, Patrick disse, sabendo que o Destino que atualmente estava sequestrando o corpo de Marek provavelmente faria o oposto e, em vez disso, dobraria a vagueza.

O corpo de Marek se inclinou em seu espaço pessoal, meros milímetros os separando. Quando ele falou, seu hálito passou pela orelha de Patrick em um sopro frio. — *O lobo fica com você.*

Patrick olhou para frente, cerrando os dentes com tanta força que sua mandíbula doía. — Certo.

A quantidade de sarcasmo que ele conseguiu derramar naquela palavra era mais como a reminiscência de um *foda-se* do que uma concordância, mas esse Destino poderia aceitá-lo ou deixá-lo por tudo que se importasse.

Aparentemente, ela aceitou.

Marek de repente caiu contra ele, e os braços de Patrick automaticamente o pegaram, cambaleando sob o peso do outro homem. Com um grunhido, ele guiou Marek para o chão quando ficou claro que as pernas do vidente não o sustentariam mais.

— Você está bem? — Patrick perguntou, mantendo a voz baixa.

Marek apertou as mãos em torno do tecido da camiseta de Patrick com uma força surpreendente, o rosto enterrado em seu peito enquanto ele simplesmente respirava.

— Contanto que você não irrite mais os Norns, então sim —, Marek murmurou.

Leon se aproximou deles, arrancando cuidadosamente Marek dos braços de Patrick com força fácil. Marek manteve os olhos fechados, o rosto contraído pela dor. Patrick se levantou e olhou para Jono, que só tinha olhos para ele. Por um momento, parecia que eles

eram os únicos na sala. Então Patrick piscou e voltou sua atenção para Marek.

— Eu acho que essa situação é a razão pela qual eu pedi para você vir aqui, Jono —, Marek murmurou.

Jono ficou rígido, a boca pressionada contra uma linha dura. Ele não disse nada, apenas olhou para Marek antes de balançar a cabeça. — Você parece exausto, meu amigo. Deveria descansar.

— Não o deixe, Jono.

— Marek-...

— *Não*.

Os ombros de Jono caíram um pouco. — Eu não vou. Eu juro.

— Ok.— Marek pressionou a mão na testa, a boca se contorcendo de dor. — Até mais.

Jono pareceu entender isso como um sinal para sair. Ele se dirigiu para a porta, acenando com a mão para Patrick. — Venha. Teremos que parar no meu apartamento primeiro. Preciso de roupas se vou ficar com você.

A parte traidora do cérebro de Patrick queria responder com *você realmente não precisa*. Em vez disso, ele se concentrou na logística de suas viagens. — Vou ligar para o Uber.

Jono bufou. — Ninguém vai parar por alguém com os meus olhos.

— Eu vou levá-lo —, ofereceu Sage. Ela pegou sua bolsa e parou apenas o tempo suficiente para dar um beijo gentil na bochecha de Marek e arrastar a mão contra o lado da garganta dele para marcá-lo. — Não espere por mim.

— Eu não pretendo —, disse Marek fracamente.

— Bom. Você precisa descansar.

— Vamos ficar de olho nele até você voltar —, prometeu Leon.

Sage assentiu antes de seguir Jono para fora do apartamento. Patrick deu a Marek um último olhar demorado antes de sair. Os três pegaram o elevador até a garagem.

— Ele estará seguro? — Sage perguntou, sem olhar para lugar nenhum, apenas para a frente.

— Eu não sei. Se seus patronos podem mantê-lo fora do alcance de um demônio, então talvez — disse Patrick, optando pela verdade sobre uma mentira.

Sage assentiu em silêncio antes de endireitar os ombros e sair do elevador quando chegaram à garagem. Ela destrancou o carro com o pressionar de um botão no chaveiro. Patrick cedeu o assento da frente do BMW para Jono dessa vez e subiu na traseira. Ele fechou os olhos, ainda sentindo como se o Destino pudesse vê-lo, apesar de deixar Marek para trás.

Algum tempo depois, o carro parou e Patrick abriu os olhos. Jono saiu e correu em direção à porta da frente de uma passagem de quatro andares. Ele não tinha ideia de onde eles estavam. Sage não se incomodou em procurar estacionamento, apenas acendeu as luzes de perigo e acionou o freio de emergência.

Patrick olhou pela janela a porta pela qual Jono havia desaparecido. — O que Marek quis dizer sobre Jono vir aqui?

— Essa não é a minha história para contar —, disse Sage.

— Ele tem a linhagem divina.

— Sim, mas não é da nossa matilha.

— Você aprendeu dissimulação com Marek ou a faculdade de direito, porque eu tenho que lhe dizer, isso não ajuda.

Sage calmamente puxou a função de mapa GPS em seu telefone. — Preciso do seu endereço.

Patrick revirou os olhos e deu a ela. Quanto mais cedo chegasse ao apartamento, mais cedo conseguiria dormir. Felizmente para ele, Jono não demorou para sempre.

Menos de dez minutos depois, Jono voltou para o carro, carregando uma mala noturna em uma mão. Ele voltou a sentar no banco do passageiro e Sage tirou o carro do parque. Ela seguiu as instruções silenciosas do aplicativo de GPS até o apartamento de Patrick. Como na casa de Jono, ela não se incomodou em procurar estacionamento quando eles chegaram.

Parando o carro e acendendo as luzes de perigo novamente, Sage observou-os sair. — Cuidado.

— Fique de olho na matilha, sim? — Jono disse.

— Sempre.

Sage foi embora. Patrick pegou as chaves do bolso e se dirigiu para a porta da frente do prédio. Jono ficou logo atrás dele, o calor nas costas, algo que Patrick não podia ignorar.

— Eu não tenho um quarto de hóspedes —, disse Patrick no elevador. — Você pode dormir no sofá.

— Prefiro dormir na minha própria cama —, disse Jono.

— Se você quer desobedecer aos Destinos, então fique à vontade. Eles não podem ficar chateados comigo se você sair daqui.

— Parece que você sabe um pouco sobre como eles trabalham. Parece que eles sabem sobre *você*.

Patrick se recusou a morder a isca nas palavras de Jono, querendo mais do que tudo mergulhar em sua garrafa de uísque. Se

Hermes tivesse voltado e roubado, eles teriam uma breve conversa sobre o cano da pistola.

As portas do elevador se abriram e Patrick saiu, andando pelo pequeno corredor que levava ao apartamento. Deixou-os entrar, acenando com a mão na direção do sofá, enquanto desenrolava a pistola e a colocava na mesa de jantar.

— A casa é sua —, disse Patrick.

Jono colocou sua bolsa no sofá, olhando o pequeno apartamento com olhos curiosos. — Poderia ser com uma atualização.

— A SOA não paga pelo serviço de limpeza ou entrega em domicílio de uma segunda cama.

Jono virou-se para olhá-lo, estudando-o com aquele olhar muito brilhante. — Que pena.

— Regra da casa número um. Mantenha seus olhos, ouvidos e nariz para si mesmo.

Jono arqueou uma sobrancelha, a boca se curvando em um sorriso fraco que era mais irônico do que qualquer outra coisa. — E se eu não fizer isso?

— Então eu acho que estarei lançando alas de silêncio toda vez que precisar ter uma conversa com alguém que não seja você.

Jono avançou, a intensidade obstinada em seu olhar prendendo Patrick onde ele estava. Ele se recusou a desistir dessa consideração poderosa, o que significava que, quando Jono o alcançou, Patrick pensou em sair da frente.

Ele não o fez.

Jono deliberadamente empurrou Patrick para trás até as costas dele baterem na parede. Ele teve que levantar a cabeça para

olhá-lo nos olhos, forçando o batimento cardíaco a permanecer firme. Jono moveu as mãos e as plantou contra a parede, colocando Patrick dentro. Tão perto que Patrick podia sentir o calor do corpo poderoso de Jono, e o leve toque de perfume misturado ao suor enquanto o werewolf se inclinava para falar em seu ouvido.

— O que você pediu no bar? — Jono murmurou, sua respiração soprando suavemente sobre a orelha esquerda de Patrick.

O arrepio que deslizou por sua espinha fez Patrick morder a língua. — Estou trabalhando.

— Eu não. — Jono se afastou o suficiente para que Patrick pudesse ver seus olhos novamente, o brilho do azul sobrenatural em seu belo rosto. — Eu não posso mais sentir seu cheiro, não como no bar. Baixe seus escudos.

— Não.

Jono se aproximou, com a cabeça baixa, os lábios pairando sobre a boca de Patrick enquanto ele lançava a voz baixa e profunda. — Baixe seus escudos, Patrick.

As palavras foram ditas com a poderosa autoridade de um werewolf alfa com linhagem divina que não estava acostumado a ouvir *não*. Patrick se manteve firme contra werecreatures mais perigosas em sua vida. Inferno, ele fugiu das demandas dos próprios deuses. Recusar as demandas de Jono era fácil.

O problema?

Patrick não queria.

A cidade de Nova York não era Maui, nem de longe, mas se Jono estivesse oferecendo, Patrick não diria não. Ele sabia que Jono queria seu cheiro por um motivo oculto - *detecção*, uma voz no fundo de sua mente sussurrou - porque ele não era estúpido. Mas os

escudos de Patrick podiam escondê-lo de qualquer coisa, até do poderoso olfato de uma werecreature.

Não havia um demônio substituindo a essência de Patrick dessa vez, quando ele largou seus escudos, apenas sua própria magia danificada com sua mancha negra profundamente marcada. Jono respirou fundo pela boca e, quando soltou, Patrick engoliu em seco.

A boca de Jono estava quente na dele, o calor irradiava entre eles enquanto Jono o aplastrava contra a parede. Patrick deixou, Jono deslizar uma perna entre as dele, uma coxa dura subindo alto para esfregar contra o pau de Patrick. Ele caiu contra a pressão, o pau endureceu quase instantaneamente, ignorando o desconforto do coldre vazio cavando a parte inferior das costas.

Tinham sido *meses* desde a última vez que ele fez sexo, e Patrick ofegou contra a boca de Jono quando dedos quentes puxaram a fivela do cinto, puxando-o um pouco nas pontas dos pés. Ele colocou as próprias mãos no cinto de Jono e, entre os dois, eles desabotoaram o jeans enquanto Patrick montava a coxa de Jono sem vergonha. A pressão do atrito era excelente e tudo o que Patrick queria naquele momento.

Contato. Calor. Alguém mais em seus braços para fazê-lo sentir-se *bem*.

Uma mão grande e quente deslizou por baixo da cueca, e Patrick arqueou o toque descaradamente, deixando sua cabeça bater contra a parede com um gemido. — Porra, me faça gozar bem aqui.

Jono riu contra sua orelha, a boca arrastando sua garganta para sugar a pele delicada de lá, respirando o cheiro que ele estava procurando. Patrick virou a cabeça um pouco para lhe dar um melhor acesso, arqueando o toque de Jono.

— É isso que você quer? — Jono perguntou.

Patrick queria muitas coisas que ele nunca conseguiu, mas ele aceitaria hoje à noite porque podia.

Ele enfiou a mão nas calças de Jono e apertou aquele pau grosso e pesado, lambendo os lábios. — Você pode ouvir as batidas do meu coração?

— Como um maldito tambor —, Jono rosnou quando ele levantou a cabeça, empurrando o toque de Patrick.

Patrick virou a cabeça, olhando nos olhos de Jono. — Eu quero isso.

A verdade em suas palavras era uma que Patrick não se importava em abrir mão.

Com um gemido, Jono puxou a mão do pênis de Patrick e o agarrou pela bunda, puxando-o em seus braços. Ele colocou as pernas em volta da cintura de Jono, passando a mão entre seus corpos para puxar o pênis dele para fora de sua cueca. Jono era *grande*, e o pensamento de ser fodido por ele fez com que a boca de Patrick salivasse, mesmo sabendo que não conseguiria isso esta noite.

Este, bem aqui, era um caso único de mútuo benefício.

Jono alinhou seus membros e começou a afagá-los. O primeiro golpe daqueles dedos quentes e apertados fez Patrick gemer. Ele inclinou os quadris para dentro do círculo dos dedos de Jono, querendo mais. Liquido seminal perolou na ponta de seu pênis, e Patrick estendeu a mão para espalhá-lo com o polegar. Seus dedos se entrelaçaram, ficando um pouco mais escorregadios, mas o atrito seco era quase demais às vezes.

— Deuses —, Patrick gemeu em um golpe particularmente duro. Ele cravou os calcanhares nas costas de Jono, insistindo para que ele se aproximasse. — Quanto tempo você pode me segurar?

— Por quanto tempo eu quiser.

Patrick não pôde deixar de rir um pouco sem fôlego, o prazer percorrendo seus nervos. — Exibido.

Jono não respondeu, apenas distraiu Patrick beijando-o com força e profundidade, roubando o ar de seus pulmões. Patrick apertou as pernas em volta da cintura de Jono, incentivando-o a se aproximar, e Jono concordou. Preso entre a parede fria em suas costas e o calor do corpo de Jono, aquela mão quente que não era sua o acariciando, Patrick não iria durar. Passar muito tempo fazendo isso sozinho significava que a borda estava ficando cada vez mais perto.

Patrick bateu uma mão contra a parede acima de sua cabeça, unhas cavando a tinta enquanto ele empurrava o aperto de Jono. — Mais rápido.

Jono olhou para ele com aqueles olhos brilhantes de lobo, mechas de cabelo grudadas na pele. Patrick foi aprisionado pelo desejo e por Jono, e cedeu aos dois de boa vontade. Jono masturbou os dois, seus pênis deslizando um contra o outro enquanto Patrick se contorcia em seus braços.

Quando Patrick veio, foi com a mão de Jono em seu pênis, a boca de Jono na sua, abafando seu grito com lábios duros. Patrick estremeceu quando seu orgasmo rolou através dele, o corpo ficou quase lânguido por alguns segundos, sustentado pela força fácil de Jono.

— Você cheira bem —, Jono murmurou contra sua boca.

E isso, Patrick sabia, era uma mentira. Ele não precisava de sentidos sobrenaturais para saber disso.

— Aposto que eu cheiraria melhor com seu esperma em mim —, Patrick murmurou, ainda não pronto para perder a sensação pós-orgasmo que diminuía rapidamente. Ele sabia que isso era coisa de werecreatures - cheiros e marcas olfativas em todas as suas formas variadas.

Jono mordeu o lábio inferior. — Vamos descobrir.

Ele usou o esperma de Patrick para deslizar em seu próprio pau. Patrick podia sentir o movimento da mão de Jono contra seu corpo enquanto se esforçava antes de gozar com um gemido, o rosto dobrado contra a curva da garganta de Patrick, o cheiro de sexo espesso entre eles.

Jono levantou a cabeça e Patrick observou quando ele levou a mão coberta de esperma até a boca, lambendo o gosto misto de ambos do polegar. O pênis de Patrick deu uma contração valente à vista, e enquanto ele estaria pronto para outra rodada sob quaisquer outras circunstâncias, ele deu a Jono o que o outro homem queria.

Uma maneira de manter o controle sobre Patrick sempre que seus escudos estivessem abaixados.

O que seria nunca.

— Coloque-me no chão —, disse Patrick, desembrulhando as pernas da cintura de Jono.

Jono manteve as mãos na bunda de Patrick até colocar os pés no chão. Patrick passou a mão na camiseta antes de agarrar o jeans, puxando-o de volta pelos quadris. Ele não se incomodou em colocar seu pênis de volta dentro da cueca.

— Você queria o meu cheiro, conseguiu —, disse Patrick, afastando-se de Jono. — Vou me deitar. Há cobertores extras no armário do corredor.

Jono não disse nada quando Patrick o deixou para trás em favor de ir ao banheiro para se limpar. Ainda segurando o jeans, ele atravessou o corredor até o quarto e fechou a porta atrás dele. Pressionou a testa contra a madeira fria, suspirando baixinho.

Essa foi provavelmente uma de suas decisões mais cagadas, fazer sexo com alguém que os deuses jogaram em seu caminho. Ainda assim, descer nos braços de Jono tinha sido a única coisa boa que lhe aconteceu hoje, por mais fugaz que fosse.

— Concentre-se no caso —, Patrick murmurou baixinho.

Porque os assassinatos precisavam de sua atenção mais do que werewolves quentes dormindo no sofá.



6



O TELEFONE DE PATRICK tocando o tirou de um sono leve. Ele automaticamente pegou sua pistola, que estava na mesa de cabeceira perto do abajur, antes mesmo de estar completamente acordado. A reação instintiva de se levantar, pegar sua arma e partir ainda não o deixou completamente depois de três anos fora do Mage Corps.

Pegando o celular em vez da pistola, Patrick olhou de soslaio para a tela. Eram 07:29. A chamada recebida era um código de área da cidade de Nova York, sem nome.

— Collins. A linha e a localização não são seguras — disse Patrick quando respondeu, a voz rouca de sono.

Uma voz feminina decididamente irritada que não era familiar para Patrick, veio pelo alto-falante. — Agente Especial Collins? Aqui é a Agente Especial Encarregada Rachel Andrita.

Patrick estremeceu, caindo de costas. — Senhora.

— Eu entendo que você passou aqui ontem para pegar as chaves da sua atribuição de moradia e não se incomodou em me avisar que você estava no local.

— Algumas coisas aconteceram.

Rachel fez uma pausa, como se esperasse que ele continuasse. Ela soltou um bufo irritado quando percebeu que ele não tinha mais

nada a acrescentar. — Espero vê-lo no meu escritório às nove em ponto.

Patrick se perguntou se seria insensível demais esperar que outro corpo aparecesse na próxima hora e lhe desse uma desculpa para não participar da reunião.

Provavelmente, ele meditou. — Entendido senhora.

— Ótimo.

Rachel desligou e Patrick jogou o telefone na cama, o cabo do carregador quase puxando-o para o chão. Esfregando a mão no rosto, ele estremeceu com o aperto no pescoço e a leve dor no peito. Sua dor de cabeça se foi, mas o lembrete da dança da noite passada com o demônio ainda não havia desaparecido completamente.

Ele saiu da cama, pegou algumas roupas da mala e foi para o banheiro. Se pressionado, ele poderia se preparar em noventa segundos ou menos, mas não estava com pressa esta manhã, principalmente por causa do ultimato de Rachel. Então, ele tomou seu tempo sob o chuveiro, deixando a água quente soltar seus músculos travados.

O que ele não daria para estar acordando em uma praia no paraíso. O apartamento nem sequer tinha café. Patrick não estava fazendo nada relacionado ao trabalho até tomar um café.

Ele se esfregou, limpando os últimos vestígios de Jono que ele carregava em sua pele. Pensar na noite passada era um território perigoso, por isso ele não o fez, recusando-se a participar de uma sessão de punheta pela manhã, porque sabia o que estaria perdendo. Era uma boa lembrança, apesar da situação.

Patrick terminou e saiu do chuveiro, se secando com uma toalha branca que parecia e se sentia como a de um hotel barato.

Vestiu um par de jeans azul escuro e uma camisa de botão amassada que imediatamente arregaçou as mangas.

O código de vestimenta da agência deveria ser um terno de negócios, mas os agentes de campo sabiam ignorá-lo com mais frequência. Patrick não estava tão interessado em correr atrás de um suspeito sobrenatural de terno e Oxfords de sola lisa em um calor de noventa graus. Ele deixou a toalha no chão do banheiro e voltou ao quarto para calçar as botas e amarrar a pistola tática e a adaga.

Quando Patrick entrou na sala, encontrou Jono deitado no chão, em vez do sofá, sem camisa, com um braço jogado sobre os olhos. O cobertor extra do armário estava emaranhado em volta da cintura, exibindo seu abdômen esculpido. Patrick parou de encarar seu telefone em favor de Jono, ociosamente se perguntando se a definição muscular dele era tão firme quanto parecia e se ele poderia verificar usando a língua.

Por razões científicas, é claro.

É uma pena não termos tirado nossas roupas na noite passada, Pensou Patrick.

Pena que não estaria acontecendo novamente.

— O que havia de errado com o sofá? — Patrick perguntou.

— Duro como uma maldita pedra —, Jono murmurou, sem se mexer.

— Você precisa se preparar. Eu tenho um lugar para estar, mas primeiro preciso de café.

— Reunião das nove horas, sim, eu ouvi.

Patrick chutou o pé descalço de Jono saindo do cobertor, recebendo dele um olhar sonolento. — Lembra da regra número um da casa? Você mantém seus olhos, ouvidos e nariz para si mesmo.

Jono obviamente deixou seu olhar percorrer o corpo de Patrick.

— Prefiro quebrar as regras como na noite passada.

— A noite passada foi uma coisa de uma vez só.

— Claro que foi —, Jono acentuou.

Patrick se recusou a reconhecer o modo como a voz profunda de Jono o afetava, optando por trancar seus escudos o mais forte possível. A julgar pela repentina carranca de Jono, o que quer que ele estivesse captando do perfume de Patrick, tinha sumido agora.

Por mais que Patrick quisesse levar Jono para a cama, seria pouco profissional e possivelmente perigoso. Ele não confiava nos deuses e no raciocínio desconhecido deles por querer que Jono ficasse. Ainda não se sabia se ele podia confiar nele.

Jono se levantou em um movimento suave, o cobertor caindo para longe de seu corpo nu. Os olhos de Patrick flutuaram para baixo, tendo uma visão do seu magnifico pênis. Ele resolutamente não pensou em como esta manhã poderia ter sido se não tivesse uma SAIC na sua bunda. Tinha a sensação de que iria gostar mais se fosse Jono.

Mandar um foda-se para Rachel para foder com Jono lhe valeria zero pontos com Setsuna. Às vezes, seu trabalho era o melhor empata foda.

— Eu não posso sentir seu cheiro —, disse Jono, entrando em seu espaço pessoal.

Patrick levantou o telefone, pressionando o botão liga/ desliga para que ambos pudessem ver a hora na tela de bloqueio. —Cinco minutos, então eu vou embora sem você.

— O Destino que Marek vê não gostaria disso.

— Eu estou pouco me lixando.

As palavras saíram duras, caindo entre eles como pedras pesadas. Jono piscou, dando um passo para trás diante da fúria repentina e intensa de Patrick que ele não podia conter. Respirando fundo, Patrick controlou sua raiva o máximo que pôde, mas ele nunca reagia bem às ordens dadas pelos deuses.

Eles sempre acabavam fodendo com ele, e não da maneira boa.

Jono olhou para ele por um momento antes de inclinar a cabeça em direção a sua mochila. — Você disse cinco minutos? Não vá embora sem mim.

Patrick não dignificou isso com uma resposta, muito irritado consigo mesmo por não policiar suas emoções. Ele era um agente melhor do que isso, mas este caso estava ficando sob sua pele. As dicas que Patrick podia ver na evidência, a presença de deuses - nada disso era bom.

Quase exatamente cinco minutos depois, Jono saiu do banheiro de jeans, camiseta cinza, botas Chukka[22] e seu cabelo preto grudado em alguma aparência estilosa. Patrick deixou-se olhar por um ou dois segundos, porque, porra, ele queria.

— Muito europeu rico —, disse Patrick.

Jono colocou óculos de sol para esconder seus olhos distintos e se dirigiu para a porta. — Olha quem fala. Vocês federais não deveriam usar ternos?

---

22 

— A última vez que vesti um terno, acabei correndo pela floresta atrás de um wendigo[23] e rasguei minhas roupas em pedaços quando desci uma encosta. Eu parei de usar ternos depois disso.

Isso aconteceu durante seu segundo caso com a SOA. Patrick voltou ao seu estilo atual de vestir depois disso, e Setsuna deixou sua escolha de roupas passar sem comentários. Patrick pegava o que podia dela e ficava feliz.

Ele trancou a porta ao sair e reforçou a proteção em volta do apartamento. Esfregou a pontada de dor no peito, a dor física ecoando a mágica em sua alma.

Patrick procurou no Google o lugar mais próximo, fornecendo comida e café enquanto Jono se preparava. O pequeno café a meio quarteirão de distância parecia uma cadeia local dedicada à arte do café, mas ninguém estava tendo tempo para se sentar em qualquer uma das pequenas mesas. A hora de pico matinal numa sexta-feira significava agarrar e ir. Quando Patrick chegou ao balcão, a mulher que anotava seu pedido não olhou para cima no iPad, dobrando como registradora.

— O que você quer? — ela perguntou.

— Café grande com duas doses de café expresso e um bagel de tudo[24] —, disse Patrick. Ele olhou por cima do ombro para Jono. — O que você quer?

---

[23] Wendigo ou Windigo é, no folclore algonquiano, uma criatura devoradora de homens ou espírito maligno nativo das florestas do norte da costa atlântica e da Região dos Grandes Lagos dos Estados Unidos e Canadá.

[24] Everything bagel é um tipo popular de bagel, que inclui uma grande variedade de coberturas; os ingredientes exatos dependem do fornecedor. O bagel em si é geralmente feito usando uma receita padrão; mas em vez de apenas uma cobertura, ele é coberto com uma mistura de cada cobertura de bagel usada na padaria. Sementes de papoila, sementes de gergelim, flocos de cebola, flocos de alho, sal de pretzel e pimenta são coberturas populares que a maioria dos fornecedores usa em um bagel de tudo.

— Café expresso duplo e dois croissants de chocolate.

A mulher bateu em seus pedidos na tela. — Para aqui ou para levar?

Patrick pegou sua carteira. — Para aqui, mas prepare as bebidas para levar.

Ele pagou com seu cartão, recebendo um recibo por e-mail para fins de reembolso e depois se afastou para aguardar o pedido. Quando chegaram, as bebidas estavam em copos de papel, embora tivessem servido a dose grátis de água com gás de Jono para acompanhar o café expresso como limpador de palato em um copo pequeno. A comida deles estava em pequenas cestas de plástico, e eles levaram tudo para a mesa vazia no canto.

Patrick sentou-se com sua comida e café, liberando uma mão tempo o suficiente para lançar uma ala de silêncio. Discretamente, desenhou o símbolo na parte de baixo da mesa, empurrando sua magia pelo ar ao redor deles.

— Viciado em doces? — Patrick perguntou, olhando o café da manhã de Jono.

— Normalmente estou dormindo agora. Achei que eu poderia usar o açúcar para alguma energia extra — disse Jono.

Patrick tomou um gole de café e depois outro. A cafeína fez um longo caminho para torná-lo um pouco menos homicida. — Quanto tempo?

— Há quanto tempo sou barman?

Patrick gesticulou com sua xícara de café no rosto de Jono. — Desde que você foi infectado.

A xícara de café expresso parou na metade da boca de Jono. — Uma pergunta meio pessoal, não é?

— Eu protegi nossa área. Ninguém pode nos ouvir agora. Sob olhar incrédulo de Jono, Patrick virou a cabeça e gritou: — Ei!

Ninguém lhes deu atenção. Patrick pegou metade do pão e deu uma mordida, olhando Jono com expectativa.

— A magia não garante privacidade —, respondeu Jono.

— Chega bem perto. Você é da linhagem divina, mesmo que não estivesse atuando nessa capacidade no PCB ontem à noite. Você perdeu o direito à privacidade no segundo em que seus olhos mudaram de cor. Sei que a papelada para imigração em qualquer lugar é péssima, mas é especialmente ruim para quem tem seu tipo de vínculo com o mundo sobrenatural. Marek puxou as cordas para trazê-lo?

— O que faz você pensar que foi Marek?

— O que ele disse ontem à noite sobre o motivo de você estar aqui. Se for esse o caso, e se os patronos dele quiserem que eu fique de olho em você, preciso de alguns antecedentes seus.

— Por que você não executa uma das chiques checagens de antecedentes de sua agência e descobre por conta própria?

— Você está sentado bem na minha frente, e estamos presos juntos por quem sabe quanto tempo, porque os imortais não sabem quando se importar com a porra dos seus próprios negócios. Este caminho é mais rápido, mas apenas se você falar.

— Eu falo se você falar.

— Desde que você não me pergunte sobre nada confidencial, então com certeza —, Patrick respondeu suavemente.

Que era, oh, quase sua vida inteira.

Jono bebeu seu expresso duplo em um longo gole antes de segui-lo com a água com gás. Ele largou o copo com um suspiro. —

Fui infectado aos dezessete anos. Eu tenho trinta agora. Transfusão de sangue ruim em um hospital após um acidente de carro na M1 enquanto voltava das férias escolares. O erro não deveria ter acontecido.

— Não brinca —, disse Patrick. — O sangue supostamente pode ser rastreado.

Os lábios de Jono se curvaram. — O fornecedor deles era um pouco desonesto. Acontece que a empresa estava fazendo um negócio paralelo saudável com o Edgware Night Court.

Patrick fez uma careta. — Vampiros fodidos.

— Eu sei. Minha mãe e meu pai me expulsaram depois de toda a bagunça, mesmo com o processo em andamento. Não suportavam ter um maldito werewolf com eles, e o bairro de Tottenham em que morávamos na época quase se revoltou quando tentei voltar para casa. Também nunca vi nem uma libra do acordo. Um monte de merda, isso foi.

— O dinheiro é um grande divisor.

Jono assentiu. — A matilha divina de Londres me permitiu ficar em seu território, mas eles nunca me aceitaram em seu bando. Eu não me dei bem com eles, e os alfas não me queriam por aí depois de um tempo. Quando Marek apareceu em Londres, há três anos, com uma oferta de emprego para administrar o bar de seus amigos, eu não disse que não. Quando saí, a matilha de Londres me exilou.

— Marek lhe ofereceu um emprego e um lugar na matilha divina da cidade de Nova York? Não achava que ele tinha esse tipo de influência.

— Não. A matilha daqui não queria ter nada a ver comigo.

Patrick olhou para Jono, pensando em todas as maneiras pelas quais as matilhas rivais poderiam tornar a vida um inferno para os cidadãos das cidades que eles reivindicaram. — E eles não te expulsaram da cidade ainda?

— Marek não vai deixá-los.

— Mais como a porra do Destino não vai deixar —, Patrick murmurou.

Jono deu de ombros expansivamente com isso. — Estou aqui, mesmo que Estelle e Youssef desejem que não. Não me importo muito com a maneira como eles negociam com as matilhas sob sua proteção, mas não é o meu lugar para discutir.

Patrick bufou, engolindo um bocado de café. — Você não me parece o tipo de cara que está disposto a ser atropelado.

— Sim, bem, sou independente. Não é possível formar uma matilha, porque isso faz parte do acordo que fiz com a matilha daqui, e seria uma luta terrível se tentasse. Então eu não vou.

As werecreatures independentes eram pessoas que ainda não haviam encontrado o encaixe certo em uma matilha, ou foram exiladas de outras que não queriam mais nada com elas. Independentes eram os menos poderosos em qualquer território, mantidos sob os olhos atentos de sua matilha divina local. Era um tipo solitário de existência.

O fato de Jono, um alfa da linhagem divina, ainda não ter formado sua própria matilha quando seus instintos deviam estar gritando com ele para fazê-lo, fez Patrick questionar o futuro que o Destino tinha visto para o britânico.

— E quanto a você? — Jono perguntou, forçando a conversa a se afastar.

Patrick deu outra mordida no pão. — O que tem eu?

— Nah, Pat. Não seja assim. Justo é justo. Você perguntou, eu respondi. Agora é a sua vez. Há quanto tempo você trabalha na SOA?

Patrick não gostava de apelidos fora dos Hellraisers, sua antiga equipe das Forças de Operações Especiais com uma inclinação sobrenatural. No momento, ele não estava com vontade de discutir com Jono sobre isso. Pelo menos era melhor que Pattycakes.

— Três anos —, disse Patrick, porque esse era tecnicamente o registro público e não era mentira.

— E antes disso.

— Confidencial.

— Besteira.

Patrick deslizou em sua cadeira e balançou a cabeça. — Não.

— Você está tirando sarro de mim?

— Cheira como se eu estivesse brincando?

— Eu não posso cheirar nem uma maldita coisa sobre você — disse Jono, parecendo profundamente irritado com esse fato.

Patrick bebeu o café antes de se levantar, inclinando-se um pouco sobre a mesa. — Ótimo.

Ele podia ver o brilho dos olhos de Jono, mesmo através dos óculos escuros. Jono olhou para ele, mas não exigiu respostas que Patrick não queria - e, em alguns casos, *não podia*, - dar. Em vez disso, ele o seguiu para fora da pequena cafeteria. Eles foram para onde Patrick havia estacionado o carro na rua e entraram. Ele deixou Jono mexer no rádio até encontrar uma estação tocando música alternativa entre o que pareciam trinta minutos de comerciais e conversas com DJs de rádio. Patrick não tinha comprado um rádio

por satélite quando conseguiu o aluguel, e não estava gastando a bateria do telefone para usar o Spotify.

— Não vou levá-lo ao prédio da SOA —, disse Patrick quando o GPS do telefone mostrou que eles estavam na metade do caminho. — Você pode me esperar no Starbucks a uma quadra de distância.

— O que eu sou? Seu pequeno segredo sujo? — Jono perguntou, parecendo surpreendentemente não amargo.

Patrick puxou o volante para a esquerda e cortou um táxi para não ficar preso atrás de um ônibus. Ele ignorou o som alto de uma buzinada agressiva atrás deles. — Não. O escritório da agência aqui não precisa saber sobre você. Não é da conta deles o que um vidente me manda fazer.

— Você trabalha para a Agência de Operações Sobrenaturais. Como a visão de Marek não é da conta deles?

— Não sendo —, disse Patrick, cortante.

Jono abandonou o assunto, mas o silêncio tenso de seu lado do carro não desapareceu. Quando Patrick parou rapidamente em um ponto de ônibus perto do Starbucks, Jono não saiu imediatamente.

— Era suposto que eu deveria ficar com você —, disse ele.

— Se um caçador de almas atravessar o véu no meio de um edifício SOA, ele não terá apenas que lidar comigo, mas todos os outros que usam o distintivo e são magicamente inclinados.

— E se vier atrás de mim?

— Fuja.

Jono balançou a cabeça antes de sair do carro. — Nesse caso, eu poderia ter dormido até tarde no seu apartamento.

A porta do carro bateu com força suficiente para sacudir o veículo inteiro. Patrick assistiu Jono se afastar por alguns segundos, olhando demoradamente para bunda dele, antes de pisar no acelerador novamente e parar no trânsito.

Não demorou muito para chegar ao prédio da SOA. Desta vez, ele estacionou na garagem adjacente e entrou, sendo liberado pela segurança através de máquinas e meios mágicos. Patrick acenou para a recepção além dos portões de segurança. Era administrado por alguns membros da equipe de secretariado que lidavam com o fluxo de visitantes que não eram empregados pelo governo federal e aqueles que estavam de passagem.

— Estou aqui para ver Rachel Andrita —, disse Patrick em saudação.

A mulher não desviou o olhar da tela do computador. — ID, por favor.

Patrick entregou seu distintivo na carteira dobrada. Os olhos dela passaram da imagem no cartão de identificação dele e do número do agente no distintivo de metal para o rosto duas vezes antes que ela parecesse satisfeita. — Trigésimo andar. A assistente dela vai estar esperando para recebê-lo.

Patrick pegou o elevador designado com um grupo de pessoas em ternos e conjuntos de saia, todos eles mal dando uma segunda olhada. Várias paradas depois, ele desceu no trigésimo andar e foi até o escritório da esquina de Rachel, depois de receber instruções da recepcionista. Uma mulher de trinta e poucos anos estava sentada do lado de fora do escritório de Rachel, em uma mesa surpreendentemente desorganizada, digitando em um teclado com movimentos rápidos e usando um fone de ouvido com viva-voz.

— Sente-se —, disse ela, sem levantar os olhos. — Sra. Andrita sabe que você está aqui.

Patrick arqueou uma sobrancelha para a aspereza, mas não discutiu. Se essa mulher fosse qualquer coisa como Brianna, assistente executiva de Setsuna, ela não deixaria ninguém entrar no santuário interno de seu chefe sem permissão, independentemente do status deles. Então ele se sentou do lado de fora em uma cadeira e esperou.

Exatamente às nove horas, a assistente de Rachel levantou-se para abrir a porta do escritório. — Ela vai te ver agora.

Patrick levantou-se e foi encontrar a Agente Especial da SOA encarregada da cidade de Nova York.

O escritório dava para a rua em vez da lateral de um prédio vizinho. As proteções ao redor do espaço o lembraram das do escritório de Casale, só que mais fortes. Patrick examinou a sala automaticamente, verificando as condecorações e diplomas pendurados na parede e nas estantes que realmente continham livros em vez de bugigangas decorativas.

O espaço tinha aquela sensação monótona que todas as agências do governo pareciam ter hoje em dia: todos os móveis combinavam com cores opacas, as paredes eram pintadas de branco ou bege e a iluminação de halogênio fazia os olhos das pessoas tremerem até o final do dia de trabalho. Não era um lugar que Patrick gostaria de trabalhar.

Rachel não se levantou nem ofereceu a mão em saudação quando Patrick se aproximou de sua mesa. Ela apenas observou sua aparência com olhos castanhos frescos. — Sua vestimenta deixa algo a desejar.

— A diretora nunca teve problemas com a maneira como me visto para o campo, senhora —, respondeu Patrick suavemente.

Como ela não tinha oferecido um assento, ele tomou um de qualquer maneira. O olhar estreito que ela lançou a ele disse a Patrick que esta reunião seria terrivelmente ruim.

Porra de políticas, cara.

Rachel se inclinou para frente em seu assento de couro, toda negócios. Os cabelos loiros cor de mel estavam presos no rosto em um coque frouxo que roçava a gola da blusa de seda. Em seus quarenta e poucos anos, mas parecendo pelo menos dez anos mais jovem, Rachel era uma bruxa orientada para a carreira que tinha feito a escalada na SOA seu objetivo de vida. O fato de ela ainda não estar em uma mesa em Washington DC com um título que carregava mais peso não significava que ela não estava buscando uma promoção.

Patrick sabia que esse caso ficaria bem em seu currículo, se ele tivesse permanecido em seu escritório. Então ele não ficou surpreso quando a primeira coisa que Rachel abordou foi a transferência.

— Entendo que a diretora Abuku achou necessário enviar alguém da Divisão de Resposta Rápida, mas esse caso já dura seis meses e o PCB estava lidando com isso principalmente com a nossa ajuda. Serei franca, Collins. Realmente não acho que sua presença seja necessária e informei a diretora como tal ontem à noite — disse Rachel.

— Tenho certeza de que a diretora aceitou sua sugestão —, respondeu Patrick com a voz neutra que aperfeiçoara nas forças

armadas ao lidar com oficiais superiores incompetentes - do ponto de vista dele.

— Eu entendo que houve uma briga em um bar na noite passada. O que aconteceu?

— Eu realmente não posso dizer, senhora.

Rachel bateu as unhas perfeitamente cuidadas contra o carvalho duro de sua mesa. — Essa resposta é inaceitável. Estamos todos no mesmo time aqui, Collins.

— É uma investigação ativa, e eu me reporto a diretora, não a você. Se você quiser ler o caso daqui para frente, precisará da autorização da diretora Abuku.

Rachel não demonstrou irritação pelo fato de seu pedido ser negado, uma prova de sua capacidade de ajustar seu comportamento. Patrick se perguntou por que uma SAIC estava tão interessada em um caso formalmente designado para uma bruxa de nível inferior que Rachel não tinha olhado duas vezes. Somente quando foi tirado de suas mãos, metaforicamente falando, ela começou a levantar um alarido.

— Entendo que o chefe Casale tinha planos de procurar respostas de um vidente. Essa reunião já ocorreu?

Os sinos de aviso soaram altos e claros na mente de Patrick nessa pergunta. Tanto quanto ele sabia, o encontro de Casale com Marek não havia sido telegrafado.

Ele mentiu.

— Eu não tenho certeza.

— Nós dois sabemos que o bar em que você esteve ontem à noite é afiliado a Marek Taylor, um vidente que o governo mantém sob controle. Ele teve uma visão ou não? — perguntou Rachel.

— Novamente, você precisará discutir isso com a diretora.

Rachel sentou-se e tocou algumas teclas do teclado, olhando para o monitor. — Se a cidade estiver disposta a gastar tanto dinheiro com um vidente, acho que meu escritório deve estar mais do que envolvido. Quando isso acabar, você estará a caminho novamente e nós, agentes em Nova York, ficaremos para juntar as peças. Você tem uma tendência a danos colaterais em campo. Não me sinto confortável em ter você como representante do meu escritório. Quero atribuir-lhe um parceiro.

Patrick lutou contra uma careta. — Não.

— Desculpe-me? — Rachel disse bruscamente.

— Senhora, o caso não está mais sob a alçada do seu escritório. Agora está sendo tratado por DC, o que significa que é meu. Eu não faço parceria e você não tem autoridade para alterar os parâmetros de como eu administro as coisas.

— Entendo. — Rachel cruzou as mãos sobre a mesa e olhou para ele. — A obstrução é como você normalmente administra as coisas? Esse é o procedimento operacional padrão para sua divisão?

Patrick não se moveu um centímetro sob o olhar dela. — Isso não é obstrução. Sou eu a seguir minhas ordens, que são da diretora que ambos servimos. Se você tiver algum problema com isso, acerte com ela.

O impasse durou pelo menos um minuto antes que Rachel quebrasse o concurso de encarar com uma manobra por falsa preocupação. — Todo agente de campo é obrigado a ter um parceiro. O fato de você não fazer isso é preocupante.

— Eu não preciso de um.

Patrick poderia ser um membro da equipe e estivera no Mage Corps, cercado por pessoas treinadas como ele para lidar com magia e demônios em uma zona de guerra. Ele sentia falta da equipe antiga mais do que o terapeuta sabia, mas os que restavam estavam ficando sombrios agora e ele não ouvia falar deles há meses. Entrando na SOA quando recrutado inicialmente, ele tentou trabalhar com um ou dois parceiros nas primeiras semanas depois de sair do fundo de uma garrafa e de pensamentos suicidas.

Não terminou bem.

Setsuna foi quem transferiu seu último parceiro e afirmou seu status solo nos registros. Patrick trabalhou seus casos sozinho por causa dos deuses que ele nunca poderia superar. Ele não precisava submeter outra pessoa à sua vida de merda.

— Trarei minha preocupação a diretora novamente. Quero ser informada sobre todas as novas pistas, à medida que elas surgirem — disse Rachel.

— Vou manter esse pedido em mente.

O tique fraco no canto da boca de Rachel disse a ele que sabia que ele estava apenas dizendo algo. — Conversaremos mais tarde, Collins. Esta reunião acabou.

Patrick inclinou a cabeça na direção dela. — Senhora.

Ele deixou o escritório dela sentindo como se tivesse um alvo nas costas. Patrick não conseguia sair do prédio e entrar no carro rápido o suficiente. Jogando-se atrás do volante, ele bateu a mão no teto do carro, protegendo o veículo com uma ala de silêncio, apesar da picada que vinha com o uso de sua magia agora.

Ele pegou o telefone e destravou, passando para os contatos. Seu polegar pairou sobre o nome de Setsuna antes que ele suspirasse

e batesse de volta no teclado. Patrick digitou uma série de números, deixando a chamada tocar três vezes antes de desligar. Ele repetiu isso mais duas vezes antes de esperar trinta segundos e ligar mais uma vez.

Setsuna atendeu no primeiro toque.

— Linha e localização são seguras — foram as primeiras palavras que saíram da boca dela.

— Fui pressionado para manter Rachel atualizada sobre o caso —, disse Patrick.

— Não.

— Eu não estava planejando isso antes, e definitivamente não estou planejando agora. O que está acontecendo, Setsuna?

— Eu queria que você formasse sua própria opinião sem a minha influenciar a sua.

Patrick congelou, olhando para os assentos vazios no carro estacionado lado a lado com o dele. Parecia que alguém tinha derramado água gelada em sua espinha. — Você não confia nela.

— Não confio em muitas pessoas e ainda estamos limpando a casa.

— Você está limpando a casa desde que eu era criança.

— Você sabe por quê.

Patrick xingou, fechando os olhos. Sim, ele sabia, e esse era o problema. Ele se inclinou para a frente e apoiou a testa no volante. — Você acha que Rachel pertence à Seita Dominion.

— Acho que este caso foi adiado de propósito por seis meses. Foi uma sorte que o escritório de DC tenha recebido o apelo do PCB da cidade de Nova York.

Patrick pensou em Marek e sua incapacidade de ter visões claras no momento. Ele pensou nos Destinos que achavam conveniente prender Patrick com um werewolf. Ele pensou nos sinais gravados nos mortos, no aviso sinistro de Hermes e na atenção muito afiada de uma bruxa que deveria estar do lado deles.

As próximas palavras que saíram de sua boca pareciam vidro, cortando profundamente. — Você acha que é Ethan.

O silêncio de Setsuna falou volumes.

A Seita Dominion tinha muitos nomes ao longo dos séculos, mas sua prioridade número um sempre permaneceu a mesma: a subjugação dos deuses e a remoção do véu entre os mundos. Usuários mágicos desonestos de todos os credos que pertenciam ao grupo sombrio viviam vidas duplas, assim como seus muitos seguidores humanos. Encontrar algum deles era difícil. Os superiores raramente cometiam erros, mas quando cometiam, esses erros eram brutais para todos os envolvidos.

A mãe de Patrick nunca soube realmente a verdadeira natureza da família com a qual se casou. Essa cegueira custou a Clara Patterson sua vida quando Patrick tinha oito anos e Ethan Greene a assassinou.

Custou mais a Patrick.

Ele se inclinou sobre a divisória do banco da frente e abriu o porta-luvas, retirando o maço de cigarros que havia escondido lá ontem. Dane-se a política de não fumar no carro alugado; ele pagaria a maldita taxa de limpeza.

Pegando um cigarro com os dentes, ele acendeu o fim com um pouco de fogo magico queimando na ponta dos dedos. Ele enfiou a chave na ignição e girou-a apenas o suficiente para obter energia, de

modo que ele pudesse abrir a janela e jogar as cinzas pela pequena abertura.

— Lide com este caso como você faria normalmente —, Setsuna finalmente disse, quebrando o silêncio depois que ele fumou metade do cigarro. — Vou enviar outro e-mail para Rachel sobre sua interferência.

— Faça uma ligação —, disse Patrick.

— Isso será tratado.

Seus lábios se curvaram com isso, sabendo muito bem como Setsuna lidava com esse tipo de merda - enviando Patrick. Só que desta vez, ela não poderia usá-lo. — E meu reforço?

— A caminho.

— Quem vem?

Setsuna desligou sem responder. Patrick se perguntou exatamente quem ela escolheria enviar como ajuda, se ela não se arriscaria a dizer o nome deles em voz alta, mesmo em um telefone descartável. Nenhuma das escolhas em que ele conseguia pensar era boa.

— Ouvi dizer que fumar vai te matar.

Patrick tinha um globo mágico na mão, queimando com magia crua, antes que seu cérebro reconhecesse o som entediado da voz de Hermes vindo do banco do passageiro.

— *Fodido* deus do caralho — Patrick grunhiu, olhando para o imortal. — Você realmente tem que continuar aparecendo assim?

— Aww, Pattycakes. Eu assustei você? — Hermes falou, um sorriso desagradável na boca. — Você deve cuidar das suas costas.

Patrick apagou o globo e enfiou o cigarro entre os lábios, aspirando uma nuvem de fumaça. — Você tem algo que vale a pena

me dizer, ou simplesmente apareceu para me irritar porque está entediado?

Hermes levantou um pé e colocou no painel, seu sujo Doc Martens[25] arrastando no interior preto. O joelho dele saia do buraco em seu jeans preto, mostrando uma ou duas crostas. — Tenho uma mensagem para você.

— Da próxima vez, por que você não liga?

— Para você poder me ignorar? Onde está a graça nisso, Pattycakes?

Patrick arqueou uma sobrancelha, como se a resposta não fosse óbvia. — O que você quer?

A mão de Hermes disparou rápido, arrancando o cigarro quase acabado da boca de Patrick. Ele deslizou entre seus próprios lábios, respirando fundo para queimar até o filtro. A fumaça saiu do nariz e entre os dentes. Hermes o esfregou no console entre eles, sujando cinzas em volta do porta-copos.

— Isadora Cirillo quer se encontrar com você. Arranje tempo para ela — disse Hermes.

— Como você conhece a esposa do gerente de fundos desaparecido?

Os olhos castanhos dourados de Hermes ficaram derretidos. — Como você acha?

---

25 

O imortal desapareceu, deixando apenas fumaça para trás. Patrick olhou para o banco do passageiro vazio, as palavras de Hermes ecoando em seus ouvidos, a ameaça inconfundível.

— Malditos deuses e seus malditos jogos —, Patrick murmurou, pegando seu maço de cigarros novamente.

Um dia desses, eles seriam a morte dele.



1



JONO PEGOU SEU CELULAR, apenas ouvindo enquanto Patrick partia atrás dele. Xingando baixinho, ele discou rapidamente para Marek enquanto estava do lado de fora do Starbucks. A linha tocou algumas vezes antes de Marek finalmente atender.

— Sim? — Marek respondeu, parecendo preocupado. — Jono? Por que você não está dormindo?

— O mago idiota me deixou na Starbucks —, Jono rosnou.

— O quê?

— Ele tem uma reunião na SOA. Não quis me levar com ele.

— Cara, eu *não* quero ter outra enxaqueca. Você está a salvo?

Jono examinou o perímetro através dos óculos de sol, apontando todos os funcionários de escritório com bastante facilidade pela visão e pelo perfume. Ele não conseguia cheirar nada fora do comum, mas a magia sempre era uma coisa difícil de se defender.

— Não posso dizer com certeza.

O demônio no bar na noite passada parecia humano até o momento. Destacando-se ao ar livre como esse, os dentes de Jono estavam no limite, mas se esconder dentro do Starbucks não seria muito melhor. Pelo menos aqui fora, se ele tivesse que fugir como Patrick havia sugerido, ele não estaria encaixotado.

— Por que você não liga para um Uber e vem tomar café conosco?

— Patrick me disse para esperar.

Marek bufou. — Desde quando você ouve alguém, ainda mais um mago?

Jono suspirou pesadamente, narinas queimando com a lembrança do aroma amargo do mago em questão. O interesse de Patrick estava lá no bar e continuou no apartamento. Antes que Jono soubesse o que o outro homem era, ele gostou do que viu do outro lado do balcão do bar.

Patrick era todo músculos magros e mãos calejadas, com uma inclinação arrogante na cabeça e cabelos ruivos que Jono se contorcia para colocar os dedos e dar um bom puxão. Ficar de olho em Patrick no bar na noite passada fez Jono desejar que ele não estivesse trabalhando, porque ele não se importaria de levar Patrick para casa e absolutamente *destruir* ele.

Então o demônio apareceu, e Patrick mostrou o que ele realmente era, e Jono esperava que o cheiro de desejo no bar fosse falso. Usuários de magia, ele aprendeu ao longo dos anos, eram uma leitura difícil, mas os aromas nunca mentiam. É por isso que Jono tentou seduzir Patrick um pouco na noite passada - porque ele queria, mas principalmente para que ele conhecesse Patrick em qualquer lugar apenas pelo cheiro.

Jono não teria pressionado por sexo assim se ele não acreditasse que o que ele oferecia não era correspondido. Ele não era do tipo de forçar as pessoas, ou forçar a obediência nelas, não como alguns membros da matilha divina que ele poderia nomear. Mas então o maldito bastardo foi e se protegeu como nenhum outro

usuário de magia que ele já havia encontrado antes, e Jono não podia cheirá-lo.

O enlouquecia, e ele nem sabia dizer o porquê.

— Desde que seus malditos patronos me ordenaram que ficasse com ele —, Jono finalmente disse.

Se houvesse mais alguém dando a ordem, Jono teria dito a eles para se foder e fazer o que ele queria. Sua classificação como um alfa com linhagem divina - que era ridículo em alguns dias, considerando que ele não tinha matilha - significava que havia poucas coisas no mundo que poderiam fazê-lo obedecer.

Mas deuses?

Jono sabia uma coisa ou duas sobre deuses e os castigos que eles poderiam aplicar por desobediência. Se eles queriam que ele seguisse Patrick como um fantoche irracional, ele o faria, não importava o quanto isso irritasse, apenas para salvar sua própria pele.

Isso não significava que ele tinha que gostar.

Marek suspirou. — Eu sinto muito Jono. Sinto muito mesmo.

— Ele é o motivo de você me trazer aqui? — Jono fez a pergunta novamente porque ele não conseguiu se conter. Ele olhou fixamente para a rua e os carros passando. — Para os Estados Unidos?

— Quero dizer que sim, mas não sei — foi a resposta honesta de Marek, como sempre era quando Jono procurava respostas. —Eu gostaria de poder ver isso para você.

Ele nunca foi capaz, o que Jono sempre achou estranho. A oferta de emprego de Marek três anos atrás e a promessa de algo mais no futuro tinham sido a tábua de salvação que Jono precisava

na época. Sair de Londres fora doloroso - era seu lar e sempre seria - mas não era mais acolhedor. *Ele* não era mais bem-vindo.

A cidade de Nova York não tinha sido muito melhor, com Estelle e Youssef procurando uma desculpa para exilá-lo de seu território. Apenas a posição de Marek como vidente, impulsionada pelo Destino, mantinha os alfas sob controle. Eles ainda negaram a Jono um lugar na matilha deles e o proibiram de formar o seu próprio território.

Ser uma werecreature de classificação independente era uma merda *terrível*.

Jono fechou os olhos por um segundo, esfregando a boca. — Você me prometeu-...

Ele parou, não querendo expressar o único desejo que tinha desde que acordou no hospital em Londres na mesa de operações, veias em chamas, gritando quando seu corpo se transformou em algo novo.

Ele queria uma família. Um lar.

Uma matilha.

— Eu sei o que prometi a você —, disse Marek em voz baixa. — Eu gostaria de poder dizer que toda essa bagunça é a sua resposta, mas o mago não é uma werecreature.

— Nem você, meu amigo.

— Sim, mas você confia em mim. Eu não confiaria em um mago trabalhando para a SOA nem se minha vida dependesse disso.

Jono revirou os olhos. — Isso já aconteceu, lembra?

Marek fez um som irritado. — Ele é um idiota.

— É verdade, mas o cara tem uma bunda legal.

— Você transou com ele? — ele ouviu Emma gritar ao fundo, captando facilmente a voz dela com a audição sobrenaturalmente aprimorada.

— Eu tenho a essência dele, se é isso que você está perguntando.

Marek soltou um grito surpreso antes que houvesse uma briga e a voz de Emma veio mais claramente através do celular. —Sério, Jono? *Sério?*

Jono deu de ombros, mesmo que ela não pudesse ver. — Teria feito assim mesmo antes que eu soubesse que ele era um mago.

— Ugh —, ela gemeu. — Não pegue clientes. Isso é uma *regra*.

— Essa é a sua regra, amor. Não minha.

Ambos sabiam que era uma regra apenas de nome. Emma nunca lhe diria o que fazer, e não o fez durante o seu emprego no bar como gerente. Ela e a sua matilha quase se sentiam como se fossem dele, mas não eram.

Não podiam ser realmente.

Isso não a impedia de ser sua amiga.

— Venha tomar café conosco. Leon está fazendo chilaquiles[26].

O estômago de Jono roncou com o pensamento de comida, especialmente se Leon estivesse cozinhando. — Eu deveria ficar.

— Se ele te deixar na mão, eu vou chutar o traseiro dele por você.

— Eu posso chutar meus próprios traseiros, Em.

— Deixe-a se divertir —, Leon gritou ao fundo.

Jono riu. — Vou trazer o dinheiro da fiança.

[26] Chilaquiles é um prato típico da culinária mexicana, feito de tortillas partidas em pedaços e fritas, e servidas numa salsa, que pode ser mais ou menos picante, verde ou vermelha.

— Marek da cobertura —, Emma respondeu. — Vantagens de ser o melhor amigo de um bilionário.

Ela não reconheceu o fato de que ela e Leon eram multimilionários agora que a PreterWorld era uma empresa de capital aberto. Eles podem não viver como se fossem podres de ricos, mas tinham dinheiro. Eles possuíam um andar no prédio de Marek, e Jono gostava de passar um tempo lá com eles.

— Você vai reabrir o bar hoje à noite? Precisa de mim no turno para gerenciar? — Jono perguntou.

— Depende se conseguirmos limpá-lo a tempo. O PCB terminou de processar a cena ainda esta manhã e temos acesso novamente. Casale atribuiu a Marek um feiticeiro para proteção. Vamos passar por Tempest depois do café da manhã e verificar os danos, ver se o garoto pode fazer algo a respeito.

— Ele é realmente um garoto?

— Feiticeiro bebê, e ele é filho de Casale.

Jono estremeceu. — Puta merda!

— É. Vamos ficar de olho nele. Não seria bom para nenhum de nós se Tyler morresse.

— Muito certo. — Jono lutou contra um bocejo. — Vou tomar um café. Eu te ligo mais tarde.

— Você é o melhor.

Emma desligou e Jono colocou o celular no bolso de trás antes de entrar no Starbucks. Ele não sabia quanto tempo a reunião de Patrick levaria, mas se ele não tivesse mais cafeína nele, Jono não seria adequado como companhia no mundo humano *ou* sobrenatural.

Jono sentou-se em uma das mesas perto da janela para ficar de olho na rua para o carro de Patrick depois que ele tomou seu café. Na loucura da noite anterior e no humor irritado em que Patrick acordara, nenhum dos dois se lembrara de trocar números. Então Jono bebeu seu café lentamente e manteve sua atenção na rua. Ele estava quase terminando o café quando viu o carro preto estacionar no meio-fio.

Terminando o resto de sua bebida, Jono jogou o copo na lixeira ao sair. Ele abriu a porta do carro e entrou, o nariz tremendo com o cheiro de fumaça e nicotina, e uma queimadura elétrica subjacente remanescente do tipo que às vezes emanava de Marek. Ele se perguntou sobre isso, especialmente na ausência do cheiro amargo de Patrick.

— Pensei que você não deveria fumar aqui? A reunião foi tão mal assim? — Jono perguntou.

— Foi. — foi a resposta curta de Patrick quando ele entrou na rua.

Jono olhou-o por cima dos óculos escuros. — Eu posso ver isso.

A boca de Patrick se curvou em uma careta, e a atenção de Jono permaneceu em seus lábios macios. Ele não se importaria de vê-los enrolados em seu pênis. Por mais divertida que tenha sido a noite passada, terminou cedo demais para o gosto de Jono.

Patrick disparou pelo cruzamento sob uma luz amarela. —Você pode me colocar no Tempest?

— Eu tenho as chaves —, disse Jono lentamente. — Por quê?

— Eu preciso ver a cena do crime.

— A polícia já terminou a limpeza.

— Eu não sou da polícia. Você pode me colocar dentro ou não?

— Sim, Pat. Eu posso.

— Bom. Significa que não preciso abrir a fechadura.

Jono levantou os quadris o suficiente para tirar o celular do bolso e digitou a senha. Ele entrou em suas mensagens de texto e pegou o nome de Marek, digitando uma mensagem.

Indo para Tempest com Patrick.

A resposta de Marek foi imediata. *É melhor o Sr. Traseiro bonito não fazer uma bagunça como na noite passada.*

Jono bufou baixinho e teria respondido, exceto se ele não tivesse recebido uma notificação na barra de status de outra mensagem. Ele voltou à fila e acessou a conversa em grupo entre ele, Emma, Leon, Marek e Sage.

Estelle e Youssef ligaram. Eles querem ver o bar, então nós os encontraremos lá, Emma havia mandado uma mensagem.

Quando? Jono mandou uma mensagem de volta.

30 minutos.

— Merda —, ele murmurou.

— O que houve agora? — Patrick perguntou.

— Os alfas da matilha divina estão chegando.

— Para o bar?

— Sim.

— Quando?

Jono verificou a hora. — Daqui meia hora.

Patrick emitiu um som ofendido no fundo da garganta e começou a dirigir como um piloto de Fórmula 1 até o bar. Quando estacionou no local reservado de Marek nos arredores do Tempest, Jono teve que tirar a mão do painel.

— Você dirige como um maldito maníaco —, Jono disse a ele.

Patrick arrancou as chaves da ignição e saiu. — Vamos.

Jono saiu do carro e liderou o caminho para a porta da frente. O nome do bar estava escrito numa placa de madeira do outro lado da fachada, com as letras propositadamente envelhecidas. Tempest recebeu o nome da matilha de Emma, um ponto de orgulho para eles. Marek havia financiado sua abertura há alguns anos, mas Emma e Leon eram os donos do local, apesar de também trabalharem para a PreterWorld. A única vez que Marek tomou uma decisão de contratação foi quando se tratava de Jono. Emma e Leon não protestaram contra, oferecendo a Jono o cargo de gerente do bar três anos atrás.

Jono abriu a porta da frente, deixando os dois entrarem. Sobrescrevendo o habitual cheiro persistente de álcool e suor, havia um cheiro sulfúrico que Jono quase conseguia sentir no fundo da garganta. Isso fez seu nariz tremer. Além desse cheiro, o bar estava uma bagunça, tanto do ataque quanto da presença da polícia depois.

— Você se importa se eu arrumar as coisas um pouco? — Jono perguntou.

Patrick acenou para ele. — Tudo bem.

Jono assentiu e caminhou até a parte de trás do bar, onde o armário de material de limpeza ficava perto do banheiro. Ele pegou alguns trapos e um borrifador de limpeza em uma prateleira de metal e começou o processo de higienizar as mesas e o balcão do bar. Jono ficou de olho em Patrick, observando enquanto ele passeava lentamente pelo local onde as cinzas do demônio haviam sido espalhadas.

Quando Patrick chamou um globo mágico, os pelos da nuca de Jono se arrepiaram. Aquele perfume amargo que ele sentiu na noite passada atingiu seu nariz, o sabor dele brotando em sua língua por uma fração de segundo.

Magia, pensou Jono, mesmo que não cheirasse como nenhuma magia a que estivesse acostumado.

Ele parou a limpeza para assistir Patrick trabalhar, tendo visto apenas um mago fazendo mágica algumas vezes antes. Nenhuma palavra foi dita, nenhum círculo desenhado, nenhum artefato usado - apenas pura teimosia e o poder bruto de uma alma alimentada pelo poder mágico de dobrar à sua vontade.

Jono honestamente não conseguia desviar o olhar.

O globo flamejante lançou uma luz pálida e azulada no rosto de Patrick enquanto pairava perto de seu ombro. A cor não era tão intensa quanto Jono estava acostumado a ver em magia, e ele se perguntou sobre isso. Patrick pegou o globo nos dedos e jogou-o no chão onde o caçador de almas havia morrido. A magia se arrastou pelo chão para recriar o contorno onde as cinzas haviam se assentado na noite passada. Patrick parecia olhar através de tudo, através de Jono, para as coisas que só ele podia ver.

— O que está procurando? — Jono perguntou.

— Respostas.

Quando nada mais saiu de sua boca, Jono se ocupou em organizar o bar novamente. Patrick fez o que queria, enquanto Jono fez o seu trabalho. Ele estava na metade da limpeza das áreas de trabalho atrás do bar quando sua audição sobrenaturalmente aprimorada captou o som de vozes familiares na rua. Ele manteve

uma orelha atenta para quando os outros chegariam, então colocou o copo sujo que estava segurando na lixeira.

— Marek e os outros estão aqui —, disse Jono.

Patrick, que geralmente o ignorava, virou a cabeça. — Marek está aqui? Aquele maldito idiota deveria ficar em casa atrás da barreira que eu construí.

Ele parecia chateado, como o gatinho molhado que Jono encontrou uma vez amontoado em uma escada no quarteirão em que ele cresceu. Jono não achou que fosse uma opção acalmar Patrick do jeito que ele tinha feito com o gatinho e um pires de leite, mas ele ainda tentou.

— Você quer uma cerveja? — Jono perguntou, gesticulando para a variedade de cervejas na torneira.

— Só se eu puder jogá-la na cabeça de Marek.

Lá se foi essa ideia.

Patrick passou a mão pelo ar, e a magia que ele estava controlando desapareceu como se nunca tivesse existido. Jono saiu de trás do balcão quando alguém destrancou a porta da frente e a abriu.

Marek entrou primeiro, mantendo a porta aberta para todos os outros. Os olhos de Jono seguiram o pequeno grupo, saltando de Emma, Leon e Tyler para os alfas da matilha divina e seu dire. Jono forçou a carranca com a qual ele queria muito cumprimentá-los. Desde que chegou aos Estados Unidos, ele esteve em desacordo com a matilha divina da cidade de Nova York por mais razões do que apenas a recusa proposital em deixá-lo se juntar à matilha.

Nicholas Kavanaugh se afastou, cedendo espaço aos seus alfas. O dire da matilha divina, essencialmente uma posição mantida

por um membro leal que aplicava as ordens de seus alfas, era um papel tradicional geralmente preenchido por imbecis na experiência de Jono. O olhar que Nicholas deu a ele foi cheio de desprezo, mas Jono deixou escorregar como água, voltando sua atenção para os alfas.

Estelle Walker tinha trinta e cinco anos e tinha nascido werewolf. Seus brilhantes olhos de lobo âmbar estavam em um rosto em forma de coração, cabelos castanhos ondulados roçavam seus ombros, e seu corpo magro se movia com uma graça ágil que não era humana. Youssef Khan era seu marido de quarenta anos, casados a cinco anos, embora os dois estivessem juntos há vários anos antes disso. Jono pensou que era devido às manobras de poder - eles lutaram para assumir a matilha seis anos atrás em um desafio e foram bem-sucedidos - mas os dois tinham afeição um pelo outro.

Cuidar um do outro não significava que eles se importassem com o bando sob sua tutela. Jono não gostava da linha dura que tinham estabelecido para o dízimo da matilha, nem quão alto eles tinham levantado esses dízimos para começar com o início de seu governo. Esse tipo de abuso financeiro havia garantido que a maioria das matilhas não tentava revidar, embora tivessem pouca sorte com a matilha Tempest. Emma, apoiada pelos bilhões de Marek, sua própria riqueza e os conhecimentos jurídicos de Sage, havia criado uma rebelião silenciosa e teimosa que a matilha divina não podia combater completamente por medo de derrubar o governo federal.

A posição de Marek como vidente deu a Emma uma influência que ninguém mais tinha, e ela a usou impiedosamente para cuidar das pessoas que ela podia na comunidade de werecreatures. Jono sempre a admirava por isso, mesmo quando se irritava com suas

próprias restrições sob o contrato da matilha que lhe permitia permanecer na cidade de Nova York.

Jono foi para o lado de Patrick quando os alfas se aproximaram, recusando-se a mostrar sua garganta no ato tradicional de saudação e deferência. Sua recusa foi notada, como sempre.

— Eu entendo que você está assumindo liberdades com uma classificação que você não tem —, Estelle disse a ele com uma voz gelada.

Jono encontrou a atitude antagônica dela com um sorriso duro, sentindo a pesada mudança de dentes ao longo de suas gengivas enquanto afiavam. — Eu fui testemunha, e Marek precisava do apoio da matilha.

— Você deveria ter nos chamado.

— Não foi minha decisão.

— Casale sabe que você não é um dos nossos. Ele excedeu sua autoridade.

— Sinto muito, você tem um distintivo? — Patrick perguntou, parecendo irritado. — Porque Casale não excedeu nada, e esse problema não diz respeito a você.

— O PCB deve nos chamar como representantes daqueles que estão no bando para garantir seu anonimato. Seu chefe não está fazendo o trabalho dele — replicou Youssef.

Patrick tirou o distintivo do bolso de trás e o abriu. — Eu não estou com o PCB.

Estelle e Youssef continuaram da maneira que apenas werecreatures podiam. Jono observou seus brilhantes olhos âmbar fixarem-se na identificação e ele podia praticamente *ver* o momento

em que perceberam que não estavam lidando com a polícia de Nova York.

Patrick fechou a fina carteira de couro e a guardou no bolso. — Você pode fazer exigências o quanto quiser, mas sua suposta autoridade não existe comigo ou com a SOA. Este caso não é da sua conta, então dê o fora.

Youssef sacudiu a surpresa, estreitando os olhos. — Não fomos informados de que a SOA havia assumido o caso.

— Que parte de não é da sua conta você não entendeu?

— É da nossa conta quando envolve werecreatures sob nossa proteção.

Patrick apontou o polegar na direção de Jono. — Pelo que entendi, Jono não tem uma matilha e ele não faz parte da sua. O que significa que ele não é da sua conta, da mesma forma que Marek não é por causa de seu status. Eles são os únicos dois com quem estou lidando como testemunhas agora, então seu argumento ainda é um monte de besteira.

Youssef deu um passo à frente, mas foi impedido de ir mais longe do que isso pela mão de Estelle em seu braço. Ela estudou Patrick por alguns segundos antes de mudar sua atenção para Jono.

— Você não fala por nós ou pelo bando em nosso território —, disse ela friamente.

— Eu sei —, disse Jono, tentando manter a frustração fora de sua voz.

— Nicholas ficará com o bando Tempest para atuar como ligação com as autoridades durante este caso. Você deve evitar se comunicar com qualquer matilha envolvida no ataque que aconteceu ontem à noite, Jono.

— É como se você fosse surda, quando eu sei que você tem uma audição sobrenatural. Você não está dando as ordens, Estelle. O que significa que a matilha divina não vai incorporar ninguém a nenhum bando, menos o de quem Marek pertence — disse Patrick.

— Você não pod-...

Patrick a cortou, os olhos presos em seu rosto. — A lei federal supera as leis da matilha em uma situação como essa. Se eu souber que você está tentando interferir novamente, pode esperar uma batida na sua porta pela SOA.

Jono poderia ter avisado Patrick que Estelle e Youssef não gostavam de ouvir o que tinham que fazer. A posição deles significava tudo para eles, e tê-lo levado por um agente especial da SOA não iria extinguir seu temperamento.

Quando Youssef se libertou de Estelle e deu um passo ameaçador para a frente, Patrick flexionou os dedos e conjurou um globo mágico que interrompeu Youssef. A magia azul ardente girou em sua mão, um gesto ameaçador que a matilha divina não podia ignorar.

— Essa conversa acabou —, disse Patrick em voz baixa e dura.

Jono não podia cheirar o estado emocional de Patrick, não conseguia ler o outro homem, mas o cheiro de sua magia ainda era tão amargo quanto antes. Jono passou metade da vida navegando pelo mundo com sentidos aprimorados, mas não precisava deles neste momento. Ele não duvidou nem por um segundo que, se Youssef desse mais um passo, Patrick o derrubaria com força.

— Gostaríamos de ser contatados no caso de você precisar falar com alguém que está no bando —, disse Estelle após um momento tenso de silêncio.

— Você não estará sendo consultada nesse caso. — Patrick apontou para a saída. — A saída é por ali. Dê o fora daqui.

Foi uma dispensa que eles não tiveram escolha a não ser obedecer. Jono observou Youssef girar nos calcanhares e sair do bar, Estelle e Nicholas logo atrás dele. A porta se fechou com um barulho alto e o *estrondo* fez Jono estremecer.

Patrick girou o punho, apagando sua magia antes de se virar para encarar Marek. — Você deveria estar em casa atrás da barreira que eu construí.

— Eu tenho um cuidador —, respondeu Marek, gesticulando para o feiticeiro. — Tyler Casale aqui é minha guarda pessoal, cortesia do Crescent Coven.

— Oi —, disse Tyler, levantando uma mão em um aceno.

— Casale —, Patrick ecoou. — Alguma relação com o chefe do PCB?

— É meu pai.

Patrick beliscou a ponta do nariz, agravando cada linha do corpo. Jono sabia que estava encarando, mas não se importava. Patrick o intrigava de um jeito que poucas pessoas faziam hoje em dia.

— Marek, se você for comido por um caçador de almas, é melhor que seus patronos não me culpem —, disse Patrick.

— Eu vou ficar bem —, protestou Marek.

Patrick balançou a cabeça e acenou com a mão para Jono. — Vamos.

— Para onde estamos indo? — Jono quis saber.

— De volta ao PCB. Marek? Vá para casa.

— Estamos limpando o bar primeiro —, respondeu Marek, com uma pitada de desafio em sua voz.

Patrick apenas balançou a cabeça com a resposta, já a meio caminho da porta. Jono olhou por cima do ombro enquanto corria atrás de Patrick. — Tenha cuidado.

Emma assentiu, já amarrando seus grossos cabelos pretos em um rabo de cavalo, pronta para começar a trabalhar. — Nós cuidamos disso.

Jono teve um relance do demônio da noite passada e não tinha tanta certeza disso. Deixando o bar atrás dele, ele chegou ao carro quando Patrick ligou o motor.

— É seguro deixar Marek sozinho? — Jono perguntou quando apertou o cinto.

— Se os deuses quiserem salvar sua bunda, eles me dirão —, disse Patrick enigmaticamente.

Jono não sabia o que Patrick queria dizer com isso. — Encontrou o que procurava?

Patrick parou na rua, olhando para a frente. — Não.

Jono não sabia dizer se ele estava mentindo ou não. A falta de cheiro era estranha, forçando Jono a confiar em seus outros sentidos. Ele apurou a audição e ouviu o coração de Patrick batendo apenas um toque fora no ritmo.

Mentiroso, mentiroso, Jono pensou consigo mesmo.

Quaisquer que fossem as respostas que Patrick encontrara no bar, Jono não estava a par delas.

— Tem certeza, meu amigo? — Jono perguntou calmamente.

Patrick olhou para a frente e não falou, seu coração forte e até nos ouvidos de Jono - exceto quando deu um pulo.

8



PATRICK PASSOU duas horas no PCB, atualizando os arquivos do caso, o tempo todo tentando não pensar no que sua mágica arrancou das paredes de Tempest. A mancha residual infernal que estivera na outra cena do crime mal estava presente no bar, mas sua magia havia captado o que ainda restava.

Ele ainda descobrira onde o caçador de almas provavelmente atravessara o véu: na parte de trás do bar, no pequeno corredor onde ficavam os banheiros. Vestígios de uma proteção haviam sido enterrados sob a mancha, os restos estavam muito degradados para ele localizar qualquer assinatura mágica. Patrick tinha certeza de que o criminoso não estava no bar no momento do ataque.

Ele não teve tempo na outra noite para examinar a cena do crime com sua magia, muito preocupado em levar Marek para um lugar seguro. Saber que o caçador de almas rasgara o véu com ajuda externa reforçava as implicações silenciosas de Setsuna durante o telefonema.

A terceira vez será definitiva Patrick pensou sombriamente enquanto pressionava a mão no peito, a camiseta esfregando suas cicatrizes.

Ele pegou outra pasta de caso, abrindo-a e examinando a pilha de relatórios e fotografias da cena do crime. Patrick ocupara uma

pequena sala de conferências desde que nenhuma mesa estava livre no escritório, utilizando todo o espaço na mesa para resolver tudo. Na maior parte, os oficiais do PCB o deixaram em paz, mas não havia como se esconder do chefe.

— Recebi um telefonema raivoso dos alfas da matilha divina esta manhã —, foi a primeira coisa que saiu da boca de Casale quando ele entrou na sala de conferências algum tempo depois.

— Eu disse a eles para ficarem fora do caso —, disse Patrick enquanto desenhava uma ala do silêncio sobre a mesa, empurrando a estática pela sala com sua magia. — Talvez eu devesse prendê-los, pois são incapazes de ouvir.

— Essa é uma bagunça da mídia que não precisamos no momento.

Patrick deu de ombros. — Não seria eu lidando com eles.

— O DCPI tem problemas suficientes para matar os rumores da mídia sobre este caso. Não vamos dificultar o trabalho deles — disse Casale.

Patrick deixou a pilha de fotografias representando corpos mutilados e olhou para onde Casale estava. — Sua esposa enviou seu filho para proteger Marek.

— Eu sei. Estou repensando meu apelo a Washington agora.

— É um pouco tarde para arrependimentos.

— Eu sei disso. Você deveria saber que Rachel me ligou esta manhã também.

Patrick franziu o cenho. — Deixe-me adivinhar... Ela quer que você a mantenha atualizada sobre o caso.

— Na mosca. Claro, esta é a primeira vez que eu a ouço se interessar depois de afastar minhas preocupações nos últimos

meses, quando ela não estava dificultando o recurso. Não estou inclinado a jogar bem.

— Nem precisa. A diretora Abuku da SOA, me instruiu a lidar com o caso, não com nenhum agente local. Você não é obrigado a manter Rachel atualizada, e eu prefiro que você não o faça.

— Não desejo estar no meio de um cabo de guerra federal interagências. Além disso, sua chefe disse que só funciona através de você, então eu o farei. — Ele não parecia exatamente feliz com isso, mas Casale não era nada senão dedicado ao seu trabalho e fazê-lo da melhor maneira possível. — Agora, você quer me dizer o que um werewolf com linhagem divina está fazendo seguindo você por aí?

Patrick olhou para fora das janelas foscas que davam para o corredor. Ele podia ver a forma sombria de Jono onde ele estava sentado do lado de fora da porta, ainda no local em que Patrick o havia deixado.

— Marek quer que Jono fique comigo.

Casale cruzou os braços sobre o peito, arqueando uma sobrancelha grossa. — Por quê?

— Ele teve outra visão depois que eu protegi o apartamento dele.

O olhar de Casale se afiou. — Ele teve outra visão? De quê?

— Não se preocupe. Ele não está cobrando por isso. Disseram-me para manter Jono por perto.

— Por quê?

— Não sei.

Patrick tentou não deixar sua frustração transbordar em sua voz. Ordens dos deuses sempre complicavam tudo.

— Werecreatures não têm magia. Não faz sentido que você precise proteger Jono de um demônio que quer comer magia.

— Eles não têm magia, mas o werevirus foi feito de magia. Isso altera a alma deles para a mudança física. Eles ainda morrem como todo mundo que fica preso nos dentes de um caçador de almas.

— Você acha que ele pode ser um alvo?

Patrick deu de ombros. — Nesse ritmo, quem diabos sabe? Mas não vou ignorar o que um vidente me diz, então Jono fica.

A situação não era de todo ruim. Jono era definitivamente agradável aos olhos, mesmo que Patrick precisasse manter as mãos para si.

— Você tem mais alguma coisa para mim? — Casale perguntou.

Patrick estendeu a mão e pegou uma página fotocopiada de um site de investidores on-line, o casal poderoso diante de uma mesa pouco familiar aos seus olhos. O aviso de Hermes pairou no fundo de sua mente, e os olhos de Patrick traçaram os traços clássicos da Grécia nos rostos da mulher de cabelos escuros e do marido.

— Eu preciso marcar uma reunião com Isadora Cirillo —, disse Patrick.

— As informações de contato dela devem estar no arquivo. Você tem seis dias restantes. Não os desperdice.

Casale saiu. Patrick passou os dedos pelo símbolo sobre a mesa, interrompendo a ala de silêncio. A estática desapareceu. Antes que a porta pudesse se fechar atrás de Casale, Jono entrou rapidamente, parecendo vagamente irritado.

— Eu disse para você esperar no corredor —, disse Patrick.

Jono arrastou uma cadeira e sentou-se nela. — Sai fora. Todo policial lá fora está me olhando como se eu devesse estar algemado.

Patrick teve por uma fração de segundo uma imagem mental de Jono nu e algemado em sua cama. Ele reprimiu um gemido e discretamente se mexeu na cadeira. Ele seriamente precisava transar. A diversão da noite anterior acordou seu pau da pior maneira. Tendo Jono por perto testando sua determinação de *não tocar* estava se provando uma distração.

Patrick pigarreou. — Os arquivos do caso são confidenciais.

Jono levantou o telefone e acenou de um lado para o outro. — Eu vou me manter ocupado.

Patrick duvidava que Jono mantivesse os olhos para si mesmo, mas ele não queria discutir. Com o Destino colando Jono ao seu lado, seria impossível manter o werewolf fora do circuito completamente. Assim, Patrick deixou Jono fora de sua mente em favor de terminar sua revisão do processo, fazendo suas próprias anotações em uma prancheta emprestada de papel amarelo.

Uma hora e meia depois, ele terminou de revisar cada arquivo de cada assassinato e absorveu as informações encontradas. O relógio do telefone dizia que passava um pouco das 14:00 e seu estômago estava lembrando que ele precisava comer alguma coisa. Patrick começou a colocar os arquivos do caso em ordem. Ele levou duas viagens para o escritório para devolvê-las ao armário seguro em que estavam sendo guardados.

Voltando à sala de conferências, Patrick recuperou Jono. Pegando sua bolsa carteiro da cadeira, ele sacudiu a cabeça em direção a porta. — Vamos. Você pode voltar para a cama no meu apartamento.

Jono fechou o aplicativo do jogo que estava tocando no telefone e se levantou, esticando os braços sobre a cabeça. Sua camisa subiu um pouco, puxando com força o peito largo. Patrick pensou ter ouvido um osso estalar na espinha de Jono, mas ele estava muito ocupado olhando a sugestão de abdômen esculpido para realmente prestar atenção.

Jono notou e deu a Patrick um sorriso preguiçoso. — Tudo bem. Você pode se juntar a mim se quiser.

— Não estou interessado —, disse Patrick, entredentes.

O sorriso de Jono ficou mais amplo. — Continue dizendo isso a si mesmo, amor.

Patrick o fez, a cada segundo do caminho de volta para o apartamento. Eles deixaram o PCB no início da tarde, o passeio feito com a música baixa, então Jono o afogou em perguntas depois que o segundo bloco desapareceu no espelho retrovisor.

— O que foi aquilo no bar? — Jono perguntou.

Patrick freou por um sinal vermelho e levou um momento para verificar seu telefone. Setsuna ainda não havia respondido aos seus textos e e-mails. — Você precisará ser mais específico.

— Sua magia cheira estranha.

— Você não precisa se preocupar com a minha magia.

— Eu acho que deveria, se você vai ficar entre mim e um caçador de almas.

A luz ficou verde e Patrick pisou no acelerador. — Você realmente vai reclamar sobre isso agora depois da noite passada, quando eu salvei sua vida?

Jono olhou para ele e não falou por cinco quarteirões. Somente quando Patrick parou por mais um sinal vermelho Jono se moveu,

sobrenaturalmente rápido, os dedos roçando a garganta de Patrick. Ele reagiu instantaneamente, mesmo quando os dedos de Jono se prenderam na corrente de aço inoxidável semiescondida sob sua camiseta.

Patrick girou contra o cinto de segurança no espaço confinado sem tirar o pé do pedal do freio. Entre uma respiração e a seguinte, ele colocou a mão direita em volta da garganta de Jono, dedos e polegares cavando com força. Sua mão esquerda agarrou o pulso de Jono com pressão suficiente nos tendões de lá para fazer os dedos de Jono se contorcerem.

Os olhos brilhantes de Jono se estreitaram em fendas, mas ele estava olhando para as placas de identificação, não para a expressão quase assassina no rosto de Patrick. Patrick teve que reprimir o desejo instintivo de *mate* com a brecha inesperada em seu espaço pessoal.

— Militar antes da SOA —, disse Jono em torno do aperto firme de Patrick, as palavras quase arrancadas. — Foi assim que você feriu sua alma?

Patrick arreganhou os dentes em um rosnado silencioso, os dedos apertando um pouco mais antes de soltar Jono. Ele arrancou as placas de identificação das garras de Jono, colocando-as de volta debaixo da camisa. A luz ficou verde e ele bateu o pé no acelerador.

— Faça isso de novo e eu atiro em você —, prometeu Patrick.

Os leves machucados que Patrick pressionara na pele de Jono já estavam desaparecendo, a cura acelerada de werewolf cuidando dos ferimentos leves em menos de um minuto.

— Então você é do Mage Corps.

Patrick apertou as mãos no volante e fingiu que era o pescoço de Jono mais uma vez. — Não mais.

Ele se afastou do exército e de sua equipe para salvar sua sanidade. Mas Patrick ainda sentia falta de alguns dias: o uniforme, as missões, o modo como os soldados viviam suas vidas, sua *equipe*. A maneira como ele conseguiu adiar a dívida de alma que ele devia aos imortais pagando seu serviço ao seu país. Por todas as batalhas em que ele esteve, Patrick esteve seguro lá na linha de frente de algo exponencialmente pior, tão fodido quanto essa verdade.

— Desculpe —, Jono disse alguns quarteirões depois.

— Minha vida não é da sua conta —, disse Patrick.

— Então por que os Destinos me querem nela?

Patrick não respondeu e continuou sem responder pelo resto do caminho de volta para o apartamento. Ele conseguiu encontrar estacionamento a uma quadra e pagou o medidor até o limite com seu cartão. Ele ignorou Jono na caminhada de volta ao apartamento. Uma vez dentro e além do limiar, ele colocou seu MacBook na mesa da sala de jantar e começou a trabalhar.

A primeira coisa que ele fez foi acessar os arquivos da SOA por meio de um portal da web criptografado. Patrick tinha suas anotações no arquivo do caso, mas precisava de cópias dos relatórios da Guerra dos Trinta Dias que a SOA tinha no arquivo. Sua experiência pessoal no combate a caçadores de almas foi útil, mas ele precisava de mais do que lembranças agora.

O resto da tarde foi uma visão de túnel de pesquisa, tanto que ele não sabia quanto tempo se passou até Jono estalar os dedos na frente dos olhos de Patrick para chamar sua atenção.

Ele piscou, virando-se para olhá-lo e tentando não estremecer com a rigidez em seu pescoço e ombros. — O quê?

— Sua geladeira está vazia. O que você quer jantar? Estou pagando — Jono perguntou.

— É uma refeição de desculpas?

— Eu poderia cozinhar, mas você não tem nada.

A última vez que alguém se desculpou com comida, o franco-atirador de sua equipe deu a Patrick a última barra de chocolate do pacote de cuidados. Isso ocorreu no meio de um FOB depois de alguns dias fora da linha. Hoje à noite, ele estava na cidade de Nova York com muitas opções.

Então ele foi com o óbvio.

— Pizza de pepperoni —, disse Patrick.

Jono assentiu com o pedido e pegou o telefone, batendo na tela. Patrick estalou o pescoço, estremecendo com o barulho que fazia. Do lado de fora das janelas da sala, o mundo estava entrando no crepúsculo. Ele passou tanto tempo no meio da pesquisa que perdeu a noção do tempo. Não é de admirar que suas costas inteiras parecessem feitas de nós.

Patrick salvou o que compilara de sua pesquisa usando um programa de criptografia. Ele assinou seu relatório para o PCB e o enviou por e-mail para Casale, depois enviou outro e-mail para Setsuna em seu código pessoal com a linha de assunto *Ainda não estou no Havaí*. Ele veria se ela finalmente respondia aquela, que era ele basicamente perguntando - mais uma vez - onde diabos estava seu apoio.

— A pizza estará aqui em uma hora —, disse Jono alguns minutos depois, enquanto guardava o telefone.

— Quantas você pediu? — Patrick perguntou enquanto fechava seu MacBook.

— Eu poderia comer uma inteira sozinho, então eu pedi duas.

Isso significava que Patrick não teria que compartilhar. Ele aceitaria de má vontade as desculpas de Jono se isso significasse que ele receberia comida de graça. Ele se levantou da mesa, esticando as dobras que se formaram de estar sentado por horas a fio em uma cadeira dura. Jono voltou ao sofá para continuar assistindo televisão, instalando-se em um canal que mostrava os destaques do que havia acontecido nos esportes americanos naquele dia.

— Não achava que você gostava de beisebol, porque você é inglês e tudo mais —, disse Patrick. Ele se esparramou na outra extremidade do sofá, jogando um pé na mesa de café.

— Vocês ianques dificilmente mostram futebol adequado. Melhor que nada, mesmo que o beisebol seja o esporte mais chato que existe.

Patrick realmente não podia discordar. Ele achava o beisebol tolerável apenas quando estava em um jogo se embebedando e comendo muitos cachorros-quentes. Ainda assim, Patrick estava contente o suficiente de passar os próximos 45 minutos ouvindo comentaristas falarem sobre estatísticas e mostrar repetições dos destaques do jogo de hoje, apenas para descansar sua mente. Quando o telefone de Jono tocou, Patrick o viu sair para recuperar a entrega do andar de baixo, já que eles não podiam chamar o cara. Jono voltou alguns minutos depois carregando duas grandes caixas de pizza e um pacote de seis cervejas.

Patrick comeu direto da caixa, dobrando as fatias gordurosas de pizza ao meio e devorando-as uma a uma. Jono abriu a cerveja

tirando as tampas das garrafas com as mãos, passando uma para Patrick antes de tomar um gole. Patrick diria que o jantar foi quase bom, se não parecesse uma extensão das desculpas de Jono no carro.

O jantar não foi suficiente para fazê-lo esquecer aquele incidente, e Jono não tentou abordar o assunto novamente naquela noite. O silêncio entre eles parecia tenso, levando Patrick para a cama a uma hora decente pela primeira vez, em vez de esperar a tensão se dissipar.

Patrick acordou na escuridão antes do amanhecer com o telefone tocando. Ele apalpou debaixo do travesseiro e atendeu sem olhar. — É melhor alguém estar morto.

— Então agora além de mago você também é vidente. Eu não estou pagando extra por isso. Temos outro corpo — disse Casale, parecendo acordado demais para a estupidamente hora inicial.

Patrick checou o tempo e xingou baixinho. — Nem sequer são 4:00.

— O assassinato não espera por ninguém.

Patrick chutou o cobertor e sentou-se, esfregando com força os olhos. — Onde?

Casale disse o endereço e desligou. Patrick levantou-se da cama e se vestiu em tempo recorde, colocando a arma no coldre no quadril direito e amarrando a adaga na coxa direita. Ele saiu do quarto para ver Jono meio acordado e calçando os sapatos, já vestido.

— O que eu disse sobre manter seus ouvidos para si mesmo? — Patrick disse através de um bocejo.

— De que outra forma eu devo acompanhar se não sei o que está acontecendo? — Jono perguntou enquanto se levantava e se dirigia para a porta.

Patrick apontou um dedo para Jono. — Ouvidos para si mesmo.

Quando ele passou, Jono se inclinou e estalou os dentes na ponta dos dedos de Patrick. — Pode deixar, Pat.

Patrick reflexivamente puxou a mão para trás e fez uma careta para Jono, que apenas riu de uma maneira que ele se recusava a achar sexy.

Eles deixaram o prédio e pegaram o carro. Apesar da hora, muitos outros veículos e táxis estavam nas ruas, levando para casa bêbados atrasados e foliões para o seu próximo destino.

Patrick seguiu o GPS em seu telefone, seguindo uma rota cruzada antes de virar à direita na Amsterdam Avenue. O endereço fornecido por Casale era no Upper West Side, Morningside Heights, bem ao lado da Universidade Columbia. O que significava cobertura instantânea da mídia que eles não podiam evitar. As pessoas equiparavam a maioria dos estudantes universitários a crianças ingênuas, e o público sempre tinha um complexo de coração partido quando se tratava de crianças.

Ele estacionou atrás de um carro da polícia sem identificação e pegou sua jaqueta da agência no banco de trás. Patrick a vestiu apesar do clima ainda abafado, certificando-se de que seu distintivo estivesse pendurado proeminentemente em volta do pescoço. Ele não queria continuar tirando o que estava no bolso toda vez que alguém precisava verificar sua identidade.

Jono ficou perto do seu lado, com os óculos escuros apesar da hora. Ele parecia ridículo, mas era melhor esconder o que estava à vista das câmeras de mídia do que dar a impressão de que a

comunidade de werecreatures poderia estar ligada aos assassinatos quando não estavam envolvidos.

— Fique perto e faça o que eu digo —, disse Patrick enquanto mostrava seu distintivo para um policial que ocupava o perímetro. Ele se agachou sob a linha de contenção da polícia, e então a segurou para Jono se abaixar. — E se você precisar vomitar, não vomite perto das evidências.

— Certo. Só vou pedir para ia ao banheiro — Jono murmurou. — Não é a primeira vez que vejo um cadáver.

Considerando como as werecreatures às vezes lidavam com disputas territoriais e outros problemas, Patrick não ficou surpreso ao ouvir isso. — Eu garanto que você nunca viu um assim.

Patrick e Jono entraram no prédio, sendo direcionados para o décimo andar, onde um apartamento no final do corredor era uma colmeia de atividades noturnas. O reconhecimento perfurou seus escudos quando eles desceram do elevador, deslizando através dos novos danos em sua alma.

O que Casale disse? Três corpos em um mês e meio? Patrick pensou consigo mesmo quando passaram por um par de policiais uniformizados. *Isso eleva o total até nove.*

Esse assassinato foi muito próximo do último em termos de tempo. O autor, quem quer que fosse, estava aumentando seus assassinatos. Embora Patrick tenha uma boa ideia do motivo, ele simplesmente não sabia quando surgiria alguma coisa dos ataques.

Casale os esperava na sala de estar, vestindo um terno como se fosse uma armadura corporal. Ele acenou uma saudação antes de apontar para Jono. — Você fica aqui fora e se mantém longe do caminho.

Jono, que fez um som baixo e amordaçado por trás de Patrick - provavelmente por causa do cheiro – e concordou. — Pode crer que eu vou.

— O banheiro é ali se você foi estúpido de tomar café da manhã.

— A essa hora, seria mais como um lanche da meia-noite —, disse Patrick.

Ele se aproximou de um dos dois quartos e parou na entrada por um minuto, olhando a cena do crime com olhos afiados. Quem quer que ela tenha sido, era difícil ver na bagunça mutilada que ela se tornara em sua cama arruinada. Seu torso estava aberto como uma borboleta ensanguentada, órgãos arrancados do buraco e o corpo mastigado como o último.

Seu braço esquerdo estava faltando até o cotovelo, com pedaços de carne espalhados pelo toco. Metade do rosto havia sido devorado, além de boa parte do pescoço. Patrick podia ver as vértebras brancas de sua coluna através da bagunça. Suas pernas estavam semicerradas, desnudadas até o osso em algumas áreas, como se o caçador de almas tivesse retirado carne e músculo uma camada de cada vez. O sangue manchou a roupa de cama, coagulou sob o corpo, onde não havia respingado na parede branca e na moldura de madeira de sua cama.

A CSU já estava trabalhando duro no processamento da cena. A sala parecia lotada, embora apenas duas pessoas estivessem dentro dela. Patrick sentiu que era a mancha infernal pressionando contra seus escudos que o deixava desconfortável.

Allison entregou-lhe um par de luvas de látex antes de entrar no quarto. Ela parecia cansada, e Patrick se perguntou se ela tinha

ido para casa ontem à noite. Dwayne parecia um pouco melhor, mas ele tinha pelo menos dez anos à frente de Allison em turnos de trabalho como esse. Ele provavelmente conseguiria energia através de nada além de alguns cafés a essa altura de sua carreira.

Patrick puxou as luvas e cuidadosamente contornou as numerosas evidências no chão para alcançar o corpo. Ele cutucou o rosto arruinado da vítima, puxando seus cílios para ver melhor a marca gravada em suas pálpebras. Touro desta vez, que chamava Dionísio. Patrick tinha a sensação de que o deus não jogaria pôquer em Atlantic City tão cedo. Se ele fosse esperto, Dionísio teria escapado do litoral leste.

Pergunto-me se Hermes já encontrou o resto das moedas. Pensou Patrick.

— Hora da morte. ele perguntou.

— Ainda estamos esperando o médico legista —, disse Dwayne.

— Quem encontrou ela?

— A colega de quarto chegou em casa de um clube e encontrou a vítima assim. Ela está sendo vista pelo EMS[27].

— Vou checar a alma dela e procurar sua bruxa de plantão. O resíduo é o mesmo aqui que no último corpo.

Casale soltou um suspiro. — Eu vou avisar a todos que eles estão tendo suas almas vasculhadas novamente.

— Sempre divertido —, Allison murmurou de seu lugar na porta.

Patrick se afastou do corpo, saindo cuidadosamente do quarto. Ele tirou as luvas e as depositou na lixeira de risco biológico portátil

[27] Emergency Medical Services, Serviços Médicos de Emergência.

que a CSU colocou ao lado da porta. — Eu vou ficar por aqui até que o processamento seja feito por precaução.

— Você acha que o demônio pode reaparecer? — Casale perguntou.

— O bar pode ter sido um ataque externo, mas quem sabe. Melhor prevenir do que remediar.

Patrick passou as duas horas seguintes monitorando a cena e silenciosamente marcando as pessoas que precisariam ter suas almas lavadas da mancha por ele ou por uma das bruxas empregadas pelo PCB. Jono ficou fora do caminho no sofá da sala, com a atenção no telefone. Ele deixou Patrick saber que Marek estava em casa e que nada havia tropeçado na barreira durante um momento de calmaria.

— Isso é bom, não é? — Jono perguntou, olhando para cima da cadeia de mensagens de texto.

Patrick deu de ombros. — Veremos.

Ele não colocaria nada além de Ethan e quem mais estivesse alinhado com a Seita Dominion ajudando a cometer assassinatos nesta cidade. Patrick ficou até o corpo ser levado em uma maca em uma bolsa preta, supervisionada por uma bruxa afiliada ao PCB. O corpo seria levado em uma viagem só de ida para o incinerador protegido do médico legista. Pessoas que morriam por meio de demônios ou magia negra eram sempre queimadas. O fogo limpava permanentemente qualquer coisa, até os mortos. Não poderia haver enterro para um corpo arruinado pelo inferno.

— Isso não ficará bom na imprensa —, disse Casale antes de deixar o apartamento.

— Eu sei. Apenas mantenha-os afastados — respondeu Patrick.

— Será difícil depois de hoje, considerando que temos mais dois corpos em menos de uma semana. A conversa sobre um serial killer está deixando todo mundo desconfortável e o comissário quer respostas. Então encontre algo para mim.

— Ele sabe que eu assumi o caso, certo? Não estou à disposição dele.

Casale assentiu. — Ele sabe. Isso não muda o fato de estarmos fazendo todo o trabalho braçal por você.

Patrick não disse nada sobre isso, atribuindo o aborrecimento de Casale ao despertar precoce que todos foram submetidos. Ele acenou para Jono para segui-lo até o elevador, enquanto Casale coordenava com o representante de relações públicas fora da DCPI sobre a melhor forma de lidar com a imprensa na rua. Jono manteve os óculos escuros quando saíram do prédio. Lá fora, o céu estava iluminado com o nascer do sol invasor.

Patrick pegou o telefone enquanto desciam a calçada em direção ao carro. Ele percorreu seus contatos em busca do número de telefone celular de Setsuna, não da linha direta do escritório, e ligou para ela. Tocou cinco vezes, mas ela não atendeu, a ligação foi enviada para o correio de voz.

Sua mensagem foi curta e direta. — Nono corpo. Ligue para mim.

— Vai haver mais corpos, não vai? — Jono perguntou baixinho enquanto eles se abaixavam sob a fita da polícia.

— Sim —, disse Patrick, torcendo a boca com a admissão.

— Quantos mais, você acha?

— Não sei.

Ele não sabia, não realmente. O número de pessoas que a Seita Dominion havia sacrificado para os infernos, a fim de atrair caçadores de almas suficientes para rasgar o véu no início da Guerra dos Trinta Dias nunca havia sido finalizado. Um feitiço como esse exigia uma variedade de magias diferentes, e os magos que o haviam realizado eram procurados em todo o mundo.

Esse feitiço estava encontrando seus ossos na cidade de Nova York.

De alguma forma, Patrick precisava parar o que estava acontecendo.

Ele puxou as chaves e destrancou o carro com o apertar de um botão quando estavam a poucos metros de distância. Antes mesmo de tirar o polegar do chaveiro, o carro explodiu.

Patrick sentiu a faísca no limite de sua consciência, um calor rápido que o empurrou para fora da calma rua da cidade, para a incerteza das linhas de frente que ele pensava ter deixado para trás há três anos. Ele agarrou cegamente por uma arma que não carregava mais, o peso de seu rifle uma ausência apenas substituída em seus pesadelos. O instinto de Patrick de lutar nunca morreria.

Você poderia tirar um soldado da guerra, mas não poderia tirar a guerra do soldado.

Mesmo quando ele arrancou os escudos do corpo, mãos o agarraram pelos ombros e o puxaram para trás com força e velocidade sobrenaturais. Os pés de Patrick deixaram o chão, em parte pelos esforços de Jono para livrá-los e em parte pela força esmagadora da explosão rasgando o ar. O calor escaldante do fogo do inferno explodiu para fora do carro, lambendo seus escudos

enquanto enviava uma nuvem de fumaça tóxica para o céu beijado pelo sol. Vidro e metal cortaram o ar como estilhaços mortais.

A velocidade sobrenatural de Jono os afastou alguns metros, mas não completamente ilesos. Eles caíram no asfalto a dois carros do epicentro da tentativa de alguém de assassinar Patrick. Braços fortes envolveram seu corpo quando ele pousou em cima de Jono, em vez do concreto duro. Jono grunhiu em seu ouvido pelo impacto, segurando-o com força enquanto a ponta da explosão do fogo do inferno queimava contra os escudos de Patrick.

Patrick jogou os dois braços no ar, um globo mágico girando rapidamente no espaço entre as mãos. Na guerra, até segundos podiam ser longos demais para garantir a sobrevivência, mas a ala dos escudos já havia se formado em sua mente no momento em que seu subconsciente reconheceu o que estava acontecendo. Seus escudos pessoais os manteriam seguros, mas todo mundo na rua precisava de cobertura.

Patrick derramou sua magia em um escudo alto e curvo entre a rua e o fogo do inferno chovendo como napalm[28] metafísico. Essa ala defensiva não era fácil para ele, mas se formava e se sustentava, e isso era tudo o que importava.

Gritos encheram o ar, cortando o zumbido em seus ouvidos. Jono empurrou os dois para uma posição sentada, uma de suas mãos deslizando por baixo da camisa de Patrick durante a luta louca para ficarem livres. O calor emanando do toque de Jono queimava

[28] Napalm é um conjunto de líquidos inflamáveis à base de gasolina gelificada, utilizados como armamento militar. O napalm é na realidade o agente espessante de tais líquidos, que quando misturado com gasolina a transforma num gel pegajoso e incendiário.

através de Patrick, enquanto toda a sua concentração se mantinha na proteção.

Ele arrastou sua magia mais alto, mais largo, cobrindo a rua ao redor deles e forçando-a pelas laterais dos edifícios. Patrick colocou sua magia entre todos e a terrível destruição de uma bomba de fogo do inferno normalmente encontrada apenas em uma zona de guerra. Ele abriu os dedos, as palmas das mãos pressionadas contra o céu distante, enquanto escorava a estrutura do escudo com tanta magia quanto ele ainda tinha.

O escudo vacilou, não tão forte quanto ele precisava, e ele podia sentir sua magia deixando sua alma mais rápido que o normal. Patrick rangeu os dentes e concentrou-se em segurá-lo da maneira que ele havia feito inúmeras vezes nas linhas de frente - ignorando a dor e pressionando suas limitações o máximo que podia.

Porque ele não tinha outra escolha.

Patrick olhou para o céu ao redor do globo mágico girando rapidamente emoldurado entre as mãos enquanto chiadores de fogo do inferno choviam em sua ala de escudos. Ele retirou seus próprios escudos pessoais, deixando-o afundar de volta sob sua pele. Jono emitiu um som no fundo da garganta, seu hálito quente soprando no ouvido de Patrick quando ele falou.

— Você carrega seus escudos em seus ossos —, disse Jono, fazendo uma declaração, não uma pergunta.

Patrick não respondeu, concentrado demais no céu outrora limpo, agora marcado pela fumaça negra que se elevava acima da rua. O cheiro acre disso era algo que nem seus escudos podiam esconder. Ele apertou as mãos em punhos, manipulando sua magia para dobrar as bordas de seu escudo sobre os veículos queimados e

destruídos para conter o fogo do inferno. Escudos não eram o seu forte, mesmo quando ele podia tocar em uma linha ley, mas ele se recusava a deixar esse quebrar.

— Collins! — Casale gritou, sua voz cortando os gritos enchendo o ar.

Por uma fração de segundo, Patrick sentiu o cheiro da areia do deserto e do cheiro enjoativo da morte. Ele podia ouvir a constante explosão de fogo supressor tentando abrir caminho para o centro daquele feitiço de morte, as cinzas de Ashanti ainda quentes sob as unhas.

Patrick arrancou sua mente da memória e se concentrou no aqui e agora.

— Estou bem! — ele gritou de volta, esquecendo que ninguém havia pedido seu status, que aquela não era uma zona de guerra, exceto que por agora era.

Jono se mexeu atrás dele, e de repente Patrick estava sendo levantado por braços fortes, mantido próximo ao corpo sólido de Jono. Ele se lembrou da outra noite, do quão facilmente Jono o havia manejado para que ambos pudessem se satisfazer. Era bom saber que o outro homem poderia usar sua força para mantê-los seguros também.

— Que inferno foi isso? — Jono perguntou.

Patrick abaixou os braços um pouco, o globo seguindo suas mãos. Ele não conseguiu reprimir o riso feio que escapou de sua boca. — A parte do inferno está certa.

De repente Casale estava ao seu lado, expressando partes iguais de medo e fúria. Patrick percebeu tardiamente que ainda

estava envolvido nos braços de Jono e relutantemente se afastou do homem mais alto.

— Esse carro era o seu? — Casale exigiu.

— É. Algo me diz que estamos no radar deles.

— Você acha? — Casale disse, olhando para os veículos que a bomba de fogo do inferno havia destruído, ainda queimando atrás do escudo de Patrick cobrindo a rua. — Você está bem?

Não, pensou Patrick. O que ele acabou dizendo foi — Sim.

Ele não podia se dar ao luxo de estar de qualquer outra forma agora.

Jono olhou para Patrick como se não acreditasse nele, mas não questionou seu estado de espírito. O que era bom para Patrick, porque a única pessoa com quem ele discutia sobre sua saúde mental era seu terapeuta designado pela VA. Depois de hoje, Patrick concluiu que devia uma ligação ao homem.

— Alguém ferido? — Patrick perguntou.

— Estamos limpando a área, mas acho que não. Você levantou seu escudo a tempo — respondeu Casale.

Patrick assentiu, a maior parte de sua atenção ainda no fogo do inferno queimando sob seu escudo, o aviso tão claro quanto a luz do sol.

A Seita Dominion sabia que ele estava na cidade.



9



— VOCÊ NÃO PODE me tirar do caso — argumentou Patrick. — Eu sou o encarregado agora.

Casale apontou para os restos fumegantes do carro alugado e de duas viaturas. Os veículos estavam sendo encharcados por uma bruxa com afinidade pela magia da água em vez do FDNY[29] por motivos de segurança. Casale havia enviado outras duas bruxas PCB cuja afinidade com as alas defensivas era forte para trabalhar com o esquadrão de bombas na limpeza da área.

— Alguém acabou de tentar te matar —, disse Casale.

— Eles fizeram um trabalho de merda já que eu ainda estou respirando.

Jono fez um ruído estrangulado no fundo da garganta que Patrick e Casale ignoraram.

— Eu considero uma ofensa pessoal quando alguém faz de alvo as pessoas que trabalham nos meus casos. Eu sei que não posso tirar você do caso; eu apenas preciso de você *seguro*. Você não é útil para mim morto, Collins.

Casale tinha razão, mesmo que Patrick não gostasse. — Esta não é a primeira vez que sobrevivi a uma ameaça de bomba.

[29] Fire Department of the City of New York (FDNY), o Corpo de Bombeiros da Cidade de Nova York.

— Isso não melhora a situação —, interrompeu Jono.

— Preciso que você viva para terminar este trabalho, não morto na rua por outra bomba. Você *não* está lidando com o processamento dessa cena de crime e estou te deixando de fora a vista da mídia —, disse Casale.

Patrick resistiu à vontade de olhar por cima do ombro para o conjunto de vans estacionadas no outro extremo da rua, as câmeras apontadas na direção deles.

— Malditos ratos —, ele murmurou baixinho.

Ele realmente odiava lidar com a mídia.

Casale passou o polegar por cima do ombro. — Ramirez e Guthrie o levarão de volta ao PCB ou aonde quer que você esteja.

— PCB —, disse Patrick. — Eu não terminei de trabalhar.

Só porque alguém havia tentado matá-lo não significava que ele tivesse tempo para fazer uma pausa.

Minutos depois, Patrick e Jono subiram na traseira do carro da polícia sem identificação de Allison e Dwayne. Ele se sentou no banco depois de apertar o cinto, inclinando a cabeça para trás. Ele estava machucado até os ossos, uma dor aguda e de baixo grau que se originava dos pedaços triturados de sua alma e da magia parcialmente drenada, cortesia do caçador de almas. Ele precisava de alguns dias de descanso ininterrupto para curar os dois problemas, mas a esse ritmo, Patrick duvidava que ele tivesse algum.

— Onde está Marek? — Patrick perguntou quando eles estavam a meio caminho do PCB.

— Em casa. Ele está assistindo as notícias da manhã sobre o assassinato e o ataque. Nada invadiu sua proteção — disse Jono, erguendo os olhos do telefone e das mensagens de texto na tela.

Patrick fechou os olhos. — É melhor ele ficar lá.

Jono ficou quieto diante dessa afirmação. O outro homem não podia falar por Marek, e Marek parecia fazer o que diabos ele gostava, independentemente dos avisos de Patrick. Se Patrick tivesse nascido vidente, ele não teria fé em um imortal para se manter seguro e sempre um passo à frente do perigo.

Allison e Dwayne não tentaram envolver os passageiros com conversas no caminho de volta ao PCB. A manhã dupla de assassinatos e tentativas de assassinato deixou as pessoas nervosas. Patrick estava agradecido pelo silêncio, pelo menos para que ele pudesse *pensar*. O caso estava acumulando corpos como dívidas acumuladas, e ele quase foi adicionado à mistura.

O que eu estou perdendo? Patrick pensou.

A Seita Dominion havia roubado almas em sacrifícios aos deuses. Embora a cidade de Nova York tivesse um nexo reunido sob suas ruas e metrôs, não havia uma relíquia de um altar para manter a estrutura do feitiço no lugar. Sem pirâmides, sem santuários, sem templos, nada do velho mundo e das religiões ainda mais antigas que sustentavam a vida dos imortais.

Patrick não conseguiu se antecipar ao que ele não sabia, e ele *precisava*.

— Vamos lá —, disse Jono quando Allison e Dwayne os deixaram na frente do PCB. — Vamos encontrar um pouco de comida.

Patrick pensou em discutir, mas o som de seu estômago roncando terminou a luta antes de começar. — Certo.

No meio da manhã de um sábado no centro da cidade, as habituais multidões dos dias de semana haviam desaparecido. Jono

levou-o a uma lanchonete que ainda estava aberta a um quarteirão de distância, que servia sanduíches, sopas e saladas grossas. O edifício em que estava localizada era um dos mais antigos, ocupando espaço no horizonte de Manhattan.

Patrick pediu um sanduíche de rosbife com todos os acompanhamentos, um saco de batatas fritas e um Gatorade. Jono recebeu o dobro da quantia que Patrick pediu e eles voltaram para o PCB com o almoço. O sargento de plantão zumbiu sem comentar. Patrick levou Jono para a mesma sala de conferência que ele havia trabalhado ontem.

Felizmente, a sala estava vazia e eles espalharam a comida sobre a mesa. Jono tirou os óculos escuros e os colocou nas proximidades, junto com o celular. Patrick desembrulhou seu sanduíche e deu uma mordida grande, esperando que a leve dor de cabeça que ele tinha desaparecesse quando ele se alimentasse.

Patrick estava no meio de seu sanduíche antes de finalmente fazer a pergunta que estava girando em torno de sua cabeça há um tempo. — Como você sabia que a explosão estava prestes a acontecer?

Porque Jono o agarrou antes que o som da explosão chegasse aos ouvidos de Patrick. Mesmo agora, o que mais se destacava nas lembranças de Patrick era o calor do toque de Jono.

— Senti o cheiro quando o feitiço se acendeu —, disse Jono.

Patrick sabia que o fogo do inferno tinha um cheiro distinto, então não foi surpresa que Jono fosse capaz de reagir tão rapidamente. O werevirus alterou suas almas e corpos, tornando seus sentidos aprimorados muito procurados pelo Departamento de Preternatural dos EUA. Patrick havia trabalhado com um punhado

de werecreatures que não tinham linhagens divinas na infantaria preternatural durante seu tempo nas forças armadas. As equipes confiavam neles para limpar áreas quentes de minas terrestres, armadilhas contra feitiços e soldados inimigos escondidos. As ameaças poderiam ser metafísicas ou criadas pelo homem, mas as werecreatures eram hábeis em farejá-las.

Patrick colocou uma batata frita na boca e abriu caminho através do sabor de queijo. — Obrigado.

— Você não precisa me agradecer por salvar sua bunda, Pat.

— Mesmo assim. Se eu não tivesse meus escudos levantados, eu estaria morto. Então o gesto é apreciado.

Jono levantou os olhos da ação de desembrulhar seu segundo sanduíche. — Eu não conheço muitos usuários mágicos que carregam seus escudos nos ossos.

Foi uma declaração cuidadosa e curiosa, mas ainda fez os ombros de Patrick apertarem. Ele manteve o olhar fixo nas batatas fritas que tinha derramado no papel. Ele pensou em dar a Jono uma resposta indiferente, mas isso tornaria o tempo deles juntos durante o caso mais estressante. Patrick não precisava de mais estresse em sua vida.

A maioria dos usuários de magia não usava escudos pessoais permanentes. Era preciso muita energia, muita magia, mesmo em um nível inferior. Os escudos pessoais de Patrick não tinham sido colocados por ele, mas por uma deusa para ajudar a esconder a mancha em sua alma dos olhos curiosos. Desde a Guerra dos Trinta Dias, eles também esconderam o dano que sua alma havia acumulado naquela luta.

Eles esconderam *ele*, de todas as maneiras que importavam, mas uma parte de Patrick não queria se esconder de Jono. Ele culpou o desejo de transar - *desesperadamente* - mas Patrick devia ao outro homem, mesmo que a dívida de alma não estivesse entre eles.

— Eu era do Mage Corps, como você adivinhou no carro —, disse Patrick, sem piscar. — As feridas metafísicas eram tão ruins quanto as físicas. Eu argumentaria pior, de certa forma. Você não pode ver danos à alma de uma pessoa como você pode ao corpo dela.

Os olhos brilhantes de Jono nunca deixaram os dele. — Sua magia tem um cheiro estranho. Não ruim, apenas estranho. Suponho que isso se deva a uma ferida na alma?

Patrick deu de ombros, com a boca seca, mas ele divulgou as palavras de qualquer maneira. — Eu recebi um golpe três anos atrás em uma luta. Algo bem ruim. Perdi a capacidade de tocar uma linha ley ou um nexo.

Alguns de seus detratores na SOA consideravam Patrick um mago apenas no nome. Não importava que ele tivesse mais magia em sua alma do que o praticante mais forte que não podia usar uma linha ley. Como ele não podia acessar a magia externa, algumas pessoas argumentaram que ele não deveria mais carregar o posto de mago dentro da agência. Porém, o título não fazia uma pessoa, e Patrick tinha uma vida inteira de treinamento mágico sob seu cinto, apenas outro mago entenderia.

No final, ele manteve sua posição e manteve seu emprego, mesmo que parecesse que ele estava com falta de um braço em alguns dias.

— Você pode alterar um pouco seus escudos? Fazer com que eu possa sentir seu cheiro? — Jono perguntou.

— Minha magia não é a mais fácil de se estar por perto —, disse Patrick. Ele sabia como sua mágica era para os outros - sabia que ninguém gostava disso.

Jono nunca desviou o olhar quando disse: — Isso não me incomoda.

Patrick parou para pegar seu sanduíche novamente, preso pelo olhar firme de Jono. — Duvido.

— Sua magia tem um cheiro amargo, mas isso é muito melhor que a metade das coisas que eu cheiro andando na rua a qualquer hora. Os sentidos aprimorados nem sempre são fáceis de conviver. Senti o cheiro da bomba de fogo do inferno, mas não consegui sentir seu cheiro até você tirar seus escudos. Em uma briga, quero saber onde você está.

Patrick soltou uma risada seca. — Soa como se você quisesse ser meu parceiro.

— Se é assim que eles chamam isso hoje em dia, então sim.

Patrick pegou seu sanduíche e deu uma mordida, não confiando em sua resposta imediata à resposta de Jono. Três anos atrás, ele havia deixado o Mage Corps e sua equipe para trás porque não podia protegê-los da maneira que precisavam mais. Desde que ingressou na SOA, ele trabalhou sozinho, sem parceiro para cuidar de suas costas. Se ele fosse honesto, era cansativo. Caçar um serial killer com um werewolf seria muito mais fácil do que tentar fazer isso sozinho.

Patrick mudou mentalmente seus escudos pessoais, sentindo uma onda de magia percorrer sua pele com uma sensação de formigamento. As camadas tornaram-se porosas o suficiente para permitir a passagem de sua essência e nada mais. Jono respirou

fundo, o som alto na sala, apesar do marcador atrás da porta fechada.

— Saúde, companheiro —, Jono disse calmamente.

— Você sabe que eu vou embora no fim deste caso, certo? — Patrick disse.

— Eu não acho que o Destino ficará satisfeito com isso.

Patrick fez uma careta. — Sim, bem, foda-se o Destino. Foda-se este dia inteiro.

Jono riu, o som indo direto para o pau de Patrick. Jono deu-lhe um olhar conhecedor, e Patrick se resignou a Jono tentando ler suas emoções através do cheiro até que ele pegasse um avião para longe dali.

Eles terminaram o almoço e Patrick foi recuperar os arquivos do caso que continham os assassinatos e o caso da pessoa desaparecida para revisar novamente. O arquivo Cirillo era mais fino que todo o resto, mas o próprio relatório de pessoas desaparecidas era bastante detalhado. A atenção de Patrick continuou voltando para a foto do casal. Eles não eram familiares, mas eram um problema.

Deuses sempre eram.

Ele pegou o celular e discou o número no cartão de visita do arquivo. O telefone tocou duas vezes antes de uma mulher aparentemente jovem atender. — Linha de Isadora Cirillo.

Patrick assumiu que era a assistente dela. — A Sra. Cirillo está disponível?

— Posso perguntar quem está ligando?

— Aqui é o agente especial Patrick Collins, da Agência de Operações Sobrenaturais. Estou trabalhando com a polícia de Nova York no caso do desaparecimento do marido dela.

— Um momento.

A linha ficou muda, colocada no modo de espera. Patrick esperou talvez trinta segundos antes que a ligação atendesse novamente e uma voz diferente e mais rica filtrasse pelo alto-falante. Patrick apertou seu telefone.

— Patrick —, disse Isadora, com muita familiaridade em sua voz.

Ele pensou na mensagem de Hermes em seu carro agora destruído e nas implicações do relacionamento que Hermes tinha com a mulher falando na outra linha.

— Sra. Cirillo, eu presumo — Patrick disse cuidadosamente.

— Eu esperava que a SOA se envolvesse. Não achei que eles te mandariam.

Patrick esfregou os olhos até manchas aparecerem nas costas de suas pálpebras. — Eu não conheço você.

— Então suponho que é hora de sermos apresentados. Meu escritório está fechado amanhã. Você vai me encontrar na minha casa então.

— Eu vou? — Patrick perguntou, olhando para o cartão de visita e um nome que ele duvidava que fosse real.

— É o mínimo que você deve a mim e aos meus.

Ele tentou não se encolher com as palavras dela, mas foi difícil. Patrick tinha uma ideia de quem ele conheceria quando batesse na porta dela. De qualquer maneira, ele não estava ansioso por isso. — Qual o seu endereço?

Isadora deu a ele e depois desligou. Patrick colocou o telefone na mesa e jogou o cartão de lado. Ele pousou na fotografia de um corpo, escondendo a cavidade entalhada do peito.

As pessoas estavam morrendo com sinais gravados nas pálpebras por um motivo. O motivo não seria encontrado nos arquivos do caso no PCB. Só seria encontrado no passado de Patrick. Era seu trabalho juntar tudo isso, mas ele realmente não queria.

Fazer isso tornaria o pesadelo real.

Quando ele desviou o olhar dos arquivos espalhados sobre a mesa, encontrou Jono o encarando com uma intensidade silenciosa que o deixou tenso.

— O quê? — Patrick perguntou defensivamente.

— Espero que você não planeje ir sozinho —, disse Jono.

Patrick se perguntou o que o Destino faria se ele deixasse Jono de lado. — Eu vou decidir de manhã.

Jono não ficou impressionado com essa resposta, mas deixou o argumento cair. Patrick voltou a vasculhar os arquivos do caso, porque alguns dias os mortos eram mais fáceis de lidar do que os vivos.

Setsuna ligou para ele no final da tarde, o nome dela na tela do celular quebrando sua concentração. Patrick abandonou as fotos detalhadas dos cadáveres em favor da resposta. À sua frente, Jono ergueu os olhos do telefone, inclinando a cabeça para o lado.

— Um carro bomba? Realmente? — Setsuna perguntou em vez do tradicional olá.

— Nível militar. Arruinou meu carro alugado e outros dois veículos próximos. O fogo do inferno causou um pequeno incêndio

no telhado do prédio, mas as proteções o impediram de queimar qualquer coisa crítica.

— Nada que você não possa aguentar, já que ainda está respirando.

— Eu disse a Casale. Ele não aceitou muito bem.

— Ele não conhece você como eu.

— Às vezes eu gostaria que você não me conhecesse.

— Não podemos mudar o passado, Patrick. O futuro é o que precisamos nos preocupar. Estou ligando para dizer que um dos dois de sua força-tarefa está na cidade. Ele se encontrará com você hoje à noite.

Um pouco da tensão nos ombros de Patrick diminuiu, mas apenas um pouco. — Onde?

— Ele vai te encontrar, então fique à disposição. E Patrick?

— Sim?

— Mantenha-se vivo.

Setsuna desligou. Patrick afastou o telefone da orelha e fez uma careta.

— Ela soa como uma senhora adorável —, Jono acentuou.

Patrick bufou e guardou o telefone. — Uma adorável dor na minha bunda, isso é certo.

Ele começou a juntar os arquivos para poder guardá-los. Jono o observou com curiosidade. — Estamos saindo?

— Ela me disse para estar disponível. Não posso estar disponível dentro do PCB, então sim, estamos saindo.

— Para onde?

Patrick percorreu suas opções e descartou a maioria delas em segundos. Ele não sabia quem poderia estar observando o

apartamento, o escritório da SOA no centro estava fora de questão, e o apartamento de Marek era impossível de alcançar por causa da barreira. A ordem de Setsuna de se disponibilizar deu a Patrick uma ideia de quem estava vindo.

E se ele estivesse certo, preferiria que se encontrassem em público.

— Tempest está aberto hoje à noite? — Patrick perguntou.

Jono assentiu. — Tyler conseguiu limpar o bar. Está de volta aberto para os negócios. Normalmente trabalho nas noites de fim de semana, mas Emma está me dando uma folga remunerada até que tudo acabe.

— Então vamos. Depois do que aconteceu hoje de manhã, preciso de uma bebida.

Patrick guardou os arquivos em seu gabinete designado antes de saírem do PCB, uma ala de disfarce através de um globo mágico na mão.

— Um pouco paranoico, não é? — Jono perguntou quando eles começaram a andar.

— Me mantém vivo.

Patrick não largou o encanto até que estivessem a duas quadras de distância. Desvaneceu-se entre um passo e outro, a consciência de sua presença deslizando através das pessoas ao redor deles, como se estivessem lá o tempo todo.

— Quer que eu chame um Uber? — Jono perguntou. — Será uma viagem rápida para Tempest daqui.

Patrick balançou a cabeça. — Nós não queremos rápido. Queremos nos perder.

Alguém havia passado pela forte presença policial em Morningside Heights para colocar a bomba de fogo do inferno em seu carro. Patrick não deixaria passar a Seita Dominion para encontrar alguns de seus acólitos nele. Se alguém visse os dois, seria difícil vigiar a multidão.

Quando viraram uma esquina, uma forte rajada de vento bateu no rosto de Patrick. Ele olhou para o céu agora nublado, uma diferença marcante do azul claro naquela manhã. O ar tinha uma sensação abafada, como o início de uma tempestade.

Patrick colocou a mudança no clima e o aviso do que poderia significar fora de sua mente a favor de levar Jono dois quarteirões ao norte da estação de metrô Spring Street. Ele pegou um bilhete para passar pelos portões enquanto Jono usava o seu MetroCard. Eles se misturaram com a multidão esperando na plataforma e pegaram o próximo trem 6 seguindo para o norte, subindo até a Grand Central Station.

Mesmo antes de eles chegarem ao centro do trânsito, Patrick podia sentir a magia que emanava dele. A famosa estação continha o círculo de ancoradouros de proteções que percorriam todo o sistema de metrô. O poder sangrava em todas as direções, um zumbido fraco em seus sentidos que era fácil de ignorar.

O trem parou e as portas se abriram automaticamente. Quando eles saíram do vagão, Jono enfiou a mão na de Patrick e o puxou pela multidão de pessoas prontas para começar a noite de sábado. A mão de Jono estava quente na dele, a força do aperto impossível de passar despercebida. Patrick deixou que ele tomasse a dianteira, a presença de Jono como predador, era algo que o instinto

humano não podia ignorar. As pessoas saíam do caminho dele sem nem perceber.

— Para onde agora? — Jono perguntou.

— Qualquer lugar —, Patrick disse a ele.

Jono o levou em uma rota tortuosa pela estação para pegar o trem 7 indo para o oeste. Eles o pegaram no cruzamento, saindo na Times Square. Em vez de pegar outro trem, entraram no meio da multidão de turistas que enchiam o Great White Way. O famoso cruzamento brilhava com as luzes de néon de dezenas de outdoors eletrônicos, logotipos familiares de marcas de lojas e as famosas telas publicitárias anexadas ao prédio do One Times Square.

Patrick ainda carregava a pistola e a adaga, o encanto de disfarce fixado no couro do coldre e na bainha, mantendo os olhos curiosos à distância. Patrick soltou a mão do aperto de Jono e pegou o telefone. Sem mensagens e sem chamadas.

— Vamos seguir em frente —, disse ele.

Eles andaram pela multidão e não pararam até Patrick encontrar a primeira linha de ônibus indo para o sul. Eles entraram em um ônibus que transportava mais turistas do que locais. Patrick acabou pressionado contra a frente de Jono, uma mão segurando um apoio enquanto ele mantinha a outra para si. Isso durou o tempo necessário até um táxi cortar o ônibus e o motorista pisar no freio. Patrick balançou com força com todos os outros, mantendo-se em pé com a ajuda da mão de Jono, que de repente encontrou o caminho até o seu quadril.

Tão perto, e tudo o que Patrick conseguia pensar era no tempo que passaram juntos na outra noite e na maneira como Jono não parava de olhá-lo, mesmo agora.

— Nós vamos ficar acima do solo? — Jono perguntou, seu polegar acariciando distraidamente a cintura de Patrick embaixo da camisa.

— Até o Distrito Financeiro. Vamos pegar um táxi lá.

— Está bem.

Jono nunca largou Patrick, e ele não conseguiu pedir a Jono que lhe desse espaço. O toque afetivo não era algo que Patrick recebia com frequência, enquanto as werecreatures viviam dele.

Talvez nós dois sintamos falta disso, ele pensou.

Não era uma pergunta que ele faria.

Patrick chamou um táxi em vez de um Uber quando eles finalmente desceram do ônibus. O veículo amarelo se misturava mais com o tráfego. Eles passaram uma hora e meia voltando pelas ruas de Manhattan para perder um rabo que pode ou não ter existido. Patrick preferia ser cauteloso do que estar morto.

Quando o táxi chegou ao Tempest, um familiar Maserati estava estacionado na frente. Patrick fez uma careta enquanto pagava a carona.

— Eu vou matá-lo —, disse Patrick.

— Vai contra o propósito de mantê-lo seguro, certo? — Jono respondeu.

— Ele estaria seguro em uma cova.

Jono jogou a cabeça para trás e riu quando pisou na calçada. Patrick apreciou a vista, os olhos demorando na bunda de Jono. Ele pensou em erguer completamente seus escudos novamente, mas o flashback da bomba de fogo do inferno o deteve. Patrick mantinha seus escudos no nível em que estavam atualmente - fortes, mas porosos o suficiente para deixar o seu cheiro passar. Entrar em um

bar cheio de werecreatures capazes de cheirar a verdade por trás de uma mentira não seria confortável, mas ele não demoraria muito.

O segurança acenou para eles entrarem, mantendo a atenção na rua e guardando a porta. O formigamento do feitiço que alguém reformulou deslizou sobre os escudos de Patrick antes de cair. O reconhecimento filtrou através de sua magia quando eles entraram, a sensação avassaladora de *werecreature* tão forte quanto a primeira vez que ele visitou.

O bar estava meio cheio, a conversa mantinha bolhas silenciosas que não se afastavam muito dos grupos amontoados. O sistema de som estava ligado baixo, uma diferença marcante do barulho da noite de quinta-feira. A sensação metafísica do lugar era mais calma, mais leve, a limpeza feita ontem tendo removido qualquer indício de que o inferno tivesse invadido o local.

Patrick seguiu Jono até o bar onde Emma, Leon e Sage haviam aberto espaço para eles. Tyler ocupou um lugar no outro extremo e estava ignorando todos em favor de seu telefone.

Patrick reivindicou o assento ao lado de Sage, fingindo que não estava ciente da linha de calor do corpo de Jono do outro lado. Ele olhou através do balcão do bar para onde Marek estava misturando uma bebida em uma coqueteleira. — Eu disse para você ficar *em casa,* porra. Você não viu as notícias esta manhã?

— Sim —, disse Marek.

— Você gosta de tentar o destino?

Marek revirou os olhos enquanto derramava a mistura em uma taça coupe e a enfeitava com uma casca de laranja cortada finamente. Ele passou para Sage antes de se virar para abrir um pequeno armário com uma porta de vidro. Ele pegou uma garrafa de

uísque malte Glenlivet 25 Anos e virou um copo para derramar uma dose de coisas boas. Ele colocou a bebida na frente de Patrick como uma oferta de paz.

Patrick realmente não queria aceitar, mas porra, era um *bom uísque* bem ali.

— Por conta da casa —, disse Marek.

— Isso não significa que você está fora do gancho por desobedecer ordens —, replicou Patrick.

Ele pegou o copo de qualquer maneira e tomou um gole, saboreando o gosto. Patrick não tinha planos de ficar bêbado hoje à noite, mas ele não estava dizendo não para bebidas grátis. Além disso, ele bebia a maior parte do tempo atrás de uma porta trancada em uma sala que não abrigava mais ninguém além dele por um motivo.

Marek se apoiou no balcão. — Só para deixar claro, eu não sou um dos seus pequenos soldados que você pode comandar.

Patrick virou a cabeça e deu a Jono um *olhar*. Jono balançou a cabeça e apoiou os cotovelos no bar. — Nah, Pat. Eu não disse nada.

Marek bateu os nós dos dedos contra a madeira, arrastando a atenção de Patrick de volta para ele. — Uma fonte não identificada disse à notícia que a bomba de fogo do inferno era de nível militar e a defesa também. Seu nome pode não estar nas notícias ainda, mas a classificação que você deve ter para obter esse tipo de defesa sim. A mídia está pressionando o PCB por respostas sobre quem eles contrataram.

Patrick fez uma careta e tomou outro gole de uísque, sem admitir nada.

Emma olhou ao redor de Sage para ele, colocando um pouco do cabelo atrás de uma orelha delicada. — Quem era o alvo? Você ou Jono?

Patrick parou com o copo a meio caminho da boca. Ele terminou a moção porque não desperdiçaria bom uísque, mas de repente desejou poder apertar seus escudos. Uma mão quente pousou em sua coxa. Ele se virou para encarar Jono, encontrando aqueles olhos brilhantes de lobo e não vendo nada além de preocupação no olhar do homem mais velho.

— Você deveria ficar comigo —, disse Patrick lentamente. — Eles nunca disseram o porquê.

Ele não precisou explicar quem *eles* eram. Ele pensou na noite de quinta-feira, quando o caçador de almas atacou. Que o demônio foi atrás de Marek - mas Marek não tinha sido o único naquela vizinhança.

Jono estava parado ao lado dele.

— Você disse que Marek era o alvo —, disse Jono.

Patrick bebeu o resto do uísque, precisando que a queimadura se estabilizasse. Ele desejou poder aproveitar, mas parecia ácido em sua boca. — Marek pode não ser o único.

— Eu não tenho uma alma limpa. Por que eles me queriam?

Patrick não poderia responder e, mesmo que soubesse de algo, não falaria sobre isso em Tempest. Muitos ouvidos e olhos que não precisavam conhecer o funcionamento interno de sua mente ou os detalhes deste caso.

— Quer outro? — Marek perguntou.

Patrick balançou a cabeça. — Não.

Marek serviu um copo de água para ele. Patrick puxou para mais perto e ignorou a conversa ao seu redor em favor do seu telefone. Ainda não havia chamadas ou mensagens perdidas. Ele acessou seu e-mail, mas não viu nenhum novo que importasse.

Durante todo o tempo a mão de Jono permaneceu em sua coxa, e Patrick estava ciente do calor do toque.

Tempest não ficou muito mais movimentado do que quando chegaram, o que era estranho para uma noite de sábado. Patrick não sabia se era por causa de fofocas sobre o ataque ou se o porteiro tinha ordens para manter alguém humano fora. Ainda assim, ele não deixou seu lugar, exceto para usar o banheiro, mesmo quando Jono o deixou para substituir Marek atrás do bar. Patrick disse a si mesmo que não sentia falta do toque de Jono.

Era quase 21:30 quando o primeiro reforço prometido de Setsuna finalmente chegou.

Patrick estava tomando seu segundo copo de água quando uma comoção na porta da frente o fez sacudir a cabeça. Uma mão foi automaticamente para a sua arma sem sequer pensar nisso, a magia piscando contra a palma da outra mão. Quando ele viu quem entrou, Patrick parou de pegar os dois.

Foda minha vida, ele pensou resignado.

O recém-chegado era um morto-vivo, o vazio sugador onde uma alma residia na carne humana, um reconhecimento familiar que puxava a magia de Patrick, mesmo através de seus escudos. O vampiro era tão alto quanto Jono, que tinha pelo menos um metro e noventa de altura. Os cabelos loiros eram cortados curtos, o azul gelado de seus olhos se destacando contra a pele muito pálida. Os olhos do vampiro varreram a sala, absorvendo tudo com um rápido

olhar, antes de finalmente se fixar em Patrick. Lábios finos se ergueram em um leve rosnado, revelando dentes irregulares que sempre lembravam Patrick de uma piranha.

Emma ficou de pé em um instante, Leon ao seu lado. Eles se plantaram entre o vampiro e os do bar, recusando-se a ceder. Todo mundo ficou quieto, a música o único barulho no local por vários segundos tensos.

— Este é território da matilha. Temos tratados com a Night Court de Tremaine e os outros vampiros mestres nesta cidade que exigem que o seu tipo fique longe, — Leon rosnou.

O vampiro não se moveu, o olhar ainda fixo em Patrick como um predador pronto para atacar. — Não é minha Night Court.

Sua resposta não parecia boa para Emma e Leon. Patrick escorregou do banquinho e se aproximou de onde estavam. Ele conseguiu passar dos dois quando uma mão forte agarrou seu braço, segurando-o de volta. Patrick balançou sobre os calcanhares enquanto olhava por cima do ombro para Jono.

— Lembra quando eu disse que precisava estar disponível? — Patrick perguntou.

Os olhos de Jono não estavam nele, mas no vampiro. — Não acho que você quis dizer para algo assim.

Patrick não tentou se livrar das garras de Jono, apenas olhou para frente novamente, encontrando o olhar penetrante do vampiro. — Einar. Você foi o único que ele enviou?

O vampiro não disse uma palavra.

Alguém mais respondeu por ele.

— Não —, disse uma voz sensual. — Nosso mestre me enviou.

Saltos altos bateram com força no chão enquanto outra pessoa entrava no bar. Ela trouxe consigo uma energia sexual que fez o pau de Patrick se contorcer em seus jeans, apesar de não ser atraído por mulheres.

Carmen sempre teve esse efeito em pessoas e monstros.

Ela caminhou para a frente com saltos altos de doze centímetros, usando um minivestido de espartilho cor de vinho que se agarrava a todas as curvas de seu corpo. O decote mergulhava indecentemente baixo entre os seios cheios, enquanto a bainha era escandalosamente curta. Colares de ouro e pérola pendiam de sua garganta em comprimentos variados, balançando a cada passo que dava. A roupa como um todo era uma aparência moderna que provocava suas raízes cortesãs venezianas.

A cor do vestido de Carmen ressaltou o tom bronzeado de sua pele oliva, dando a ela um ar de beijada pelo sol que sempre faltaria em Einar. Seus longos cabelos negros caíam até a cintura em uma confusão de cachos. Ela parecia humana, mas entre um passo e o próximo, o glamour que ela usava como uma segunda pele desapareceu, revelando sua verdadeira forma.

Chifres enrolados giravam para longe da linha do cabelo sobre o crânio, os cabelos se separando ao redor deles. Argolas de ouro e diamante foram perfuradas em cada orelha, do lóbulo à ponta pontiaguda. As pupilas de seus olhos castanhos escuros não eram pretos, mas um vermelho escuro profundo. A energia sexual que emanava dela ficou mais forte, espessando o ar com a excitação das pessoas. Seu rosto em forma de coração não havia mudado desde a última vez em que Patrick a vira, e o sorriso carmesim que ela lhe deu, os olhos fixos nos dele.

Patrick fez um favor a si mesmo e ajustou seus escudos, bloqueando a agressão sexual em que Carmen prosperou.

— *Ciao, bastardo* — disse Carmen, a voz de súcubo tingida com seu sotaque italiano nativo mesmo centenas de anos depois.

O aperto de Jono quase deixou hematomas por um segundo ou dois antes de afrouxar o suficiente para que Patrick pudesse se libertar. Ele deu um passo à frente e se colocou entre os dois grupos, mantendo os olhos em Carmen.

— Vejo que a necrofilia[30] ainda está funcionando para você —, disse Patrick.

— Vejo que seus modos não melhoraram.

— Eu os guardo para os vivos.

O sorriso de Carmen ficou mais amplo, embora Einar parecesse que estava pensando em assassinato.

Então, novamente, o vampiro sempre parecia que ele estava pensando em assassinato.

Patrick mal prestou atenção nele. Einar estava aqui para a proteção de Carmen, mas todos sabiam que Patrick não colocaria um dedo nela. Como a amante preferida de um dos vampiros mais famosos do mundo, qualquer ataque contra Carmen era um ataque contra Lucien. Patrick não sabia quantos anos Carmen realmente tinha, mas sua primeira aparição registrada chegou aos livros de história cerca de quinhentos anos atrás. Ainda quase meio milênio mais jovem que Lucien, mas isso não a tornava menos perigosa.

[30] Violação de cadáver. Uso de cadáver como objeto sexual.

Pensando no filho favorito de Ashanti, Patrick se perguntou o que diabos Setsuna havia oferecido para Lucien concordar em enviar apoio. Não que Patrick confiasse no vampiro *de jeito nenhum*.

Não é à toa que Setsuna não me disse quem estava enviando, Ele pensou para si mesmo.

Lucien era um pesadelo de relações públicas, esperando para acontecer, sem mencionar ilegal em tantas frentes, que nem era engraçado. Os dedos de Patrick se contraíram com a necessidade de um cigarro para acalmar seus nervos já desgastados.

— Ele veio ao bar? — Patrick perguntou.

Carmen estalou a língua para Patrick com um *tsk* afiado. — Ele não vem até você. Você vai até ele.

Patrick pensou em manter sua bunda exatamente onde estava, mas ele não tinha essa opção. Setsuna abriu mão de sabe-se lá quantos favores, descontou um número desconhecido de dívidas, para levar Lucien e sua Night Court para os Estados Unidos em tão pouco tempo. Patrick não podia confiar em nenhuma ajuda vinda da SOA agora. Sua única opção havia sido reduzida a um vampiro que odiava absolutamente suas entranhas e preferia que Patrick estivesse morto.

Exceto que Lucien havia feito uma promessa a Ashanti, uma que começava e terminava com Patrick. Lucien não dava a mínima para a honra, mas acreditava em obedecer à mãe. Essa era a única razão pela qual ele não esfaqueou Patrick pelas costas depois do final da Guerra dos Trinta Dias.

— Você precisa nos dar uma carona. Meu carro teve uma morte violenta hoje de manhã — disse Patrick.

Carmen arqueou uma sobrancelha perfeitamente desenhada. — Nós? Ele não está com disposição para brincar com lobos.

— Não posso deixar Jono para trás. Ordens do vidente.

O olhar intenso de Carmen mudou de Patrick para Jono, antes de se afastar para se estabelecer em Marek, que havia saído de trás do bar para se solidarizar com Emma e Leon. Nenhum deles apreciou a atenção direcionada a Marek, e eles se colocaram na frente dele de maneira protetora. A raiva em seus rostos guerreava com a luxúria que Carmen estava chamando a atenção de todos, independentemente da orientação sexual.

Carmen inclinou a cabeça para o lado, os cabelos encaracolados mudando em torno dos chifres. — Longe de mim ignorar a vontade de um porta-voz. Traga o lobo.

— Você tem certeza disso? — Jono perguntou em voz baixa.

Patrick deu de ombros. — Eu preciso de reforço.

— Não tenho certeza se você precisa do que ela oferece.

— Nós vamos com você —, Marek anunciou.

— Oh, inferno, não —, disse Patrick, virando-se para encarar Marek. — Você está levando sua bunda de volta para casa e ficando atrás da barreira.

Marek deu a Patrick um olhar impressionado. — Lembra o que eu disse sobre não ser um dos seus pequenos soldados?

Patrick teria discutido o assunto, exceto que o riso divertido de Carmen o interrompeu. Seu sorriso agora estava temperado em algo zombador e frio, dentes afiados em uma linha brilhante entre o vermelho vibrante de seu batom.

— Deixe-os vir —, disse ela. — Você está pendurado longe demais na borda para ignorar uma arma quando encontra uma, Patrick.

O argumento dela era importante. Isso não significava que Patrick tinha que gostar.

Carmen girou nos calcanhares, o glamour se envolvendo em seu corpo, escondendo seu verdadeiro eu mais uma vez. Os chifres desapareceram, a forma sobrenatural dela derretendo de volta à sua forma humana. O centro vermelho de seus olhos escureceu para preto. Apesar de seus escudos, Patrick duvidava que ela controlasse a energia sexual que ela exalava. Afinal, era a espécie dela, não importava a forma que eles tomavam.

— Uh —, disse Tyler por trás deles. — Devo ir com você?

Patrick imaginou que seria realmente, *realmente* uma péssima ideia se a polícia descobrisse quem havia chegado à cidade de Nova York. Ele balançou a cabeça e gesticulou vagamente para a porta. — Volte para a casa de Marek e espere por ele lá.

Tyler parecia aliviado com a ordem, mesmo que ele estivesse um pouco vermelho no rosto e se movendo sutilmente em sua banqueta. Obter uma ereção em público sem meios de obter alívio nunca era divertido. De fato, a única pessoa que não parecia afetada pela presença de Carmen era Jono.

Patrick se perguntou sobre isso enquanto seguia Carmen para fora do bar, deixando Einar conduzi-los. Um SUV preto estava estacionado em fila dupla na rua, com as luzes de perigo acesas, todas as janelas escurecidas. Einar abriu a porta lateral do passageiro para Carmen entrar antes de reivindicar o banco da

frente. Patrick teve um vislumbre de outro vampiro atrás do volante antes de Carmen gesticular impaciente para ele.

— Então? — ela exigiu. — Você está vindo ou não?

Patrick e Jono subiram nos assentos traseiros do SUV sem discutir. No momento em que a porta se fechou, o motorista tirou o veículo do parque e bateu o pé no acelerador. Patrick olhou por cima do ombro a tempo de ver Marek, Emma, Sage e Leon entrando em seu Maserati, com a intenção de não ficar para trás.

— Você nunca poderia ficar longe de problemas, Patrick —, disse Carmen enquanto batia o telefone, disparando uma mensagem de texto.

Patrick queria dizer a ela que toda essa bagunça não era culpa dele, mas ele estaria mentindo se o fizesse.





— VOCÊ TEM QUE estar brincando comigo — disse Patrick.

Carmen sorriu por cima do ombro enquanto mexia uma chave em uma velha fechadura de ferro na porta e a girava. Proteções delicadas queimavam sobre o ferro, espalhando-se para fora para cobrir a porta do armazém antes de desaparecer. A fechadura clicou alto no pequeno beco em que estavam todos amontoados.

— Fizemos um acordo. Está em nossa Night Court há décadas — respondeu Carmen.

Patrick sabia que ela não estava falando apenas do prédio.

O armazém abandonado no Meatpacking District era um dos últimos edifícios não comprados por conglomerados imobiliários e se transformou em boates da moda e condomínios de luxo. Definitivamente vira dias melhores, com suas janelas fechadas perto do telhado e grafites em camadas que se estendiam por todo o lado do prédio, sem dar para a rua.

A frente do prédio era surpreendentemente inacessível, com a única maneira de entrar sendo a porta lateral localizada no beco. Carmen se afastou e deixou Einar abrir a porta velha e pesada. As proteções pareciam manter os invasores afastados, embora Patrick

duvidasse que a magia desbotada realmente tivesse feito muito, considerando o poder que emanava do limiar do edifício quando uma pessoa se aproximava o suficiente para senti-lo.

Se o prédio não o quisesse lá, você não ficaria.

O nome do lugar dizia tudo, e os nomes ainda detinham poder, mesmo nesta era moderna. Uma velha placa de metal corroída ainda estava pendurada na porta com o nome Ginnungagap em seu revestimento. Patrick teve que ignorar o desejo de fugir batendo forte em seu cérebro. Ele mordeu o interior do lábio inferior, tentando controlar os nervos. Fechou os escudos com força, para que nenhuma das werecreatures com ele pudesse cheirar seu medo, mas eles ainda podiam ouvir o batimento cardíaco dele acelerando uma milha por minuto.

Patrick culparia o álcool que ele bebeu, exceto que ele não teve o suficiente para infundir-lhe a necessária coragem líquida. Com toda a honestidade, ele sabia que não havia álcool suficiente no mundo para levá-lo a essa reunião intacto.

— Quando ela o nomeou? — Patrick queria saber.

Carmen entrou na escuridão além da porta. — Ele se autonomeou e vai aonde quer ir. Esta cidade é uma de suas casas.

Ginnungagap, o imenso abismo.

— Malditos imortais —, ele murmurou baixinho.

Jono lançou-lhe um olhar afiado e avaliador que Patrick tentou ignorar.

— Mova-se —, ordenou Einar enquanto seguia Carmen para dentro.

Dada a escolha, Patrick não colocaria um pé em seu território reivindicado. Mas ele não tinha escolha, e era por isso que ele estava

aqui. Patrick rangeu os dentes e passou pelo limiar, esperando ser totalmente engolido pela realidade por trás do mito.

Não foi.

Os outros vieram lentamente atrás dele. O limiar que eles atravessavam era poderoso, antigo e surpreendentemente maleável na forma como preenchia cada centímetro da estrutura do edifício, bloqueando o mundo. A zona morta dentro do armazém fez a pele de Patrick se arrepiar, todos os sons do lado de fora abafados dentro das paredes.

Patrick pegou o celular para verificar se ainda funcionava e descobriu que não tinha sinal. A zona morta bloqueava os eletrônicos da mesma maneira que ele tinha a sensação de que bloqueava qualquer magia indesejada. Se ele ainda tivesse a capacidade de tocar em uma linha ley, Patrick duvidava que fosse capaz de fazê-lo além do limiar de Ginnungagap.

Ele tentou de qualquer maneira, conjurando algumas fracas luzes de bruxa, pequenas faíscas de magia que poderiam ser usadas para iluminar o caminho. Lançá-las parecia arrancar dentes, mas Patrick manteve o feitiço em sua mente, deixando claro que suas intenções não eram nada além de benignas para o edifício e o que vivia dentro de sua estrutura.

Não quero te fazer mal, Pensou Patrick.

Pareceu uma era antes que a pressão diminuísse e ele pudesse respirar novamente. Uma mão quente roçou a dele, e ele virou a cabeça para olhar para Jono. O homem mais alto estava olhando para a escuridão com uma expressão tensa no rosto.

— Nós não deveríamos estar aqui —, disse Jono em voz baixa. — Isso não parece certo.

— Você pode esperar lá fora —, disse Patrick.

Jono lançou-lhe um olhar agravado. — Você está maluco se acha que vou deixar você aqui sozinho.

— Então cale a boca e me deixe falar.

Eles começaram a avançar de novo, a magia de Patrick mal afastando a escuridão. O ar mofado e azedo atingiu seu nariz enquanto todos caminhavam cuidadosamente ao longo de anos e anos de destroços até o centro do edifício.

Alguém escondido no escuro apertou um botão. O zumbido de um gerador ligando chegou aos ouvidos de Patrick. Vários holofotes acenderam, a luz quase brilhante demais no espaço escuro e fechado. Patrick desapareceu com as luzes de bruxa, apertando os olhos para tentar salvar sua visão noturna, mas era uma causa perdida. Ele não conseguia ver muito além do anel de luz em que se encontravam, mas a parte de trás do pescoço formigava com muitos olhos neles que não conseguia ver.

Emma, Leon e Sage se moveram para cercar Marek, de costas para ele em um pequeno círculo protetor. Jono estava tão perto que Patrick podia sentir o calor do corpo dele. Era um bom lembrete de que ele não estava sozinho, mesmo que as coisas pudessem ser mais fáceis se ele estivesse.

— Estou repensando sobre ouvi-lo pela primeira vez —, disse Marek em voz baixa.

— Talvez você devesse ter pensado nisso antes de decidir vir junto —, replicou Patrick.

— Ainda não sou seu pequeno soldado.

— Calado. — disse Sage ao amante com os dentes cerrados.

O movimento chamou a atenção de Patrick, e ele olhou para onde Carmen parecia aparecer subitamente das sombras, seu glamour desapareceu mais uma vez. Suas pupilas vermelhas pareciam se expandir, queimando como brasas em seu rosto. Einar estava ao lado dela na beira da luz, ainda seu cão de guarda sempre atento. Sombras se moviam no escuro atrás de ambos, Patrick pressionado para segui-los.

— Onde ele está? — Patrick finalmente perguntou.

Carmen sorriu, dentes afiados brilhando na luz e não disse uma palavra. Patrick largou os escudos para descobrir por si mesmo. O reconhecimento dos mortos-vivos era quase esmagador, não por causa da multidão de vampiros que ele podia sentir ao seu redor, mas por causa de quão profundamente ele conhecia o mestre deles.

Lucien era familiar da mesma forma que uma ferida infectada - gotejando, podre e correndo o risco de ficar gangrenada.

Uma figura deslizou livre da escuridão circundante, pisando na luz com pés silenciosos. Alto, magro, construído sob a jaqueta de couro pesada que ele usava e armas ocultas que ele nunca ia a lugar nenhum sem, Lucien não tinha mudado. Patrick podia ver isso mesmo de onde ele estava. O mesmo cabelo castanho, os mesmos olhos negros, o mesmo ódio feio no rosnado de sua boca - tudo isso familiar.

Eu realmente odeio reuniões, Patrick pensou consigo mesmo.

— Oh, merda —, Emma sussurrou atrás dele, o tom de *Nós vamos morrer* fácil para Patrick decifrar.

Lucien tinha esse efeito nas pessoas.

Aqueles que tinham vindo com Patrick hoje à noite podiam não saber o que estavam enfrentando, mas seus instintos conheciam o monstro envolto em pele pálida diante deles.

Mil anos atrás, Lucien havia vivido a vida de um soldado sob a bandeira de Guilherme, o Conquistador. Ele morreu no campo de batalha e nasceu de novo pela mãe de todos os vampiros. Ele tinha muitos nomes ao longo dos séculos, mas o que ele carregava agora tinha favorecido por duzentos anos ou mais.

Lucien ainda estava no topo das listas dos dez mais procurados de todos, independentemente do nome que ele usava. Atualmente, sua notoriedade vinha mais de assassinatos e caos, um império de tráfico de armas e magia e lavagem de dinheiro, e não o fato de ele ser um bastardo morto-vivo sugador de sangue.

— Eu não pedi para Setsuna ligar para você —, disse Patrick, quebrando o pesado silêncio.

— Eu não teria vindo se ela fosse a única que implorou —, respondeu Lucien. Seu sotaque era uma coisa chata e triturada pelo tempo. Ele assumia as inflexões do país para o qual viajava tão facilmente quanto as pessoas trocavam de roupa.

Lucien avançou com toda a graça de um tigre caçando a presa. A sensação pura e esmagadora de sua presença fez os ossos de Patrick doerem. Ele encarou Lucien, porque nunca tinha aprendido a não o fazer, por mais machucados que tivesse no fim das reuniões. Fugir não era uma opção.

Nunca era com Lucien.

— Setsuna não implora.

Lucien piscou os dentes em um rosnado desdenhoso. Foi recebido por um grunhido de aviso de Jono quando o werewolf se

colocou entre o mestre vampiro e Patrick. Por um segundo, Patrick só pôde encarar as costas de Jono, surpreso demais para fazer qualquer coisa além de ficar boquiaberto.

— Afaste-se —, Jono advertiu Lucien.

— Não recebo ordens da sua espécie —, disse Lucien em voz baixa. — Este não é seu território. Nem é o seu país. Você está muito longe de sua casa, lobo.

Patrick agarrou Jono pelo braço enquanto ele contornava o outro homem. — Que diabos, Jono? Eu não disse para me deixar falar?

Jono nunca tirou os olhos de Lucien. — Diga-me que este vampiro não é quem eu acho que ele é.

— Vamos com o sim, a julgar pela expressão em seu rosto.

Patrick colocou-se entre Jono e Lucien com apenas um segundo de sobra antes de Lucien ficar de igual para igual com ele. Com um metro e oitenta, Lucien era alguns centímetros mais alto que Patrick e mais forte e mais rápido em todos os aspectos que importavam além da magia. Patrick inclinou a cabeça para trás apenas o suficiente para encontrar o olhar de Lucien, ignorando como seu coração disparou desconfortavelmente rápido em seu peito marcado.

Mãos quentes pousaram em seus quadris, dedos fortes segurando firme. Jono se pressionou contra as costas de Patrick, uma presença poderosa que não deveria ter feito seu pau estremecer, mas Jono era fodidamente *perturbador*.

Patrick realmente não podia se dar ao luxo de se distrair agora.

— Correndo com lobos hoje em dia. Isso é novo — disse Lucien.

Sua respiração estava fria, onde soprava sobre o rosto de Patrick, o cheiro era como cobre velho. Patrick manteve as mãos de lado e resistiu à vontade de pegar sua adaga.

— Não por escolha —, respondeu Patrick.

— Isso *não é* novo. Tampouco o fato de o seu caso atual matar você.

— Vai me cavar uma cova?

Lucien sorriu, lábios rachados estalando com o movimento, mas ele não sangrou. — Eu não quebro minhas promessas. Não sou como você.

Patrick abriu a boca para discutir, mas as palavras nunca passaram dos dentes. Uma mão fria envolveu sua garganta no mesmo instante em que o cano de uma pistola pressionou sob seu queixo. Os vampiros tinham uma velocidade que ninguém iguala no mundo sobrenatural, uma velocidade que deu origem às histórias que diziam que podiam voar.

Uma velocidade que nem mesmo um werewolf poderia igualar.

— Eu não faria isso —, Lucien disse quando Jono surgiu contra o corpo de Patrick, alcançando o vampiro. O golpe da arma contra a mandíbula de Patrick foi suficiente para fazer Jono ficar imediatamente imóvel. Seu rosnado sem palavras era alto no ouvido de Patrick, uma forte vibração em suas costelas.

— Deixe-o ir —, Jono rosnou, suas mãos segurando Patrick forte o suficiente para machucar.

Os olhos negros de Lucien nunca piscaram quando ele olhou para Patrick. — Não.

Patrick engoliu em seco com força, ainda capaz de respirar. Esse pouco de clemência não vinha da bondade de um coração que

não batia, mas de uma promessa que Lucien havia feito a Ashanti de manter Patrick vivo.

Por causa de Ashanti, Lucien ainda estava perseguindo os passos de Patrick quando necessário, mesmo sob a luz do sol. Como uma das primeiras imortais e uma deusa por mérito próprio, a rara capacidade de Ashanti de andar sob a luz do sol e não ser queimada em cinzas se manifestou em apenas um punhado de seus descendentes diretos.

Ashanti sempre foi ferozmente amada por seus filhos. A maioria das pessoas não sabia que a mãe de todos os vampiros estava morta porque as lendas não deveriam morrer. Engraçado como você pode manter uma história viva, mesmo depois que o assunto se foi.

Patrick se apoiou nas mãos de Lucien e na pistola, a pressão quase o sufocando. — Estou tentando essa coisa nova, onde mantenho todo o meu sangue dentro do meu corpo. Não estrague minha série de vitórias, Lucien.

Patrick estava vagamente consciente de alguém que não era Jono xingando atrás dele, mas a maior parte de sua atenção estava focada no vampiro que literalmente segurava a vida de Patrick em suas mãos.

O aperto de Lucien se apertou um pouco, e Patrick tentou não se engasgar. — Eu não senti falta de trabalhar com você —, Lucien disse em uma voz baixa e odiosa.

— Você poderia ter ficado onde estava quando Setsuna ligou, mas não o fez. Você sabe o que isso me diz? — Patrick engoliu o peso da pistola contra seu corpo e a promessa assassina nos olhos negros de Lucien. — Você vai lutar comigo, assim como da última vez.

— E é como da última vez?

Patrick não piscou. — Não. Porque sabemos o que está por vir.

— Só porque você vê isso não significa que você pode pará-lo. Lembra o que nos custou quando você não aguentou sua merda?

Patrick se encolheu, pensando em Ashanti. Sobre sua estatura de Asanbosam que incutiu tanto medo nas pessoas. Sobre seus dentes de ferro e os ganchos de osso embainhados em tampas de aço nas quais ela pisara a terra por milhares e milhares de anos. Do jeito que ela parecia quando morreu, engolida pela areia seca do deserto em um calor impossível queimado pelo sol, sacrificada à magia. Como seu corpo desmoronou em cinzas diante da magia celestial despejada na adaga feita pelos deuses que ela literalmente atravessou o inferno para entregar a Patrick.

Ele não tinha sido capaz de salvá-la, e Lucien sempre, *sempre* culpou Patrick pela morte de sua mãe.

— Sinto muito —, disse Patrick pela milésima vez.

Desculpas eram insignificantes para os mortos e mortos-vivos.

— Um dia desses, eu mato você — prometeu Lucien, empurrando a pistola com mais força contra a parte de baixo da mandíbula de Patrick.

— Foda-se, cara —, disse Jono, a fúria em sua voz vibrando através de seu peito e nas costas de Patrick. — Deixe-o ir antes que eu rasgue sua maldita cara.

Patrick teria dito para ele calar a boca se ele tivesse fôlego para poupar.

— O lobo fala por você agora?

Patrick levantou a mão e fez um movimento de gangorra. — Está mais para os Destinos. Não poderia deixar seu lobo favorito para trás.

Não era uma ameaça, nem um aviso, apenas um fato que Patrick não se importava em compartilhar. Por mais que Lucien entendesse, era o suficiente para fazê-lo finalmente recuar.

Os dedos de Lucien se levantaram de sua garganta um por um. O cano da pistola deslizou sobre sua mandíbula para beijar seus lábios em uma promessa mortal antes de se afastar completamente. Patrick conseguiu respirar fundo antes de Jono o afastar de Lucien, colocando espaço entre eles. Os braços de Jono eram fortes em torno de seu corpo, segurando-o perto enquanto Patrick tocava cautelosamente sua garganta com uma mão.

— Isso vai deixar um machucado —, ele murmurou, a voz saindo um pouco rouca.

Quando Patrick olhou para cima, Lucien estava de volta ao lado de Carmen, olhando para a escuridão do armazém.

— Naheed, eu preciso da sua presença —, Lucien chamou.

Patrick tentou dar um passo à frente, mas os braços de Jono se apertaram, recusando-se a deixá-lo ir. Patrick lançou-lhe um olhar exasperado. — Você não está ajudando, Jono.

— Você quase teve a cabeça decepada por aquele filho da puta e nem sequer brigou com ele. Você e suas tendências suicidas podem esquecer sobre eu deixá-lo ir — Jono respondeu.

Patrick suspirou aborrecido, mas imaginou que essa era uma luta que ele claramente não venceria sem algum esforço. Em vez disso, ele se concentrou na mulher de cabelos escuros e grossos que cambaleou na luz das sandálias de salto alto, o vestido de verão limpo, apesar da localização imunda. Ela trazia alguém familiar pela mão, e Patrick emitiu um som estrangulado no fundo da garganta.

— O que porra você está fazendo aqui? — Patrick exigiu.

— O que parece que eu estou fazendo, Pattycakes? Estou entregando uma mensagem — disse Hermes, enquanto caminhava para a frente.

Naheed soltou a mão de Hermes com um sorriso e caminhou delicadamente até onde Carmen estava. Seus grandes olhos azul esverdeados estavam curiosos, mas ela não falou. Naheed era humana, o colar de cicatrizes na garganta provava seu status de alimentadora disposta a vampiros. Ela era a refeição favorita de Lucien, desde que Patrick a conhecera anos atrás.

Lucien recebeu Naheed quando ela era criança, como pagamento de uma vila subjugada no Afeganistão cujos governantes não queriam se tornar alimento de vampiro. Ela estava viciada em ópio aos três anos de idade, junto com toda a sua família, e nunca conhecera nada além do vício até Lucien a reivindicar. Ele a limpou porque nunca gostara da maneira como as drogas provavam no sangue dos humanos que ele mantinha dentro de sua Night Court.

Marek passou por Emma, uma luz interior brilhando nas profundezas de seus olhos. Emma o agarrou pelo pulso e o impediu de ir mais longe, mas parecia levar mais força do que o normal.

— Oh —, disse Marek, não soando como ele. — É você.

Hermes colocou uma mão no peito e curvou-se na direção de Marek, o gesto surpreendentemente genuíno. — Boa noite, Skuld.

Os olhos de Marek ficaram brancos, a mudança em sua voz assustadora. — *Primo*.

Emma e Sage trocaram um olhar sombrio enquanto a expressão de Leon permanecia ilegível. Patrick imaginou que os três estavam bem cientes do que significava quando o Destino assumia o controle da vida de Marek tão completamente. Patrick realmente

esperava que o vidente não perdesse uma cor inteira no momento em que este caso terminasse. Ele odiava pensar que seria responsável por Marek ficar muito mais perto da loucura. Todo o dinheiro do mundo não conseguiria comprar a sanidade de um vidente após um certo ponto.

Os braços de Jono se apertaram ao redor de Patrick, mãos quentes deslizando sobre suas costelas através da camiseta que ele usava. Patrick tentou não se contorcer.

— Você não tem cheiro de humano, companheiro —, disse Jono a Hermes.

Hermes piscou para ele, mas não havia nenhum humor no rosto do imortal. — Isso é porque eu não sou.

— Então o que é você? — Emma perguntou em voz baixa. Ela ainda tinha Marek, e o Destino que habitava seu corpo não parecia se importar.

Hermes a ignorou em favor de vagar no espaço pessoal de Patrick, não intimidado pela presença de Jono. Ele olhou os hematomas que Patrick podia sentir subindo na garganta e balançou a cabeça.

— Você nunca aprende, não é? — Hermes disse.

Patrick cravou em seus calcanhares quando parecia que Jono estava prestes a arrastar os dois fora de alcance. O corpo inteiro de Jono ficou tenso quando Hermes se inclinou e pressionou a boca na de Patrick. Ele pode mais sentir do que ouvir o rosnado de Jono.

O beijo pareceu estático, uma queimadura elétrica que atravessou sua pele dos lábios aos dedos dos pés. Patrick teria ofegado, mas ele não queria dar a Hermes a satisfação. Hermes manteve a pressão por um segundo ou dois, mas não tentou tomar

nada além de um toque. Quando o imortal se afastou, ele deixou para trás a pele curada e a capacidade de Patrick engolir sem sentir como se sua garganta estivesse prestes a ceder.

— Precisamos de você inteiro —, disse Hermes.

Patrick tocou sua garganta, o calor das contusões se foi. — Sabia que não era porque você se importava.

— Dionísio estava em Atlantic City quando sentiu o chamado do feitiço. Ele deixou o país para escapar. Artemis também.

— Sem surpresas. Limpamos o foco de seu sacrifício esta manhã. Quem sobrou?

Hermes estudou o esmalte preto lascado em suas unhas, cortando algumas das pontas irregulares e cortadas. — Faz diferença? Você tem um trabalho a fazer, Pattycakes.

— Sua fé equivocada vai arruiná-lo, Hermes —, disse Lucien.

Hermes casualmente sacudiu o vampiro com uma mão enquanto fazia um círculo preguiçoso no ar com a outra. O som de moedas batendo no chão aos pés de Patrick lembrou-o da máquina caça-níqueis de um cassino de Las Vegas, ganhando uma vitória.

Hermes apontou para as moedas. — Estes são para você.

Patrick tocou uma das antigas moedas gregas com a ponta da bota, o círculo de ouro talhado brilhando nos holofotes. — Para que servem?

— *Pagamento pelos mortos.*

Patrick estremeceu com o som da voz de Skuld saindo da boca de Marek. — Imortais não morrem.

— *Nós podemos ser quebrados. Nós podemos ser esquecidos.*

— Nós podemos ser usados —, disse Hermes em uma voz baixa e cruel, os olhos estalando com uma fúria que queimava. —Não quero

perder o que me pertence da mesma forma que Macaria. Também não desejo me tornar um canal para mortais sedentos de poder, como Rá fez.

Patrick respirou fundo ao som do nome daquela deusa, desejando que seus escudos pudessem esconder o som de quão duro seu coração estava batendo.

— Posso lembrar que a Seita Dominion usou as pirâmides de Gizé para tentar escravizá-lo. Não estamos nem perto da Grécia e de suas relíquias para que eles usem você e seu panteão assim — observou Carmen.

A expressão de Hermes se transformou em algo monstruoso por uma fração de segundo antes de se suavizar no rosto de um homem mais uma vez. — Você não precisa estar em nossa terra natal aqui no plano mortal para que esse feitiço se concretize.

— Então o que eles precisam? — Patrick perguntou.

Hermes abriu as mãos, o sorriso tão afiado quanto facas. — Coisa maravilhosa sobre a América. Pessoas de todo o mundo vieram para construir este país. Eles carregaram suas crenças e deuses com eles para essas praias. Esta cidade foi construída com mãos que oravam a centenas de divindades. A Seita Dominion não precisa de um monumento de vários milhares de anos quando tem arranha-céus.

Patrick se libertou dos braços de Jono com um pouco de esforço. Ajoelhou-se e recolheu as moedas, contando até vinte e quatro, duas para cada um dos sacrifícios ligados ao feitiço do zodíaco. Todos os mortos precisavam pagar ao barqueiro. Ele encheu os bolsos com as moedas antes de se endireitar.

Andando ao redor de Hermes, Patrick se dirigiu para Marek e o imortal que nunca deixaria o vidente ir. Ela o viu chegar com uma torção secreta na boca de Marek, o poder que deriva de sua aura profunda e insondável e totalmente inumano.

E, no entanto, Emma ainda não o soltou, como se o Destino não a assustasse nem um pouco.

— Você pode ver o fim? — Patrick perguntou a Skuld sem rodeios quando ele ficou na frente dela e de seu porta-voz. — Você pode ver o futuro?

Skuld não piscou, sua estranha atenção nunca vacilou. — *Não aqui. Não mais. Existem muitas possibilidades agora que você está no caminho, e minha visão não é a única a procurar uma nova realidade.*

O aviso caiu pesadamente entre eles, mas Patrick se recusou a deixá-lo pesar.

— Então deixe Marek ir. Esta não é a luta dele, é minha. Era isso que todos vocês queriam, não é? Que eu lutasse?

— *Sua aceitação não limpa a dívida da sua alma.*

Patrick soltou um som que não se parecia em nada com risos. — Estou bem ciente do que seu lado pensa que eu devo. Deixe Marek ir. Não é ele que você quer, sou eu, e *você me tem*.

Skuld fechou os olhos de Marek, e quando eles se abriram novamente, eles eram castanhos mais uma vez - olhos humanos em um rosto humano. Os joelhos de Marek dobraram, mas Emma se moveu rapidamente para pegá-lo, segurando-o com força sobrenatural.

— Eu o tenho —, disse Emma, seu olhar se deslocando sobre o ombro de Patrick por um momento rápido. — Apresse-se, sim?

Honestamente, Patrick estava tão malditamente farto desta noite.

— Estamos saindo —, disse ele em voz alta.

— Você tem até o solstício de verão —, alertou Hermes. — Encontre uma maneira de detê-los.

Quando Patrick se virou, Hermes se foi, desaparecendo pelo véu. O silêncio repentino no armazém fez sua pele arrepiar. Ele olhou através do espaço iluminado para onde Lucien estava.

— Nós terminamos? — Patrick perguntou.

Lucien virou as costas com desdém para o grupo. — Por enquanto. Entrarei em contato com você quando o resto das remessas de armas chegarem. Você e sua mágica não são suficientes para lidar com esse problema. Nunca foi.

A boca de Patrick torceu amargamente. — Certo.

Fazer uma viagem pela memória nunca era divertido. Se Patrick pudesse enterrar seus fantasmas, ele o faria. Eles simplesmente nunca ficavam mortos.

Patrick passou o outro braço de Marek por cima dos ombros, e todos eles deram o fora dali. Jono e Leon guardaram sua retirada, enquanto Sage os limpava um caminho na frente da Night Court de Lucien com um destemor que impressionou Patrick.

Chegaram à saída e cruzaram o limiar. Patrick sentiu como se pudesse respirar novamente quando eles estavam fora de Ginnungagap.

— Estou com tanta dor de cabeça —, Marek gemeu.

Leon veio para ocupar o lugar de Patrick, ajudando Emma a carregar o peso de Marek entre eles. Patrick apontou para a boca do beco. — Vamos. Não confio no que mora nas paredes deste lugar.

— Você fala como se estivesse vivo —, disse Sage.

— É alguma coisa —, ele murmurou.

— *Lucien* é alguma coisa — Leon respondeu, parecendo um pouco selvagem ao redor dos olhos. — *Madre de Dios* Patrick. Como diabos você conhece esse bastardo psicótico?

— Longa história, altamente confidencial. Se eu te dissesse, teria que te matar.

Eles cortaram o beco para a rua, amontoados na calçada em meio a uma vida noturna que parecia deslocada agora. Todas as pessoas desavisadas que se divertiam não sabiam nada sobre os monstros que se estabeleceram no meio deles.

— Não deveríamos ter pedido a ajuda dele —, disse Sage quando estavam a meio quarteirão de distância.

— *Nós* não estamos fazendo nada — retrucou Patrick. — *Eu* estou lidando com Lucien, não vocês.

Marek bateu a mão nele, a cabeça inclinada para trás, os olhos fechados. Ele parecia bêbado, fornecendo a cobertura perfeita para o motivo de o grupo estar na área. — Não sozinho.

— Eu não vou me livrar de Jono, se é isso que você quer dizer.

— Não. — Marek respirou com cuidado pelo nariz, rangendo os dentes contra qualquer dor que estivesse pulsando em sua cabeça e corpo por canalizar um imortal. — Não foi isso... o que eu quis dizer. Você não está brigando sozinho.

— Eu tenho reforço agora.

— Porra de reforço ilegal, é o que é —, Jono retrucou. Ele alcançou Patrick e cuidadosamente inclinou a cabeça para trás para ver melhor a pele agora curada em sua garganta. — Aquele idiota queria te matar.

Patrick piscou para ele, tentando não se apoiar no toque de Jono, e falhando um pouco. — Lucien sempre quer me matar. Isso não é nada.

Todo mundo olhou para Patrick com um olhar incrédulo no rosto. Bem, todos, exceto Marek, que se inclinou para a frente e prontamente vomitou por toda a calçada.

— Precisamos levar Marek para casa. Aquele show de merda deu a ele uma enxaqueca e provavelmente o levou a perder outro tom de cor — disse Leon, irritado.

— Acho que afetou o vermelho desta vez —, Marek falou. —Seu cabelo parece um pouco mais claro, Patrick.

Patrick passou a mão pelo cabelo vermelho escuro. — Sinto muito.

— Não é culpa sua que eu nasci assim.

Sage estendeu a mão e tocou o ombro de Marek. — Vamos. Você precisa relaxar pelo resto do fim de semana.

— Ah, não. Vamos ligar para Victoria. Ela tem que curar isso. Sua festa de aniversário é amanhã.

— Podemos fazer em outro fim de semana.

Emma abandonou seu lugar ao lado de Marek para Sage. Leon e Sage passaram por alguns carros para levar Marek até seu Maserati. Emma ficou parada, uma ,pequena, parede praticamente impenetrável entre Patrick e sua matilha.

— O que você quer? — Patrick perguntou cansado.

Emma apertou os lábios. — O que realmente está acontecendo? E não me venha com essa merda de confidencial, Patrick. Aqui não é o exército. Esta é a cidade de Nova York. É o nosso *lar*. Então me diga a verdade.

Emma era uma força a ser reconhecida. Toda a ferocidade teimosa, pronta para atacar qualquer ameaça destinada àqueles que ela reivindicou como dela. Emma *se importava*. Na experiência de Patrick, isso sempre era perigoso.

Ele fez uma careta. — A verdade é que não posso te contar. Eu não posso, Emma. Mas preciso que você saiba que estou fazendo tudo o que posso para garantir que o que acho que vai acontecer não aconteça.

— Em parceria com Lucien?

— Usando qualquer método que eu precise, não importa quão ilegais eles sejam, para garantir que esta cidade ainda esteja de pé no final. Prometi isso a Casale. E eu prometo a você a mesma coisa.

— E se você quebrar essa promessa?

— Então não importa, porque todos estaremos mortos.

Emma olhou para ele por um longo momento antes de soltar um suspiro pesado. Ela passou a mão pelos cabelos pretos e grossos, bagunçando alguns dos cachos soltos em que tinha penteado. — Youssef e Estelle não querem que tenhamos nenhum contato com você.

— Okay? E?

— Você manteve Marek em segurança —, disse ela calmamente. — Ele é meu melhor amigo e de Leon, a única família que nos resta depois de sermos mordidos. Você não pensou duas vezes antes de se jogar entre ele e aquele demônio na outra noite. Você não hesitou. Eu conheço muitas pessoas que teriam.

— Youssef e Estelle, para citar alguns —, disse Jono, parecendo irritado.

Emma não protestou contra essa acusação. Patrick imaginou quantas rachaduras existiam na comunidade de werecreatures aqui para que Jono pudesse dizer isso e Emma não vir em defesa da matilha divina em face de um alfa de outra matilha.

— Você não me deve isso, Emma —, Patrick disse a ela.

— Isso não é uma dívida —, disse ela. — Isso não é nada parecido com o que esses imortais estão segurando sobre sua cabeça para fazer você cumprir as ordens deles. Estou oferecendo porque é a coisa certa a fazer. Porque Marek já está no fundo, e eu não vou deixar vocês dois se afogarem nos problemas que continuam surgindo, não importa o que Youssef e Estelle digam. Isso é o que uma matilha faz, Patrick. Isso é o que uma matilha *é*.

A ferocidade em suas palavras tinha Patrick desejando que ele pudesse acreditar no que ela oferecia, sem amarras. Mas ele sabia que nada na vida vinha de graça.

— Eu não sou da sua matilha —, ele a lembrou.

Emma olhou para Jono. — Tenho um sentimento que isso pode estar mudando. Dê-me seu número de telefone.

De tudo o que ela poderia ter pedido, isso era a coisa mais fácil de dar. Eles trocaram números de telefone e, em seguida, Emma deu-lhe um olhar de desculpas. — Eu ofereceria uma carona, mas estamos sem espaço.

— Eu ligo para um Uber. Não se preocupe conosco. Apenas leve Marek para casa atrás daquela barreira.

— Emma está sempre se preocupando. Definitivamente uma mãe coruja — disse Jono. Suas palavras saíram cheias de afeto e Emma sorriu para ele.

Jono envolveu Emma em um forte abraço. Ela passou a mão sobre o pescoço dele, discretamente marcando-o quando se separaram. O cheiro da matilha desapareceria em poucas horas, e ninguém saberia que ela havia feito isso, porque Jono não ficaria perto de outras werecreatures pelo resto da noite.

Ele deu um sorriso torto para Emma, e Patrick pensou no que Jono havia dito no café na outra manhã. Como ele deixou Londres sem ter uma matilha e teve a chance de ter uma aqui na cidade de Nova York. Como parecia que Emma estava mais do que disposta a seguir as ordens dele, em vez de se submeter a uma matilha divina em que não confiava.

Patrick se perguntou quantos outras matilhas nos cinco distritos estavam na mesma situação.

Emma acenou um adeus e correu pela calçada para o carro de Marek. Ele e Jono a viram entrar e esperaram até que partissem antes de Patrick desbloquear o telefone para ligar para um Uber.

Quanto mais cedo chegasse ao apartamento, menos se sentiria como se tivesse um alvo nas costas na forma das presas de Lucien.





PATRICK ESPALMOU sua mão contra o batente da porta a caminho do apartamento, empurrando sua magia para o limiar, fortalecendo-a o máximo que podia. A onda de adrenalina o deixou em algum lugar no centro da cidade. Um tipo diferente de zumbido atingiu seus nervos quando Jono não hesitou em amontoá-lo contra a porta depois que Patrick a fechou e trancou.

A cabeça de Patrick bateu contra a porta enquanto olhava para o rosto de Jono e a preocupação naqueles olhos brilhantes de lobo. Sem mais gente perigosa para tomar sua atenção, Patrick podia concentrar-se inteiramente no outro homem.. Ele se lembrava de cada segundo naquele armazém quando Jono estava grudado nas suas costas, aqueles braços fortes se recusando a entregar Patrick a Lucien e Hermes quando uma pessoa mais sã o faria.

Ou talvez, apenas um pouco menos teimoso.

— Você precisa de um reforço melhor —, disse Jono, sua voz um estrondo silencioso que foi direto para o pau de Patrick.

— Você está se voluntariando? — Patrick perguntou, não querendo pegar as palavras de volta.

— Não sei por que sua agência não oferece a você um maldito parceiro. Você precisa de um para te impedir de fazer merdas estúpidas.

— Eu não preci...

O que quer que Patrick fosse dizer, ele esqueceu as palavras quando Jono o beijou. Jono ignorou a suavidade e foi direto ao exigente, uma mão emoldurando o rosto de Patrick para segurá-lo imóvel enquanto o devorava. Patrick o deixou, estendendo as mãos gananciosas para agarrar os quadris de Jono e pressioná-lo para mais perto. Jono agradeceu da melhor maneira possível.

Ele quebrou o beijo, mãos quentes tateando a bunda de Patrick por um segundo ou dois antes de puxá-lo em seus braços com força fácil. Patrick colocou as pernas em volta da cintura de Jono, seu pênis endurecido pressionado contra um abdômen sólido. Ele passou as mãos pelos cabelos pretos de Jono, encarando olhos azuis que não eram inteiramente humanos.

— Baixe seus escudos —, disse Jono.

Com qualquer outra pessoa, Patrick teria ignorado o pedido, teria mantido seus escudos para que ninguém pudesse sentir o dano em sua alma e magia. Desde quinta-feira à noite, ele vinha fazendo uma exceção após a outra por Jono.

O que aconteceu era que Patrick *queria* - queria o que Jono estava lhe oferecendo desde quinta à noite no bar. Ele disse a si mesmo apenas uma noite, era tudo o que ele conseguiria, e aqui estava ele, voltando atrás em sua própria promessa.

Pelo menos ele não devia a ninguém além de si mesmo por isso.

Patrick sabia que ele não ficaria além da duração do caso, que Jono seria apenas uma lembrança por anos, se Patrick sobrevivesse

tanto tempo. Mas, por enquanto, ele teria mais uma noite, se é isso que o Destino queria dar a ele.

— Sim, tudo bem —, disse Patrick, correndo atrás da boca de Jono.

Ele baixou os escudos, deixando-os se soltarem sob a pele dele. A mancha em sua alma, em sua magia, era algo de que as pessoas geralmente se afastavam. Jono enterrou o rosto na garganta curada de Patrick, lambendo uma faixa quente até a orelha antes de morder o lóbulo sensível.

— Eu quero te foder —, Jono rosnou.

— Deuses sim —, Patrick gemeu, puxando os cabelos de Jono. — Eu empacotei lubrificante e preservativos.

Jono levantou a cabeça, encarando-o. — Você viaja à trabalho com eles?

Patrick revirou os olhos. — Eu deveria estar no *de férias*. Em *Maui*. Estar bêbado e fodido.

O sorriso de Jono era perverso, o calor em seus olhos brilhantes fazendo Patrick se pressionar mais perto. — Posso usar o lubrificante. Não precisa de preservativos, se quiser.

O werevirus às vezes era classificado como uma DST, que a maioria das pessoas não queria. Werecreatures eram imunes a todas as outras doenças sexualmente transmissíveis por causa disso. Usuários mágicos tinham imunidade ao werevirus, mas nada mais. Patrick nunca iria ser contaminado, e o pensamento de deixar Jono transar com ele sem camisinha fez seu pau palpitar.

— Os preservativos ficam na mala —, disse Patrick.

Jono o arrastou para longe da porta da frente, levando-o para o quarto. Patrick se ocupou em aprender o formato da boca de Jono

mais detalhadamente. Jono não acendeu a luz do teto quando eles entraram no quarto, mas acendeu a lâmpada de cabeceira depois de deixar Patrick na cama. Ele saltou uma vez antes de começar a desabotoar os cadarços das botas de combate. Ele conseguiu tirar uma, mas Jono tirou a camisa e Patrick esqueceu o que diabos ele estava tentando fazer.

Sem camisa, o abdômen de Jono e os bíceps definidos estavam à mostra. Sua pele era lisa e sem marcas, e Patrick queria lamber o peito de Jono do jeito que algumas pessoas ansiavam por sobremesa. Jono sorriu para Patrick enquanto pegava a garrafa de lubrificante da mala.

— Tire seu maldito equipamento —, disse Jono.

Patrick puxou os cadarços de sua bota restante. — Sim.

Ele demorou um pouco mais para se despir do que Jono. Patrick ficava distraído com o desinteresse total que Jono exalava quando estava completamente nu. Os dedos de Patrick se atrapalharam com as tiras e fivelas segurando sua adaga no lugar, uma vez que ele viu o pau de Jono. Sua boca imediatamente ficou molhada ao ver o comprimento meio duro que Jono estava acariciando casualmente. Seu pênis era longo e grosso, pubes pretos aparados perto da pele, e tudo o que Patrick achava que ele não conseguiria até que este caso terminasse.

Ele queria Jono nele *agora*.

Patrick tirou as moedas do bolso e as deixou em uma pilha na mesa de cabeceira antes de se livrar de suas armas e da maioria de suas roupas em tempo recorde. Ele apenas hesitou quando estava prestes a tirar a camiseta. Às vezes, quando ele não queria lidar com perguntas, ele mantinha a camisa durante o sexo. Patrick sabia que

Jono não se importaria de qualquer maneira, e foi o que finalmente o levou a conseguir tirá-la. Ele não sentiu falta da maneira como os olhos de Jono se arregalaram antes de se estreitar enquanto olhava para a confusão de cicatrizes no peito de Patrick.

Jono pisou entre as pernas abertas de Patrick e ajoelhou-se, traçando as cicatrizes no seu corpo com mãos e olhos, seu toque gentil.

A entrada do ferimento de bala que ele havia pegado no campo anos atrás era baixa no quadril e para o lado, uma mera reflexão tardia em face de outras cicatrizes mais proeminentes. As cicatrizes das marcas das garras eram antigas, tempo e magia haviam desbotado o tecido da cicatriz de um rosa vívido para um branco pálido. Elas cortavam diagonalmente o peito, da clavícula esquerda até as costelas do meio, do lado direito. Um segundo conjunto de cicatrizes corria verticalmente sobre o esterno, as bordas mais profundas e enrugadas eram ásperas e entorpecidas por danos nos nervos. Ele não conseguia sentir o peso de suas placas de identificação onde elas estavam contra as cicatrizes em algumas áreas, mas ele sabia que elas estavam lá.

Patrick esperou pelas perguntas inevitáveis, mas nenhuma veio.

Em vez disso, Jono se inclinou para frente e deu um beijo de boca aberta no centro das cicatrizes, o canto dos lábios preso na borda das placas de identificação. Patrick estremeceu com o toque, mal o sentindo em alguns pontos, mas ele podia sentir as mãos de Jono nele, e ele queria mais. Queria Jono nele e ao seu redor, real e quente e não indo a lugar nenhum, disposto a deixar todos os

segredos esculpidos no corpo de Patrick, em sua mente, ficar lá, pelo menos por esta noite..

Patrick embalou a cabeça de Jono com as mãos, inclinando a cabeça para trás para um beijo. Jono se levantou para encontrá-lo no meio do caminho, o beijo tão exigente quanto antes. Patrick deixou-se levar pela cama, o calor do corpo de Jono se espalhando por ele. Patrick arqueou contra esse calor sólido, sentindo Jono raspar os dedos pelas costas e por mais algumas cicatrizes que ele carregava lá - lacerações desbotadas e o buraco de saída do ferimento de bala.

Jono quebrou seu último beijo, os lábios de Patrick formigando quando se separaram. Ele lambeu o caminho da garganta de Patrick com cuidadosos golpes de língua, dentes pegando cuidadosamente contra a pele não marcada. — Queria matar o bastardo por tocar em você.

Patrick soltou uma risada suave enquanto arrastava as mãos pelas costas de Jono, sentindo toda essa força flexionar contra seu toque. — Qual deles?

— *Ambos*.

Sua resposta teve o calor se espalhando pelo corpo de Patrick, acumulando-se em seu intestino com o tom possessivo na voz de Jono. Ser desejado era legal, mesmo que fosse apenas para uma transa. Era o que ele esperava entre eles. Rápido e duro.

Jono tinha outras ideias.

Quando ele puxou a boca de Jono de volta para sua, o beijo foi áspero, o sabor de Jono em sua língua não muito diferente da explosão de reconhecimento que saltava através de sua magia de vez em quando. Então diminuiu a velocidade, suavizou, deixando seus

lábios machucados e crus, cada nervo em seu corpo zumbindo como um fio vivo. Quando Patrick tentou exigir mais, Jono o segurou, o manteve imóvel e o beijou suave e devagar.

Patrick nunca diminuía a velocidade quando fazia sexo com os homens que caçava em bares ou em um aplicativo quando estava de licença no Mage Corps e nos dias de folga entre os casos com a SOA. Ele pegava homens para ser fodido e nada mais. Patrick fazia amizades, não relacionamentos, porque ambos eram perigosos de perder, mas um mais que o outro. Alguma parte dele não queria saber o que estava perdendo, mas era difícil ignorar com as mãos de Jono nele.

Jono seguiu seu próprio ritmo e não havia como apressá-lo. Patrick descobriu que honestamente não queria.

Aquela boca pecaminosamente quente beijava seu peito cicatrizado, mãos quentes escorrendo pelas costelas. Patrick separou as pernas ainda mais, dobrando-as nos joelhos enquanto os dedos dos pés se enrolavam no edredom. Jono lambeu a ponta do pênis de Patrick antes de engoli-lo em um longo deslize. Patrick jogou a cabeça para trás com um gemido, empurrando contra a estrutura da cama com uma mão enquanto enrolava os dedos da outra no cabelo de Jono.

— *Porra* — ele gemeu, inclinando os quadris para cima, sentindo seu pênis deslizar profundamente na garganta disposta de Jono. O leve arranhão de barba ardendo na pele de suas coxas o fez morder o lábio.

Fazia tanto tempo desde que ele transou com alguém, mas Patrick não conseguia se lembrar de um momento em que tinha sido assim. Lento, metódico, se assegurando de levá-lo a loucura. Jono

engoliu em torno de seu pênis em um ritmo vagaroso, balançando a cabeça, trabalhando em Patrick com uma intensidade obstinada que o tornou numa bagunça chorosa.

O calor em seu ventre e o aperto em suas bolas o fizeram puxar os cabelos de Jono um pouco freneticamente. — Se você não parar, eu vou gozar.

Ele ficaria envergonhado com o pouco tempo que Jono levara para chegar a esse ponto, mas o toque de outra pessoa era sempre mais íntimo do que sua própria mão.

Jono se afastou com um puxão forte da língua na parte inferior do pênis de Patrick. Ele não conseguiu reprimir o gemido, vendo Jono finalmente levantar a cabeça, um fio fino de saliva esticada entre a língua e a ponta do pênis de Patrick.

— Esse é o ponto —, Jono disse a ele.

Patrick respirou fundo. — Sim, bem, já faz um tempo fora da minha própria mão. Para mim.

— Ótimo.

Patrick encontrou o olhar pesado de Jono. Seus olhos intensos de lobo pareciam brilhar na luz fraca da lâmpada, refletindo a luz de volta ao mundo. Patrick estendeu a mão para ele, segurando sua mandíbula, a palma da mão curvando-se em torno do queixo liso. A sombra da barba de Jono fazendo cócegas em sua pele.

— Eu quero que você me foda —, disse Patrick calmamente.

Jono piscou, virando a cabeça no toque de Patrick para dar um beijo na palma da mão. — Estou tomando meu tempo com você.

— Você é absolutamente o *pior* em ouvir ordens. Eu quero-...

Patrick interrompeu com um suspiro quando um dedo longo, liso de lubrificante, entrou em seu buraco. Patrick deteve a intrusão

instintivamente, os lábios se separando na expiração. Jono se ajoelhou, uma mão pressionando a cama para se equilibrar enquanto se movia para beijar Patrick. Sua língua acariciou profundamente, combinando o movimento de seu dedo enquanto ele empurrava dentro e fora do corpo de Patrick.

Patrick abraçou o pescoço de Jono, mantendo-o lá, sentindo-se quente demais com o calor que Jono estava deixando e sua própria excitação que corria através de seu corp..

— Eu vou te fazer gozar —, Jono disse contra os lábios enquanto empurrava um segundo dedo dentro.

Patrick mordeu o lábio inferior de Jono, arqueando-se contra ele para obter algum atrito em seu próprio pau enquanto Jono o esticava. Quando Jono encontrou a próstata de Patrick, ele não conseguiu conter o grito que escapou de sua garganta, enterrando o rosto na curva da garganta de Jono.

— Você é um maldito provocador — ele ofegou, lambendo a pele suada e provando sal.

O riso de Jono retumbou em seu peito. — Você facilita isso.

Patrick arrastou os dedos pelas costas de Jono, unhas ásperas raspando sobre a pele quente. — Você está me chamando de fácil?

Um terceiro dedo empurrou seu corpo, o alongamento repentino quase fazendo Patrick engolir sua língua. A queimadura foi quase demais, muito cedo, mas *bom*. E Jono foi cuidadoso com ele de uma maneira que Patrick nunca experimentou.

— Você não me parece um cara que faz fácil —, Jono murmurou. — Mas eu quero que seja bom para você.

— Bater na minha bunda na cama seria a maneira mais rápida para mim.

Jono se afastou, levando consigo o calor que parecia viver em sua pele. — Eu disse *bom*, não rápido.

Ele pontuou suas palavras com mais dois golpes fortes de seus dedos. Patrick torceu contra a mão de Jono com um gemido, mordendo o lábio. Ele inclinou a cabeça para trás, engolindo em seco. Quando Jono passou a mão em torno de seu pênis, Patrick não pôde deixar de empurrar para aquele toque frustrantemente leve, os quadris rolando de volta para os dedos de Jono enterrados em sua bunda.

— Continue assim e eu vou gozar sem seu pau em mim, e eu *realmente* quero seu pau — disse Patrick.

Jono riu, o som fazendo o pênis de Patrick se contrair. — Guloso.

Ele esticou os braços sobre a cabeça, pressionando as palmas das mãos contra a cabeceira da cama, usando a robustez da cama para se meter no toque de Jono. Jono sorriu para ele, os dentes um pouco mais afiados do que o habitual em sua boca antes que eles se igualassem. Aquela sugestão de algo sobrenatural não o assustou.

Patrick alcançou entre as pernas onde estava a mão de Jono, enrolando os dedos em torno do pulso forte. — Não me provoque.

Ele não tinha o que Jono queria lhe dar com frequência, se é que teve alguma vez - não assim. Não fácil, quente e doce, de uma maneira que Patrick achava que não merecia. Mas Jono achava que sim, e Patrick estava disposto a deixar Jono acreditar que ele merecia essa gentileza, apenas por uma noite.

Não significaria nada, no final.

Jono soltou os dedos e deslizou as mãos pelas coxas de Patrick, afastando as pernas. Ele perdeu o controle na cabeceira da cama e

teve que se contentar com o travesseiro quando Jono finalmente guiou seu pau para o buraco de Patrick. O primeiro empurrão para dentro o fez gemer, o corpo se esticando em torno do comprimento grosso procurando preenchê-lo.

Patrick quase engoliu a língua no trecho. — *Sim.*

Polegada por polegada dura, Jono abriu-o, lubrificando cada deslizar de maneira suave e fácil. A sensação daquele pau duro dentro dele deixou Patrick sem fôlego, incapaz de fazer qualquer coisa, além de deixar Jono possuí-lo, apenas por uma noite. Os movimentos lentos foram garantidos para deixá-lo louco, mesmo quando seu corpo abriu espaço para aquele pau grosso e maravilhoso.

Quando Jono foi finalmente enterrado ao máximo, pulsando profundamente dentro dele, Patrick respirou fundo, o corpo doendo pela plenitude esticando-o mais do que ele estava acostumado nesses dias. Jono era mais grosso e mais comprido do que os caras com quem ele esteve, enchendo-o tão bem. Enquanto Patrick não estava reclamando, ele definitivamente precisava de um momento para deixar seu corpo se ajustar.

— Porra —, Patrick gemeu, pressionando os joelhos contra o peito de Jono. —Você se sente tão bem dentro de mim.

Jono se acomodou em cima dele, seu peso pressionando Patrick contra o colchão, enjaulando-o. Patrick tinha um pensamento ocioso de que ele poderia se libertar, poderia torcer seu corpo e virá-los, mas ele não queria perder esse sentimento de ternura se estabelecendo entre eles.

Ele abriu as mãos do travesseiro, passando os braços em volta do pescoço de Jono novamente. A mudança de seus corpos fez com

que o pênis de Jono deslizasse contra sua próstata, e Patrick fechou os olhos com força, reprimindo um gemido. Uma boca quente cobriu a dele, e Patrick provou a língua de Jono.

— Você precisa de alguns cuidados —, Jono sussurrou contra a boca de Patrick logo antes de revirar os quadris e empurrar profundamente.

Patrick soltou um grito trêmulo, com os nervos em chamas quando Jono repetiu várias vezes. Ele abriu os olhos, encontrando o rosto de Jono a meros centímetros do seu, olhando-o com uma intensidade que o fez querer se esconder. Em vez disso, Patrick o beijou novamente, ofegando com um impulso particularmente forte que fez seu próprio pênis deslizar entre as barrigas.

— Mais forte —, Patrick gemeu, movendo os braços para que ele pudesse agarrar os ombros de Jono com mãos desesperadas. — Jono, *por favor*.

Jono deu um beijo no lado do pescoço de Patrick, bem no local que Lucien havia machucado. — Não. Vou te dar o que você precisa. Confie em mim.

Patrick abriu a boca para dizer que não, mas as palavras não vieram, bloqueadas pelo prazer que percorria seu corpo. Cada impulso duro do pênis de Jono atingiu sua próstata, dirigindo devagar e profundamente, enchendo-o. Jono levantou a cabeça, roubando outro beijo enquanto ele fodia Patrick com um foco que era quase demais para lidar.

Jono abaixou a cabeça, beliscando o lábio inferior de Patrick. — Você gosta do meu pau em você?

Patrick soltou uma risadinha ofegante que se tornou um suspiro no próximo impulso de Jono. — Você precisa mesmo *perguntar*?

O sorriso de Jono era muito satisfeito para o gosto de Patrick. Ele apertou o pênis de Jono no próximo impulso, gostando da maneira como aqueles olhos brilhantes de lobo escureceram um pouco com desejo quente.

Patrick enroscou uma mão no cabelo de Jono, puxando-o para outro beijo. Todo o seu corpo estava carregado, diferente da maneira como sua magia o fazia sentir. O calor em sua barriga estava se espalhando, deixando-o desesperado por mais, pelo que Jono quisesse lhe dar.

— Faça-me gozar —, Patrick ofegou, piscando o suor dos olhos. — Eu quero gozar.

Jono passou a mão entre seus corpos, envolvendo os dedos quentes ao redor do pênis de Patrick, e começou a acariciá-lo no ritmo de seus impulsos. Patrick fez um som estrangulado que não era nenhum tipo de linguagem.

— Sim, amor —, disse Jono, sua voz um zumbido profundo no ouvido de Patrick. — Eu não estou parando você.

Patrick podia sentir seu corpo atingindo a borda, como um raio em sua pele deslizando sobre seus nervos. Jono não acelerou, não importa o quanto Patrick implorasse para ele. Aquele pênis longo e grosso o encheu repetidamente no mesmo ritmo lento e implacável, arrastando gritos suaves de sua boca que Jono bebeu como uísque fino.

Patrick veio com a mão de Jono em seu pênis, o outro homem triturando nele sem parar. Ele enterrou o rosto no ombro de Jono,

apertando e abrindo os dedos contra os músculos duros das costas de Jono, enquanto estremecia através do orgasmo. O esperma de Patrick estava pegajoso entre eles, Jono ainda acariciando seu pênis sensível com dedos soltos.

Desta vez, quando Jono se afastou, ele deslizou todo o caminho. Patrick assistiu com interesse quando Jono levantou seu pau com um punho duro até que ele veio com um gemido, pintando as coxas de Patrick e passando o pau com seu esperma.

— Há maneiras menos bagunçadas de me marcar —, disse Patrick.

Jono esfregou seu esperma na pele de Patrick, mergulhando os dedos para acariciar seu buraco frouxo e sensível. Patrick assobiou um pouco com o toque, mas não se afastou. — Quem disse alguma coisa sobre marcar você?

Patrick arqueou uma sobrancelha, muito satisfeito para discutir. — Eu não estou dormindo assim.

Jono entendeu a dica e se levantou para pegar uma toalha do banheiro. Ele limpou a bagunça que tinha feito em Patrick com movimentos gentis antes de jogá-la no chão. Então Jono se arrastou na cama ao lado de Patrick e o puxou para perto. Ele estava quase quente demais para o gosto de Patrick, mas ele não afastou Jono.

Patrick dormiu, embrulhado nos braços de Jono.

Ele sonhou com corvos.

A névoa rolou por sua mente e pelas ruas da casa de sua infância em Salem, Massachusetts. Isso o levou através da porta de um lugar para o qual ele nunca poderia voltar, para um porão cheio de sangue e coberto por um céu cinzento. As escadas que conduziam abaixo eram feitas de ossos que rachavam sob seus pés, mas nunca

se partiam. Um trovão ecoou alto em seus ouvidos. Patrick não sabia dizer se era o coração batendo ou o som vindo de centenas de asas batendo no céu acima.

Círculos concêntricos vermelhos e linhas radiais pretas enchiam o piso de concreto do porão, cercando uma figura que estava no centro do pentagrama. Roupas manchadas de sangue escondiam as feridas graves no corpo da mulher. A capa com capuz que ela usava era feita com milhares de penas negras que farfalhavam suavemente a cada respiração que ela respirava. De pele pálida, com os dedos manchados de vermelho nas pontas pelo sangue e os pés descalços cobertos de sujeira, ela levantou a cabeça, as sombras descascando dos ossos.

As características que Patrick viu foram as de uma mulher morta.

A voz que saiu da boca de sua mãe pertencia a outra coisa.

A guerra não descansa, veio o aviso em ecos duplos. *Nem os mortos.*

A sombra da memória espalhou suas mãos, e as penas estouraram na pele e nos ossos, dobrando-se em duas formas que combinavam com as que voavam pelo céu.

Asas negras brilhantes e bicos pretos afiados. Garras que poderiam rasgar uma alma de um corpo. O par de corvos olhou para Patrick com olhos negros que o engoliram inteiro, sua atenção como uma faca em seu coração.

É devido à guerra o que lhe foi roubado.

Pensamento e memória eram coisas perigosas, e sempre seriam.

Patrick acordou domingo de manhã com o pesadelo, sentindo como se não pudesse respirar, levantando-se da cama com tanta força que quase mordeu a língua. O grito que seus pulmões queriam expulsar estava trancado atrás dos dentes, mantido dentro por um antigo treinamento.

— Patrick?

A voz quieta de Jono rompeu o terror frio que envolvia a mente de Patrick. Ele soltou um suspiro trêmulo, depois outro, lutando para conter o pânico. Sua pele estava suada e úmida, e suas mãos tremiam com uma onda de adrenalina que doía. Sentia a cabeça como se alguém tivesse levado uma picareta ao crânio e estava tentando escavar seu cérebro.

Jono tocou seu ombro e Patrick instintivamente se afastou, segurando a cabeça nas mãos enquanto se curvava. *Esta* era a razão pela qual ele sempre dormia sozinho - seus pesadelos não eram bonitos e não pertenciam a mais ninguém além dele.

— Eu preciso de um banho —, Patrick conseguiu dizer, já se levantando da cama.

Ele precisava de *espaço*, precisava de clareza, talvez alguém mais para viver sua vida por ele. Tudo o que Patrick conseguiu depois de lavar o cheiro azedo do terror foi uma xícara de café pressionada em suas mãos forçadamente firmes e um beijo cuidadoso no canto da boca.

Quando Jono se afastou, havia perguntas em seus olhos, mas ele não as fez, da mesma maneira que não as fez na noite passada. Ele apenas acariciou a mão e o pulso pelo lado da garganta de Patrick no mesmo local que Emma havia feito na rua nos arredores de Ginnungagap.

Os humanos não podiam cheirar o que quer que fosse que werecreatures usassem para marcar aqueles que consideravam da sua matilha. Patrick pensou em voltar ao banheiro e lavar o cheiro de Jono.

Ele não o fez.

— Não saia sem mim, ok? — Jono disse.

Patrick assentiu lentamente e Jono passou por ele para o banheiro. Enquanto Jono tomava banho, Patrick se recompôs mentalmente. Não era suficiente os deuses foderem com sua vida, eles tinham que foder com sua mente também.

Ele voltou para o quarto e pegou sua adaga, amarrando-a na coxa direita antes de prender o coldre no cinto. As armas foram um longo caminho para estabilizá-lo. Ele hesitou antes de pegar um punhado das moedas gregas da mesa de cabeceira e enfiá-las no bolso. Mover-se o lembrou que fazia um tempo desde a última vez que fizera sexo, mas o desconforto foi facilmente ignorado.

— Pronto? — Jono perguntou quando ele saiu do banheiro dez minutos depois, com roupas limpas, óculos escuros no nariz.

— Sim —, disse Patrick.

Até para seus próprios ouvidos, parecia mentira.

Eles deixaram o apartamento e foram apanhados por um Uber que os levou ao Upper East Side, perto de onde ficava a casa de Marek. O motorista os deixou na frente de uma mansão de sete andares, com pelo menos doze gárgulas rastejando pela fachada.

Patrick saiu do carro, olhando a gárgula sentada sobre a porta dupla da casa, mastigando um pombo. Asas de pedra se arquearam sobre o corpo da gárgula quando ela roeu a cabeça do seu almoço. O

som de seus dentes se juntando lembrou Patrick do cascalho embaixo de um pneu.

— Ótimo —, Patrick suspirou. — Cães de guarda.

— Acho que deveria ser um morcego —, disse Jono.

— Tanto faz. Vamos lá.

Alguém que era dono da casa devia ter avisado as gárgulas que estavam chegando, porque as criaturas de pedra não tentaram afugentá-los. Patrick tocou a campainha, certificando-se de ficar do lado da varanda para que o sangue de pombo não caísse sobre sua cabeça.

Ele ouviu passos do outro lado da porta e, momentos depois, foi aberto por uma mulher que Patrick reconheceu a partir de fotos no escritório de Casale.

— Uh, olá — disse Patrick, olhando para Angelina Casale. — Estou aqui para ver Isadora Cirillo?

Angelina arqueou uma sobrancelha ao abrir a porta. — Sim, ela disse que você estaria aqui, Agente Especial Collins. Por favor, entre.

Angelina era uma mulher envelhecida graciosamente, com os cabelos castanhos claros e grisalhos presos para mantê-lo longe do pescoço no calor do verão de Nova York. Ela estava vestida com roupas casuais e mocassins de couro branco, e a aura de sua alma carregava o poder de uma bruxa forte. A única joia que ela usava, além da aliança de casamento e do anel de noivado de diamantes, era um colar de prata que tinha um pingente de lótus pendurado nele. Patrick olhou para o símbolo e sentiu seu estômago afundar em algum lugar até seus pés.

Bem, merda, ele pensou.

Ele trancou os escudos, ignorando o olhar penetrante que Jono deu a ele quando atravessaram o pesado limiar que se estendia pela mansão. O poder dentro dessa barreira colocou os dentes de Patrick no limite. A sensação desconfortável não desapareceu até Angelina oferecer-lhe o ritual de hospitalidade.

Ela pegou o pequeno prato de porcelana com pão fresco e um copo pequeno de vinho, oferecendo a Patrick um sorriso educado que não alcançava seus olhos.

— Seja bem-vindo a casa da minha senhora —, disse Angelina.

Patrick arrancou um pedaço do pão e mastigou rápido, engolindo-o com um bocado de vinho. A pressão invisível sobre seus ombros diminuiu enquanto ele participava do ritual. Angelina ofereceu a Jono a mesma saudação, e ele comeu o pão e bebeu um pouco do vinho.

— Obrigado —, disse Jono educadamente, porque suas maneiras em algumas áreas eram melhores que as de Patrick, ou eram os modos britânicos dele.

— Você enviou seu filho para proteger Marek —, disse Patrick, sem tirar os olhos de Angelina.

— Sim, porque minha senhora me pediu. Tyler é mais do que capaz de lidar com uma luta, pois é um feiticeiro excepcionalmente forte — respondeu Angelina. Colocou o pão e o vinho de volta na mesinha ornamentada e torceu os dedos para eles em um gesto de aceno. — Venha. A suma sacerdotisa aguarda sua presença.

Isadora Cirillo poderia ser a suposta sacerdotisa do Crescent Coven e a esposa de um gerente de fundos desaparecido, mas era imortal aos sentidos de Patrick quando finalmente chegaram ao terraço da cobertura. E essa revelação foi como um chute nos dentes.

O calor abafado não havia desaparecido apesar do céu muito nublado, muito diferente do céu claro de ontem. A mudança de clima era preocupante, especialmente com o solstício de verão a dois dias de distância. Uma tempestade reacionária não estava fora de questão se as coisas piorassem. A natureza reagia a poderosos lançamentos de magia ao escalar o fenômeno natural. Patrick só esperava que um furacão não estivesse na mistura.

O Central Park se estendia diante deles além das paredes do terraço da cobertura, assim como o horizonte da cidade de Nova York, que Patrick não conseguiria pagar em três vidas. Uma mesa redonda de vidro embaixo de uma pérgola de madeira coberta de hera estava posta com quatro assentos, dois dos quais já estavam ocupados.

— Minha senhora —, disse Angelina quando eles se aproximaram. — Seus convidados.

— Obrigada, irmã —, disse Isadora. Ela levou a delicada xícara de porcelana para a boca, observando a aproximação deles com olhos castanhos insondáveis. — Você pode nos deixar agora.

Angelina inclinou a cabeça em um gesto de respeito antes de recuar. Patrick ficou parado na luz do sol, os olhos passando de Isadora para Hermes e voltando novamente. Isadora tomou um gole de seu chá, a porcelana saindo limpa, seu batom tão perfeito como sempre. Os olhos dela nunca deixaram o rosto de Patrick. Hermes ignorou os dois e continuou enfiando batatas fritas na boca.

Patrick pigarreou. — Hera.

— Sente-se —, ordenou a rainha titular dos deuses gregos.

Patrick se sentou, porque ele gostava de suas bolas ainda presas, e Hera não era uma deusa a ser desafiada. Jono sentou-se à

sua frente com um olhar vazio, tirando cuidadosamente os óculos escuros e pendurando-os na gola da camisa.

Patrick não se serviu de comida, apesar do prato vazio na frente dele. Jono, depois de contemplar a abundância de opções de café da manhã na mesa - de ovos a frutas e doces - escolheu seguir o exemplo de Patrick.

— É rude não partir o pão, Patrick —, disse Hera.

— Já parti o pão para você —, disse ele.

— Acho que o bacon é todo meu —, anunciou Hermes. O deus mensageiro pegou o prato de bacon e usou o garfo para empurrar as tiras de carne fritas no prato. — Você está perdendo, Pattycakes.

— Duvido.

Hera pousou a xícara sobre o pires e recostou-se na cadeira. Ela parecia mais velha quando eles chegaram, mas Patrick sabia que essa forma era uma mentira, porque Hera era jovem novamente. Não havia rugas nos cantos dos olhos, e as linhas de risada em torno de sua boca haviam se suavizado. Seus grossos cabelos castanhos estavam trançados em uma coroa em volta da cabeça, não mais carregando mechas grisalhas. Seus ricos olhos castanhos eram antigos e de outro mundo em um rosto classicamente bonito.

Sua aura era ofuscante.

Patrick teve que desviar o olhar.

Seus pensamentos passaram por sua mente, pedaços de conhecimento se juntando para formar uma fração de um todo. Lembrou-se do que Setsuna havia dito no dia em que chegara na cidade de Nova York, como ele era o único que ela poderia enviar para resolver esse problema.

— Você ordenou que Setsuna me desse esse caso —, disse Patrick.

Hera espalhou delicadamente o queijo creme em um pedaço de salmão defumado antes de esfaquear o peixe com o garfo. — É seu trabalho consertar a bagunça da sua família. Eles levaram meu marido. Eu o quero de volta.

Patrick tentou não vacilar, mas Hera viu através dele. O sorriso que ela deu a ele não foi benevolente. A mera ideia de Zeus nas mãos de Ethan era um pesadelo do qual Patrick gostaria de acordar.

Toda essa bagunça fodida era como a Guerra dos Trinta Dias mais uma vez, com imortais presos pela ganância humana e o mundo em jogo mais uma vez. Só que desta vez a linha de frente era a cidade de Nova York, lar de milhões e milhões de pessoas, sem que ninguém soubesse que um assassinato lançou um feitiço para matar um deus.

As cicatrizes no peito de Patrick doíam com a confirmação silenciosa. O pesadelo que ele acordara naquela manhã ainda estava fresco em sua mente, mas não tinha certeza de que o aviso tinha sido sobre Hera. Ela não tinha nenhuma ligação com a guerra ou com os mortos, e os corvos nunca se reuniram para ela.

— Por que você ficou? — Patrick perguntou, olhando além da deusa, não para ela. — Se eles estão chamando seu poder através de sacrifícios, por que não ir embora?

— A maioria de nós foi —, explicou Hermes. — Somos os únicos que restam no estado.

Patrick não conseguia decidir se era a arrogância que os mantinha em Manhattan ou a estupidez. Ele não iria perguntar.

— Não somos os únicos —, disse Hera sombriamente, tomando outro gole de seu chá. — Hades foi avistado em Manhattan no início da semana passada.

Se ele não achasse que ela o derrubaria e machucaria, Patrick teria se levantado da mesa e saído.

— Tenho as moedas que Hermes me deu. Eu tenho o Destino me dando avisos em vez de ajuda — disse Patrick.

— Não o nosso Destino —, lembrou Hera.

— Então talvez você deva verificar se os Moirai ainda pertencem a você, porque aqueles com quem estou lidando não podem ver o futuro.

Hera deu outra mordida no salmão, os dentes arranhando as pontas de metal do garfo. Ela mastigou com cuidado, a atenção ainda focada diretamente em Patrick. — Talvez se você fizesse seu trabalho, a cegueira deles não seria um problema.

— Assassinato não é fácil — foi a resposta plana de Patrick.

Havia icebergs no Ártico mais quentes que a voz de Hera quando ela falou. — Você é bom nisso. Seja melhor.

O que era verdade, se você contasse o que ele havia feito no Mage Corps e o que ele fazia pela SOA agora. Matar pelos deuses era diferente.

Eles queriam que ele destruísse o que restava de seu passado.

Hera o alcançou, e Patrick não se afastou. Dedos fortes agarraram seu queixo e forçaram Patrick a encontrar seus olhos. O poder que ele podia ver queimando dentro dela quase o cegou e fez seus olhos lacrimejarem.

— A Seita Dominion escondeu meu marido de mim, mas eu sei que ele ainda está aqui, nesta ilha. Os assassinatos estão ligados a

Manhattan, e a ilha fica acima do nexo. Ethan não pode fazer nada sem o nexo. Ele deve ser contido, então encontre uma maneira e traga Zeus de volta para mim.

Seu toque queimava, e Patrick não conseguia se mexer.

— Por favor, não o machuque, senhora.

A voz de Jono caiu entre eles como uma pedra, sua mão pousando no ombro de Patrick com um toque pesado que o ancorava. Patrick piscou, cego pela aura de Hera, manchas coloridas dançando em seus olhos.

As unhas perfeitamente cuidadas de Hera afundaram em sua pele por mais um ou dois segundos antes que seu toque diminuísse. Ela não soltou, inclinando o olhar para onde Jono agora estava ao lado da cadeira de Patrick.

— Lobo —, disse ela em advertência. — Ele não pertence a você.

— Acho que meu Destino pode argumentar isso.

A visão de Patrick se esclareceu a tempo de ver o olhar calculista que se instalou nos olhos de Hera. — Ah. Você não é da matilha divina daqui.

— Eu não estou com nenhuma matilha. — A mão de Jono apertou o ombro de Patrick, oferecendo apoio silencioso. — Mas Patrick é meu e eu sou dele até que este caso termine. Foi o que o Destino decretou se você quer seu marido de volta. Patrick não pode fazer o que precisa ser feito se você o prejudicar.

Hera estudou Jono com olhos que viveram séculos, medindo-o. Patrick queria dizer a Jono *cale-se*, mas Hera ainda tinha o controle de sua boca.

— Patrick não faz o que precisa ser feito há anos —, rebateu Hera.

— Ele veio quando você ligou. Isso tem que contar para alguma coisa, certo?

Ela o soltou.

Patrick resistiu ao desejo de esfregar a mandíbula porque mostrar qualquer tipo de fraqueza na frente dos deuses era como abrir mão de segredos que não se podia dar ao luxo de perder. Ele passou a língua por trás dos dentes e sentou-se reto.

Jono nunca o soltou.

Parecia que isso poderia se tornar um hábito, que Patrick não se importaria em permitir.

Patrick pigarreou. — Diga-me como eles levaram Zeus?

— Eu já discuti tudo com a polícia —, disse Hera.

— Eu não sou da polícia. Então elucide-me. — Patrick fez uma pausa antes de adicionar um rápido — Por favor.

Ele lera o relatório de pessoa desaparecida no PCB, mas queria ouvir o próprio de Hera. Se ela tivesse retido alguma informação da polícia, poderia dizer a ele.

Hera se recostou na cadeira e cruzou as pernas nos joelhos, o brilho de sua aura diminuindo para algo mais fácil para os olhos. — Ele teve uma reunião no jantar com um novo cliente. Nunca voltou para casa. Quando enviei alguns dos meus seguidores ao restaurante, eles encontraram vestígios de magia e disseram que não havia reservas sob o nome do cliente.

— Que nome? Isso não estava nos registros que eu passei.

— Faz diferença? O nome era falso.

Patrick teria pressionado pelo nome - ainda era uma evidência -, mas Hera não parecia gostar de repassá-lo. Ela havia decidido que

era inútil, e não havia como mudar a mente de uma deusa, especialmente essa.

— Você tem suas ordens —, disse Hera, acenando com a mão de maneira desdenhosa.

Hermes pousou o garfo e tomou um gole de suco de laranja antes de se levantar. — Eu vou levá-los para fora.

Jono deixou a mão cair quando Patrick se levantou e marchou em direção às portas do terraço da cobertura. Hermes os alcançou facilmente, liderando o caminho através da mansão até o térreo e voltando para fora. Uma vez que eles cruzaram o limiar, Patrick respirou fundo, o peso em seu peito diminuindo.

— Isso foi muito bem —, disse Hermes.

Patrick olhou para ele. — O inferno que foi.

— Você ainda está vivo, Pattycakes.

— Só porque sou inútil para o seu tipo *morto*.

— Existem deuses que discordariam disso.

— *Fodam-se* esses deuses.

Hermes não se deixou levar pela atitude de Patrick. — Hera está certa. Você precisa parar de fugir.

— Se eu estivesse fugindo, não estaria aqui.

Hermes tirou um par de óculos escuros do ar e os colocou no nariz. — Manter-se firme não significa nada se você não lutar.

Patrick abriu a boca para discutir quando ele foi interrompido pelo telefone tocando. Puxando-o do bolso, ele verificou a tela. Ele não reconheceu o número, mas o código de área era da cidade de Nova York, então ele atendeu.

— Collins —, ele disse.

— Recebi uma ligação sobre outro corpo. É um dos nossos — disse Allison. — Chinatown.

— Porra. Qual o endereço?

Allison recitou. — Casale está saindo da igreja e nos encontrará no local. Precisa de uma carona?

— Eu vou pegar um táxi.

— Até logo.

Ela desligou e Patrick afastou o telefone do ouvido. Jono passou as duas mãos pelos cabelos, entrelaçando os dedos atrás da cabeça. — Décimo corpo, não é?

Patrick assentiu. — Mais dois dias até o solstício de verão.

Mais dois corpos eram necessários para um zodíaco completo dos signos representando os deuses gregos. O relógio estava em contagem regressiva para o dia mais longo do ano em que todo o inferno poderia se soltar novamente. Patrick estava segurando a linha apenas por pura vontade, se a dor em sua alma fosse algo para passar.

— Estamos ficando sem tempo, então faça o seu trabalho —, disse Hermes antes de desaparecer diante de seus olhos.

— E eu pensei que minha vida era interessante antes de você chegar à cidade —, disse Jono, olhando para Patrick. — O que foi tudo isso sobre sua família?

— O que foi tudo isso sobre o seu destino? Poderia jurar que Marek era o vidente e não você — Patrick retrucou, já abrindo seu aplicativo Uber.

Jono não respondeu e Patrick fez uma careta ao telefone.

Acho que não sou o único com segredos, ele pensou.



— COMO OS SACRIFÍCIOS FUNCIONAM? — Jono perguntou enquanto eles corriam pela rua.

O motorista do Uber os deixou a uma quadra da cena do crime devido à presença da polícia. Uma rua aberta onde alguém pudesse ouvi-los realmente não era o lugar para conversar sobre um caso em andamento. — Não faço ideia.

Mas Patrick podia adivinhar, e no final, não seria bonito.

Chinatown era um bairro densamente lotado na Baixa Manhattan, cheio de moradores, imigrantes e turistas. No meio do dia de domingo, os mercados estavam lotados de compradores que procuravam produtos frescos, frutos do mar e carne em oferta, disputando os melhores preços e os melhores cortes.

Um policial estava redirecionando o tráfego para a Mott Street, mas a rua em si ainda não estava isolada para pedestres. Mais policiais estavam amontoados no meio do quarteirão. O mercado de produtos de uma loja e as lojas de ambos os lados foram isoladas, enquanto a polícia lidava com o corpo em um dos apartamentos acima. Uma multidão de curiosos e compradores idosos estava sendo

detida por vários policiais. Patrick ainda não via a van do legista, mas a CSU estava no local.

A primeira coisa que ele notou quando eles se aproximaram do prédio foi a mancha infernal da magia negra que penetrava a rua. O reconhecimento ardeu contra a magia enfraquecida de Patrick, a sensação da mancha mais forte do que ele se lembrava das duas últimas cenas de crime.

Patrick franziu a testa, esquivando-se de uma boneca que alguém deixara abandonada na calçada perto de uma van de entrega. — Não está contida no apartamento.

— O que não está? — Jono perguntou.

— O resíduo da mancha do ataque. Só estava presente onde os corpos estavam nos dois últimos assassinatos. Agora está espalhado pela rua.

— Acho que isso é um pouco fora do comum?

— É diferente. Significa que o MO mudou, e isso não é bom.

— Ou talvez os policiais tenham sido notificados do corpo mais cedo?

Patrick balançou a cabeça. — O que resta do feitiço não funciona dessa maneira.

Ele pegou seu distintivo quando eles se aproximaram da fila da polícia, abrindo a carteira fina para mostrar ao policial de plantão. Eles passaram sob a fita da polícia assim que o oficial os liberou e se dirigiram para o prédio.

Allison veio pela entrada quando eles se aproximaram, apertando os olhos para eles. — Fico feliz em ver que você conseguiu. Temos uma bagunça lá em cima.

— Você tem uma bagunça aqui —, Patrick disse a ela. — A mancha se espalhou pelas ruas. Você precisará colocar a área em quarentena e conseguir que alguém limpe a alma de todos.

Allison lançou lhe um olhar surpreso. — A magia nas cenas de crime anteriores nunca fez isso antes.

A mancha sempre esteve contida nos apartamentos onde os sacrifícios haviam morrido. Isso era mais do que resíduo desbotado ou um feitiço que deu errado, porque alguém ainda estava morto lá em cima.

Patrick sabia com severa certeza que isso era uma distração. Uma que ainda seria preciso lidar.

Patrick sacou sua magia, estremecendo um pouco com a maneira como fazia seus nervos queimarem. Um minúsculo globo mágico surgiu na palma da mão, o brilho azul opaco quase todo escondido. Ele formou o feitiço de busca em sua mente, lançando-o através do globo para ajudar a concentrar melhor sua magia.

Ele largou os escudos e expandiu sua consciência, a mancha mais fácil de sentir dessa maneira. Patrick passou por Allison, seguindo o puxão de sua magia até o final do quarteirão, onde estavam os espectadores mais curiosos. O olhar de Patrick deslizou sobre os rostos, mal levando um segundo para cada um, até que alguém chamou sua atenção.

Chamou sua magia.

Olhos escuros em um rosto magro encontraram os dele por uma fração de segundo antes que o estranho abaixasse a cabeça e fugisse como se cães infernais estivessem mordiscando seus calcanhares.

— Eu odeio quando eles correm —, disse Patrick a ninguém em particular.

Ele correu atrás do suspeito, seguindo o caminho mais direto que pôde. Isso significava esquivar-se da multidão curiosa, pés batendo contra o asfalto enquanto Patrick seguia a mancha do inferno atrás do homem em fuga.

Patrick tinha limpado a multidão e tinha olhos no cara quando a mancha infernal desapareceu sob um tipo diferente de magia. O homem chegou à esquina do quarteirão antes de parar o suficiente para empurrar o braço na direção de Patrick e rosnar um encantamento. A tatuagem que cobria todo o braço esquerdo parecia se mover. A forma espiralada de um dragão serpente explodiu para longe do homem com um *estrondo* que abalou as janelas à sua volta.

O dragão encheu a rua em um instante, uma criatura monstruosa de vermelho brilhante e preto fosco, as pesadas linhas estilizadas da tatuagem desaparecendo sob carne aparentemente sólida e presas brilhantes. Cavou suas garras na rua, mas não deixou danos para trás à medida que avançava.

As pessoas gritaram quando o dragão abriu a boca em um rugido que rasgou o ar, o toque de fogo no fundo da garganta impossível de não perceber. Patrick correu na direção dele, ignorando o grito furioso de Jono logo atrás dele.

Patrick já tinha visto dragões antes.

Este não era um dragão.

Faltava a gravidade daqueles seres, a profundidade da idade e a perspicácia nos olhos. Patrick não havia sentido a sutil mudança de poder que vinha com o desprendimento de qualquer pele em que se escondiam antes de emergir inteira e poderosa em seus corpos

originais. A física envolvida no cálculo do deslocamento de massa sempre fazia a cabeça de Patrick doer só de pensar nisso. O Velho com quem ele serviu antes havia feito parecer perfeito.

Patrick correu pela boca aberta do dragão antes que as chamas explodissem, jogando um par de globos na estrutura do feitiço à sua frente. Magia crua explodiu em torno dele, rasgando a ilusão e transformando-a em nada além de fumaça colorida que fez seus olhos e nariz queimarem. Piscando com a ardência, Patrick continuou correndo, ainda seguindo aquela presença fina de magia contaminada misturada com a assinatura de um praticante que parecia um feiticeiro para seus sentidos.

A ilusão se afastou em uma brisa abafada, nada mais do que uma cortina de fumaça desbotada agora. Patrick ficou alerta e manteve os olhos no alvo quando ele não estava examinando os prédios ao redor deles em busca de ameaças de vigilância. À frente, o feiticeiro alcançara o próximo cruzamento e não parava; nem o tráfego. O cara correu do outro lado da rua, sem prestar atenção nos veículos em movimento, e chegou ao outro lado sem ser atropelado.

O que era uma pena.

Quando Patrick chegou ao cruzamento, as luzes já haviam mudado - mas ele correu para a rua contra um sinal vermelho de qualquer maneira. Buzinas soaram para ele quando o som dos freios encheu seus ouvidos. Os gritos e xingamentos dos motoristas foram facilmente ignorados.

O carro que não parou exigiu toda a sua atenção.

Patrick bateu as mãos no capô do veículo ainda em movimento, girando o corpo e balançando as pernas sobre a frente do carro. O motorista finalmente freou quando Patrick cruzou sua visão. O

movimento repentino de quietude sacudiu seu corpo quando ele deslizou através do capô com um grunhido. Patrick não pousou no patamar do outro lado, não querendo arriscar quebrar um tornozelo. Ele usou seu impulso para se lançar para a frente, tropeçando de volta em uma corrida rápida.

— Agente federal! Pare onde você está! — Patrick gritou. A ordem foi ignorada, não como se ele pensasse que o cara iria ouvir.

No grande esquema das coisas, Patrick cumprira seu dever legal com esse aviso.

O feiticeiro ainda estava correndo, e havia muitas pessoas entre eles para Patrick usar sua magia com segurança. Ele manteve os olhos fixos no homem e não errou quando ele se virou bruscamente em um café onde idosos chineses estavam lendo o *Sing Tao*[31], tomando chá quente e assistindo a um programa de música gravado no velho aparelho de televisão preso à parede.

Patrick vislumbrou tudo rapidamente, enquanto atravessava a área da frente do café antes de bater pela porta dos funcionários nos fundos. Isso levou a uma cozinha apertada, onde uma cozinheira estava ajudando outra a se levantar, tendo sido derrubada pelo homem que Patrick estava perseguindo.

Ele passou pela porta que levava a um beco sujo com os escudos para cima e um globo na mão, o feitiço de ataque queimando na ponta dos dedos. O espaço estreito estava cheio de sacos plásticos pretos de lixo que caíam de uma lixeira próxima. A boca do beco estava vazia, mas a escada de incêndio sacudiu com passos rápidos.

[31] O Sing Tao Daily, também conhecido como Sing Tao Jih Pao, é o segundo maior jornal de língua chinesa de Hong Kong.

Patrick olhou para a direita quando a porta voou das dobradiças do empurrão de Jono e caiu no chão.

— Você não podia *esperar* porra? — Jono rosnou.

Patrick apontou para a escada de incêndio, a magia queimando em sua pele. — Segure esse pensamento.

Ele girou um encanto de proteção em seu globo mágico e o enviou subindo pelas brechas na escada de incêndio de metal. O feiticeiro tentou se defender, mas sua magia lidava com ilusões, e não podia aguentar um feitiço de nível militar. Tecnicamente, não era legal usar contra um civil, mas Patrick *tinha* dito a ele para parar.

Quando o globo de Patrick bateu no peito do homem, cordas brilhantes de magia envolveram seu corpo como correias. Ele caiu nos degraus da escada de incêndio com um grito de dor, mas não fora.

— Eu preciso chegar lá —, disse Patrick.

Jono balançou a cabeça antes de dar uma volta no pequeno espaço. Ele correu para a parede, chutando um pé para bater na lateral do prédio sujo e se impulsionar para cima com força sobrenatural. Jono pegou o parapeito do primeiro patamar uma história completa acima deles e se arrastou facilmente. Levou menos de trinta segundos para estender a escada até o chão, para que Patrick pudesse subir.

Eles subiram as escadas em zigue-zague juntos, com Patrick observando. Três patamares depois, chegaram ao suspeito. O homem estava esparramado contra os degraus da escada de incêndio, sangrando por um corte profundo em sua mandíbula, onde ele acertou seu rosto em uma ponta afiada quando caiu. O encanto mantinha sua magia sob controle junto com seu corpo. Patrick podia

sentir o feiticeiro lutando contra isso, e a luta estava lhe dando dor de cabeça.

Ele agarrou o cara pelo colarinho da camisa e pelo cinto, puxando-o para fora da escada. — Quando eu digo pare, quero dizer *pare*, imbecil.

— Vai se foder! — o cara cuspiu.

— Quer que eu o carregue? — Jono perguntou.

— Nah, eu cuido disso.

Patrick empurrou o feiticeiro contra o parapeito, deixando-o cair no meio do caminho, a cabeça apontada para o chão. Ele podia ver tatuagens nos dois braços ondulando na pele do homem, mas incapaz de formar ilusões.

— Você quer explicar o que estava fazendo lá atrás? — Patrick exigiu.

O homem era de ascendência chinesa e, enquanto suas tatuagens eram feitas no estilo tradicional, seu sotaque era todo de Nova York. —*Vai se foder*!

— Não é a resposta que eu estava procurando.

Com um pouco de ajuda de sua magia, Patrick empurrou o cara para o outro lado e deixou a gravidade fazer o seu trabalho. Jono, apesar de todos os seus reflexos rápidos, não reagiu rápido o suficiente, sua mão caindo no ar vazio quando o feiticeiro caiu com um grito agudo antes de ser pego pela magia de Patrick no meio do caminho.

— Você está *louco*? — Jono gritou para ele, incrédulo.

Patrick deu de ombros. — Reservo-me o direito de não responder.

Jono olhou para ele por mais alguns segundos antes de olhar para o lado do parapeito onde o feiticeiro pairava no ar, ainda gritando.

— Eu quero o meu advogado, seu maluco do caralho! — o homem gritou.

— Eu odeio quando eles advogam.

— Absolutamente louco —, Jono decidiu antes de começar a descer a escada de incêndio.

— Você diz isso como se fosse uma coisa ruim —, Patrick chamou por ele.

Eles chegaram de volta ao chão, e Patrick gesticulou bruscamente com uma mão, magia brilhando na ponta dos dedos enquanto colocava o feiticeiro de volta à terra. Patrick torceu o nariz com o cheiro de urina saindo do cara; ele mijou nas calças em algum momento durante a queda livre. Ele estava ajustando o encanto de ataduras para que o sujeito pudesse andar quando dois policiais uniformizados se aproximaram da entrada do beco.

— Você pegou ele? — a policial perguntou.

— Este filho da puta louco me jogou do telhado! — o feiticeiro gritou.

Os policiais o ignoraram, muito ocupados enfiando um par de algemas nele, com o qual Patrick costumava atar seu encanto. O metal agia como uma âncora decente para segurar o feitiço. A magia ainda estaria ativa, mesmo que as manifestações físicas dela tivessem desaparecido do corpo do feiticeiro. Suas tatuagens e magia baseada em ilusões haviam voltado à sua pele, forçada a dormência pelo feitiço de atamento.

O suspeito protestou alto quando foi levado ao carro estacionado no meio da rua. Os policiais ignoraram os gritos contínuos do feiticeiro sobre como Patrick deveria ser preso por tentativa de assassinato, não ele.

Mais dois carros da polícia - um sem identificação - pararam atrás da viatura. Allison e Dwayne saíram do veículo, as mãos pairando perto de suas armas. Quando viram que o problema havia sido contido, abordaram Patrick e Jono em vez de seus colegas policiais.

— Você realmente o deixou cair do telhado? — Dwayne perguntou.

— Não —, disse Patrick com uma cara séria. — Foram apenas algumas histórias.

— Esse é um uso excessivo da força aplicada que vai nos morder no traseiro —, disse Allison. —Por que você o perseguiu?

— A mancha da cena do crime estava ligada a ele.

Eles olharam para onde os policiais estavam empurrando o feiticeiro xingando alto na parte de trás do carro da polícia. — Esse é um novo desenvolvimento.

— Sim, mas isso não faz sentido. — Patrick deu a volta ao redor deles e se aproximou da viatura segurando o rapaz. — Ele já pediu um advogado.

— Mas você tem o cara. Isso é bom, certo? — Jono perguntou.

— Somente se as assinaturas do feitiço corresponderem.

— Você não disse que a mancha estava ligada a ele?

Patrick ignorou a pergunta. Ele acenou com a cabeça para a policial uniformizada falando no rádio dela antes de abrir a porta lateral do carro da polícia. Ele apoiou um braço contra o teto do carro

e se inclinou para olhar o suspeito carrancudo ainda lutando contra a magia de atamento.

— Você ainda quer o seu advogado? — Patrick perguntou.

— Vai se foder —, o homem cuspiu.

— Típico.

Patrick alcançou o homem, não se importando que ele se afastasse. Ele não precisava tocá-lo para ler sua aura. Tocando sua magia, Patrick trabalhou para isolar a mancha na alma do feiticeiro. Ele ficou surpreso com o quão fácil era retirá-lo da aura do homem, como se a magia não tivesse laços com a alma em que ele estava montando, mais um emaranhado de poder estranho.

O que significava que não era sua magia.

Patrick apagou o resíduo e voltou para poder fechar a porta. — Ele não é o assassino. Talvez seja um acessório, mas ele não é quem controla os caçadores de almas.

— Você tem certeza? — Allison perguntou.

— A mancha da cena do crime foi transposta para sua aura. Não é dele, ele está apenas carregando.

— Então, por que mudar táticas como essa? — Dwayne queria saber. — Por que manter alguém no local? A pessoa por trás dos assassinatos nunca quebrou seu MO em seis meses. Por que começar agora?

— É uma pergunta que podemos fazer a ele, mas o interrogatório levará horas —, disse Patrick lentamente, a mente mudando de direção.

Allison assentiu. — Precisamos trazê-lo de volta ao PCB imediatamente para iniciar o processo. Nem poderemos falar com ele

sem o advogado presente, e depois precisaremos enviá-lo para a Central Booking.

Tudo o que isso significava era que eles estariam escondidos lidando com essa nova ruga no caso. Eles tinham uma pessoa real e viva para possivelmente obter algumas respostas, mas Patrick não acreditava que algo viável fosse dar certo. Essa era uma nova pista claramente óbvia e, na experiência de Patrick, o óbvia era apenas uma manobra.

Patrick virou a cabeça, chamando a atenção de Jono. — Onde está Marek? Ele disse algo ontem à noite sobre a festa de aniversário de Sage acontecendo hoje.

Jono franziu a testa e pegou seu telefone. — Vou ligar para ele.

— Vou precisar que vocês cuidem do processamento dele —, disse Patrick a Dwayne e Allison, apontando para o feiticeiro na parte de trás da viatura. — Veja se você pode acelerar isso.

— Marek não está atendendo —, disse Jono laconicamente alguns segundos depois.

— Tente Leon. Eu ligo para Emma.

O telefone de Patrick continuou tocando antes de ser atendido pelo correio de voz. Ele desligou sem deixar recado. Jono também não parecia ter muita sorte em alcançar Leon.

Patrick guardou o telefone. — Dwayne? Allison? Eu preciso do seu carro.

— Por quê? — Dwayne perguntou.

— Porque o meu explodiu e eu preciso encontrar Marek. Me dê suas chaves.

— Por que você acha que Marek está em perigo?

— Ele tem uma grande quantidade de magia à sua disposição, e um feitiço dessa magnitude precisará de um sacrifício grande o suficiente no final. Chaves. *Agora*.

E porque Marek, sendo um vidente, tinha um vínculo direto com um imortal, o que daria ao feitiço um impulso ainda maior. Patrick não queria pensar em como as coisas ficariam bagunçadas se Marek morresse sob seus cuidados.

— E se ele não estiver em casa? — Allison disse.

— Vamos tentar o trabalho dele e o bar. Ele tem outros lugares que frequenta? — Patrick perguntou a Jono.

— Ele é dono de uma mansão no Hamptons —, disse Jono.

Patrick se virou para ele. — Grande o suficiente para abrigar uma festa?

Jono assentiu lentamente. — Sim.

— *Porra*. Estou acorrentando-o ao seu maldito apartamento depois disso.

Se Marek estivesse em Long Island, o vidente não precisaria se preocupar em morrer por causa dos dentes de um caçador de almas e fome insaciável. Patrick mataria o outro homem por não aprender a ficar malditamente *parado*.

Dwayne estava ao telefone com Casale sobre a situação mais recente que todos estavam enfrentando quando um SUV parou atrás do carro sem identificação. Patrick não se importaria, exceto que a mulher que saiu do volante chamou sua atenção como pouco mais poderia.

Alta e esbelta, com os cabelos castanhos presos em uma trança apertada enrolada na base do crânio, a mulher silenciosamente assentiu para ele. Usava calça cargo preta enfiada em botas de

combate, uma camiseta preta justa e uma pistola tática no coldre do cinto de serviço pesado. Patrick não viu nada que mostrasse qualquer afiliação que ela pudesse ter com qualquer agência. Sem distintivo, sem crachá, sem insígnia - não que ela precisasse. Após as missões que eles haviam realizado juntos como magos de combate no Mage Corps, Patrick conheceria seu rosto em qualquer lugar.

Ele perguntaria o que a Agente Especial Nadine Mulroney, da Agência de Inteligência Sobrenatural, estava fazendo aqui na cidade de Nova York, mas ele já sabia a resposta.

Nadine era a segunda convocação de Setsuna.

— Quem é? — Allison perguntou.

— Reforço —, disse Patrick, já caminhando em direção a sua carona. — Jono, você vem comigo. Allison, não preciso mais do seu carro, mas preciso que você envie algumas pessoas para os endereços de Marek em Manhattan. Me ligue com notícias sobre se ele está lá ou não. Diga a Casale que voltarei quando puder.

— Para onde vão?

— Long Island.

— Você vai precisar de uma escolta —, disse Dwayne depois que ele desligou. Ele colocou as mãos em volta da boca e levantou a voz. — Lee! Você e seu parceiro estão levando o Agente Especial Collins para Long Island. Luzes e sirenes por todo o caminho.

O policial uniformizado em questão procurou o rádio, antecipando uma atualização ao despacho. — Localização?

Patrick chamou o endereço junto com instruções para Lee: — Desligue as luzes e as sirenes a cinco quilômetros do destino. Não quero revelar nossa posição.

— Entendido —, respondeu o oficial Lee.

— Collins —, disse Nadine em saudação, uma vez que Patrick chegou ao SUV.

— Mulroney —, disse Patrick. — Diga-me que você trouxe equipamentos?

— Banco de trás. Precisa ser montado.

— Jono, fique na frente. — Patrick abriu a porta lateral do passageiro, mas parou antes de entrar. Ele levantou uma sobrancelha para Nadine. — Você não deveria estar de férias?

— Eu estava. — Ela deslizou para trás do volante e fechou a porta. — Tecnicamente, nem estou aqui.

O que significava que Nadine estava AWOL[32] da pior maneira possível e eles não podiam confiar em nenhum reforço de nenhuma de suas agências enquanto estavam no campo.

— Parece que vai ser como nos velhos tempos —, disse Patrick antes de se sentar no banco de trás e apertar o cinto.

— Deuses, espero que não —, disse Nadine enquanto colocava o SUV ao contrário. — Mas é de você que estamos falando, então acho que estamos todos fodidos.

Patrick revirou os olhos, mas ele realmente não podia argumentar com a verdade.

[32] Absent Without Official Leave: Um termo usado nas Forças Armadas dos Estados Unidos para descrever um soldado ou outro membro militar que deixou seu posto sem permissão (geralmente em desacordo com uma ordem específica).



— ESTES TÊM os números de série raspados. Você os pegou de Lucien?

Nadine desviou os olhos do carro da polícia, abrindo caminho pelas ruas da cidade de Nova York para olhar Patrick no espelho retrovisor. — Rifles não são itens de bagagem aceitáveis para nenhuma companhia aérea, então o que você acha?

Patrick terminou de deslizar para o coldre o carregador cheio de balas enfeitiçadas para a carabina M4A1[33] que ele havia montado no banco de trás. — Eu odeio carabinas. Você acha que ele escolheria um rifle melhor para vender.

— Você ainda é fodidamente exigente quanto ao que leva mesmo depois três anos fora da Corps.

— Como se você não fosse —, respondeu Patrick. — Lucien disse que estava esperando mais carregamentos chegarem. Suponho que chegaram, se ele está entregando armas?

---

33 

— Ele ainda tem mais alguns por vir. Estes foram apropriados do que ele tinha em mãos quando cruzou a fronteira sul em tão pouco tempo.

— O que ele estava fazendo neste continente? O Oriente Médio deixou de ser lucrativo ou algo assim?

— Você teria que perguntar a ele.

— Prefiro que não.

Patrick enfiou a primeira carabina de volta na maleta de transporte e a colocou no assento ao lado dele. Ele pegou o segundo estojo de transporte e começou a montar a arma seguinte em menos de um minuto. Os movimentos eram praticamente uma memória muscular para ele, por isso era fácil de fazer. Ele dividiu os cartuchos extras de pentes contendo as balas de calibre militar entre as duas armas.

O equipamento emprestado de Nadine era limitado, mas tudo estava em excelentes condições. Os negócios de Lucien podem ser excepcionalmente ilegais, mas ninguém nunca reclamou dos produtos que ele vendia no mercado negro. Os que fizeram geralmente acabaram mortos.

Ela não trouxe um uniforme, mas o colete tático forrado de Kevlar era semelhante ao tipo que ambos usavam nas forças armadas. Patrick já havia amarrado o aparelho que ela havia trazido para ele sobre suas roupas, o peso do equipamento familiar.

Patrick recostou-se na cadeira e coçou a bochecha. — Onde você estava quando Setsuna a puxou desta vez?

— Visitando meus pais em Nice. Recebi a passagem de avião de volta aos Estados Unidos sob um pseudônimo. Para todos os efeitos, ainda estou em Nice.

A França era o lar de Nadine fora de casa. Ela nasceu nos Estados Unidos, mas cresceu em Paris. Seus pais haviam trabalhado para o Departamento de Estado fora da embaixada de Paris durante a maior parte de sua infância e adolescência. De certa forma, ela era culturalmente mais francesa do que americana.

Ela ingressou no Mage Corps quando tinha quase 22 anos depois de se formar em ciências políticas no Instituto de Estudos Políticos de Paris em três anos. Ela era alguns anos mais velha que Patrick, mas havia conquistado o mesmo tipo de dispensa honrosa que ele tinha depois da Guerra dos Trinta Dias. Em vez de fazer a transição para a vida civil, Nadine ingressou na PIA e optou por retornar ao seu país adotivo. Ela estava agora fora de Paris, trabalhando em casos de contra inteligência na Europa.

Patrick sentia falta dela. Nadine não fazia parte de sua equipe naquela época, mas eles trabalharam com ela dentro e fora de determinadas missões. Ela era uma amiga, e ele não tinha muitos desses hoje em dia.

— Eu preciso de um relatório da situação —, disse Nadine.

As mãos dela em suas luvas sem dedos deslizaram ao longo do volante enquanto ela pegava a saída longa e curva da FDR Drive para a Ponte do Brooklyn em alta velocidade. Ela estava acompanhando a escolta e as instruções para o endereço que Jono havia conectado ao GPS do telefone.

— O que Setsuna disse a você? — Patrick perguntou.

— Que você precisava de reforços.

— O que *mais* ela te disse?

Nadine acelerou para garantir que o imbecil na pista seguinte não tentasse cortá-la. — Que temos a Seita Dominion respirando em nosso pescoço novamente.

Patrick olhou pelo para-brisa para o carro da polícia à frente deles. — Sim.

— Eu deveria estar ouvindo isso? — Jono perguntou do banco da frente.

Nadine inclinou a cabeça na direção de Jono e não desviou os olhos da estrada. — O que há com o lobo?

Patrick fez uma careta. — O vidente que estamos rastreando ordenou que Jono ficasse comigo.

— Imortais? De novo?

— Quando não são imortais? Lembra do Cairo?

— Como se eu pudesse esquecer essa batalha.

— É isso que estamos enfrentando, só que dessa vez eles corrigiram seus erros.

A quantidade de palavrões que Nadine cuspiu em nada menos que três idiomas diferentes era esperada. — Eu deveria ter pegado o lançador de granadas.

Antes que Patrick pudesse perguntar por que ela não tinha, o telefone dele tocou. Ele viu o nome de Casale na tela e respondeu.

— Collins! A linha e a localização são seguras — disse Patrick.

— Eu tenho um suspeito a caminho do PCB e você não está no local. O que diabos está acontecendo? — Casale exigiu.

— Ele é uma distração. O MO não se encaixa e a magia na cena do crime não lhe pertence. Estou rastreando Marek, caso a Seita Dominion esteja mirando nele agora.

— Você ainda acha que ele é quem eles querem?

— Ele é o que impulsionará seu objetivo final. Um feitiço como o que eles estão montando precisa de um grande sacrifício no final para ancorá-lo. Marek tecnicamente tem mais magia do que um mago, mesmo que seu poder se traduza apenas em visões do futuro.

— Eu tinha medo que você dissesse isso. Tenho oficiais indo para seus locais conhecidos aqui em Manhattan. Vou deixar você saber se ele está em algum deles ou não. Onde você está?

— Na I-278, prestes a atingir a I-495, a caminho do Hamptons.

— Qual é o seu destino final? Posso ligar para outro departamento e mandar que eles mandem unidades para a casa.

— Não há mais policiais. Esta não é uma luta que eles precisam estar no meio.

— Collins-...

Patrick o interrompeu. — Não. Eles não serão capazes de lidar com o que acho que estamos entrando.

— Você pode ter jurisdição sobre o caso, mas esse ainda é nosso trabalho.

— E eu estou lhe dizendo que eles não podem lidar com isso. As forças aliadas mal conseguiram manter a linha contra o inferno durante a Guerra dos Trinta Dias. Como você acha que seus socorristas se sairão sem o apoio dos militares?

— Se você tem tanta certeza de que esse caso está se transformando nessa bagunça, talvez devêssemos falar com os militares —, Casale retrucou.

— Temos dois dias até o solstício de verão e farei tudo o que puder para impedir. Eu disse que precisava de uma semana e meu tempo ainda não acabou.

— Parece que está chegando perto.

— E minha tarefa é parar com isso, então deixe-me fazer a porra do meu trabalho.

— Você pode fazer o que for necessário, mas vou enviar oficiais para a sua região para lidar com as consequências. Você precisará de representantes do PCB no local para desviar as perguntas e lidar com a mídia.

— Certo. Eles podem manter nossa companhia de escolta à margem.

— Eles terão instruções para manter apenas o perímetro.

— Bom. — Patrick desligou e espiou pelo para-brisa. Eles estavam indo para o leste, o céu uma parede escura de nuvens erguendo-se sobre o Brooklyn. — Isso parece feio.

— O tempo está uma bagunça —, Nadine concordou. — Meu vôo foi turbulento pela última hora até pousarmos.

Patrick suspirou. — Eu esperava que não tivéssemos uma tempestade reacionária. Jono?

— Ninguém está atendendo —, disse Jono, o telefone pressionado no ouvido.

— Continue tentando.

Nadine ganhou velocidade para ficar com a escolta policial enquanto corriam pela estrada. Os dois haviam aprendido condução tática de alta velocidade enquanto estavam no Mage Corps. Apesar do tráfego crescente, Patrick acreditava na capacidade de Nadine de levá-los para a casa de férias de Marek em segurança.

O silêncio caiu entre os três; o único som no SUV que não o zumbido do motor era o toque fraco vindo do telefone de Jono enquanto ele tentava entrar em contato com Marek. Patrick

monitorou a rota em seu próprio telefone, observando a pequena flecha deslizar pela tela.

Dez minutos depois, Patrick recebeu outro telefonema de Casale relatando que Marek não estava em nenhum de seus locais conhecidos em Manhattan.

— Está no Hamptons —, disse Patrick depois que ele desligou.

Nadine assentiu com a confirmação silenciosa e continuou dirigindo.

Apresse-se e espere nunca tinha sido sua maneira favorita de passar o tempo, mas mesmo com uma escolta policial, eles estavam se movendo tão rápido quanto podiam. Quando estavam á cinco minutos de distância, nos cálculos de Patrick, alguém finalmente atendeu a ligação de Jono.

— Marek? Marek! — Jono disse com uma voz aliviada. —puta que pariu, cara. Eu tenho te ligado como um louco. Por que você não- ... o que você quer dizer com eu estou indo para a festa de Sage? Trazer um amigo? Marek, espere, *o que*? Espera aí.

Jono cobriu o captador em seu telefone com a mão e girou em seu assento para olhar para Patrick. — Você enviou agentes da SOA para proteger Marek?

Um calafrio percorreu a espinha de Patrick e ele se inclinou para pegar o telefone de Jono. Ele o colocou no ouvido enquanto fazia um sinal manual para Nadine de *vá mais rápido*.

— Marek, me escute. Se Rachel Andrita estiver no local, quero que você diga ótimo, mal posso esperar para vê-lo na festa. Se ela não está, e é outra pessoa, peça para eu pegar alguma coisa na loja — disse Patrick.

Marek manteve a voz firme e não afetada quando falou. — Ótimo, mal posso esperar para ver vocês na festa. Quanto mais, melhor.

— Emma e Leon, se vocês puderem me ouvir, junte seu pessoal e faça com que Tyler proteja todos vocês agora. Cinco minutos. Diga a ele para segurar seu escudo, não importa o quê.

— Estamos esperando —, respondeu Marek.

Ele desligou e Patrick devolveu o telefone a Jono. — Rachel Andrita está no local com um número desconhecido de afiliados. Devemos considerá-la hostil com uma provável conexão com a seita Dominion.

— Ela não é da SOA? — Jono perguntou.

— Ela obstruiu Casale por seis meses neste caso e depois exigiu que ela tivesse acesso a ele depois que foi transferido para minha divisão. Setsuna não confia nela.

— Setsuna precisa limpar a casa mais rapidamente. Uma bala na cabeça funcionaria — disse Nadine, sombria.

— Eu não estou discutindo isso.

— Rachel é uma bruxa?

— Sim. Contrato de carreira estritamente civil, sem formação militar. Quem ela trouxe com ela para a casa de Marek poderia ser militar. Ela pode ter algum mago com ela se a Seita Dominion realmente a estiver apoiando.

Nadine sorriu com força. — Magos ou não, eu gostaria de vê-los tentando atravessar meus escudos.

Nadine era uma maga de combate cuja mágica se inclinava mais para a defensiva do que para a ofensiva. Os escudos que ela podia construir com sua própria magia enquanto batia em uma linha

ley eram quase impenetráveis. Ela protegera bases de operações avançadas por horas a fio contra bombardeios de insurgentes e demônios enquanto estava no Mage Corps.

Patrick ficou feliz por tê-la na retaguarda novamente.

— Como está sua magia? — ela perguntou.

— Foi parcialmente comida por um caçador de almas. Ainda não estou com força total — disse Patrick antes de dar um tapinha no ombro de Jono. — Eu preciso que você descreva a casa para nós.

Jono começou a procurar pelas fotos em seu telefone. — Posso fazer algo melhor. Mansão de dois andares com acesso direto à praia na parte de trás. Porta de entrada. Um limiar forte, mas nada que não consigam ultrapassar, aposto.

Jono entregou seu telefone a Patrick novamente. A pasta em questão continha fotos tiradas durante um churrasco de quatro de julho. Em algumas cenas ao ar livre, Patrick conseguia distinguir o tamanho da casa. Sua mente revirou vários métodos possíveis de infiltração.

— A linha de visão é clara se ela colocar alguém com uma arma comprida nos quartos do segundo andar, de frente para a frente. Existem áreas abertas do lado, mas a melhor entrada pode ser um ataque frontal —, disse Patrick.

— Duvido que eles tenham trazido armas. Essa nunca é a primeira arma que os usuários de magia civil usam em uma luta. Vou esconder nossa abordagem — disse Nadine. — Você já sentiu alguma coisa, Collins?

A magia de Patrick estava quieta em sua alma, nenhum sinal de reconhecimento de qualquer tipo que a queimava. — Ainda não.

— Diga-me quando e o que você sente no segundo que acontecer.

— Entendido.

Algumas gotas de chuva começaram a bater no para-brisa quando a escolta cortou as luzes e as sirenes a uma milha de distância. Nadine acelerou, ultrapassando a escolta para tomar posição o resto do caminho. Ela freou à algumas casas da de Marek e estacionou o SUV. Ela abriu a porta lateral do passageiro para pegar seu equipamento tático, amarrando-o no lugar.

— Pena que você não pode pegar emprestado alguns capacetes —, disse Patrick enquanto saía, com a carabina M4A1 na mão.

— Você conhece Lucien. Ele acha que um tiro na cabeça não pode detê-lo.

Patrick colocou a alça de transporte do rifle no colete para prendê-lo ao corpo. Colocou a coronha no ombro, o dedo apoiado no gatilho. Pingos de chuva caíram em suas bochechas enquanto ele seguia Nadine para frente. As nuvens aqui fora eram mais escuras do que em Manhattan. O sal do oceano pesava forte com o vento; ele podia praticamente provar.

O oficial Lee e seu parceiro saíram do carro da polícia, armas empunhadas, mas Patrick acenou de volta. — Vocês dois, fiquem parados. Não importa o que vocês ouçam, não venham atrás de nós, entendido?

— Sim —, respondeu o oficial Lee, olhando para o equipamento tático. — Boa sorte.

Jono caiu ao lado de Patrick, seus óculos de sol deixados para trás no SUV. — Você precisa que eu mude?

Se Jono tivesse alguma experiência em combater usuários de magia e demônios em sua outra forma, Patrick diria que sim. Mas ele não sabia as capacidades de Jono e não podia arriscar não conhecê-las em campo no momento.

— Fique humano —, disse Patrick. — E fique na nossa retaguarda.

Jono deu um passo atrás deles. — Certo.

Um pálido globo mágico lavanda surgiu perto do cotovelo esquerdo de Nadine, acompanhando-a enquanto ela corria. Patrick podia sentir sua magia fluindo ao redor deles, quente e limpa em um feitiço furtivo que aquietava os sons de seus pés batendo e os escondia da vista. Ela o manteve até o portão da frente, onde, em vez de pegar a fechadura ou atirar, ela acenou para Jono na direção da caixa de código. Patrick olhou através da mira ACOG[34] de seu rifle e fechou a frente da casa enquanto Jono destrancava o portão.

— Não há vigilância, mas eles têm uma ala de silêncio em volta da mansão —, disse Patrick.

— Isso eu posso sentir —, disse Nadine.

A fechadura da porta se abriu quando Jono terminou de digitar o código. Patrick avançou com Nadine ao seu lado, suas armas levantadas e magia preparada para uso imediato. Estavam no meio do gramado recém-cortado quando o reconhecimento irrompeu através da magia de Patrick, a mesma sensação feia que ele sentiu no bar, apenas multiplicada.



34

— *Filho da puta* — Patrick rosnou, correndo para a frente. — Caçadores de almas estão vindo através do véu!

— Levantando um escudo —, respondeu Nadine.

Ela seguiu quente nos calcanhares dele, envolvendo um escudo de combate ao redor deles rapidamente. Podia resistir a uma granada lançada do lado de fora, mas era revestida de maneira diferente por dentro para permitir o disparo de armas sem medo de ricochete. O escudo se moveu com eles, uma barreira maleável e invisível.

Eles subiram a varanda, cruzando um limiar que parecia sufocante para os sentidos de Patrick. A ala do silêncio apressadamente desenhada no batente da porta do lado de fora poderia ter sido a fonte, mas a força que a sustentava queimava de uma maneira feia e familiar.

Ele alcançou o símbolo, os dedos pairando sobre as linhas enegrecidas antes de fazer um punho. — Nadine.

— O quê? — ela disse em voz baixa, já apontando para a porta.

— Hera disse que Hades foi avistado em Manhattan na semana passada. — Patrick virou a cabeça para encontrar o olhar dela. — Eu acho que ele está aqui.

— *Puta merda.* Este dia está cada vez pior.

Jono balançou a cabeça. — Eu pensei que lidar com Marek sendo o receptáculo de um deus era uma dor de cabeça. Você ganhou o prêmio, Pat.

— Ele não é um receptáculo —, Nadine murmurou logo antes de abrir a porta e chutá-la.

Ela avançou para um vestíbulo aberto que levava a uma ampla sala de estar com assassinato nos olhos. Patrick a seguia de perto,

Jono logo atrás dele. Assim que eles cruzaram o limiar, Patrick pôde ouvir os gritos vindos de dentro de casa.

Três pessoas vestidas para um dia na praia estavam se contorcendo no chão em agonia, corpos retorcidos em formas meio transformadas enquanto dois feiticeiros chamavam seus animais. Os dois homens olharam para a entrada deles, virando-se para afastar a ameaça inesperada, mas era muito pouco, muito tarde.

Os feiticeiros poderiam estar no extremo mais forte do espectro mágico, mas eles não tinham nada contra um mago e definitivamente não tinham nada contra uma bala no coração. Patrick puxou o gatilho, a primeira bala enfeitiçada matando o feiticeiro mais próximo bem no peito, o segundo cortando a cabeça em um ângulo. Nadine pegou o parceiro do homem, e os feios círculos negros do feitiço brilhando malévolos embaixo das werecreatures desapareceram.

As vítimas, membros da matilha Tempest de Emma, estavam esparramadas no chão em seu estado de meia-mudança, vivas, mas mal conscientes. Patrick examinou a área e não viu nenhuma ameaça demoníaca, mas a mancha em sua própria magia estava gritando em um aviso que ele sabia que não devia ignorar.

— Jono, você ouve mais alguém na casa? — Patrick perguntou enquanto eles avançavam, passando por cima das três werecreatures e os corpos dos feiticeiros mortos.

— Não —, Jono disse com força. — Eles estão todos lá fora.

Nadine envolveu uma barreira em torno das werecreatures que eles deixaram para trás, envolvendo-as em segurança sólida. — Primeiro grupo seguro.

Patrick deixou sua arma liderar o caminho, sua magia um aviso persistente sob sua pele. Eles limparam todos os cômodos entre

eles e as portas de vidro francesas quebradas na parte traseira da mansão, levando a um quintal vazio da matilha Tempest, mas não do inimigo.

Um homem e uma mulher estavam entre eles e o caminho que levava à praia. Vestidos com roupas que não seriam deslocadas em um escritório, com sua magia entrelaçada para formar um escudo, os acólitos da Seita Dominion pareciam estar esperando por eles.

Patrick levantou a voz. — Agente federal! Afaste sua magia e abaixe-se.

Em resposta, a mulher lançou um raio de magia bruta contra eles que bateu no escudo de Nadine. O ataque explodiu com o impacto, mas o escudo nunca vacilou.

— Acho que isso é um não —, disse Nadine.

Patrick tirou a mão do cano e chamou um globo mágico, tecendo o feitiço de bombardeio através de sua forma. Ele balançou dois dedos em um único movimento para a frente que direcionou o globo, passando inofensivamente pelo escudo de Nadine. Os acólitos da Seita Dominion não souberam o que os atingiu até que fosse tarde demais.

Feitiços de nível militar não deveriam ser usados contra civis. Patrick imaginou que a SOA provavelmente lhe daria um passe quando se tratava da Seita Dominion. O feitiço de bombardeio rasgou o escudo dos feiticeiros como papel. A reação da força de concussão do golpe quebrou as janelas de baixo da mansão atrás deles. Pedaços de grama, sujeira e partes de corpos choveram ao redor deles.

Uma cratera enegrecida agora estragava o quintal, mas essa era a menor das preocupações deles. Nadine modificou seu escudo para mobilidade, e eles rapidamente avançaram em direção à praia,

a chuva começando a cair mais forte. A maré de ondas que batiam na costa do Atlântico era espumosa e branca movida pelos ventos fortes.

Patrick cheirou o mar, mas ele provou o inferno.

Sua magia estava desgastada em sua alma, mas as moedas gregas se encaixavam silenciosamente no bolso, e sua adaga estava ao seu alcance. As armas não o fizeram se sentir melhor com a situação.

Eles subiram as escadas de madeira que levavam à praia. Na areia abaixo, havia membros da matilha Tempest amontoados atrás do escudo que Tyler não conseguia mais segurar e desapareceria rapidamente. O ataque mágico coordenado de Rachel com outros acólitos estava a momentos de quebrar o escudo de Tyler. Marek estava cercado por Emma, Leon e Sage, mas as werecreatures não tinham muita esperança contra a magia.

— Vá em frente —, disse Patrick.

Eles tinham seus papéis em campo e não precisavam falar dos detalhes. Nadine cortou à direita, erguendo uma barreira de proteção ao redor da matilha quando o escudo de Tyler desabou. O ataque de Rachel ricocheteou no escudo, colidindo de volta com duas bruxas que não conseguiram sair do caminho rápido o suficiente. Elas foram jogados fora de seus pés, caindo de volta à terra a metros de distância.

Os pés de Patrick afundaram na areia molhada quando ele deu o último passo, piscando. Através de sua magia, ele podia sentir a presença sufocante do inferno começando a permear o perímetro.

— A SOA pode querer você viva, mas eu ficaria mais do que feliz em colocá-lo em uma cova, Rachel —, Patrick gritou para ser ouvido sobre vento.

A futura ex-SAIC virou-se para encará-lo, o rosto dela uma máscara de raiva. — É uma pena que você não tenha morrido no seu carro.

— Eu sobrevivi a coisas piores.

Nadine bufou enquanto continuavam avançando. — Eufemismo.

— Vá guardar os outros e mantenha-os seguros. Caçadores de almas em dez — Patrick avisou. — Nove!

— Batido em uma linha ley —, respondeu Nadine. — Jono comigo. Oito.

— Eu vou ficar com Patrick —, argumentou Jono.

— Porra, nós dissemos para você *ouvir*! Sete.

— Seis. Vá, Mulroney — Patrick retrucou. — Jono, não fique na porra do meu caminho.

— Espero que você esteja pronto para morrer —, Rachel cuspiu, o círculo em que ela estava, brilhando intensamente. Linhas radiais se expandiam para fora, a estrutura do feitiço não era algo que uma bruxa de seu calibre pudesse criar.

O que significava que alguém o estava lançando através do véu.

Patrick ignorou Rachel enquanto Nadine dividia seu escudo entre as duas posições, mantendo todos em segurança. — Cinco.

Ele podia sentir isso em sua alma, a pesada força do inferno puxando para ele. O mundo pareceu tremer por um segundo, como se a chuva que caia mais forte o tivesse borrado. Os acólitos ainda

de pé estavam jogando qualquer magia ofensiva que pudessem, mas nada estava atravessando o escudo de Nadine.

Pelo menos não ainda.

— Quatro —, Patrick contou, a voz de Jono se juntando, os segundos batendo em seus ouvidos como tambores. — Três.

O círculo sob os pés de Rachel explodiu em fogo do inferno, mas a bruxa não ardeu.

— Dois.

O reconhecimento gritou através da magia de Patrick com uma intensidade abrasadora, o gosto do inferno quente e amargo em sua língua.

— Um.

O mundo pareceu se rasgar ao redor deles, o véu abrindo a praia sob a forma de neblina irregular, dando um brilho sinistro do fogo do inferno. Derramado sobre a areia, obscurecendo a área imediata.

Não podia esconder o que atravessava.

Uma horda de caçadores de almas se libertou do véu, liderada por um deus que fez Patrick congelar, com o coração batendo a mil por hora no peito.

— Se você quiser tomar o lugar do vidente no altar de sacrifício, então, de todos os modos, deite-se e morra, Patrick —, disse Hades.

A voz do deus ecoou nos ouvidos de Patrick de uma maneira que as vozes humanas nunca fizeram. Hades estava dentro das linhas do círculo, o fogo do inferno lambendo seus pés, intocado pela fúria da tempestade. Ele poderia ter passado por um magnata de Wall Street se alguém ignorasse o poder sobrenatural que ele exalava. O imortal não era carismático, mas aterrorizante, apesar da imagem

nítida projetada pelo traje de três peças que estava perfeitamente seco sob a chuva. Hades era de cabelos e olhos escuros e palidez cadavérica, toda a malevolência arrepiante em disfarce humano.

O deus grego do submundo ainda parecia exatamente o mesmo que naquele porão de Salem todos aqueles anos atrás.

— Patrick —, disse Jono, rompendo o medo arranhando a mente de Patrick. — Não dê ouvidos a ele!

Ele respirou fundo, reajustando o aperto no rifle. A bomba de fogo do inferno ontem fazia sentido agora. Patrick deveria ter lembrado que era um dos pequenos truques favoritos de Hades.

Hades sorriu, a expressão colorindo velhos pesadelos de maneiras que Patrick poderia ter passado sem. Aqueles olhos escuros olharam para trás, onde Jono estava com uma cobiça que Patrick não apreciava.

— Se não for você, eu levo o lobo. Prefiro não entrar em guerra com os deuses nórdicos ainda, mas as necessidades exigem. De qualquer maneira, levarei uma alma comigo para o inferno hoje — disse Hades.

Os caçadores de almas avançaram, metade da horda veio para Patrick, enquanto o resto foi atrás da matilha. Patrick reposicionou o rifle no ombro e se preparou. Ele trocou a carabina M4A1 para totalmente automática e pressionou o gatilho. O alto lançamento de balas soou como um trovão no ar, ecoado pela arma de Nadine. Seus escudos brilhavam com um leve tom violeta toda vez que uma bala passava por eles a caminho do inimigo.

Eles apontaram para os acólitos, porque os caçadores de almas não se incomodavam com algo tão irritante quanto balas. Três dos usuários de magia foram abatidos, mas nenhum deles era Rachel.

Onde está o maldito tanque quando você precisa de um? Patrick pensou um pouco freneticamente.

— Eu posso mudar e protegê-lo melhor —, disse Jono, aproximando-se dele.

— Nem pense nisso —, rosnou Patrick.

Patrick poderia ter sido imprudente com sua própria vida, mas de jeito nenhum ele estava arriscando alguém sob sua proteção.

— Você quer deixar de ser tão malditamente teimoso? Eu posso *ajudar* você.

— *Você* não pode fazer nada contra um deus, exceto morrer. Estou ativamente tentando impedir que isso aconteça agora!

— Talvez eu não possa —, Jono admitiu. — Mas meu patrono pode.

O dedo de Patrick apertou o gatilho por uma fração de segundo naquela confissão. Apertou-o novamente, chegando perto de precisar recarregar.

— Você está de sacanagem? — Patrick resmungou enquanto os caçadores de almas continuavam vindo, a boca de repente ficou seca. — Você não achou que essa informação era importante para eu saber *antes* de agora?

Não é de admirar porque a matilha divina de Londres exilou Jono e porque Estelle e Youssef não o queriam por perto. Nem todos com linhagem divina tinham patrono hoje em dia. Se a matilha da cidade de Nova York não tivesse um e Jono tivesse? Dane-se o acordo, Jono teria todo o direito de assumir o controle da matilha de Nova York.

Porque Jono não o fez, era uma pergunta para *depois que* eles sobrevivessem a essa luta.

Os caçadores de almas correram contra o escudo de Nadine e começaram a rasgar sua magia quando o rifle de Patrick clicou vazio. Ele tirou a alça do colete tático e jogou a arma em Jono.

— Segure isso e fique aqui —, ele ordenou.

Patrick conjurou meia dúzia de globos mágicos, despejando sua magia no feitiço de bombardeio que se contorcia através de cada um. Nadine não conseguiria segurar seus escudos para sempre contra caçadores de almas - ninguém conseguiria - e Patrick não estava disposto a deixar sua magia ser drenada até o ponto de ruptura.

Ele jogou seus globos nos caçadores, sua magia passando inofensivamente pelo escudo de Nadine. No segundo em que estavam do outro lado, dois foram imediatamente engolidos inteiros pelos demônios, e o restante foi detonado pelo comando silencioso e voluntário de Patrick.

A explosão resultante enviou um par de caçadores de almas e areia voando pelo ar. Os que a magia não pegou desprevenidos a comeram. Patrick sentiu o rasgo metafísico em sua alma como uma queimadura pesada no peito.

Não era suficiente para impedi-lo de atravessar o escudo de Nadine, o grito frenético de Jono foi arrastado pelo vento que o atingiu no Atlântico.

Sua magia havia cavado um pouco de espaço para ficar em pé, e Patrick plantou os pés na areia molhada, olhando dos demônios para Hades. Ele não pegou sua adaga e, em vez disso, tirou do bolso o punhado de moedas gregas com as quais havia saído do apartamento naquela manhã.

Relâmpagos brilhavam diretamente acima, iluminando o mundo com luz elétrica. Trovões rolaram pela praia e as ondas se chocaram contra a costa, abafando os gritos aguçados dos caçadores de almas.

O sorriso de Hades desapareceu quando Patrick ergueu os punhos cerrados, as moedas já brilhando.

— Onde você conseguiu isso? — Hades exigiu.

— Você deveria parar de irritar sua família —, Patrick retrucou.

As moedas ardiam quentes em sua mão e Patrick as jogou no ar. Elas ficaram suspensas lá por um momento, queimando como sóis em miniatura que os caçadores de almas não conseguiam enfrentar. A sensação da magia celestial era uma justaposição acentuada contra a feia queima do inferno que atualmente sufocava a praia.

Patrick levantou um braço e enviou as moedas para o céu como estrelas cadentes retornando ao espaço. Elas desapareceram nas nuvens baixas, flashes brilhantes de relâmpagos deixando o céu cinzento branco em algumas áreas. Patrick piscou seus olhos cheios de pontos coloridos e pensou no que Skuld havia dito na imundície de Ginnungagap.

Pagamento pelos mortos.

Ele não estava morto, mas isso não importava. Nada importava na guerra, exceto a sobrevivência.

Patrick fez um punho e puxou o braço para baixo, como se estivesse puxando o céu. Sua magia queimava fracamente através de sua alma enquanto ele se concentrava no comando de *atingir*.

A magia emprestada dos deuses nas moedas, guiada por sua própria magia enfraquecida, retornou à Terra na forma de um raio.

Raios poderosos caíram sobre a praia com um poder que fez tremer o chão. Ele fechou os olhos com força, mas isso não foi suficiente para bloquear o brilho abrasador do ataque. O poder estranho cascateava através de sua alma, rasgando canais metafísicos com cicatrizes que não conseguiam mais lidar com a sobrecarga.

O ozônio ardia quente no nariz de Patrick enquanto ele gritava, todos os fios de cabelo se arrepiaram quando a tempestade dizimou a praia ao seu redor. O poder emprestado dos deuses o atravessou, e ele teve que deixar, porque era a única maneira de qualquer um deles sair dessa bagunça vivo.

Seus ouvidos estalaram com o *estrondo* quando um trovão rolou sobre a praia, vibrando por seu corpo. Patrick tropeçou para a frente, o mundo voltando em estágios, parecendo mais uma fotografia antiga negativa do que a realidade nítida. Ele olhou para onde a areia costumava estar e só viu vidro branco torcido formado pelo raio.

Longe estavam os caçadores de almas, queimados em cinzas que a chuva lavou ou arrastados por Hades e o que restava dos acólitos da Seita Dominion. O poder emprestado dos deuses fora suficiente para afastá-los e cauterizar o rasgo no véu. Quanto tempo antes de Hades voltar era uma incógnita.

Patrick sentiu-se vazio, o mundo inclinando-se muito. Levou um momento para perceber que era ele, não o horizonte, quando suas pernas cederam. Ele caiu no chão, provando sangue, praticamente respirando isso. Seus dedos deslizaram sobre o vidro quente, o corpo inteiro tremendo enquanto ele tossia.

Braços quentes envolveram seu tronco e o ergueram na vertical. — Patrick!

A voz de Jono soou longe através do zumbido em seus ouvidos. Patrick fechou os olhos, o som do trovão quase abafando tudo quando ele caiu contra Jono.

— Hades? — Patrick conseguiu dizer, a língua grossa na boca e não funcionando direito.

— Se foi.

A dor ameaçou rasgar seu peito, o choque não o suficiente para superá-lo. Patrick tocou sua magia e encontrou um buraco aberto onde deveria estar em sua alma danificada. Ele respirou fundo e deixou-se cair na escuridão, de alguma forma sabendo que Jono o pegaria no final.





PATRICK FICOU mole nos braços de Jono, e ele tentou não entrar em pânico. Ele podia ouvir o coração dele batendo mais rápido do que era saudável, mas o mago estava vivo. Piscando as gotas de chuva de seus olhos, Jono pegou Patrick em seus braços e se levantou.

Ele olhou para o rosto muito pálido de Patrick, com a cabeça apoiada em seu ombro. Seu cabelo vermelho escuro estava grudado no crânio, a água escorrendo pelas bochechas parecendo lágrimas. Ele estava frio demais para os sentidos aguçados de Jono, e tudo o que ele queria fazer naquele momento era levar Patrick para um lugar seguro.

Nadine correu pela areia e, quando alcançou Patrick, Jono não pôde deixar de dar um passo para trás. Ele não se incomodou em tentar reprimir o rosnado.

Ela franziu o cenho. — Me deixe vê-lo.

— Ele está frio. Precisamos tirá-lo da chuva — argumentou Jono.

— E eu preciso fazer uma verificação de campo, então fique parado.

Jono permitiu que Nadine fizesse uma breve verificação em Patrick, lutando contra o instinto de encontrar abrigo. Emma e sua matilha estavam em alerta máximo, mantendo um olho na área danificada da praia em que estavam. Leon tinha o braço de Tyler pendurado por cima do ombro. O feiticeiro parecia absolutamente exausto, mas ele estava de pé sozinho. Isso estava muito longe da condição de Patrick.

Nadine afastou a mão de Patrick, o brilho violeta na ponta dos dedos desaparecendo. — Ele está sofrendo de desgaste mágico. Precisamos ir para um lugar seguro.

— Podemos ir ao meu apartamento —, disse Marek.

Jono abriu os dentes, a raiva montando sua voz. — Nós não estaríamos nessa maldita situação se você tivesse ficado em *casa* em primeiro lugar, Marek.

Olhos castanhos lavados para um branco brilhante, a voz e os olhos de Marek não são mais seus. — *Nosso receptáculo veio aqui porque pedimos para ele. Isso tinha que acontecer. Essa é a única maneira.*

— Maneira de que? — Nadine exigiu. — Por que temos que fazer isso?

O Destino não tinha mais respostas a dar.

Marek piscou, o branco desaparecendo. Ele balançou a cabeça com força, a boca se contorcendo de dor e auto recriminação. — Me desculpe. Eu *sinto muito*. Eu não tive escolha.

Sage pegou a mão dele na dela, dando-lhe um aperto reconfortante. — Está tudo bem.

Jono segurou a língua, sabendo que sua raiva não encontraria o alvo correto agora. Skuld, ou qualquer um dos Norns que

controlavam a visão de Marek, tinha suas razões para atraí-lo para cá. Jono nunca esteve à mercê dos deuses do jeito que Marek estava, e Patrick parecia estar, mas tinha um sentimento de que isso mudaria.

— Precisamos ir —, disse Nadine.

— Para onde? — Jono perguntou.

Nadine ignorou sua pergunta e foi buscar o rifle de Patrick, onde Jono o jogara na areia. — A matilha precisa sair daqui e ficar fora da vista.

— Os policiais precisarão de uma declaração —, disse Sage.

— Eles não estarão conseguindo uma aqui. — Nadine jogou o rifle de Patrick por cima do ombro e apontou a cabeça em direção à escada que levava de volta à propriedade. — O vidente pode vir conosco.

Emma e Leon trocaram um olhar antes de Leon levantar a voz. — Vamos. Estamos indo para casa.

Nadine subiu as escadas primeiro, o caminho escorregadio. Jono estava logo atrás dela, Patrick como um peso morto nos braços. Eles passaram pelo quintal destruído e entraram na mansão. As werecreatures que eles deixaram para trás na casa não estavam mais semitransformados. Dois eram humanos enquanto um terceiro havia mudado completamente, um lobo monstruoso rosnando ao se aproximarem por trás do escudo de Nadine.

— Mude, e vá para casa —, Emma retrucou.

Nadine estalou os dedos e os escudos desapareceram. Jono a seguiu de volta para a chuva. Ela imediatamente correu e ele facilmente manteve seu ritmo enquanto segurava Patrick apertado nos braços. Ele podia ouvir Emma, Marek e Sage correndo atrás dele,

enquanto todo mundo começava a entrar nos carros estacionados na longa entrada.

Eles correram para onde haviam estacionado o SUV na rua. Jono podia ouvir sirenes ao longe, sua audição aprimorada captando através do som da tempestade. — Policiais.

— Não é problema meu —, Nadine jogou por cima do ombro.

O oficial Lee e seu parceiro ouviram a ordem de Patrick e permaneceram em posição. Os dois homens ainda estavam vivos. O oficial Lee tentou sinalizá-los para uma explicação, mas Nadine balançou a cabeça enquanto passava.

— Estamos de saída! — ela gritou. — *Não* nos siga.

Quando chegaram ao SUV, Nadine abriu a porta lateral e Jono cuidadosamente subiu no banco de trás com Patrick nos braços. Ele deixou Sage e Marek nos dois assentos do meio, enquanto Emma reivindicou o banco do passageiro da frente.

— Há um kit médico no porta-malas —, disse Nadine a Jono antes de fechar a porta do carro. Ela correu para o lado do motorista e entrou, batendo a mão no teto do veículo. A luz violeta brilhou através da estrutura do SUV.

Jono ignorou todos os outros no carro em favor de Patrick. Ele alcançou atrás do banco de trás o pequeno espaço do porta-malas e puxou uma maleta cinza com uma cruz vermelha marcada. Ele a abriu e pegou um cobertor de emergência dobrado dentro de um pequeno saco plástico. Jono empurrou-o entre o quadril e o assento antes de começar a tirar Patrick de suas roupas encharcadas. Patrick estava frio de uma maneira que Jono não gostava. Para aquecê-lo seria necessário calor corporal, e Jono tinha muito para dar.

Ele despojou Patrick das roupas íntimas, pernas longas e pálidas esticadas sobre as de Jono. Sua respiração contra o pescoço de Jono estava fria de uma maneira que não deveria ser. Jono arrancou sua própria camisa e aconchegou Patrick perto antes de rasgar a bolsa que continha o cobertor de emergência. Sacudiu-o sobre Patrick e colocou-o em volta dos dois. Ele manteve a adaga de Patrick ao seu alcance. No tempo em que conheceu Patrick, Jono nunca tinha visto o mago sem ela.

Jono não estava prestando atenção a mais ninguém, muito ocupado tentando esfregar o calor de volta nos braços de Patrick debaixo do cobertor, quando o SUV foi atingido.

O estrondo da explosão derramou fogo do inferno em torno da forma do veículo enquanto Nadine lutava para manter o controle. Jono apoiou a si mesmo e Patrick para impedir que ambos caíssem do banco de trás.

— Que porra aconteceu? — ele rosnou.

Os freios soaram quando eles pararam com força, o fogo do inferno escorrendo do SUV enquanto o escudo de Nadine se mantinha forte contra o ataque.

— *Merda* — Nadine disse com força.

Jono segurou Patrick mais apertado, olhando através do para-brisa para a pessoa que apareceu na rua em frente ao SUV. O homem parecia ter mais ou menos a sua idade, alto e bem constituído, com círculos concêntricos pretos tatuados nas palmas das mãos, que estavam empunhados em sua direção. O cabelo loiro estava raspado perto do crânio, revelando mais tatuagens de runas pintadas em sua pele lá. O ódio em seus olhos castanhos fez a boca de Jono se enrolar.

— Quem diabos é esse? — exigiu saber.

— Zachary Myers —, disse Nadine.

O nome não significava nada para Jono, mas ele não gostou do estresse que podia ouvir na voz de Nadine. — Esse cara, Zachary vai ser um problema?

— Sim.

— Você pode lutar contra ele? — Emma perguntou.

Nadine apertou os dedos ao redor do volante. — Talvez, mas eu não tenho uma forte afinidade por magia ofensiva. Patrick teria uma chance melhor.

— Ele está *inconsciente* — Jono a lembrou com raiva. — Ele já salvou nossos traseiros uma vez hoje, então talvez agora seja a sua vez.

Nadine abriu a boca para argumentar, mas antes que ela dissesse uma palavra, algo bateu onde o mago estava e explodiu com toda a fúria de uma explosão solar. Jono fechou os olhos com força e desviou o rosto, pontos brilhantes queimando em sua visão. O brilho violeta do escudo de Nadine se expandiu para fora da estrutura do SUV, ondulando contra a força esmagadora da explosão.

— Eu definitivamente deveria ter trazido o lançador de granadas —, disse Nadine, parecendo melancólica.

A visão de Jono se recuperou em alguns segundos. Piscando os olhos abertos, tudo o que viu foi uma cratera no meio da rua, onde o usuário de magia estava parado, a névoa fina se contorcendo na fumaça.

— O que foi isso? — Emma exigiu.

— Ataque de grau militar.

— Ele morreu? — Marek perguntou, apertando um olho.

Nadine balançou a cabeça e puxou o escudo de volta para o SUV novamente. — Se ao menos fosse fácil. Aquele filho da puta não morre facilmente.

— Onde ele está?

Jono podia ver os olhos de Nadine disparando para frente e para trás no espelho retrovisor. — Se não houver corpo, poderia ter sido uma ilusão. De qualquer maneira, eu deveria saber que Ethan teria deixado uma retaguarda. Esse foi o meu erro. Eu sinto muito.

Ela conjurou um globo, a esfera violeta piscando acima do volante. Jono não tinha certeza de qual feitiço ela lançava, mas, embora não pudesse vê-lo, podia sentir sua magia. A de Nadine era mais limpa que a de Patrick; mais forte também.

— Alguma coisa? — Emma perguntou com uma voz tensa.

— Não. Não sinto nenhuma ameaça mágica nas proximidades — disse Nadine.

Jono apertou os braços em torno de Patrick enquanto uma motocicleta rugia ao lado do SUV, seu motorista e passageiro vestidos com roupas pretas de couro forrado com Kevlar e capacetes com capas reflexivas. A mulher tinha um lançador de granadas apoiado no ombro, runas vermelhas esculpidas no corpo metálico da arma. Jono imaginou que não era um tipo de arma padrão.

Nadine apertou um botão para abrir a janela um pouco. —Acho que estamos limpos, mas fique de olho. Nós seguiremos você.

O motorista acenou com a cabeça, o capacete balançando para cima e para baixo, antes que a motocicleta arrancasse novamente. Nadine bateu o pé no acelerador e manobrou o SUV ao redor da cratera.

— Estamos levando Patrick para um hospital? — Marek perguntou.

— Não podemos arriscar.

— Então eu ligo para Victoria para ajudá-lo. Ela é uma curandeira. Apenas me diga onde ela deve nos encontrar.

— Ginnungagap.

— Você está falando sério? — Jono rosnou.

Nadine olhou para ele pelo espelho retrovisor. — Você tem uma ideia melhor?

Ele não tinha.

O caminho de volta para Manhattan foi ocupado pela preocupação de Jono por Patrick. Apesar do cobertor de alumínio reter o calor do corpo para compartilhá-lo com Patrick, a pele dele ainda estava fria ao toque. Jono não sabia nada sobre esgotamento mágico, mas sabia que entrar em choque nunca era uma coisa boa para o corpo. Jono ouviu Patrick respirar, mas ele não acordou. Ele enfiou a cabeça de Patrick embaixo do queixo, colocando a mão sobre as cicatrizes no peito.

Por favor, Pensou Jono. *Por favor, fique bem.*

Quando finalmente pararam no pequeno beco ao lado de Ginnungagap, Jono estava desesperado para conseguir a Patrick os cuidados que ele obviamente precisava.

Sage abriu a porta lateral, ainda vestida com um biquíni de praia. Ela parecia deslocada, mas as pessoas que passavam na calçada na entrada do beco a ignoravam.

— Encanto de disfarce —, explicou Nadine ao sair do SUV. — Ninguém vai prestar atenção em nós. Vamos levar Patrick para dentro.

A chuva ainda estava caindo, mas Nadine lançou um escudo sobre Jono quando saiu com Patrick nos braços, a adaga na bainha pendendo de uma mão. A água escorreu da barreira invisível, uma gentileza pela qual ele assentiu em silêncio, agradecendo.

Os motociclistas já estavam entrando. Emma pegou a porta para mantê-la aberta, levando todos para fora da tempestade. Jono entrou, o mesmo calafrio de antes da outra noite, apertando os ombros. Qualquer que fosse a magia deste edifício, não era um lugar confortável para se estar.

Ginnungagap parecia diferente. A maior parte do lixo e detritos havia sido retirados para um lado do prédio. Caixas pesadas foram empilhadas contra uma parede limpa. As luzes penduradas nos cabos de extensão forneciam a iluminação necessária. O lugar ainda não parecia limpo, e Jono ainda não tinha certeza se este era o melhor lugar para trazer Patrick.

A mulher tirou o capacete da motocicleta, sacudindo os cachos pretos. Jono não ficou surpreso ao ver que Carmen era quem empunhava o lançador de granadas. Seu glamour desapareceu, revelando os chifres enrolados de sua espécie e olhos com suas pupilas vermelhas.

O motorista fez o queixo de todos cair, exceto o de Nadine.

— Diga ao seu Destino que eu não aprecio os métodos dele — disse Lucien, olhando para Marek.

— Você está acordado —, Emma disse fracamente, os olhos arregalados em seu rosto. — *Como* você está acordado e caminhando sob a luz do sol? Você é um vampiro!

— Daywalker[35] —, Jono disse categoricamente. — Pensei que vocês eram apenas lendas?

Jono queria dar um soco no sorriso zombador no rosto de Lucien. — Algumas histórias são verdadeiras, lobo.

— Temos uma bruxa chegando para verificar Patrick. Você não pode estar aqui quando ela chegar — disse Nadine a Lucien.

Lucien inclinou-lhe um olhar duro. — Você esquece seu lugar.

— Não tenho tempo para discutir, Lucien. Estamos a dois dias do solstício de verão, e foi *Zachary Myers* que você tentou executar, e precisamos de Patrick capaz de lutar. O governo não sabe que você está aqui e gostaria de manter o mínimo de boatos. Então, por favor, vamos ficar aqui, e apenas se esconda quando a bruxa chegar, para que ela não te veja.

A expressão de Lucien parecia esculpida em pedra, e Jono se perguntou se eles teriam que voltar para a tempestade. Ele não confiava neste edifício e no poder que parecia ter. Todo instinto que ele tinha estava gritando que não era *seguro*, mas agora, Ginnungagap era sua única esperança de permanecerem escondidos, de acordo com Nadine.

Patrick parecia confiar nela. Jono supôs que teria que confiar em Nadine também, mas não estava deixando Patrick fora de vista.

— A área de escritórios antigos tem um sofá —, disse Lucien finalmente.

Nadine assentiu. — Obrigada.

[35] Um Daywalker é um tipo de vampiro ou meio-vampiro que pode andar à luz do dia sem sofrer danos. A tradução seria algo como 'caminhante diurno' mas achei que o termo em inglês tem uma sintaxe mais interessante.

Jono aceitou isso como permissão e caminhou até a parte traseira do armazém, onde o proprietário anterior havia construído pequenos escritórios portáteis. Seu nariz tremeu com o cheiro de lixo, mofo e a acumulação de poeira no armazém. O local precisava de uma limpeza profunda e ele não tinha muita esperança de um lugar limpo para cuidar de Patrick.

Pequenas faíscas de luz flutuavam à sua frente pela porta aberta do primeiro escritório. As luzes de bruxa de Nadine lhe deram mais luz para ver, iluminando o espaço dentro do escritório principal. O sofá em questão estava quebrado e sujo, com buracos de rato. Jono parou na porta e olhou por cima do ombro para Emma.

— Ligue para o Leon. Diga a ele para trazer uma cama ou sofá da sua casa — ordenou Jono.

Emma olhou ao redor para o lixo no escritório e fez uma careta. — Continue. Vou dizer para ele nos trazer algumas roupas também. Vou precisar sair para receber sinal.

— Nós ficaremos bem.

Jono se virou e voltou para a área limpa do armazém. Nadine lançou lhe um olhar interrogativo ao retornar.

— Não está usando o sofá? — ela perguntou.

— Eu não deixaria um gato ter filhotes nessa coisa. Estamos trazendo nossos próprios móveis —, disse ele.

— Deveria ter perguntado primeiro —, disse Lucien.

Jono ergueu um olhar impressionado para o vampiro. — Este pode ser o seu território, mas não confio em suas intenções em relação a Patrick.

— Ainda chateado porque eu toquei o que você acha que é seu?

— Mantenha suas mãos para si mesmo, ou da próxima vez eu vou arrancá-las. — Jono sorriu, presas cavando em seus lábios. — Com os dentes.

Jono não se importava que fosse Lucien que ele estava ameaçando. Se o vampiro ameaçasse Patrick novamente, ele faria o possível para livrar o planeta do bastardo. Lucien não parecia impressionado, mas Jono não se importou. Ele pode não ter uma matilha, nem a reputação de Lucien, mas nem fodendo ele se esconderia diante do vampiro.

— Se você não gosta das acomodações, pode sair —, disse Carmen com uma fungada desdenhosa.

— Não com Ethan e Hades por aí procurando por nós —, disse Nadine.

Carmen balançou a cabeça enquanto abria o zíper de sua jaqueta de couro forrada de Kevlar. — Se esconder não vai impedi-los. Isso nunca impediu.

Sage tocou Jono no ombro e ele olhou para ela. O rosto dela se inclinou para cima para que ela pudesse olhá-lo nos olhos. — Sente-se. Você precisa manter Patrick aquecido. Eu vou ficar de guarda.

Os olhos de Jono se voltaram para o artefato que Sage usava, o pingente turquesa com sua magia fae embutida brilhante contra sua pele bronzeada. Isso não a impediria de mudar para sua forma de weretiger, e Jono já a tinha visto lutar antes. Ele confiava nela para guardá-los até que ele pudesse se juntar à luta.

Assentindo, Jono se sentou no chão em uma posição de pernas cruzadas, reposicionando cuidadosamente Patrick para que o cobertor cobrisse seu corpo frio o máximo possível. Ele não sabia

dizer se Patrick estava ficando mais quente agora do que estava quando estavam lá fora na tempestade, mas esperava que sim.

Nadine se ajoelhou ao lado dele e tocou uma mão no cobertor, a magia fluindo das pontas dos dedos para o material. O calor cresceu ao redor deles quando o feitiço de calor se instalou no cobertor de alumínio. Mesmo através de sua magia, ele podia sentir o cheiro amargo de Patrick, por mais fraco que fosse. O cheiro era parte de seu perfume, e Jono respirou fundo, mantendo-o nos pulmões.

— Obrigado —, Jono resmungou.

Nadine olhou para ele. — Não é a primeira vez que Patrick atinge o esgotamento. Ele ficará bem quando o estabilizarmos.

— Eu pensei que ele não pudesse tocar uma linha ley? Ele tentou? É por isso que ele está assim?

— Ele não tocou em uma linha ley. Ele não pode. As moedas foram um presente dos deuses. — Nadine estudou Jono com olhos cansados. — As únicas coisas que os deuses deram a Patrick são armas. De alguma forma, não acho que você seja diferente.

Jono não sabia como reagir a essa afirmação. — Há mais moedas no apartamento dele. Ele não trouxe todas conosco hoje.

— Eu vou recuperá-las.

— Patrick estabeleceu uma proteção ao redor do lugar.

Nadine levantou-se, afastando as palavras. — Isso não será um problema. Ele sempre me concede acesso quando as estabelece.

Alguma parte de Jono - a parte do lobo que levou anos para ele se sentir confortável em reconhecer - não gostava da ideia de Nadine entrar em seu território. Não importava que o apartamento não fosse dele e que Patrick só estivesse lá temporariamente. Agora, esse era o

local de residência de Patrick, sua casa, e Jono não queria lá ninguém que ele não conhecesse.

Jono observou Nadine cautelosamente se aproximar de Lucien. Ele não podia cheirar o medo dela, não com os escudos dela, mas ele podia ler a desconfiança em seu corpo. Lucien parecia divertido mais do que qualquer outra coisa, a atitude indiferente de um predador infiltrando-se. Nadine podia ser uma maga, mas Lucien tinha truques nas mangas que Jono precisaria ter cuidado.

Lucien colocou o capacete de volta e saiu com Nadine. Emma correu para dentro antes que a porta pudesse se fechar, torcendo a água de seus cabelos grossos. Ela foi na direção deles, deixando pegadas molhadas atrás dela.

— Leon e os outros chegaram em casa. Ele estará aqui o mais rápido que puder, mas ele precisa evitar a polícia — disse ela.

— Por que a polícia está no nosso prédio? — Marek perguntou.

— Porque nós não sabíamos onde você estava. Casale enviou seu pessoal para todos os endereços que eles tem arquivados sobre você — explicou Jono.

A maior parte de sua raiva por Marek desapareceu com a revelação de que o Destino forçou sua mão hoje. O que restou foi direcionado unicamente aos deuses atualmente fodendo com a vida de todos.

Marek mordeu o lábio inferior antes de se sentar ao lado de Jono. Sage e Emma mudaram de posição, ficando entre eles e Carmen, que parecia achar sua situação *divertida*, se o olhar em seu rosto era algo para se passar.

Jono ansiava por arrancá-lo do rosto dela.

— Sinto muito que isso esteja acontecendo —, disse Marek em voz baixa.

Jono balançou a cabeça. — Não é sua culpa.

Marek estendeu a mão e dobrou um canto do cobertor de alumínio com mais segurança ao redor do corpo de Patrick. —Parece que é.

Jono estava muito nervoso agora para acalmar os sentimentos de Marek. A maior parte de sua atenção estava reservada a Patrick, que ainda não havia acordado. Jono inclinou a cabeça, pressionando o nariz contra os cabelos vermelhos agora secos, respirando o cheiro de chuva e magia e as notas amargas do inferno.

A consciência de Jono de seu deus patrono pulsava profundamente dentro de sua própria alma. Ele não era de oração, mas Jono não pôde evitar as palavras que dirigiu a Fenrir.

Por favor, deixe Patrick ficar bem.

Nas profundezas de sua alma, Jono pensou ter sentido um rosnado em resposta que ecoou em seus ossos.





PATRICK ACORDOU DEVAGAR, sentindo como se tivesse saído de uma bebedeira de uma semana. A dor em seu corpo era uma dor maçante, escoando através dos músculos doloridos. Sua boca estava seca, os dentes grudavam na parte interna das bochechas, a língua colada no céu da boca e tinha gosto de que algo havia morrido nela. E ele precisava mijar - muito.

O vazio oco em sua alma o lembrou muito os meses após a Guerra dos Trinta Dias. Dias passados no hospital e depois na reabilitação, sua magia estava seca e retornou lentamente, mas nunca à força original. Sua capacidade de explorar a magia externa havia sido danificada para sempre na forma de cicatrizes metafísicas que dilaceravam sua alma.

Alguma parte de seu cérebro sabia que ele não estava no passado, mas combater o pânico e se reorientar era difícil. A primeira coisa de que Patrick se tornou solidamente consciente foi o calor. Ele estava escondido perto de um corpo quente, braços fortes em volta dos seus. Seu nariz estava pressionado contra um peito duro, pele tocando pele ao longo de todo o corpo. Patrick percebeu que estava

nu e sem armas, mas o pânico que ele sabia que deveria sentir não estava chegando.

Uma mão quente acariciou suas costas. — Você está acordado?

A voz profunda retumbou através do peito contra o qual seu nariz estava pressionado. Patrick lutou para abrir os olhos, mas não conseguiu. Ainda assim, ele conhecia aquela voz, mesmo que tenha parecido demorar uma eternidade para fazer sua língua funcionar.

— Jono?

O ar frio passou por seu rosto quando o cobertor que Patrick nem estava ciente de cobri-lo foi puxado pelos ombros nus. Ele estava de costas, uma mão forte emoldurando seu rosto.

— Eu preciso que você abra seus olhos para mim —, disse Jono, sua respiração fantasmagórica sobre a boca de Patrick.

— Cuidado com o IV —, disse uma mulher.

Algo puxou as costas de sua mão, e o leve aperto de uma agulha fez Patrick fazer uma careta. Ele respirou fundo e forçou os olhos a abrirem a visão embaçada preenchida pelos olhos azuis brilhantes de Jono. O cheiro adstringente que Patrick associava a um hospital não estava presente. Na verdade, cheirava como um depósito de lixo, apesar da cama em que ele estava deitado.

— Você está comigo? — Jono perguntou, recuando um pouco.

Patrick piscou lentamente, o olhar passando por Jono. Ele olhou para o teto sujo do armazém. A luz solar opaca cortava as rachaduras nas janelas com tábuas, dando ao local um tom cinza. O som da chuva batendo no telhado era estranhamente abafado, e Patrick pensou que podia ouvir o gotejamento da água de um vazamento em algum lugar próximo.

Ele arrastou a mão debaixo do cobertor, pressionando o polegar contra o latejar na têmpora direita. O tubo de IV deslizou um pouco por seu braço, a fita médica fazendo sua pele coçar.

— Ginnungagap? — ele perguntou, a voz saindo rouca.

Jono passou a mão pelos cabelos de Patrick. — Sim, Pat. Tivemos que vir para um lugar seguro.

Patrick lembrou-se da luta na praia com uma clareza que o fez estremecer. Por mais que sua cabeça, corpo e alma drenada o fizessem querer desmaiar de novo, ele não tinha essa opção.

— Eu preciso de um relatório da situação —, disse Patrick.

— Em um minuto —, disse uma voz desconhecida num tom que não deixava espaço para argumentação. — Deixe-me verificar seus sinais vitais primeiro.

Um rosto bonito apareceu em sua linha de visão. Cabelos pretos e grossos estavam presos em uma trança funcional, sua pele marrom média compensada por jalecos azuis pálidos com um padrão de flores rosa e amarelo impresso nelas. A mulher era obviamente uma enfermeira e não uma que cedia aos pacientes.

Ela lhe deu um sorriso amigável, descansando a mão na testa dele. — Eu sou Victoria Alvarez. Sou uma bruxa enfermeira no Monte Sinai.

Magia delicada raspou a aura de Patrick. Ele instintivamente tentou levantar seus escudos, mas a falta de poder fez seu estômago revirar. Cerrando os dentes, ele respirou pelo nariz enquanto tentava acalmar o estômago.

— Eu tenho um licor que ajudará a se livrar das náuseas e dores de cabeça. Mas preciso que você se sente — disse Victoria.

Jono sentou-se e depois ajudou Patrick a se sentar. Ele se curvou para frente, o cobertor se acumulando em volta da cintura. — Não achava que Lucien tinha camas disponíveis aqui.

— Ele não tinha —, disse Nadine quando se aproximou. —Jono mandou Emma trazer os móveis aqui para você dormir.

Patrick levantou a cabeça, observando Nadine se acomodar ao pé da cama queen-size. Victoria voltou com uma garrafa de plástico cheia de um líquido verde escuro. A bebida parecia algo vendido em uma loja de smoothies que só servia tudo orgânico e onde um copo custa doze dólares.

— Eu sei que não tem um ótimo sabor, mas ajudará com seus sintomas físicos. — Victoria deu um sorriso cansado e triste para ele quando passou a garrafa. — Eu não posso fazer nada sobre sua alma.

— Não pedi que você fizesse —, Patrick murmurou.

— Beba.

Patrick fez uma careta. Na sua experiência, os licores sempre tinham um gosto repugnante. Ele ainda engoliu o mais rápido que pôde, tossindo depois que o último gole foi engolido, esperando que seu estômago não se rebelasse.

Ele devolveu a garrafa vazia a Victoria antes de encontrar o olhar de Nadine. — Relatório. E roupas. Eu preciso de algumas roupas.

— Eu vou pegar a bolsa —, disse Jono.

Ele saiu da cama e Patrick não conseguiu parar de encará-lo. Jono estava nu, totalmente inconsciente sobre seu corpo estar em exibição. Patrick sentiu no fundo como era injusto que ele não pudesse apreciar a vista, não com uma plateia. O exibicionismo

nunca fora dele, mesmo que as werecreatures não tivessem escrúpulos sobre nudez em suas matilhas.

Jono se abaixou e pegou uma mochila preta do chão. Abrindo o zíper, ele tirou uma pilha de roupas que colocou ao lado de Patrick antes de retirar um conjunto para si. Patrick fez um som interrogativo no fundo da garganta.

— Voltei para o seu apartamento e peguei alguns suprimentos. Emma e Leon trouxeram coisas para Jono e os outros que estão aqui — explicou Nadine.

— Quem mais está aqui? — Patrick perguntou.

Jono vestiu uma cueca e depois puxou seu jeans, fechando-o. — Marek e Emma. Sage teve que trabalhar hoje, e Leon também.

Patrick esfregou cautelosamente seu rosto. — Que dia é hoje?

— Segunda-feira — Você ficou inconsciente por quase vinte e quatro horas. — Nadine se mexeu na cama, cavando no bolso da frente e chegando com um punhado familiar de ouro. Ela derramou as moedas gregas restantes no cobertor entre eles. — Eu trouxe essas para você.

Patrick olhou para as moedas, sem perceber que estava rangendo os dentes até Jono acariciar seus dedos contra sua mandíbula. Patrick piscou, o olhar deslizando na direção de Jono.

— Você vai se dar uma dor de cabeça se continuar dessa maneira —, disse Jono.

Suas palavras foram suficientes para distrair Patrick de tentar quebrar seus próprios dentes. Jono colocou a adaga de Patrick, ainda na bainha e presa às tiras de couro, na mão esquerda. Patrick enrolou os dedos em torno da arma envolta em couro e respirou

trêmulo. Ele olhou para cima, encontrando o olhar de Jono, antes de voltar sua atenção para Nadine.

— Diga-me —, disse ele.

Nadine colocou as mãos nos joelhos. — Nós estamos fodidos. Ethan está definitivamente liderando o ataque, e ele trouxe Zachary para o campo com ele. Você sabe o que isso significa.

Ele fechou os olhos, apertando a mão em volta da adaga. Ele *queria* não saber o que aquilo significava, com aqueles dois homens em campo, mas ele não podia escapar da verdade olhando para ele.

Patrick não podia escapar de seu passado.

— Tiramos você e Marek do Hamptons e de volta a Manhattan com a ajuda de Lucien. Enviei o feiticeiro que estava protegendo Marek de volta ao PCB. Não queria que ele soubesse aonde estávamos indo.

Patrick abriu os olhos quando sentiu Victoria tocar o IV nas costas da mão. Ela habilmente removeu a fita e a agulha, pressionando uma gaze sobre o pequeno orifício deixado para trás.

— Mantenha a pressão aqui —, disse Victoria.

Patrick pigarreou. — Obrigado, mas acho que você fez tudo o que pode. Você deveria ir. Quanto é que lhe devo?

— Marek paga meus honorários. Você não me deve nada.

Ela se despediu e foi embora. Vozes baixas chamaram sua atenção, e Patrick olhou para o lado onde Emma e Marek estavam sentados em uma mesa de cartas precárias a alguns metros de distância. Eles conversaram rapidamente com Victoria antes que a enfermeira deixasse Ginnungagap, com o guarda-chuva na mão.

Saber que eles estavam vigiando era reconfortante de certa forma, mas o fato de que eles poderiam ter visto as cicatrizes dele

deixaram Patrick um pouco inquieto. Soltou a adaga e pegou as roupas. Vestir-se exigiu algum esforço, mas ele tinha prática em lidar com danos como esse. Não era fácil e doía, mas Patrick já havia passado muito tempo fora da luta.

— Seus escudos caíram —, disse Nadine em voz baixa.

Patrick arrastou uma das camisetas pretas que estavam em sua mala. — Meus escudos estão fodidos.

Ele podia sentir o vazio onde seus escudos costumavam se assentar, os pontos de ancoragem das proteções fraturados pelo poder celestial. Magia danificada ou não, Patrick ainda tinha um trabalho a fazer.

Ele vestiu sua cueca e depois seu jeans, não se importando se alguém olhasse agora que as cicatrizes em seu peito estavam cobertas. Ele passou boa parte de sua vida nas forças armadas, onde os chuveiros comunitários não permitiam privacidade. Depois de puxar as botas, ele amarrou a adaga no lugar.

Ele estava pensando em se levantar quando a entrada para Ginnungagap se abriu e Carmen entrou. Ela tinha um MacBook embalado em um braço e um grande saco plástico cheio de comida pendurada na mão. Ambos foram mantidos secos da chuva pelo grande guarda-chuva que ela jogou de lado.

— Vejo que você finalmente acordou — disse Carmen.

— Onde está Lucien? — Patrick perguntou.

— Por aí — veio a resposta arejada quando ela derramou seu glamour. Seu poder sobrenatural encheu sua aura, pressionando para fora. Patrick poderia ter passado sem a energia sexual, especialmente desde que seus escudos estavam quebrados.

Carmen usava uma minissaia de couro e botas pretas brilhantes até a coxa. O top vermelho que ela usava combinava com as pupilas vermelhas de seus olhos escuros. Patrick balançou a cabeça quando ele finalmente se levantou, sentindo-se um pouco tonto. Ele viu Carmen se aproximar da mesa de cartas onde ela largou o saco de comida e apontou para ele.

— Você é inútil agora, então coma —, ela ordenou.

Patrick a ignorou. — Você tem um banheiro por aqui, ou eu apenas uso a parede mais próxima?

— Portátil —, disse Nadine, apontando para trás.

Patrick olhou por cima do ombro para o grande banheiro químico que alguém havia trazido. Andando sobre pernas instáveis, ele foi usá-lo. A coisa cheirava a esgoto, mas Patrick não se importava. Ele fechou a porta, desfez o jeans e apontou o pau para o mictório sujo até a pressão na bexiga diminuir.

Pelo menos Victoria não me deu um cateter, Ele pensou para si mesmo. Ele odiava essas coisas.

Quando Patrick terminou, ele lavou as mãos na pequena pia de plástico perto da porta. Não havia toalhas de papel no dispensador, então Patrick limpou as mãos no jeans antes de sair. Ele não ficou surpreso ao encontrar Jono esperando por ele lá fora, apesar do cheiro horrível.

Jono o acompanhou até onde todos estavam reunidos em torno da mesa de cartas. Alguém entregara cadeiras dobráveis de metal e Patrick reivindicou uma delas. Seu estômago roncou com o cheiro de hambúrgueres e batatas fritas, mas ele sabia que precisava trabalhar primeiro.

— Onde está o meu telefone? — ele perguntou.

Jono colocou-o em cima da mesa na frente dele. Era bom não ter que procurar tudo sozinho.

Não se acostume, Patrick disse a si mesmo.

Sua estadia aqui em Nova York era temporária. Ele só esperava que não acabasse em uma cova no final do caso.

Patrick ligou o celular e verificou as horas primeiro. O relógio no mostrador mostrava 15:12, e ele acreditava que alguém deveria tê-lo acordado antes. Ele não tinha sinal, a magia nas paredes de Ginnungagap interferindo na torre de celular mais próxima.

— Volto já —, Patrick suspirou quando se levantou.

— Coma primeiro. Planeje a guerra depois — disse Jono, franzindo a testa.

— Você vai perder o almoço assim.

Patrick foi para a entrada, pegando o guarda-chuva descartado de Carmen ao longo do caminho. Abrindo a porta que dava para o beco, ele abriu o guarda-chuva e saiu para a fora. A proteção em volta do prédio raspou contra sua alma, e ele assobiou com o desconforto. Alguns segundos depois, Jono e Nadine se juntaram a ele lá fora. Jono pegou o guarda-chuva e ergueu-o mais alto, dando a todos espaço para se aconchegar embaixo dele. Nadine lançou um escudo ao redor deles para ajudar a impedir a chuva e o vento.

Quando o celular de Patrick se reconectou à torre mais próxima, ele começou a vibrar com inúmeras notificações. Ele tinha quase cinquenta chamadas perdidas, quase o mesmo número de mensagens de texto, e parecia que seu correio de voz estava cheio. Patrick não se incomodou com nenhuma das mensagens.

— Você esteve em contato com Setsuna? — Patrick perguntou a Nadine.

— Nós estamos no escuro. Não tenho o número do telefone descartável — ela disse, cruzando os braços sobre o peito.

Patrick seguiu o protocolo usual de ligar para Setsuna em seu telefone. Na última chamada para o número, ele mudou para alto-falante. Ele duvidava que os lobisomens ao seu redor guardassem seus ouvidos para si mesmos, mas Nadine precisava ouvir o que estava sendo dito.

A linha atendeu no segundo toque. Patrick sabia que Setsuna não teria atendido se ela não estivesse em um local seguro.

— Status — Setsuna perguntou em voz baixa.

— Vivo. Mas não funcional. Eu tenho meu apoio, e os imortais querem que eu lute. Estamos a um dia de distância da última tentativa da Seita Dominion de roubar uma divindade. Eles têm Zeus.

— Existe um mandado para a prisão de Rachel.

— Então ela está oficialmente rotulada como membro da Seita Dominion agora? Encontrou alguma evidência para fazer com que suas acusações se sustentem desta vez?

— Estamos trabalhando nisso.

— Eu trabalharia com uma bala na cabeça ao invés de uma prisão se a encontrasse. Ela está trabalhando com Ethan, afinal. Os assassinatos combinados com os caçadores de almas e um imortal desaparecido? Hermes estava certo. Nova York é um altar de sacrifício.

Nadine se inclinou para mais perto da captação do alto-falante e levantou a voz. — Zachary Myers estava em campo no Hamptons. Hades também. Se Zachary estiver ajudando Ethan a lançar o feitiço como da última vez, precisaremos de alguém que possa combater magia de sangue de alto nível. Precisa ser um mago, mas diga-lhe

para não tocar em uma linha ley. Quando toquei uma ontem, notei que as correntes eram mais selvagens do que deveriam ser. Você já teve algum relatório sobre a estabilidade do nexo abaixo da cidade de Nova York?

— Nada recente. Nada em que eu confiaria neste momento —, respondeu Setsuna.

— Você precisa trazer alguém aqui para verificar, alguém que você *confie*. Eu faria isso, mas se as linhas de nexo e ley que levam a ele estiverem comprometidas, precisarei poupar minhas forças para ajudar a construir quebra-mares nas linhas ley mais tarde.

— Se o nexo estiver comprometido, já é tarde demais. — Patrick esfregou o rosto cansado. A dor maçante em seu corpo estava desaparecendo mais rápido do que seria se ele não tivesse tomado o licor de Victoria, mas ela não conseguia curar a exaustão. — Não podemos confiar que o nexo permanecerá estável. Eles tiveram seis meses para brincar com isso sob o olhar de Rachel.

— Ela é uma bruxa embora. Como ela seria capaz de fazer isso sem que ninguém percebesse? — Jono queria saber.

Nadine encolheu os ombros. — A SOA tem magos em sua folha de pagamento. Não ficaria surpreso ao descobrir que alguns deles estavam sujos.

— Você fala como se fossemos a única agência infiltrada — foi a resposta plana de Setsuna.

— Não ligamos para discutir sobre qual agência é mais limpa. A SOA e a PIA perderão sob esse critério —, afirmou Patrick.

Setsuna dirigiu a conversa de volta aos trilhos. — Qual é o seu status, Collins?

— Se você está perguntando se eu posso fazer o mesmo golpe da última vez, vamos com um não. Não ajuda que não tenhamos os militares como reserva.

— Isso pode se resumir a isso no final. Uma pena que não possamos atraí-los agora.

— Você não pode chamar as forças armadas com base em um *e se* — murmurou Nadine.

Patrick revirou os olhos. — Tenho certeza de que o governador de Nova York vai *adorar* precisar enviar a Guarda Nacional para a merda de uma agência federal.

— Sua atitude não está ajudando nessa situação —, disse Setsuna.

— Pergunte-me se eu me importo. — A linha ficou quieta, nenhum dos lados falando. Patrick suspirou pesadamente e beliscou a ponta do nariz. — Caso alguém ainda não tenha pensado nisso, porque duvido que Rachel tenha autorização para entrar na base, você precisa fazer uma auditoria no Repositório.

A voz de Setsuna estava fria quando ela falou novamente. — Eu sei disso. Uma auditoria já está sendo implementada.

O Repositório foi alojado em um destacamento remoto altamente classificado da Base da Força Aérea de Edwards, conhecido por seu nome vernacular de Área 51. O Departamento do Sobrenatural, a Agência de Operações Sobrenaturais e a Agência de Inteligência Sobrenatural tinham controle igual sobre o Repositório. Continha relíquias mágicas e sobrenaturais do passado e novas feitas desde os tempos modernos, todas elas tiradas de um mito ou outro.

Todos os países da Terra tinham um equivalente ao Repositório dos Estados Unidos. Um acúmulo de armas e artefatos mágicos

aconteceu durante as duas Guerras Mundiais e aumentou durante a Guerra Fria. Armas de alta força mágica estavam geralmente sob o controle expresso dos governos. Ninguém realmente sabia quais itens cada país tinha sob seu controle. Essas informações sempre eram altamente confidenciais, mas não impediam as pessoas de tentar se infiltrar nos locais fortemente protegidos em todo o mundo.

Certamente não havia impedido Ethan e a Seita Dominion durante a Guerra dos Trinta Dias. Foi apenas meses depois dessa luta que alguém pensou em verificar o Repositório nos Estados Unidos em busca de discrepâncias. Patrick ouvira rumores de itens desaparecidos, embora não soubesse com certeza o que eram.

Por lei, a adaga de Patrick deveria ter sido confiscada e listada no Repositório dos Estados Unidos desde que foi feita por deuses. Desde que a recebeu, Patrick jogou a arma como nada além de um artefato bem feito, mas nada realmente fora do comum. Fora de Setsuna, Nadine e alguns outros em quem ele confiava, ninguém sabia sobre as verdadeiras origens da adaga. Ele sabia que se tivesse sido colocado no Repositório após a Guerra dos Trinta Dias, então já estaria nas mãos de Ethan.

— Envie qualquer reforço em que você possa confiar para nos ajudar a manter a linha. Coloque-os em contato com o chefe Giovanni Casale. Nós vamos lidar com o ataque frontal — disse Patrick.

Se Setsuna ia discutir, ninguém ouviu o que ela tinha a dizer. Patrick encerrou a ligação com ela e discou para Casale, colocando-a novamente no viva-voz. Casale atendeu quase imediatamente.

— Onde diabos você esteve? — Casale disse.

— Fora —, respondeu Patrick.

— Em mais de uma maneira —, disse Nadine baixinho.

Casale não pareceu ouvi-la. — Você não respondeu minha pergunta.

Patrick se inclinou cansado no calor de Jono e não sacudiu o braço do homem mais alto em volta da cintura. Ele ignorou firmemente a sobrancelha levantada que Nadine dirigiu em sua direção.

— Parece que você sentiu minha falta.

Casale soltou um suspiro pesado, o captador transformando-o em um estalido rápido de estática. — Como uma unha no meu crânio. Eu preciso de respostas.

— Tivemos que vir para um lugar seguro. Ouvi dizer que Rachel tem um mandado de prisão. Ela já tem sua cara estampada no cartaz de Mais Procurados? Por favor, diga-me que sim.

Nadine revirou os olhos. — Houve mais assassinatos?

— Quem é você? — Casale estalou.

— Reforço —, respondeu Patrick. — Não vamos usar nomes. Ela está me fazendo um favor por estar aqui, mas não é tecnicamente legal.

— Collins…

Patrick o interrompeu. — Olha, Casale. Tirei Marek da bagunça na praia e, acredite, ele e eu teremos palavras sobre isso. Argumentar sobre o que já aconteceu não nos levará a lugar algum. Temos um dia, talvez menos, até que qualquer feitiço que esteja sendo preparado seja lançado. O solstício de verão é amanhã. Eu preciso de um relatório, Casale. Eu preciso disso *agora*.

Casale ficou quieto por meio minuto antes de falar novamente. — Você disse a Tyler para se defender contra um grupo de usuários de magia mercenária.

— Eu disse a ele que estava a caminho.

— Você tem sorte que meu filho sabe o que diabos ele está fazendo quando se trata de proteções, ou não estaríamos conversando.

— Seu filho teve um bom professor —, disse Nadine. Vindo dela, era um grande elogio. Casale não via dessa maneira.

— A mãe dele — foi a resposta curta de Casale. — Aliás, ela queria que eu lhe dissesse que a tempestade reacionária está piorando. Sua alta sacerdotisa encarregou o Crescent Coven de alertar todos os usuários de mágica nos cinco distritos a ficarem atrás de suas proteções e escudos pelos próximos dois dias.

Patrick fez uma careta, imaginando a generosidade de Hera com os mortais com quem ela não se importava muito. Seu clã a adorava, e ela tirava seu poder de suas orações, mas não era nada comparado ao que fora antes. Os deuses precisavam da religião para recuperar sua força e poder. Tudo o que eles tinham agora eram histórias em livros, e alguns nem sequer tinham isso.

— Provavelmente é uma boa ideia. Achamos que o nexo está comprometido.

O trabalho de Casale, associado a ele ser casado com uma bruxa de alto escalão, lhe dava entendimento suficiente para saber o quão excepcionalmente fodida a situação estava em relação a essa afirmação.

— *Porra* — Casale exclamou. — O que você está fazendo sobre isso?

— A diretora Abuku está enviando alguém para monitorá-lo. Ela vai redesignar agentes especiais da SOA para ajudar com o problema.

— Considerando que foi sua agência que estragou tudo, não estou inclinado a confiar em quem ela manda em nosso caminho.

— Ela me enviou —, disse Patrick. — De repente eu não sou bom o suficiente para você agora?

— Eu nunca disse que não confiava em você. Eu disse que não confio na sua agência.

— Que bom. Lembra daquela semana que você me deu? Ainda não acabou. Eu preciso conseguir trabalhar!

— E eu preciso de atualizações.

— Eu te ligo.

Patrick desligou e apertou o telefone. Nadine o estudou com olhos cansados, mas foi Emma quem falou primeiro de onde ela estava dentro do armazém, sustentando a pesada porta com um pé.

— Vocês terminaram? A comida está esfriando, — disse Emma.

Bem nesse momento o estômago de Patrick roncou. A mão de Jono no quadril se apertou.

— Vamos lá —, disse Jono, puxando-o enquanto Nadine tirava o escudo. — Vamos alimentá-lo.

O vento os perseguiu de volta para dentro de Ginnungagap, o limiar fazendo Patrick cerrar os dentes quando eles atravessaram. Jono de alguma forma parecia saber que algo estava errado a julgar pelo olhar interrogativo que ele deu a Patrick.

— O que está errado? — Jono perguntou.

— O que não está errado? — Patrick rebateu.

Marek havia arrumado a comida que Carmen entregara, as caixas de comida com hambúrgueres e batatas fritas prontas de forma a não haver reclamações. Ele estava segurando um hambúrguer em uma mão e digitando com a outra, seu MacBook

conectado a um gerador portátil. Patrick não sabia para onde Carmen havia desaparecido.

Patrick franziu o cenho para a organização. — Não achamos que não havia sinal aqui.

— Não há. Usei um ponto de acesso do telefone lá fora para baixar algumas coisas antes. Estou trabalhando offline — disse Marek, sem levantar os olhos.

Jono puxou uma cadeira dobrável para trás e gesticulou para ele. — Sente-se. Coma.

Pela primeira vez, Patrick ouviu sem discutir e sentou-se.

— Pode confiar na sua diretora para fazer a coisa certa? — Emma perguntou enquanto se sentava em uma cadeira dobrável de metal.

Patrick abriu o recipiente e colocou uma batata na boca. — Sim, mas são os métodos dela que são questionáveis.

— Experiência pessoal, pelo que eu entendi?

— E mais um pouco. — Patrick hesitou, mas optou por um pouco da verdade que Emma e Jono podiam sentir o cheiro. — Fui a proteção de Setsuna por nove anos. Ela tem boas intenções, mas é mais como um meio para um fim para ela.

— Ela pode lutar contra esse cara Zachary ou enviar alguém que possa? — Jono perguntou.

— Esse deveria ser o meu trabalho.

— Você já fez o bastante, companheiro.

Patrick tirou a parte de cima do hambúrguer para se livrar dos picles. — Nunca é o bastante.

— Por quê?

De repente, ele não estava com fome, parecia com aqueles momentos em campo quando ele sabia que precisava comer, precisava engolir algumas calorias, mas não queria. Patrick pegou seu hambúrguer e deu uma mordida, mastigando devagar.

— O que você sabe sobre isso? — Marek perguntou, dirigindo sua pergunta para Nadine.

Ela balançou a cabeça. — Não é minha história para contar.

Marek finalmente olhou para cima, encarando Patrick. — Você sabe quem está por trás dos assassinatos.

A declaração caiu entre todos como uma pedra. O hambúrguer de repente tinha gosto de carne rançosa na boca de Patrick. Ele teve que se forçar a engolir. — Não sabia ao certo. Não até ontem.

— Mesmo?

— Eu já vi essa merda antes, mas viver uma vez não conta como evidência. Precisamos de provas que vinculem os autores dos assassinatos e, no momento, não temos nada sólido que possa resistir ao tribunal sem uma dúvida razoável.

— Então, quem nos quer mortos?

Patrick pensou em manter a boca fechada, mas muitas vidas estavam em risco agora. Ele não conseguia ficar quieto diante daqueles que eram tocados pelos deuses como ele.

— Ethan Greene.

Marek parou de digitar. — Eu pensei... rumores dizem que ele morreu no final da Guerra dos Trinta Dias.

Patrick sorriu sombriamente. — Rumores mentem.

Ele sabe o que diz. Patrick começou um ou dois desses rumores quando ele deu seu relatório oficial ao alto escalão enquanto estava escondido em um hospital no campo.

— Se ele está por trás dos assassinatos, o que faz você pensar que pode detê-lo? E por que Ethan não foi identificado pelo público? — Emma queria saber.

— Quem aqui perdeu o fato de eu ter sido designado para este caso na última quinta-feira? A SOA não tinha evidências sólidas porque Rachel estava impedindo. Ainda não temos nenhuma evidência que vincule Ethan aos assassinatos.

Marek começou a digitar novamente. — Ethan era um ex-agente especial da SOA. Rachel tentou nos matar na praia. Sua agência tem um problema.

— Você não é o primeiro a apontar isso —, disse Patrick irritado.

Nadine suspirou. — A Seita Dominion é quase impossível de eliminar. Às vezes, no grande esquema das coisas, é melhor manter seus inimigos mais próximos.

— É sobre o mesmo Ethan que conversamos durante o café da manhã com Hera? — Jono disse com uma careta.

Nadine quase se engasgou com uma batata frita. — Sério? Você partiu o pão com aquela cadela?

— Não por escolha —, Patrick murmurou.

O olhar de Jono nunca vacilou, mas Patrick não podia ver nenhum vestígio de julgamento em seus olhos. — Ela mencionou sua família.

— Ethan não é apenas o inimigo —, disse Carmen enquanto passeava pela mesa. Seus calcanhares bateram alto no chão sujo de cimento enquanto ela se dirigia para a porta, telefone na mão.

— Carmen —, Patrick mordeu em advertência.

— Você também pode ficar limpo. Seu pai é a razão pela qual você deve uma dívida de alma com os imortais e está nessa posição em primeiro lugar.

Patrick resolutamente manteve os olhos fixos na comida, o coração batendo forte no peito com tanta força que ele não tinha certeza de que poderia dar outra mordida. A mão de Jono pousou na parte de trás do pescoço dele, assustando-o. Aqueles dedos compridos apertaram seu pescoço gentilmente, e Patrick olhou para Jono, sentindo-se preso à cadeira por aqueles olhos brilhantes.

— Você não precisa falar sobre isso —, disse Jono em voz baixa.

— Se Ethan é... — Emma argumentou.

Jono balançou a cabeça, seus olhos nunca deixando os de Patrick. — Cale a boca, Em.

Surpreendentemente, ela ouviu. Emma soltou um suspiro irritado, mas ficou quieta. Jono estendeu a mão e cutucou a caixa de comida de Patrick. — Coma. Você precisa das calorias.

O som da porta lateral do armazém se abrindo novamente fez Patrick olhar por cima do ombro. Lucien entrou, tirando o capacete da motocicleta. Carmen o cumprimentou com um beijo que não pareceria deslocado em um cenário pornô. Lucien interrompeu o beijo e começou a andar na direção deles, seus olhos negros encontrando os de Patrick.

— Você está finalmente acordado —, disse Lucien.

Patrick fez uma careta. — Você parece tão decepcionado com esse fato.

A consideração de Lucien nunca foi amigável, e Patrick estava ciente do que havia acontecido na última vez em que estavam no

mesmo lugar. Jono soltou Patrick e levantou-se, colocando-se entre os dois. Patrick teve que se inclinar para o lado para assistir à interação deles.

— Mantenha distância —, Jono advertiu.

— Ou o quê? — Lucien disse com um sorriso. — Este não é o seu território.

— Ginnungagap? Talvez não. Mas quem disse que não pode ser?

— Isso é um desafio?

— Mais como um aviso. Você não é o único a se misturar com deuses.

Lucien estudou Jono com olhos sem piscar, a quietude de seu corpo quando não estava falando era assustadora. — Ah. Você realmente ouve os patronos da sua espécie. Você seria um dos poucos hoje em dia.

— É por isso que os dois são alvos —, disse Patrick, virando-se para pegar seu hambúrguer novamente. — Ele e Marek.

— Um lobo e um vidente inútil. Eles estariam melhor mortos.

— Ei agora! Eu gosto de viver — Marek protestou. — Eu tenho trabalhado duro a manhã toda para continuar fazendo isso.

Patrick cegamente estendeu a mão atrás dele para agarrar a mão de Jono, puxando o outro homem de volta ao seu lugar vago. — Fazendo o que?

— Tentando elaborar um plano. Nadine tem ajudado. — Marek procurou a última batata em sua caixa de comida e comeu. — Skuld disse que ela não era o único destino procurando uma maneira de ganhar. Hades também. Tenho certeza de que seus futuros conflitantes se localizando ao seu redor são o porque não vejo uma

maneira de sair dessa bagunça. O que significa que vale tudo, realmente.

— É tarde demais para comer minha arma? — Patrick não perguntou a ninguém em particular.

Nadine o chutou no tornozelo. — Você tem falado com seu terapeuta?

— Você tem?

— Maldito inferno —, Jono murmurou baixinho.

Marek virou o MacBook para que todos pudessem ver a tela. — Fiz um mapa de onde todos os assassinatos aconteceram porque Nadine me pediu. Tenho certeza de que consegui os locais corretos.

Patrick limpou as mãos em um guardanapo de papel antes de pegar o computador e arrastá-lo para mais perto. O mapa baixado de Manhattan tinha pequenas marcas X pretas pontilhando a ilha. Ele conferiu as colocações em sua memória dos arquivos do caso e acabou ajustando uma ou duas delas.

— Círculo bruto —, disse Patrick, passando o dedo por cada local do assassinato. — Hermes disse que a própria cidade era um altar. Ethan poderia ter escolhido matar em qualquer um dos cinco distritos, mas ele ficou em Manhattan.

Carmen pegou as moedas gregas restantes da cama, depois se aproximou e as jogou sobre a mesa. — Vimos o que você chamou na praia. Ainda existe algum poder dentro desses?

Patrick pegou uma moeda e a rolou entre o polegar e o indicador. Ele poderia ter sido drenado seco de magia, mas ele ainda podia sentir o poder dentro daquele pedaço inofensivo de ouro. Ele olhou para o mapa de Manhattan, os olhos traçando as bordas da ilha onde encontrava água azul.

Eles ainda tinham dez moedas, e Patrick as separou em pares antes de marcar os pontos cardeais no mapa e desenhar linhas entre eles. O ponto de interseção estava no Central Park.

— Precisamos conter o feitiço e sufocar o nexo. Podemos usar as moedas para construir um círculo em torno de Manhattan. Os rios nos darão uma barreira natural que pode ajudar a reforçar a magia emprestada —, disse ele lentamente.

— Você acha que é onde o último sacrifício acontecerá? — Nadine perguntou, batendo no local do Central Park.

— Eu posso adivinhar, mas nada é certo no que diz respeito a Ethan.

— É uma pena que você não o tenha matado no Cairo como deveria —, disse Lucien, mordaz. — Eu tenho remessas chegando hoje. Nós teremos armas suficientes para talvez prejudicar um ou dois caçadores de almas, mas isso é apenas se o feitiço acontecer à noite e meu povo puder participar da luta.

— Youssef e Estelle ainda não querem que nós ou qualquer outra matilha tenha algo a ver com você —, disse Emma. O tom frustrado em sua voz era dizia claramente *você deve estar brincando comigo*. — Essa é uma ordem que não estou seguindo. Você terá minha matilha para a luta, Patrick. Vinte werewolves e um weretiger.

— E eu —, Marek falou.

— Não — veio um coro de vozes ao redor da mesa.

Marek fez uma careta, abrindo a boca para discutir. Emma prontamente colocou a mão na boca dele.

— Você vai ficar aqui —, ela disse com firmeza. — Já corremos com os caprichos de suas visões o suficiente esta semana. Preciso

saber que você está seguro e, agora, Ginnungagap é o lugar mais seguro que você pode estar.

Jono olhou para Patrick com olhos desafiadores. — Eu não vou ficar aqui. Onde você for eu vou.

— Ethan está atrás de você, e não tenho mais nada da minha magia para mantê-lo seguro —, argumentou Patrick.

— Mais uma razão para eu ficar com você. Isso é o que o destino queria, não é?

— Você é um alvo, Jono.

— O sujo falando do mal lavado.

— Eles o sacrificariam para alimentar o feitiço. Eles me querem morto porque eu posso quebrar isso — disse Patrick, respirando com dificuldade pelo nariz. — Ethan é... ele é meu pai de sangue. Eu posso quebrar qualquer feitiço que ele cria *por causa* dessa conexão. Seu único recurso seria morrer, e eu não quero isso em minha consciência.

Forçar as palavras pareceu uma confissão de seus pecados, mas não houve absolvição no silêncio que se seguiu. Jono apenas olhou para Patrick com uma expressão ilegível no rosto antes de se inclinar para frente.

— Eu não vou deixar você fazer isso sozinho —, Jono disse a ele, enunciando cada palavra.

Então Jono o beijou, suas palavras um voto que poderia ter sido vinculativo se Patrick tivesse alguma magia para fazê-lo assim. Só que ele não tinha, mas ele se perguntou se isso importava considerando a própria conexão de Jono com um deus.

— Nós vamos resolver isso —, prometeu Jono quando se afastou.

Patrick engoliu em seco, assentindo um pouco com suas palavras.

Eles precisavam, porque, se não o fizessem, a cidade de Nova York acabaria como o Oriente Médio - um lugar devastado pelo inferno.





— EU NÃO POSSO ACREDITAR que Lucien contrabandeou um tanque através da fronteira em tão pouco tempo — disse Patrick enquanto abria outro caixote.

Embalado com cuidado dentro, havia outro lançador de granadas M32 MGL[36] enfeitiçado. Patrick passou um dedo pelas runas gravadas no metal, observando enquanto elas brilhavam brevemente ao seu toque. Ele fez uma careta ao raspar a magia contra o vazio em sua alma, mas as runas reagindo ao toque provaram que o feitiço estava intacto.

— Não é de nível militar —, Nadine resmungou enquanto colocava um segundo caixote perto do primeiro. — Lucien deixou Irena no Texas quando eles atravessaram a fronteira. Ela tinha

36 

ordens para recuperar um Lenco BearCat G3[37]. A polícia de uma pequena cidade no oeste do Texas não estava usando.

Patrick olhou através do armazém para o brilhante veículo de combate atualmente sendo equipado para a luta por vários vampiros. Ele avistou a cabeça loira de Irena quando a vampira conferia com Einar sobre uma caixa.

Irena era mais alta que Lucien mesmo nas botas de cano alto que usava e a vampira mais jovem que ele transformou. Sua idade não a impediu de se tornar uma das mais cruéis dele. Lucien havia retirado Irena de um círculo de tráfico sexual na Europa Oriental décadas atrás. Ashanti havia contado a história uma vez, como Lucien permaneceu em alguma cidade por tempo suficiente para Irena matar todos os homens locais que pagaram por seus serviços relutantes na frente de seu cafetão. Então Irena os matou lentamente, sob a orientação de Lucien. Desde então, Irena era sua interrogadora mais criativa.

A história tinha sido uma lição quando ele era mais jovem, mas tudo o que Patrick realmente tirou dela foi não mexer com os vampiros de Lucien. Infelizmente, eles se cruzaram com mais frequência do que ele gostava atualmente.

Patrick fechou a tampa do caixote atual e mudou-se para o que Nadine havia transportado. Era menor, mas ainda pesado, contendo caixas de balas. Contou quantas caixas havia dentro e combinou o número com a lista de suprimentos que Lucien havia lhe dado.

---

37 

Lucien estava disposto apenas a alocar muito de seu produto para a luta pela frente. O resto ele pretendia vender.

O que faltava em armas e artefatos, compensava em força bruta. Emma e Leon telefonaram para a matilha horas atrás, dando-lhes a localização e as direções de Ginnungagap para seguir uma rotatória até o armazém. A maioria deles chegou antes do pôr do sol, enquanto os vampiros de Lucien vieram depois. Nenhum dos membros da matilha Tempest estava empolgado em trabalhar com vampiros, mas ninguém havia discutido. A presença deles dizia muito sobre como eles se sentiam em relação a matilha divina da cidade de Nova York.

Falando de matilhas divinas Patrick refletiu.

Sua atenção voltou para Jono, que estava carregando duas caixas pesadas no caminho sem suar a camisa. Jono não se afastou muito do lado de Patrick, especialmente quando Lucien estava presente. O que fez Patrick se sentir seguro, e isso não era algo que ele experimentava com frequência.

— Você está babando —, disse Nadine.

— Mentirosa —, disse Patrick.

Ela apenas sorriu para ele antes de passar para a próxima tarefa. Jono colocou suas caixas ao lado dos outras. Patrick observou a maneira como seus bíceps se flexionavam e depois percebeu tardiamente que sua atração estava surgindo através de seu cheiro quando Jono sorriu para ele. Patrick sentia falta de ter seus escudos. Inferno, ele sentia falta de ter sua *magia*, mas levaria dias para encher sua alma novamente.

No momento, eles não tinham tempo para esperar.

Ele distraidamente arrastou a mão pela adaga presa à coxa. Pelo menos ele ainda tinha magia emprestada para confiar.

— Pena que não podemos nos divertir um pouco —, brincou Jono, passando um polegar por cima do ombro na direção da cama em que Patrick acordou mais cedo naquela tarde.

— Naquela cama? Com esse público? Inferno, não — disse Patrick.

— Suponho que você esteja certo. — Jono passou a mão por cima de uma caixa. — Como a SOA se sente sobre você estar com Lucien? Ele sendo um fugitivo procurado e tudo mais.

— Fora a diretora, ninguém na SOA sabe que eu conheço Lucien. Menos de dez outras pessoas sabem sobre ele, e mais da metade desse número pertence ao meu antigo time no Mage Corps. Todos eles sabem guardar segredo. Nadine e outro agente especial da PIA na costa oeste são as únicas pessoas que sabem, e eu confio neles.

Jono apoiou o quadril contra a pilha de caixas e cruzou os braços sobre o peito. — Vocês eram todos militares?

— Sim.

— Ninguém vai ouvir uma palavra de mim.

Patrick pode ter conhecido Jono há menos de uma semana, mas algo lhe dizia que o homem mais velho sabia como cumprir uma promessa. — Prefiro que a SOA não saiba nada sobre você.

Jono levantou uma sobrancelha. — Não gostam que você ande por aí com werecreatures?

— Lidar com o sobrenatural e o preternatural faz parte do trabalho. Não quero que a SOA saiba sobre você, porque ainda

estamos desenterrando agentes duplos da Seita Dominion em nossas fileiras.

— Não sou eu quem precisa de cuidados —, disse Jono depois de um momento. — Tenho certeza que é você.

Patrick suspirou pesadamente e coçou a nuca. — Normalmente, meus casos não têm tantos imortais andando por aí.

— A maioria das pessoas não os vê por aí porque não acredita mais neles.

Patrick olhou Jono nos olhos quando disse: — Não somos como a maioria das pessoas.

Jono assentiu lentamente. — Não, nós não somos.

— Então você concorda que, como você é um alvo, fará companhia a Marek aqui hoje à noite?

— Agora eu sei que você está tentando me irritar —, disse Jono, aproximando-se. — Pensei que já tínhamos esse plano resolvido?

— O plano consiste em não morrer. Você conseguiria isso muito melhor se você...

— Eu não vou deixar você.

A convicção na voz de Jono interrompeu a discussão de Patrick. Sua boca se fechou, os dentes estalando juntos. Ele não sabia o que dizer diante da recusa de Jono de ficar longe. Tudo em que ele conseguia pensar era no modo como vivera sua própria vida, limitado pelas necessidades dos deuses aos quais ele era devedor e o que isso lhe custara ao longo dos anos.

— Não deixe que o destino controle sua vida, Jono. Marek não tem escolha, mas você tem — disse Patrick calmamente.

Jono estendeu a mão e arrastou os dedos pela borda da mandíbula de Patrick, seu toque quente, como sempre. — Acho que

vamos ter que matar os bastardos da Seita Dominion juntos, então, não é?

Embora Patrick pudesse ter apoiado isso a qualquer dia, ele sabia que a guerra nunca era fácil. — Você sabe que nossas chances são uma merda, certo?

— Não pode ser muito pior do que acordar no hospital após um acidente de carro com o werevirus correndo em suas veias.

— Não pensei que você era um otimista.

— Eu posso estar com a motivação certa.

O olhar obsceno que Jono atirou nele fez Patrick desejar que eles estivessem sozinhos em seu apartamento sem nada para fazer hoje à noite, exceto foder. Exceto que havia um plano em andamento que envolvia salvar uma cidade e o tempo não estava do lado deles. Eles precisavam sufocar o nexo, impedir que os magos da Seita Dominion colocassem em campo uma fonte de energia externa, chegar ao centro do feitiço e quebrá-lo.

Em outras palavras, Patrick precisava parar de pensar com o pau e começar a usar o cérebro.

— Vamos arrumar as go-bags[38] juntos —, disse ele.

As go-bags cheias de armas roubadas eram para os vampiros de Lucien usarem. A matilha Tempest mudaria para suas formas de animais assim que todos estivessem em posição no Central Park amanhã. O único problema era que eles não sabiam *quando* Ethan começaria a lançar o feitiço. Se acontecesse à luz do dia, os vampiros de Lucien não ajudariam em nada na luta.

[38] Uma bolsa com artigos essenciais, pronta para ser utilizada em caso de evacuação de emergência ou situações extremas. Não encontrei um termo correspondente em português.

O Departamento de Polícia de Nova York estava em alerta e o PCB havia sido notificado de que o Central Park era o local provável para o feitiço. Patrick discutiu com Casale sobre o bloqueio do acesso ao parque. Todo aquele espaço verde aberto era mais fácil de combater do que um prédio de apartamentos. Foi preciso puxar o cartão federal, mas Patrick fez com que Casale concordasse que eles não queriam que a Seita Dominion se instalasse mais do que já tinham.

Patrick não sabia o que eles encontrariam no centro do feitiço, mas ele podia adivinhar. Se fosse algo como no Cairo, não seria bonito e eles precisariam de espaço para manobrar.

Patrick checou a hora em seu telefone, feliz por ver que ele estava recebendo sinal novamente. Lucien finalmente havia feito algo com um artefato que permitia que ondas de radiofrequência passassem pelo limiar ao redor de Ginnungagap sem impedimentos. A conexão era fraca, mas eles tinham uma novamente. No momento, eles precisavam arrumar as moedas antes que a meia-noite chegasse e o solstício de verão começasse.

— Três horas —, disse Patrick. — Talvez as go-bags possam esperar.

Ele pegou sua jaqueta de couro preta da mochila na mesa de cartas. Estava enterrado no fundo de sua mala no apartamento, mas Nadine encontrou e trouxe junto com ela. Uma das primeiras coisas que ele comprou depois de ingressar na SOA, o peso da jaqueta era reconfortante. Patrick não a usara recentemente devido ao clima quente, mas ele sempre viajava com ela.

Os encantos colocados na jaqueta — calor, frio e durabilidade — o fizeram estremecer quando a vestiu. Sem seus escudos, tudo o que tinha a ver com magia parecia um pouco áspero em sua alma.

Não demorou muito tempo para reunir os outros no meio do armazém. Emma, Leon, Sage e Marek se afastaram da matilha. Carmen e Lucien não eram de ficar de fora, e Jono era uma sombra que Patrick não poderia abalar se tentasse.

— As moedas precisam ser colocadas nos pontos cardeais antes da meia-noite. Não importa que alguns de vocês não tenham magia — disse Patrick enquanto pegava as moedas do bolso.

— Tem certeza? — Emma perguntou enquanto estendia a mão.

Patrick distribuiu um par de moedas para Nadine e Lucien, Emma e Leon, e Carmen e Sage. Ele manteve quatro para si, duas para o ponto cardeal e duas que ele levaria com ele para a luta.

— Os deuses do nosso lado têm interesse nesta luta e não podem se dar ao luxo de perder. As moedas carregam um pouco da magia do panteão grego, então provavelmente funcionarão como precisamos.

— Você espera —, disse Nadine enquanto guardava as moedas no bolso. — Vamos pegar o ponto cardeal oeste.

— Sul —, disse Carmen.

Leon deu de ombros. — Leste eu acho.

— Estou enviando uma mensagem de texto com todas as coordenadas para que vocês possam conectá-las aos seus aplicativos de GPS em seus telefones —, disse Marek enquanto se aproximava, olhando atentamente para o seu próprio.

Telefones apitaram um após o outro com os textos recebidos. Patrick checou suas coordenadas e o caminho que precisariam seguir. A área designada ao norte era a mais distante.

— Marek, podemos emprestar seu carro? — Jono perguntou.

— Claro. — Marek tirou as chaves do bolso e tirou apenas a chave do carro, mantendo o resto. Ele jogou para Jono. — Não arranhe.

— Valeu.

Nadine encolheu os ombros em sua jaqueta impermeável leve e fechou-a até a garganta. — Vamos.

Patrick fechou a jaqueta de couro enquanto todos se dirigiam para a porta. Os vampiros de Lucien continuariam trabalhando sob a orientação de Einar, e o restante da matilha seguiria as ordens de Marek.

No momento em que Lucien abriu a porta, o vento uivante quase a fechou novamente. Patrick abaixou a cabeça contra a chuva que caía de lado quando ele finalmente saiu. Ele olhou para o céu por reflexo quando um relâmpago brilhou através das nuvens de tempestade, seguido pelo estrondo do trovão.

— Um pouco molhado —, disse Jono. Ele agarrou a mão de Patrick na dele e partiu para a boca do beco. — Eu vou te mostrar onde Marek estacionou.

Nenhum deles queria sair nesse clima, então todos correram para seus respectivos veículos. Patrick seguiu a liderança de Jono, os dois correndo pela calçada por meio quarteirão até chegarem ao carro de Marek.

— Estou dirigindo —, disse Patrick.

— Você sabe dirigir manual? — Jono perguntou enquanto jogava para Patrick o pequeno conjunto de chaves.

— Se não o soubesse, você estaria dirigindo. Eu não acho que Marek iria gostar de mim tirando as engrenagens.

— Espero que ele não se queixe dos danos causados pela água em seus assentos.

— Ele é rico. Ele pode pagar o conserto.

Eles entraram na relativa secura do veículo. Patrick deu partida no motor e o Maserati veio à vida. Ele esperou o tempo suficiente para Jono apertar o cinto antes de parar na rua.

As moedas gregas no bolso tilintavam toda vez que Patrick pressionava a embreagem, navegando pelas ruas saturadas de Manhattan. Os limpa-vidros estavam a toda velocidade, mas a chuva caía tanto que ainda era difícil ver alguma coisa. Patrick teve que se concentrar na estrada enquanto seguia o mapa GPS em seu telefone para a rota 9A Norte de Nova York.

Apesar de quão tarde era e da ferocidade da tempestade, ainda havia pessoas nas estradas. A maioria dos veículos pareciam táxis ou motoristas de viagens partilhadas. As pessoas sãs sabiam não sair em uma noite como essa. Ele estava se fundindo na West Side Highway quando Jono quebrou o silêncio entre eles.

— Todos os relatos sobre o filho de Ethan dizem que ele desapareceu e foi supostamente morto como sua esposa.

Patrick agarrou o volante com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. Ele não queria ter essa conversa agora. Infelizmente, ele não poderia se atirar de um veículo em movimento para escapar dela.

— Os relatórios mentem —, disse Patrick.

— Sim, eu sei disso. — Jono olhou para ele. — Os imortais dizem que você lhes deve uma dívida de alma. Ethan é o motivo?

Patrick pensou nas mentiras que ele viveu ao longo dos anos, o cenário que Setsuna nunca o deixou esquecer desde os oito anos de idade.

— Setsuna mudou meu sobrenome em uma audiência fechada no tribunal federal e selou os arquivos quando eu era criança. Ela me deu uma nova identidade e me assumiu sob sua proteção, porque era a única maneira de me manter seguro naquela época. O público pensa que estou morto. Os arquivos me mostram vivo.

A voz de Jono estava baixa, um murmúrio mal ouvido sobre a chuva batendo no teto do carro. — E sua irmã gêmea?

Patrick pressionou reflexivamente o pé com mais força no acelerador, segurando firme o volante e o câmbio de marchas. —O que você acha?

A polícia havia encontrado apenas um corpo na casa de sua família em Salem - o de sua mãe. Hannah Greene, sua irmã gêmea, havia desaparecido, uma pessoa desaparecida presumivelmente morta e relegada a um caso arquivado que ainda assombrava os detetives que haviam coberto o crime. Na época, o assassinato sacrificial de uma mãe amorosa e a suposta morte de seus filhos gêmeos de oito anos de idade haviam sacudido a comunidade mágica de Salem em seu âmago.

Ethan, o principal suspeito de assassinato, fugiu e desapareceu, apenas para aparecer anos depois em imagens granuladas de CCTV na Europa, ganhando uma nova vida como mercenário. Ao longo dos anos, todo fragmento de evidência que

provou que Ethan estava vivo nunca confirmou o mesmo destino para Hannah.

Quanto a Patrick?

Os pecados do pai eram devidos pelo filho aos olhos dos imortais.

— Esses deuses —, Jono disse calmamente. — Eles não são tão poderosos quanto costumavam ser.

— Eles ainda são poderosos o suficiente. As pessoas ainda os adoram. Por que você acha que Hera formou seu clã? — Patrick mudou de faixa para sair de trás do jato de água que vinha dos pneus de um caminhão. — Os deuses sempre terão poder que os mortais nunca terão. É por isso que Ethan faz o que faz.

A ganância era a característica definidora de seu pai e sempre seria.

Faróis e lanternas traseiras refratavam a chuva. Jono não fez mais perguntas, mas estendeu a mão e colocou-a sobre a de Patrick na marcha. Patrick soltou um suspiro longo, lento e profundo com o toque, embora a tensão em seus ombros só piorasse.

Ele os levou para o norte, desejando um cigarro ou uma maldita bebida para acalmar sua mente. Demorou quase trinta minutos, mesmo sem muito tráfego na estrada, para chegar à saída 17, lutando contra o vento durante toda a viagem. Patrick virou à direita, deslizando para Riverside Drive, a maioria das pontes de Manhattan atrás deles. Virou à esquerda na Seaman Avenue, dirigindo entre prédios de tijolos vermelhos em ambos os lados da rua.

Patrick seguiu a rota no GPS até o ponto em que a Seaman Avenue cruzava com a West 218th Street. Ele virou à esquerda e

conseguiu dirigir apenas um quarteirão antes de parar. Os faróis do carro iluminavam as grandes pedras colocadas entre pilares de metal curtos para manter os carros fora do parque.

— Volto já —, disse Jono.

Ele saiu do carro e correu em direção ao par mais próximo de pedras através da chuva. Patrick assistiu através do aguaceiro quando Jono pegou facilmente cada pedregulho e os jogou para o lado, abrindo caminho.

— Ok, isso foi quente —, disse Patrick, sabendo que Jono provavelmente poderia ouvi-lo.

Jono voltou ao carro e levantou uma sobrancelha para Patrick. — Levantar pedras te excita?

Patrick tirou o pé do freio e pressionou o acelerador e a embreagem, mudando de marcha. — Você sabe exatamente o que me excitou sobre isso, e não foram as pedras. Não pesque elogios.

Ele os levou a uma estrada acidentada, com o asfalto quebrado e cheio de buracos. Eles terminaram em uma rotatória situada em uma cunha de terra que se projetava na água agitada. O Inwood Hill Park ficava no extremo norte de Manhattan, um pequeno ponto verde com redemoinhos de magia fluindo sob sua superfície. As linhas ley serpenteavam embaixo dela em rios metafísicos de poder que alimentavam o nexo atrás deles. O parque estava escuro, vazio de pessoas, a tempestade reacionária havia expulsado todo mundo.

Patrick estacionou contra a curva da rotatória. Ao lado, havia um campo de beisebol vazio, as luzes altas no estilo do estádio escuras contra o céu tempestuoso. A chuva batia no teto do carro e caía do para-brisa em uma cachoeira que turvava o mundo. Patrick sabia que a tempestade reacionária só pioraria com o passar das

horas. Ele não queria pensar nos danos que os cinco municípios sofreriam ao serem atingidos por algo semelhante a uma forte tempestade tropical ou a um furacão de categoria baixa que não seguiria adiante.

Ele tirou a chave da ignição e abriu a porta do carro. — Vamos.

Jono o seguiu na tempestade mais uma vez, os dois caminhando pela grama lamacenta que sugava seus pés. Eles caminharam paralelos ao campo de beisebol, em direção à linha de árvores no final do terreno; o último parque, esmagando o bocado de natureza que brotou desafiadoramente em uma das cidades mais humanas do mundo.

Patrick podia ver luzes dos prédios do outro lado da água agitada brilhando entre as árvores. Ele abaixou a cabeça contra o vento que gritava sobre o parque, inclinando-se enquanto caminhava. Sua jaqueta de couro mantinha a parte superior do corpo seca principalmente devido aos encantos, mas a chuva ainda deslizava entre a gola e o pescoço.

Eles chegaram ao caminho que circundava a superfície da terra antes de passar pelo bosque. Jono teve que se abaixar um pouco embaixo de alguns galhos até que limpassem a linha das árvores e chegassem à costa rochosa. A água baixa diante deles agitava violentamente devido à tempestade.

— Este é o local? — Jono gritou sobre o som do vento.

— Norte o suficiente —, Patrick gritou de volta.

A tempestade com relâmpagos brilhou azul e branco no céu noturno pesado de nuvens, um trovão que Patrick podia sentir em seus ossos. A própria terra parecia vibrar com o som. Ele tirou duas das quatro moedas do bolso da frente e olhou para elas. Elas

brilhavam no escuro; pequenos círculos de ouro ásperos que queimavam com uma quantidade de magia que Patrick teria que estar morto para não sentir.

As moedas não eram deste mundo, mas como as ruínas na Grécia que ainda lembram seus deuses, elas eram uma espécie de caminho. Um ponto de apoio. Para Patrick, eles seriam apenas uma possibilidade de algum espaço para respirar.

Patrick puxou o braço para trás e jogou as moedas na água, colocando toda a sua força no movimento. Elas giraram no ar como pequenos meteoritos antes de colidir com a água abaixo, afundando em profundidades enlameadas.

A água começou a girar em torno de onde as moedas haviam afundado, atraindo como um redemoinho, o centro era uma torção suave e brilhante de magia. Eles assistiram a luz ficar mais brilhante antes que o redemoinho as engolisse.

Alguma coisa tremia do fundo. Patrick sentiu, no limite de sua consciência, algo poderoso se estabelecendo. Ele esperava que a formação da barreira não chamasse a atenção de Ethan, mas ele não iria prender a respiração.

Patrick oraria se achasse que isso lhes faria algum bem, mas há muito tempo descobrira que as orações nada mais eram do que desperdício de ar, e implorar nunca ajudou ninguém.

Jono inclinou a cabeça para poder falar diretamente no ouvido de Patrick. — Será que vai funcionar?

— Não sei.

— Funcionou no Cairo? No final?

— Nós não fizemos isso no Cairo.

Suas defesas eram diferentes, ligadas ao que os militares podiam oferecer, liderados pelo Mage Corps e seus equivalentes aliados estrangeiros, e todos os seus usuários de magia desgastados. No final, a equipe de Patrick tinha sido o único grupo a alcançar o ponto zero do feitiço de sacrifício. Ele tinha sido o único capaz de atravessá-lo, e isso apenas pela graça dos deuses e seus próprios laços de sangue esquecidos.

Jono agarrou sua mão, puxando Patrick para longe da beira da água e de volta para o firmamento lamacento da ilha. — Vamos, companheiro. Terminamos aqui!

Eles tropeçaram de volta sob as árvores no escuro, Jono liderando o caminho com firmeza sobrenatural. Com a chuva caindo implacavelmente, Patrick teria que esperar até que eles voltassem ao carro para mandar uma mensagem de texto para os outros sobre seu sucesso, para que seu telefone não ficasse encharcado.

Ele nunca teve a chance.

Patrick sentiu a queima do reconhecimento como uma faca deslizando entre as costelas. Ele se engasgou com um grito, tropeçando de lado em Jono, que imediatamente o pegou antes de plantar o rosto na lama. A amargura encheu sua boca, encheu seus pulmões. Patrick colocou os pés embaixo dele e a mão na adaga, exatamente quando um animal enorme deslizou para fora do véu na frente deles.

Três pares de olhos vermelhos como carvão brilhavam no escuro, o cheiro de enxofre espesso no ar. Os rosnados profundos e estrondosos que rasgavam o ar não pareciam pertencer a nenhum animal na Terra.

— Fique atrás de mim —, Jono rosnou, movendo-se para chegar na frente.

Patrick arrancou sua adaga da bainha, a magia rastejando através da lâmina negra, enquanto ele andava para o lado para obter uma linha de visão clara. — Creio que não. Eles estão atrás de *você*.

A fera rugiu, sua voz batendo no ar mais alto que os trovões. Sua investida adiante fez a terra tremer, e Patrick não conseguiu sair do caminho a tempo. Algo sólido e poderoso o agarrou pelo lado, violentamente estremecendo seu corpo inteiro. Ele foi jogado pela força do golpe, caindo no chão com força suficiente para tirar o ar de seus pulmões.

— *Patrick*!

Ele cuspiu lama da boca, a mão ainda apertada ao redor do punho da adaga, a magia celestial girando em torno de seus dedos. — Jono! Corra!

De alguma forma, ele sabia que Jono não iria ouvir.

O fogo do inferno surgiu, queimando brilhante, embalado em uma mão humana. Ele pingava dos dedos não afetados pelo calor, acumulando-se no chão lamacento antes de explodir em uma longa linha serpenteando que circundava a área em que estavam. Mesmo a fúria da tempestade não conseguiu apagar.

À luz do fogo do inferno, Patrick pôde finalmente ver a forma da criatura diante dele - o rabo de cobra balançando para frente e para trás sobre suas três cabeças. Pernas grossas que terminavam em garras monstruosas sustentavam um corpo que não deveria ter sido capaz da agilidade que possuía. Dentes enegrecidos pingavam saliva grossa de três bocas largas.

Cerberus era um pesadelo tornado real.

— Porra —, disse Patrick enquanto se levantava, ignorando a dor em seu corpo. — *Porra*.

As três cabeças de Cerberus estalaram no ar antes de soltar outro uivo. Patrick sabia que não devia tirar os olhos da ameaça, mas ele não era o alvo - Jono era. Ele desviou o olhar, vendo Jono e a rápida mudança que o outro homem estava passando.

O corpo humano de Jono se separou antes de se transformar em um lobo monstruoso, a magia revirando seu DNA. Roupas rasgadas enquanto seu corpo se expandia. O sangue espirrava no ar, levado pelo vento. Ossos estalaram, rasgando a pele, enquanto seus membros se remodelavam em segundos. Músculos torciam e se esticavam para uma nova forma, o pelo brotando em manchas espessas antes de fluir sobre a pele recém-formada.

Novas articulações prenderam seus membros no lugar, sua posição articulada de maneira diferente dos lobos normais para dar a Jono mais força para agarrar e rasgar. Sua espinha estalou e trancou no lugar com um movimento violento. Sua cabeça tinha a forma de um lobo, mas com uma mandíbula mais pesada e um crânio mais grosso, presas longas deslizando livres de seus lábios.

Jono era assustador nessa forma, como a maioria das werecreatures eram, uma sombra do animal de onde os werevirus se inspiraram. Mas seus olhos ainda eram do mesmo azul brilhante, a inteligência humana neles temperada por uma crueldade impulsionada pela ferocidade animalesca.

Jono se colocou entre Cerberus e Patrick com um rosnado desafiador que o trovão não conseguiu abafar.

— Essas moedas não eram suas para usar. Hermes não tinha o direito de entregá-las a você — disse Hades, enquanto o fogo do inferno que ele comandava aumentava.

As costelas de Patrick doíam com o golpe e a queda, mas ele nunca perdeu o controle da adaga. Ele pode não ter sua magia, mas a lâmina que ele empunhava tinha poder mais que suficiente para substituí-la.

— Hera sancionou desde que você traiu sua família *novamente* — Patrick cuspiu. — O que você fez com Zeus?

— Vou lhe dizer se você se trocar por meu irmão. Uma vida por uma vida, o que você diz? — Quando Patrick não respondeu, Hades estalou os dedos. — Eu acho que não.

O fogo do inferno aumentou mais alto ao redor deles, prendendo-os dentro de um círculo de calor infernal. Patrick não sabia dizer se estava chovendo ou se era suor escorrendo pelo pescoço por baixo da jaqueta de couro.

— Ethan ainda está lhe prometendo a vida de Macaria? Você ainda acredita nas mentiras dele?

— Você, de todas as pessoas, não pode dizer o nome da minha filha —, rosnou Hades.

Patrick deu um passo à frente, a magia celestial girando em torno de seu braço. — Não tente colocar sua culpa aos meus pés.

— Eu queria sobreviver. Eu queria ser *lembrado*. Existem diferentes caminhos a seguir, e nem todo Destino está do lado do céu. Você e o lobo nunca deveriam se encontrar. — Hades sorriu, na expressão uma promessa lenta e cruel quando ele torceu o pulso, os cinco dedos abertos, a palma empurrando para fora. — *Vα*.

As palavras de Hades ecoaram na cabeça de Patrick, congelando-o onde ele estava por um momento agonizante.

Foi o suficiente para que o deus ganhasse vantagem.

Como se o insulto de Hades fosse uma ordem, Cerberus avançou com um rugido triplo que quase fez os ouvidos de Patrick estalarem. Jono encontrou a carga da fera do inferno com um rosnado em resposta quando se lançou no imortal de três cabeças.

— *Não*! — Patrick gritou, incapaz de segurá-lo, para protegê-lo. — Jono!

Jono e Cerberus se chocaram com uma ferocidade que só poderia levar à morte. Enquanto brigavam, Hades estava caminhando em direção a Patrick com uma promessa de assassinato em seus olhos escuros.

Patrick não tinha mágica, nenhuma arma, exceto a adaga feita pelos deuses em sua mão. Por mais que ele quisesse salvar Jono da ira de um deus, suas chances não seriam boas se ele não conseguisse salvar a si mesmo.

Então, alguém o salvou por ele.

O muro do fogo do inferno quase alcançou Patrick quando as chamas subitamente se tornaram fumaça. Braços magros enrolaram-se em torno de seu tronco por trás, duas mãos esbeltas pressionando com força as cicatrizes esculpidas em seu peito. O rico cheiro de flores, grama fresca e terra encheram seu nariz, derramando em seus pulmões.

Tinha gosto de primavera.

Hades parou, levantou uma mão no que poderia ter sido uma súplica em mais alguém que não fosse ele. Patrick podia ver a mágoa e a raiva profunda que inundavam o rosto de Hades, a maneira como

os olhos do imortal se arregalaram com a traição e um amor que beirava precariamente perto do ódio.

— Meu amor, não faça isso —, disse Hades, parecendo quase desesperado.

A fumaça se transformou em névoa, bloqueando o mundo enquanto puxava Patrick para baixo. Aqueles braços incrivelmente fortes o pegaram quando ele caiu, o grito de Hades e o grunhido de dor de Jono desaparecendo.

— Eu tenho você —, Perséfone sussurrou em seu ouvido no espaço etéreo do véu.

O que era verdade, em todos os aspectos que importavam.

A deusa grega e a rainha do submundo possuíam a dívida de sua alma, afinal.





A DOR ERA uma companheira com quem Jono estava acostumado desde os dezessete anos.

Ao longo dos anos, ele nunca havia se acostumado com o deus que montava sua alma.

A fera quebrada de seus ossos era uma forma familiar em que ele aprendeu a encontrar conforto. Jono rosnou fracamente contra os encantos que o seguravam no centro de um pentagrama. O caro piso de madeira embaixo dele havia sido arruinado onde suas garras podiam alcançar, mas não era suficiente para se libertar.

Fique quieto.

A voz que ecoou na mente de Jono veio à distância, carregando uma aspereza que soou como dentes mordendo a carne. Jono só pôde obedecer, a conexão em sua alma que o amarrava ao seu patrono se apertando como a corda de um arco. A presença de Fenrir encheu seu corpo, sua alma, enquanto o imortal olhava através dos olhos de Jono.

Estavam na sala de estar de alguém, com todos os móveis removidos para dar espaço ao contorno do feitiço pintado no chão de madeira. Treze círculos concêntricos se estendiam para longe do

pentagrama, cinco linhas radiais de suporte cortando cada um dos pontos da estrela. Magia fluía através das linhas, pesada e poderosa, mantendo Jono preso em um só lugar.

Fodida Seita Dominion Jono pensou sombriamente.

Ele podia sentir as curvas dos seus intestinos a contorcerem-se do lado de fora do corpo, entre a barriga e o chão. A ferida selvagem na parte inferior do corpo ocorreu quando Jono tentou chegar a Patrick. Uma das garras de Cerberus o pegou no meio do caminho, eviscerando-o com um golpe agonizante antes que Jono pudesse alcançar o mago.

Jono não se lembrava muito depois disso, além da sensação dos dentes de Cerberus na garganta, a ameaça impossível de perder. Em seu estado semiconsciente, incapaz de mudar, Jono não estava em condições de revidar.

Cerberus arrastou Jono pelo véu depois de Hades, lama, sangue e seus próprios órgãos atrás dele. As werecreatures eram capazes de curar rapidamente, mas curar uma ferida como essa exigia uma mudança completa de volta ao ser humano. O encanto de amarração envolvido no corpo do lobo danificado de Jono o impedia de se mover. A perda de sangue o deixou mais tonto do que ele gostaria, mas pelo menos alguma cura estava acontecendo por dentro.

Se ele pudesse apenas *mudar*, então ele se sentiria melhor com suas chances de sobreviver.

As orelhas de Jono se ergueram para frente quando ele sentiu vibrações pelo chão, indicando a chegada de pessoas. Alguém havia colocado um encanto de silêncio na sala de estar. Ele não conseguia

ouvir nada além dos muros, o que significava que as pessoas não o ouviam gritar.

Adorável, pensou Jono.

Ele levantou a cabeça, deslizando a língua para fora da boca para lamber o nariz, observando Ethan Greene entrar na sala com um grupo de usuários de magia. Ethan era tão alto quanto seu filho, mas um pouco mais corpulento. Onde Jono esperava cabelos ruivos, Ethan exibia um penteado loiro escuro ficando um pouco grisalho com uma barba raspada a condizer. Seu rosto áspero e bronzeado falava anos ao sol, as rugas nos cantos de seus olhos verdes esculpidos profundamente.

Jono vira aqueles mesmos olhos no rosto de Patrick, sombrios de paixão ou leves com humor sarcástico. *Ele deve ter puxado o cabelo da mãe.*

Ethan passou por cima das linhas dos círculos concêntricos e ficou no espaço entre dois pontos do pentagrama. Com os pés abertos, as mãos nos quadris, ele olhou para Jono com uma expressão pensativa no rosto que fez Jono rosnar.

Honestamente, ele esperava ousadia de um homem com a reputação de Ethan, mas Jono supôs que não se tinha ambições como o mago tinha sem ser um calculista bastardo.

Ethan levantou uma mão, achatando a palma da na direção de Jono. Um globo mágico de um laranja avermelhado doentio se torceu contra sua mão — *Mude*.

Jono gostaria de acreditar que ele poderia suportar o comando mágico que puxou sua alma, mas ele tinha um grande interesse em mudar por seus próprios motivos. Então ele não lutou contra a magia negra que puxava o werevirus que corria em suas veias.

O intervalo inicial da mudança era uma agonia ardente que atingiu seu corpo antes que seu sistema nervoso central desligasse a dor. Jono podia sentir seu corpo mudando de lobo para humano, mas seu cérebro o processou à distância.

Em instantes, ele se viu ajoelhado nu no centro do pentagrama, ofegante, com o corpo inteiro mais uma vez. O suor deslizou por sua pele, o esforço da mudança forçada o fez se sentir um pouco tonto. Ele lutou para levantar a cabeça, o encanto de ligação ainda contorcia seu corpo e o mantinha no lugar.

Ele piscou com força, pensando por um segundo que Patrick estava ao lado de Ethan. Então sua visão se firmou, e ele só podia olhar inquieto para a mulher que o olhou com os olhos de Patrick.

Hannah Greene era mais baixa que seu irmão gêmeo, magra de um modo doentio que falava do uso excessivo de magia e pouco alimento. Ela parecia faminta de vida, e a boca de Jono se curvou com o cheiro dela - uma amargura rançosa que não era nada como a mancha na magia de Patrick. Hannah cheirava a morte sob a queima de ozônio emanando de sua aura.

Jono sabia o que aquele perfume carregado em particular significava agora. Tendo visto Marek durante suas visões e estando na presença de Patrick desde a noite de quinta-feira, Jono podia reconhecer a presença de um deus, mesmo que tudo o que via fosse insanidade nas profundezas do olhar de Hannah.

Jono se perguntou, encarando a gêmea de Patrick, como seriam suas vidas se Ethan não tivesse sido um pai tão horrível. Mas nenhum deles poderia mudar o passado, apenas viver o futuro que criou.

— Parece que os Moirai falharam comigo —, disse Ethan, quebrando o silêncio. — Você cruzou o caminho com meu filho, afinal.

Jono engoliu seco, desejando um pouco de água para descolar sua garganta. — Eu não sei do que diabos você está falando.

— Existem pouquíssimos com linhagem divina que são realmente guiados pelos patronos que sua espécie adorou. Você vai insistir que não conhece nada do deus que ressoa em sua alma?

Jono inclinou a cabeça e tentou encolher os ombros sob o encanto. — Eu sou ateu.

Ethan sorriu levemente. — Eu sinceramente duvido disso.

Jono assistiu horrorizado quando Ethan retirou a magia da alma de Hannah, e não a dele, o brilho quase celestial vibrando em sua pele pálida. Ele o derramou nos círculos do pentagrama, as linhas um fogo instantâneo de magia que fluía para fora antes de bater de volta ao centro como um tsunami.

A onda de magia atingiu Jono com toda a força de um caminhão. Todo o ar foi perfurado por seus pulmões, e ele não conseguiu encontrar fôlego suficiente para gritar. Gavinhas feias de magia perfuravam sua pele, alcançando sua alma sem se importar com seu próprio bem-estar. Aquele toque estrangeiro se espalhou pela própria essência de quem Jono era e se recusou a sair.

No fundo, Jono sentiu sua alma rasgar nas bordas, a dor pior do que o primeiro momento da mudança sobrenatural, quando seus nervos ainda funcionavam.

Então o puxão parou, sua alma presa ao corpo pelos dentes e garras efêmeros de um deus.

— Sim, acho que você será mais útil para mim do que o vidente quando se trata de matar Zeus —, Ethan decidiu com um olhar ganancioso nos olhos.

Ele se aproximou, consciente dos círculos e linhas do pentagrama, até ficar no centro com Jono. As pontas brilhantes dos sapatos de Ethan apareceram, e Jono viu o homem mais velho se agachar na frente dele. Dedos fortes agarraram seu queixo e empurraram a cabeça para trás, forçando Jono a olhar Ethan nos olhos.

— Esta não é sua guerra. Você nunca deveria ter chegado a essa costa — disse Ethan.

De alguma forma, Jono não achou que as palavras estavam dirigidas a ele.

— Não era minha guerra antes desta semana. Agora é — Jono disse com um rosnado mais remanescente de seu lobo. — Eu vou lutar contra você até meu maldito último suspiro.

Jono esperava o golpe que o atingiu como uma bala de prata, magia estrangeira cortando seu corpo nu mais uma vez. O pentagrama ficou derretido com um poder laranja-avermelhado quando a magia de Ethan atravessou os círculos pela segunda vez. Jono trancou o grito atrás dos dentes, quebrando um molar ou dois em sua luta para não ceder.

Xingando, Jono olhou para Ethan através da névoa de magia entre eles, forçando a dor com muita prática.

— Então será um prazer absoluto quebrá-lo —, Ethan disse suavemente enquanto se levantava.

Jono *riu*, descobrindo seus dentes humanos chatos em todo o lote sangrento deles. — Brilhante. Você está fazendo isso muito bem. *Boa sorte*.

Porque Jono sabia de algo que eles não sabiam, mesmo com sua magia mantendo-o atado - seu corpo iria quebrar antes de sua palavra.

Ethan não pegaria todo Jono, mas ele pegaria pedaços, e Jono poderia viver com isso.

Jono teve uma vida inteira de experiência em se despedaçar. *Antes* como o rapaz do Tottenham que tentara se encaixar em muitos grupos de pessoas e nunca conseguiria. *Depois* como um werewolf sem uma matilha para chamar de lar e ainda desejando pertencer.

Talvez todos esses anos de dificuldades tenham sido apenas prática para este momento. Ele não tinha dúvida de que Ethan tentaria quebrá-lo. Por todo o trauma que Jono havia sofrido em sua vida, ele sabia que não sobreviveria ao nível de tortura que podia ver prometido aos olhos de Ethan.

Não sozinho, pelo menos.

O rosnado de Fenrir em sua mente fez Jono estremecer, os dedos cavando os sulcos que suas garras haviam feito no piso de madeira mais cedo.

Eles não podem ter você, o imortal prometeu.

A consideração de Fenrir era uma bênção, ou talvez uma maldição. Jono não conseguiu decidir quando Ethan puxou uma estaca comprida de prata do bolso interno do paletó, um brilho químico brilhando no momento. O cheiro de acônito e prata atingiu o nariz de Jono, e ele teve que afastar o pânico que arranhava o fundo de sua mente.

Ele não pôde conter o grito quando Ethan passou à estaca pelo ombro esquerdo. A queima ácida de acônito queimou Jono de dentro para fora como fogo, pele e músculo rasgando sob a ponta afiada da estaca. A dor tropeçou em seus nervos de uma maneira que a mudança de humano para lobo nunca aconteceu, e ele não conseguiu impedir que as lágrimas que se reuniam no canto dos olhos caíssem.

— Você não é o predador aqui —, Ethan disse enquanto enfiava a estaca no ombro de Jono. — Você nunca mais será.

Na mente de Jono, Fenrir *uivou*, mas não havia nada que o deus pudesse fazer, pois o acônito devastou seu sistema. Entre a estaca de prata, o envenenamento por acônito e a magia, a capacidade de Jono de mudar de forma foi perdida para ele. Sangue quente fluía para fora da ferida, pingando em seu peito e braço. A ferida palpitava a cada batida do coração, o metal ralava contra os tecidos e os ossos, o acônito queimava um calor doloroso no fundo.

Abrindo a mandíbula, Jono respirou fundo, sem tirar os olhos de Ethan e a magia deslizando na forma de um globo mágico entre eles mais uma vez. Atrás do mago, a alma quebrada de Hannah, que de alguma forma carregava o poder de um imortal, começou a brilhar em sua pele com uma luz doentia. Ao seu redor, os acólitos começaram a orar em um idioma que Jono não conhecia.

Este foi um pesadelo que ele não conseguiu escapar.

No final, a única coisa que Jono poderia escolher entre toda essa situação fodida era *quando* ele iria quebrar. Porque Ethan o quebraria - era o que homens como ele faziam - mas Jono poderia *escolher*, e essa era uma vitória que nunca poderiam tirar dele.

Correr o relógio para o solstício de verão era a única chance que ele tinha de ver Patrick novamente, porque Jono se recusava a acreditar que o outro homem se fora. Se ele tivesse que pagar esse preço em sangue, que assim fosse.

Não estou morrendo aqui Jono pensou ferozmente.

Se havia uma lição que ele havia aprendido nas ruas de Londres quando criança, que o seguira ao longo dos anos, era a seguinte: você não conseguia guardar as coisas pelas quais não lutaria.





Os pés de Patrick conectaram com o chão, e seus joelhos sofreram com o forte impacto. Perséfone o manteve de pé quando saíram para as margens escuras de um rio que fluía sob um céu cinzento. O vento uivava sobre a água e atravessava o deserto cinza que os cercava. Isso o arrepiava mais do que as roupas encharcadas. Nem o toque quente de Perséfone conseguiu afastar o frio.

A deusa se afastou e deu a volta para encará-lo. A lembrança distorcida de Patrick dela ficou mais focada. Perséfone não havia mudado nada, não nos anos desde que a vira quando criança. Os imortais nunca envelheciam realmente, mas isso não o impedia de tentar encontrar algumas diferenças em seu rosto, alguns indícios dos anos que ela viveu refletidos nele. Mas o imortal era tão eterno e intocado como ela estava quando o salvou de morrer sob as mãos de seu pai todos aqueles anos atrás.

Em retrospectiva, não tinha sido um grande resgate.

Patrick relembrou a noite em Salem, o porão escuro e ensanguentado de onde Perséfone o tirou. A memória durou apenas o momento de um batimento cardíaco, mas pareceu uma vida inteira.

Ele deu um passo em sua direção, ignorando as dores em seu corpo devido ao golpe de Cerberus. — Me leve de volta agora, porra. Não posso deixar Jono para trás. Ele deveria *ficar* comigo.

Perséfone arqueou uma sobrancelha escura. — Estou ciente do que os Norns decretaram, mas não consegui alcançar o lobo através de Cerberus.

— *Besteira*. Aquele vira-lata teria ouvido você.

Ela deu de ombros diante da raiva dele. O vento puxou a camiseta que ela usava, os fios irregulares de seus shorts jeans flutuando no ar. Ela usava sandálias, mas, ao contrário de Patrick, seus pés não estavam afundando no chão molhado. A pele marrom-dourada de Perséfone parecia brilhar contra a escuridão que os cercava, como se ela fosse o único ponto brilhante no reino dos mortos.

Sardas pontilhavam o nariz e as bochechas, os cabelos castanhos escuros e encaracolados como uma auréola em volta do rosto. Ela não parecia nem um pouco incomodada com o vento ou o frio profundo do lugar que chamava de lar.

— Você é quem eu gostaria de falar e somente você —, disse Perséfone.

Patrick tentou acalmar o coração acelerado como o de um coelho, mas a raiva e o medo que ele sentia não estavam morrendo tão cedo. — Leve-me *de volta*.

— No tempo devido.

O que era uma merda de brincadeira, porque os imortais tinham mais tempo de sobra do que qualquer um. Patrick estava preso aqui atrás do véu no submundo grego, onde o tempo corria mais devagar do que na Terra. Dependendo do plano, o tempo

também pode correr mais rápido, como em Underhill. De qualquer forma, Patrick não podia perder nem um segundo. Quanto mais rápido ele terminasse a reunião, mais cedo ele poderia voltar ao plano mortal e à luta esperando por ele.

Mais rápido ele voltaria para Jono.

— Apenas me deixe voltar. *Por favor*

— Vejo que você ainda deseja a mesma coisa de quando esteve aqui quando criança. Você acha que desta vez encontrará algo diferente no plano mortal quando voltar?

Patrick se encolheu, pensando em Jono, pensando sombriamente, *Não esteja morto. Por favor, não esteja morto.*

Ele implorou pelo mesmo resultado quando se tratava de sua irmã gêmea anos atrás. Somente quando ele saiu do véu para os braços de Ashanti em Washington, DC, sua vida em Salem foi perdida para sempre.

— Você não se importa com o que eu penso, Perséfone. Diga o que você quer dizer para que eu possa sair daqui.

O olhar de Perséfone estava pesado e atento. — Meu marido sempre foi um bastardo obstinado. Eu o amo, sempre amarei, mas não aprecio que ele tentou fazer comigo o que ele permitiu que acontecesse com sua filha. Zeus não o perdoará desta vez.

— Não foi apenas seu marido da última vez.

— E ele não está sozinho agora.

Patrick mordeu o lábio inferior até provar o sangue. A afirmação de Perséfone era toda a confirmação de que ele precisava para saber que, quando voltasse pelo véu, Ethan estaria esperando por ele.

E Hannah também.

Perséfone colocou as mãos nos quadris, inclinando a cabeça para o lado enquanto o estudava. — Não vou me desculpar por te salvar.

— Eu tinha *oito anos.* — Patrick disse. — Eu estava *morrendo.*

— Eu te curei.

Ele soltou uma risada amarga. — Você ofereceu vida a uma criança moribunda, mas nunca disse que me faria *seu* quando eu implorei por sua ajuda. Isso não é salvar, Perséfone. Isso é escravizar.

— Seu pai e sua classe roubaram a divindade de Macaria quando eles não tinham o direito de pegar o que nunca poderiam possuir.

— Me possuir não a trará de volta como ela era.

Perséfone se aproximou e pressionou as mãos no peito dele, logo acima das cicatrizes. — Quem melhor para parar seu pai do que o próprio filho? A magia que a Seita Dominion cobiça é antiga, Patrick. É primordial. Isto é *nosso*, mas eles usam contra nós quando podem nos encontrar. Então vamos usar você para quebrar aqueles que perpetuam essa blasfêmia através do sangue.

— Matar um não vai impedir todos eles. Não há como parar um grupo como esse com uma única pessoa, mesmo que essa pessoa venha de uma família fundadora.

— Seu pai está tentando se transformar em um deus que encabeça um novo panteão, constrói um novo mito e governa um novo inferno. Ele falhou em Salem com Macaria. Ele quase conseguiu no Cairo com Rá. Ele tentará novamente em Nova York com Zeus. Ethan está orgulhoso demais para compartilhar essa glória com outra pessoa.

No fundo, Patrick sabia que ela estava certa. Ethan sempre foi ambicioso durante seus anos subindo nas fileiras da SOA até que sua verdadeira lealdade fosse revelada. Essa ambição se mostrou útil para a Seita Dominion.

Foi preciso uma mistura de magia de sangue, necromancia e caçadores de almas para esculpir uma divindade do corpo e da alma de um imortal. A essência de um deus era poderosa demais para os mortais carregarem sozinhos, mas Ethan estava determinado a tentar. Tanto Patrick quanto Hannah deveriam morrer pelas ambições de seu pai da mesma maneira que sua mãe.

Exceto que ele não tinha morrido porque Perséfone o encontrou e o roubou no submundo. A interferência dela interrompeu o feitiço que seu pai procurara completar, tirando a alma e o sangue de Patrick do círculo de sacrifício. No final, a divindade de Macaria havia sido transferida para a alma de Hannah, em vez da de Ethan, e sua irmã gêmea estava agora para sempre vinculada ao pai. O ciclo de feedback entre suas almas e o desvio de seu poder para os acólitos da Seita Dominion impediram que o corpo de Hannah morresse. Quanto a Macaria, ela não estava morta e desaparecida, mas poderia muito bem estar aos olhos do panteão grego.

Quando se tratava disso, Patrick nunca havia escapado verdadeiramente daquele porão. Parte dele ainda estava de pé em uma cova.

— Então talvez vocês, deuses, devam se livrar do problema — disse Patrick finalmente, afastando velhas memórias.

— Seu pai tem aliados imortais da mesma maneira que você.

— Ethan não é meu pai, e você não é minha aliada.

Perséfone lançou-lhe um olhar irônico, seus olhos castanhos dourados queimando diretamente através dele. — É isso que você tira dessa conversa? Metade do sangue dele corre pelas suas veias.

Patrick deu um passo para trás, colocando distância entre eles. Seixos se moveram ao redor de seus pés, e o vento serpenteava por baixo de sua jaqueta, gelado e afiado. — Um pai é mais do que sangue. Vocês imortais parecem nunca entender isso.

— Entendemos a família e as provações que as acompanham muito mais do que vocês, mortais.

Perséfone o alcançou novamente, seus dedos roçando sua bochecha fria antes que ele desviasse o rosto. Olhando para o rio Styx, Patrick conseguia distinguir uma luz nebulosa e agitada que se aproximava da escuridão.

— Você queria os braços de sua mãe quando criança, sangrando aos meus pés. Você queria bondade — disse Perséfone com toda a gentileza de uma marca de ferro que queima a pele. — Nada na guerra é gentil, Patrick.

Ele fechou os olhos com força, respirando fundo. Ela falou uma verdade pela qual ele viveu, mas que nunca ficou mais fácil de aceitar. Patrick sabia como era a morte no campo de batalha, entregue por suas próprias mãos ou por outros. Ele sabia como essa luta que ele havia sido sacrificado quando criança coloriu sua vida e sangrou em seus pesadelos ao longo dos anos. Patrick implorara a Perséfone que o salvasse das feridas mortais que Ethan lhe infligira. Ele não sabia do que estava desistindo naquela época.

Ele sabia disso agora.

Uma dívida era devida e possuída. Patrick não pagaria esse preço novamente.

— Olhe para mim.

O comando poderoso em sua voz serpenteou através de sua mente, e Patrick só pôde obedecer. Ele abriu os olhos, virando-se para encarar Perséfone mais uma vez. Ela não falou, a princípio, a expressão em seu lindo rosto era ilegível.

— Seus escudos estão danificados. As proteções que coloquei em seus ossos precisam ser redefinidas — ela finalmente disse.

— Culpe as moedas que Hermes me deu. Elas destruíram minha magia.

Sua magia o mantinha escondido para que ele pudesse permanecer vivo ao longo dos anos. Os pontos de ancoragem que ela esculpiu nos ossos ajudaram a limitar a mancha em sua magia e sua aura ao corpo, sem deixar vestígios enquanto ele viajava pelo mundo. Sua fundação para os escudos dele nunca foi fácil de carregar.

Perséfone colocou a mão sobre o coração marcado, seu toque quente neste lugar frio. — Lembre de respirar.

A magia queimou o corpo de Patrick como um fogo instantâneo, e ele se engasgou com um grito. Seus joelhos saíram de baixo dele quando o calor derretido torceu através de todos os ossos do seu corpo. Ele podia sentir a magia de Perséfone marcando-o bem no fundo, a dor da fundição era algo que Patrick havia esquecido.

Ele poderia ter ficado sem o lembrete.

Perséfone reconstruiu o fundamento que ela havia estabelecido em seu corpo uma vez antes, e Patrick só podia respirar através da agonia. Quando terminou, sentiu-se tonto e vazio, cada movimento do corpo um doloroso lembrete da dívida que carregava. O latejar em cada centímetro de seu corpo e cérebro era pior do que o golpe de Cerberus.

Ela puxou Patrick para seus pés com mãos fortes, segurando-o firme com um cuidado que seria mais significativo se fosse direcionado ao seu próprio bem-estar.

Ele sabia que não era.

— O que você vai me pedir desta vez para sair dessas margens, eu me pergunto? — Perséfone refletiu enquanto ela afastava seus cabelos ruivos escuros.

Patrick lambeu os lábios, a boca seca e com gosto acobreado de sangue. — Eu não peço nada. Vou pagar do meu jeito.

O casco do barco de Charon estava encostado à costa próxima, as águas salobras do rio Styx espirrando contra os velhos ossos cinzentos que compunham a forma do navio. A proa do barco era formada por mãos esqueléticas, ossos finos de dedos enrolados, como se saíssem das águas escuras. No topo da proa estava um crânio velho, agarrado por mãos ossudas, um brilho suave e misterioso flutuando atrás de dentes quebrados e dentro de órbitas escuras.

O barqueiro estava envolto em mantos pretos esfarrapados, capuz puxado para baixo sobre o rosto, lançando-o na sombra. As mãos retorcidas e os dedos ossudos de Charon seguravam um antigo poste de madeira com uma caveira humana. Também mantinha luz dentro das órbitas vazias dos olhos e das mandíbulas abertas. A pele das mãos do imortal era cinza e esticada sobre os ossos, quase desidratada na aparência.

Perséfone se levantou na ponta dos pés, segurando a parte de trás da cabeça de Patrick para puxá-lo ao seu alcance. Ela apertou os lábios na testa dele, o toque gentil de uma bênção da qual ele não queria participar.

— Lute por nós. Devolva Macaria para mim. Cumpra seu dever e você ainda pode encontrar sua liberdade — ela murmurou. — Você ainda pode encontrar paz.

A paz era um presente que esta guerra ainda não tinha oferecido. Patrick não podia aceitar o que ninguém mais tinha.

Ele se afastou de Perséfone e as promessas complicadas e escorregadias imortais sempre oferecidas em troca de uma vida.

Patrick pegou a penúltima moeda grega no bolso e enfiou-a entre os dentes. Ele a segurou lá, provando metal em sua língua enquanto espirrava na água salobra e subia no barco de Charon. Ele se sentou no banco de ossos, encarando o barqueiro com olhos desafiadores.

Uma mão ossuda levantou-se do poste para alcançá-lo. Dedos gelados roçaram seus lábios quando arrancaram o pagamento dos dentes de Patrick. O barqueiro levou a moeda à própria boca, envolta em sombras e engoliu o pagamento inteiro.

Patrick não olhou para trás quando Charon agarrou a vara e separou seu barco da costa com um forte empurrão. Eles deslizaram adiante sobre as profundezas do rio Styx, Charon levando-o para o outro lado. O nevoeiro espalhou-se por todo o mundo de forma que o Patrick mal conseguia distinguir o barqueiro depois de algum tempo. A névoa se agarrava ao barco e suas roupas molhadas, deslizando em seus pulmões a cada respiração que ele respirava.

Somente quando o barco bateu na margem oposta, balançando-o no banco, Patrick sentiu como se pudesse respirar novamente. Charon fez um amplo gesto com um braço, um dedo desenrolando-se para apontar além do barco. Patrick arrastou-se para o lado e entrou na água que alcançava suas panturrilhas. Suas

botas de combate estavam encharcadas quando ele saiu do rio Styx e entrou nas margens do véu.

Três passos o levaram além da beira da água. Mais dois passos e Charon desapareceu. Tudo o que cercava Patrick era uma névoa espessa e cinzenta que durava para sempre. Ele não conseguia se orientar e o pânico começou a se instalar em seu peito.

Em seguida, dedos longos envolveram seu pulso, arrastando-o para a frente pelo chão repentino e inclinado para uma selva de ferro.

— Por aqui —, Hermes chamou.

A chuva derreteu a neblina, atingindo a cabeça e os ombros de Patrick quando eles tropeçaram no meio da Times Square. O vento o atingiu com força suficiente para levá-lo de volta um passo no famoso meridiano. A escada vermelha iluminada estava atrás deles, vazia de turistas. Patrick tentou piscar sua visão claramente, mas as luzes brilhantes do famoso cruzamento pioraram sua visão.

As multidões de sempre desapareceram diante da tempestade reacionária, deixando para trás ruas estranhamente vazias com apenas um punhado de táxis enfrentando. Algumas das lojas e restaurantes estavam abertos, mas muitos outros estavam fechados contra o clima violento.

Patrick olhou para o céu noturno e as nuvens negras pairando baixo e com raiva sobre a cidade de Nova York. — Diga-me que ainda é segunda-feira à noite.

— Você atravessou o véu. Você sabe que eu não posso lhe dizer isso — disse Hermes, seus cachos azuis tingidos e desbotados pressionados contra o crânio pela chuva. Ao contrário de Hades, ele não parecia se importar se estava encharcado ou não. — É solstício de verão.

O que significava que Patrick havia perdido um dia, porque era terça-feira à noite e ele não sabia o que havia acontecido nas últimas vinte e quatro horas.

Ele não sabia se Jono ainda estava vivo, e Patrick precisava desesperadamente que essa resposta fosse *sim*.

— Onde está todo mundo?

Hermes sorriu sombriamente. — Aonde você acha?

Um leve tremor percorreu o chão. Ao norte deles, brilhando acima do horizonte irregular, Patrick conseguia distinguir um brilho laranja que parecia cintilar como uma estrela pulsante. Ele não precisava de sua mágica para saber o que estava por vir. Agarrou Hermes, mal emitindo o aviso a tempo quando uma poderosa onda de magia rolou sobre Manhattan.

— Escudo! — Patrick gritou.

Hermes pode não ter um clã o adorando na sombra do que ele era antes, mas ele ainda era um deus. Ele ainda tinha magia sob seu comando. Hermes levantou a mão, os olhos brilhando dourados quando ele formou um escudo entre eles e o poder metafísico colidindo por Manhattan.

Magia contaminada pelo inferno os invadiu em um golpe que pareceu congelar o tempo. A chuva parou de cair, trilhões de gotas pairando no ar ao redor da Times Square, refratando as luzes de neon ao seu redor como cristal. Nas nuvens acima, um raio rastejou até uma quietude inimaginável. Durou apenas um instante antes que a magia fosse sugada após a borda principal da onda, fazendo com que a chuva caísse na terra novamente com um rugido.

Essa não foi a única coisa que aconteceu.

O ar crepitava com estática, o cheiro forte de ozônio queimando quente ao seu redor. Patrick se abaixou instintivamente quando um raio maciço atravessou o céu em direção à terra. Atingiu a famosa torre de telas atrás deles com força suficiente para fazer o chão tremer. O trovão quase ensurdeceu Patrick quando a luz azul crepitante explodiu para longe dos eletrônicos arruinados, cacos de vidro voando pelo ar como estilhaços.

O vento girava metal e vidro no ar com uma força assustadora. Patrick lançou um único olhar por cima do ombro para a torre de telas agora escurecida e danificadas. Uma queimadura negra feia de três andares de altura estava na frente da parede de eletrônicos. Qualquer fogo elétrico que pudesse ter começado com o ataque explodiu no dilúvio devido à tempestade.

O escudo de Hermes se manteve firme contra o ataque. Ele desviou sua atenção do céu para encontrar o olhar de Patrick. — Está começando.

— Merda —, Patrick retrucou. — Eu preciso chegar ao Central Park.

Hermes revirou os olhos. — Estou ciente disso, Pattycakes.

O imortal deixou cair seu escudo; chuva e vento mais uma vez atingindo Patrick. Ele apertou os olhos através da chuva, o movimento descendo a Broadway chamando sua atenção. O motociclista estava dirigindo em uma velocidade insegura para o clima, mas não parecia se importar com isso ou com as ruas reais.

A motocicleta pulou a calçada e freou no meridiano de cimento momentos depois, pneus girando contra o chão escorregadio enquanto a roda traseira girava em um arco. Com um pé no chão, o

motorista manteve o equilíbrio e a motocicleta sob controle enquanto deslizava em um semicírculo.

O motorista se endireitou, com o capacete, mas a viseira levantada. Seria impossível ver qualquer coisa nesse clima através do polímero plástico duro e colorido. Os penetrantes olhos castanhos de Nadine os encararam pela abertura.

— Marek disse que você voltaria. Agora prepare-se e vamos embora — ela disse.

Nadine jogou a mochila de Patrick presa ao assento atrás dela. Bateu no chão molhado entre eles com um baque pesado. Patrick se ajoelhou com um grunhido dolorido, a dor persistente do golpe de Cerberus e o toque doloroso de Perséfone endurecendo seu corpo, mas ele era bom em lidar com a dor.

Ele pegou um colete tático e um capacete duro, junto com uma das carabinas M4A1 que eles montaram em Ginnungagap, além de dois cartuchos extras. Patrick puxou tudo em tempo recorde antes de se atirar na traseira da motocicleta. Ele passou os braços em volta da cintura de Nadine e colocou as botas nos apoios para os pés.

— Eu preciso de um relatório! — ele gritou sobre o som da tempestade.

— Depois!

Nadine acelerou o motor e girou as mãos nas maçanetas antes que a motocicleta disparasse para a frente com um golpe derrapante, a água girando das rodas. Patrick olhou para trás apenas uma vez, surpreso ao ver que Hermes havia desaparecido.

Patrick olhou para frente e concentrou-se em manter o equilíbrio em sintonia com o de Nadine, enquanto ela descia a Broadway em direção ao Central Park. Ela não se importava com as

leis de trânsito e dirigia por cruzamentos e pelas ruas opostas sempre que tinha que contornar quais veículos ainda estavam na estrada. Quanto mais eles chegavam ao Central Park, mais as ruas ficavam cheias de socorristas e da mídia.

Nadine virou bruscamente para a direita, direcionando a motocicleta para a calçada para descer nos últimos dois quarteirões, dobrando para noroeste. Ela acelerava o motor constantemente, avisando as pessoas de seu caminho, mas ninguém vestindo um uniforme da polícia de Nova York tentou impedi-la. Um minuto depois, ela saiu da calçada e atravessou uma pequena brecha na multidão de policiais da tropa de choque reunidos em Columbus Circle. Ela apontou a motocicleta para um grupo de pessoas do lado de fora de um veículo do Comando Móvel[39] instalado na rua.

Os dentes de Patrick estalaram quando ela freou. Ele examinou os rostos virando o caminho, finalmente vendo um familiar. Casale deu um passo à frente, uma alta indiana que Patrick conhecia apenas de vista ao lado do chefe. Enquanto Casale usava uniforme sob uma capa de chuva da polícia de Nova York, a mulher vestia roupas civis com uma jaqueta SOA abotoada até a garganta. Seus cabelos escuros estavam presos em uma trança apertada, olhos castanhos escuros calmos e frios, apesar da situação.

— Onde no *inferno* você esteve? — Casale exigiu.



39 Os veículos de comando móvel do Serviço Federal de Proteção são implantados para aprimorar ou restabelecer a comunicação e a coordenação durante incidentes de emergência e eventos especiais de segurança em todo o país

— Não importa. Eu preciso de um relatório — disse Patrick.

A vice-diretora da SOA, Priya Kohli, deu um passo à frente, entregando a Patrick uma escuta à prova d'água e um aparelho de rádio. — Agente Especial Collins.

Patrick assentiu, resistindo ao desejo de saudar. — Senhora.

— O Canal Um é o comando. O Canal Dois é operações gerais. Você e a Agente Especial Mulroney têm acesso ao Canal Um e anulam a autorização.

Ele pegou o rádio minúsculo e o prendeu na frente do colete tático antes de enfiar a escuta orelha esquerda. Ele ligou e ouviu o canal geral antes de tocar no rádio para mudar para o canal de comando.

— Agente Especial Collins para comando. Confirme a conexão, cambio — ele disse.

Estava na ponta da língua de Patrick mudar sua designação para o indicativo de chamada que ele usara nas forças armadas. Só que não era uma operação militar, e seu registro militar era bastante confidencial.

A linha estalou em seu ouvido antes que alguém respondesse: — Este é o comando confirmando conexão, cambio.

— Entendido, comando. — Patrick se concentrou em Priya agora que ele estava em contato de rádio com os responsáveis. — Surpreso em vê-la aqui, senhora.

— A diretora Abuku me enviou para avaliar e proteger do nexo e fazer a ligação com o PCB em sua contínua ausência —, respondeu Priya.

— Quem você trouxe com você?

— Metade da Divisão de Resposta Rápida de DC que poderia ser poupada foi retirada para esta situação. Todos os agentes estão no terreno em torno do Central Park, mas não podemos passar pela barreira.

Ela apontou para a linha de árvores e vegetação que compunham a borda do Central Park, que agora residia atrás de um lampejo de luz vermelho-laranja escuro que Patrick só podia ver se ele olhasse pelo canto do olho.

— Nossa equipe está em posição —, disse Nadine enquanto tirava o capacete da motocicleta. Ela o entregou ao agente SOA mais próximo, que o trocou por um capacete duro que Nadine segurava com dedos experientes. — Conseguimos colocá-los dentro antes que a barreira fechasse todo o acesso.

O que significava que Lucien, sua Night Court e a matilha Tempest estavam dentro do Central Park sem um usuário mágico à mão e apenas com armas e artefatos com os quais lutar. Patrick sabia que isso não seria suficiente, não contra Ethan.

— Quem está em campo com você? — Casale queria saber.

— Werewolves e vampiros. Todos amigáveis. Avise seu pessoal para não atirar neles — Patrick respondeu.

— Vampiros? Sério? Eu sei que eles não podem pertencer as Night Courts daqui porque Tremaine não se importa com ninguém além de si mesmo, e nenhum dos outros vampiros que reivindicam território na cidade de Nova York vai passar por ele.

— Os mortos-vivos não podem se alimentar de demônios. Eles têm tanto incentivo para manter o inferno fora do plano mortal quanto nós.

— Como você os trouxe?

Patrick foi com a melhor mentira que ele tinha. — O líder deles é um informante criminoso meu.

— Jesus! — Casale tirou o rádio do cinto. — Eu vou passar a palavra.

Patrick assentiu antes de fazer a pergunta para qual ele estava querendo uma resposta desde que cruzou o véu. — Onde está Jono?

Nadine terminou de falar com os agentes da SOA sobre não atirar nos amistosos antes de dizer: — Eu esperava que ele estivesse com você.

O estômago de Patrick torceu e ele balançou a cabeça. —Fomos emboscados enquanto colocávamos as moedas no ponto cardeal norte.

Ele não sabia como ou por quem, não com todo mundo ouvindo, mas Nadine sabia ler nas entrelinhas. Ela mordeu o lábio, os olhos procurando os dele. — Encontramos o carro de Marek em Inwood Hill Park, mas nenhum sinal de vocês até Marek me dizer para ir à Times Square.

O pensamento de Ethan ter Jono ao seu alcance por um minuto foi suficiente para fazê-lo se sentir doente. Um dia era demais.

Por favor, não me deixe chegar tarde demais, ele pensou.

Patrick olhou para Priya. — Você está protegendo o nexo agora?

Priya não tinha entrado nas forças armadas, mas isso não mudava o fato de que ela era uma maga poderosa com uma afinidade por magia defensiva. — Eu tenho magos criando quebra-mares nas linhas ley, mas quem está por trás desse feitiço tem controle majoritário do nexo. Estou fazendo o que posso.

— O escudo de barreira ligado aos pontos cardeais está mantendo —, disse Nadine.

Uma coisa boa nessa bagunça não era suficiente para apagar as ruins.

— A Seita Dominion estará chamando caçadores de almas. Você quer que a ESU cubra qualquer saída possível para fora do parque, caso algum desses filhos da puta passe por nós. Aconteça o que acontecer, mantenha seu pessoal fora do parque — ordenou Patrick ordenou a Casale.

Casale fez uma careta. — Deveríamos estar lá parando isso.

— Se você inundar o parque com a polícia, estará apenas pedindo uma bagunça de fogo amigo. Esta é uma investigação federal desde que você incorporou a SOA, o que significa que os agentes da SOA são os únicos a entrar. Eles têm o treinamento e a magia para lidar com a ameaça.

Ele esperava. Honestamente, Patrick ficaria muito mais feliz convocando um ataque aéreo agora, mas algo lhe dizia que o público não apreciaria esse plano de ação.

— Vou manter alguns de nossos magos em reserva para ajudar a monitorar o nexo e me preparar para o pior. O resto dos nossos agentes o seguirão na luta — disse Priya.

— Vamos torcer para que o pior não aconteça. — Patrick nunca tirou os olhos de Casale. — Você me deu uma semana, lembra? Ainda não faz uma semana. Prometi a você que deixaria a cidade ainda de pé depois que tudo terminasse. Estou cumprindo essa promessa, Casale.

Um raio cortou o céu acima, trovões ecoando no ar. Casale soltou um suspiro pesado. A chuva caiu da aba do boné de Casale como uma cachoeira. — Eu estou contando com você nisso.

Patrick assentiu e passou os braços em volta da cintura de Nadine novamente. — Vamos, Mulroney.

— Esse escudo não vai quebrar. Já tentamos de tudo — alertou Priya.

A última moeda grega no bolso de Patrick e a adaga dos deuses amarrada à coxa eram os únicos pontos quentes em seu corpo. Ele pegou a moeda, segurando-a firmemente no punho.

— Nem tudo.

— Da próxima vez vamos chamar um tanque. Talvez o seu time antigo — disse Nadine enquanto acelerava o motor da moto e os chutava para frente. — Eu não seria avessa a algum material pesado no momento.

— Somos dois —, gritou Patrick sobre o vento.

Ela os conduziu em direção ao Central Park, acelerando enquanto seguiam a curva da rotatória até a entrada da esquina. A multidão de policiais passou como um borrão, iluminada pelas luzes vermelhas e azuis piscando nas ruas atrás de suas fileiras. Patrick sentiu a moeda queimando contra sua pele, a magia escorrendo entre seus dedos até que parecia que ele estava segurando uma estrela de fogo.

Nadine se endireitou e apontou para a barreira ao redor do Central Park, nunca vacilando em seu caminho. Patrick recuou e investiu toda sua força. A última moeda grega apareceu no ar, arrastando a magia celestial atrás dela. Quando atingiu a barreira de

proteção apenas alguns segundos antes de colidirem, a explosão enviou pedaços de magia derretidos voando por toda parte.

Nadine os protegeu da lavagem da desintegração da barreira, o dano se espalhando como um efeito dominó escaldante. A queima de reconhecimento queimou a alma de Patrick agora que nada estava entre eles e o Central Park. Ele engoliu em seco contra a amargura no fundo da garganta, o inferno a única coisa que ele podia sentir ao seu redor na vegetação urbana.

— Pronto? — Nadine gritou por cima do ombro.

— Pronto —, gritou Patrick de volta, porque ele não tinha outra escolha.

Ele nunca teve.

A dívida de sua alma sempre seria fazer ou morrer.





NADINE DIRIGIU pela West Drive, apontando para o North Meadow. Era onde a atração da magia infernal era mais forte. Raspou a alma de Patrick, a crueza de onde sua própria magia residia, uma dor ardente que se traduzia em dores físicas.

Com a barreira de proteção abaixada, Patrick conseguia distinguir o som característico de explosões rasgando o ar sob o rugido da tempestade. Ele apoiou a arma na lateral do corpo, o corpo da carabina M4A1 dobrado para fora, caso ele tivesse que atirar. Nadine não estava diminuindo a velocidade, o único farol da motocicleta cortando a escuridão. Todos os postes de rua estavam queimados, a única luz ao redor deles vinha do relâmpago acima e das milhares de janelas iluminadas nos prédios que rodeavam o Central Park.

Eles passaram por agentes da SOA que atravessaram a barreira para manter posições defensivas no perímetro externo. Outros ainda estavam correndo em direção à luta. Ele podia ouvir as conversas de todos se posicionando através de suas comunicações e as desligou.

Nadine levou menos de dois minutos para atravessar três quartos do parque em alta velocidade. Ela se inclinou para a direita quando chegaram a uma área da estrada com vários caminhos se ramificando em direções diferentes. Eles seguiram um caminho adjacente ao Transversal da 97th Street, as rodas nunca perdendo tração.

Nadine diminuiu a velocidade enquanto as árvores diminuíam, o North Meadow aparecia, a área iluminada por magia infernal. Patrick viu a cena com uma expressão sombria no rosto.

A cerca de metal ao redor da grama e dos campos de beisebol havia sido destruída em algumas áreas. Feitiços ardentes de vermelho e laranja atravessavam a grama em linhas intrincadas e em grandes círculos concêntricos. A estrutura do feitiço surgiu no ar por meio de dez pilares de luz que queimavam um branco limpo, puro. Um espaço estava escuro e vazio, faltando um pilar, enquanto o último era preenchido pela forma sólida de um homem imóvel. No centro, quase escondido pelo brilho do feitiço, Patrick conseguia distinguir a forma ajoelhada de uma pessoa.

Um feitiço como esse sempre exigia um sacrifício final no local. Seus dedos apertaram o punho da arma enquanto a esperança desesperada florescia no peito de Patrick.

Jono ainda poderia estar vivo - mas não por muito mais tempo.

— Vamos entrar em campo, Mulroney! — Patrick gritou.

Espalhados ao redor do grande feitiço de sacrifício estavam os acólitos da Seita Dominion lutando contra vampiros, werecreatures e um punhado de agentes da SOA que finalmente chegaram ao local. O chão estava cheio de pequenas crateras de granadas e alguns

corpos. Patrick esperava que nenhum dos mortos pertencesse ao lado deles.

No meio do caminho entre a posição deles e o feitiço, estava o BearCat roubado de Lucien como um baluarte maciço de segurança. O veículo blindado havia sido totalmente equipado com armas de nível militar em algum momento durante a ausência de Patrick do plano mortal. As proteções foram colocadas em sua estrutura metálica, fornecendo a cobertura necessária na área aberta. Os vampiros empunhavam armas de assalto e artefatos contra os usuários mágicos aliados à Seita Dominion na linha de frente.

— Eu devo a ele tantos feitiços ofensivos por isso —, disse Patrick.

— Ele já me pediu uma ordem de proteções defensivas.

— Vale a pena se sobrevivermos a isso.

Nadine freou bruscamente no caminho, as rodas enviando pequenas ondas de água no ar. Eles saíram da motocicleta, armas na mão. Nadine entendeu, mantendo o escudo em volta deles, enquanto Patrick se atrasava para cobrir suas costas. Eles cortaram dois grupos engajados de cada lado deles, o escudo de Nadine sofrendo o impacto de um ataque rebelde.

Patrick examinou os arredores, em alerta. Inferno era a sensação dominante que ele podia sentir, e isso realmente poderia significar apenas uma coisa além da magia de Ethan.

Demônios entraram na briga.

Eles estavam passando por um dos campos lamacentos de beisebol quando algo se moveu através das árvores na pequena colina atrás deles, uma sombra dentro de uma sombra. Patrick girou em seus pés enquanto eles corriam, colocando sua arma atrás deles.

Sua visão noturna era uma merda, com toda a magia sendo lançada, mas a ameaça não era fruto de sua imaginação.

— Caçadores de almas atrás de nós —, ele disse em voz alta para Nadine.

— Entendido —, disse ela. — Eu notificarei o comando do avistamento.

Patrick ligou-a com força e apoiou o rifle no ombro. A corrida escalonada de corpos encurvados que se aproximavam era um problema profano do pior tipo. Os seis caçadores de almas se separaram, se movendo em direções diferentes. Dois seguiram seu caminho e Patrick começou a atirar, mirando um tiro automático nos demônios. As balas enfeitiçadas não causavam estragos em sua pele grossa, mas ele só precisava segurá-los por tempo suficiente para Nadine e ele ficarem atrás das linhas defensivas onde os vampiros de Lucien estavam.

Os vampiros não tinham almas e não podiam ser devorados por caçadores de almas. No empurrão final pelo Cairo durante a Guerra dos Trinta Dias, os que estavam no comando dos usuários de magia haviam confiado em uma aliança desconfortável com várias Night Courts para ajudar a se defender do inferno. É por isso que, apesar de se odiarem, Patrick estava feliz por Lucien ter vindo.

Um flash de laranja na escuridão chamou a atenção de Patrick. Ele tirou o dedo do gatilho quando seu cérebro apontou a figura como *amigáveis*. Os caçadores de almas deram mais alguns passos adiante antes de Sage sair da linha das árvores com quatro pernas e atravessar a grama, um borrão laranja e preto, seguido por três werewolves. Em sua forma de weretiger, ela era uma fera gigante e monstruosa, maior do que normalmente seria um tigre selvagem. Seu

tamanho significava derrubar os dois caçadores de almas ao mesmo tempo.

Sage bateu no caçador de almas mais próximo dela antes de pular na parte de trás do segundo, levando-o ao chão. Os werewolves viajando com ela focaram no demônio que ela deixou para eles. Suas mandíbulas largas envolveram a parte traseira de sua cabeça feia e bulbosa. Ela mordeu com força desumana e conseguiu uma boa aderência. Com um rosnado abafado, Sage ergueu a cabeça, o peso de sua forma alterada mantendo o demônio no chão. Ela arrancou a cabeça do caçador de almas com força sobrenatural, o corpo do demônio ficando mole sob o dela.

As werecreatures podiam rasgar um caçador de almas membro por membro - Patrick já tinha visto isso acontecer antes - eles só tinham que estar atentos às suas almas. Nadine deve ter passado esse aviso enquanto esteve no submundo.

Com um grunhido de nojo, Sage jogou a cabeça para o lado. Alguns dos caçadores de almas que estavam perseguindo os agentes SOA mais próximos começaram a se reagrupar para lidar com as werecreatures.

— Essa é uma maneira de matá-los —, disse Nadine.

— Lembre-me de nunca a irritar.

Eles deram as costas para a luta que Sage e os outros tinham na mão. Nadine e Patrick cronometraram duas vezes na posição de Lucien, passando inofensivamente pelo amplo escudo envolto ao redor do BearCat.

Lucien não parou de recarregar o lançador de granadas M32 MGL quando eles se aproximaram, os olhos negros olhando diretamente para eles. — Você está atrasado.

— Eu estava no inferno —, respondeu Patrick.

— Você acha que não estamos?

Patrick espiou pela lateral do BearCat as magias de sacrifício e os usuários de mágica da Seita Dominion fazendo o possível para rasgar o escudo de Nadine. — O véu ainda não está rasgado, então eu vou com não.

— Ethan está se preparando para sacrificar seu lobo, então talvez você mude sua resposta em alguns minutos.

O olhar de Patrick foi incansável para a figura curvada que ele podia ver ajoelhado no centro daquele círculo infernal a alguma distância. Seu coração pulou uma batida dolorosa no peito. — Jono está vivo?

— Para uma determinada definição de vivo —, disse Carmen enquanto pulava do teto do BearCat. Ela carregava uma espingarda de assalto e um facão, mas ambas eram suas armas secundárias. O desejo e a persuasão mental eram conhecidos por enlouquecer homens e mulheres nos campos de batalha quando os íncubos e os súcubos se dignaram a lutar.

Patrick esperava que Carmen apontasse seus poderes *longe* do lado deles.

— Eu preciso chegar a Jono.

— O círculo de Ethan é protegido pela magia de sangue de Zachary.

— Esse é um mau hábito que eles adotaram durante a Guerra dos Trinta Dias. — Patrick apoiou a arma no peito e soltou a adaga da bainha. Incontáveis palavras prateadas flutuaram das profundezas da lâmina preto fosco, a magia dos deuses quente e firme em suas mãos. — Tenho certeza que posso ajudar a quebrá-lo.

— Talvez você deva esperar até termos mais agentes SOA para nos apoiar. Sua magia não está reabastecida, e minha especialidade é defesa, lembra? — Nadine disse.

Carmen fez uma careta. — Você tinha que chamar os federais.

— Meus vampiros vão sair do campo sem serem presos quando isso acabar. Se algum de seus funcionários tentar impedir os meus, eles não viverão para ver o amanhecer — Lucien disse friamente enquanto subia o lançador de granadas em um ombro.

Patrick acenou com a ameaça em sua voz. — Claro, claro. Eu disse a eles que você era meu informante, mas não usei seu nome. Tente manter o rosto coberto e corra quando a luta terminar.

— Suas habilidades de planejamento ainda deixam muito a desejar.

Lucien caminhou até a borda do escudo e pressionou o cano do lançador de granadas através da magia de Nadine. O buraco se abriu por dentro, selando a arma. Lucien mirou e disparou, o golpe da bala enfeitiçada através do inimigo quando ele explodiu no meio de um grupo de bruxas da Seita Dominion tentando juntar sua magia.

Seu escudo reforçado se desfez sob o feitiço de ataque sobre a munição, da mesma forma que seus corpos fizeram na explosão.

— Eu não acho que a cidade vai apreciar sua tentativa de paisagismo —, disse Patrick.

— Faça seu maldito trabalho antes que eu rasgue sua garganta.

Mais fácil falar do que fazer, apesar do planejamento de última hora. Eles tinham um quebra-mar definido nas linhas ley, um escudo alimentado por magia emprestada de deuses ao redor da ilha de

Manhattan e os melhores de Nova Iorque à espera de jogar cavalaria nas ruas fora do Central Park. Tudo isso seria sem sentido se Ethan conseguisse assassinar Jono e roubar a divindade de Zeus.

— Me dê cobertura —, ordenou Patrick.

Nadine torceu os dedos no ar, um globo violeta girando em forma contra a palma da mão. — Vou envolvê-lo furtivamente com um escudo e levá-lo o mais longe que puder.

Gavinhas de magia fluíam sobre o corpo de Patrick, envolvendo-o em uma nuvem abafada. Como no Hamptons, o som seria silencioso e o escondia da vista, mas com outros magos no campo que sabiam o que procurar, isso não duraria muito.

— Eu vou notificá-la quando eu chegar ao feitiço para que você possa largar seu escudo. — Patrick ergueu a adaga, a lâmina escura brilhando com magia. — Eu não quero que você seja pega em contrapartida.

— Entendido.

O escudo ondulou, fornecendo apenas o suficiente para que Patrick passasse por ele sem comprometer a estrutura. Nadine a apoiou assim que ficou claro, e Patrick começou a correr. Ao seu redor feitiços estavam sendo lançados com abandono imprudente por ambos os lados, magia crepitando no ar. Caçadores de almas estavam tendo um banquete, mesmo com vampiros e werewolves agindo como tropas de choque contra o ataque infernal.

Patrick manteve os olhos no feitiço e no punhado de pessoas que estavam dentro de seus círculos. Ele teve que se esquivar e abrir caminho pelo que havia se tornado uma zona de guerra no meio do Central Park. Em vez de adotar uma abordagem direta, ele se afastou em um ângulo para ficar fora do alcance do poder de fogo de seu lado.

A magia era muito boa em uma luta, mas quando combinada com armas militares, a atualização era mais mortal. Outra granada de Lucien explodiu à sua esquerda, atingindo o escudo que envolvia o feitiço. Por um segundo, o escudo tornou-se visível quando a magia de Zachary reagiu ao golpe. Patrick notou sua posição e continuou correndo.

Ele estava a meio caminho do círculo mais externo do trabalho de feitiços quando a magia rapidamente pulsante atingiu outro pico. Patrick mergulhou no chão lamacento, seu rifle deslizando pela lama. Sua cabeça e corpo palpitavam com o impacto - as proteções de Perséfone ainda doíam -, mas ele ignorou a dor. Os escudos de Nadine o seguiram, estabelecendo-se perto quando o ar ficou carregado de estática.

Como antes, na Times Square, a magia explodiu em uma onda de poder, com a intenção de cair sobre Manhattan. Tão perto do epicentro, a explosão queimou os olhos de Patrick, mesmo através de suas pálpebras. Seus ouvidos estalaram, o corpo ficou quase sem peso após a explosão, mesmo atrás dos escudos de Nadine.

Isso é muito poder , Patrick pensou sombriamente.

Mas era preciso muito poder para matar um deus.

O mundo ficou em silêncio por um longo e doloroso momento antes que o som voltasse como um boom sônico. Patrick tossiu contra a pressão interna, voltando a se levantar com movimentos bruscos. Seu corpo doía, e a luta no momento não estava ajudando a dor.

O brilho insidioso da magia de Ethan encheu seus olhos. O que alimentou esse feitiço foram sangue e almas, a vida roubada de pessoas decentes e inocentes que haviam morrido de maneiras

terríveis. Como em Salem e Cairo, essas almas serviriam de ponte para a divindade viajar - se Ethan conseguisse arrancá-la da alma de Zeus.

Algo que Patrick aprendeu nos anos seguintes, e que Ethan deve ter percebido em algum momento também, foi que era preciso um deus para matar outro.

Marek tinha os Norns.

Jono tinha seu próprio patrono, quem quer que fosse.

E Ethan tinha Jono preso no centro do círculo de sacrifício.

Ele falhou todas as vezes antes disso porque Ethan não carregava nenhuma divindade em sua alma, não era mais um deus moderno do que os mitos que andavam na Terra em toda a sua glória desbotada. Seu único sucesso, se alguém pudesse chamá-lo assim - e Patrick nunca o faria - seria ele ter roubado a divindade de Macaria através de pura sorte. Custou-lhe apenas a vida de sua esposa e filha. Clara estava morta, mas Hannah era sua fonte de energia hoje em dia, controlada pelas orações da Seita Dominion. Ethan não era um deus, mas ele quase podia exercer poder como um quando necessário.

Tudo o que Patrick tinha era uma adaga presenteada pelos deuses e uma teimosia que era um espinho no lado de todos desde que ele era criança.

Armas disparando em ambos os lados de sua posição atraíram a atenção para longe de sua localização. Caçadores de almas podiam sentir magia de qualquer forma, e alguns demônios se afastaram da proteção do escudo, indo direto para Patrick.

Patrick olhou para eles quando uma granada explodiu no meio deles, derrubando os demônios no chão. O chão tremeu com o

impacto, um jato de lama e pedaços de grama subindo no ar. Infelizmente, os demônios pareciam estar inteiros quando a fumaça se dissipou.

— Merda —, Patrick murmurou baixinho.

O feitiço furtivo de Nadine não havia sido retirado pelo acúmulo mágico. Patrick ainda não era visto, mas isso estava prestes a mudar. Com uma explosão de velocidade, Patrick cobriu a distância entre ele e o pilar de luz à sua frente. Magia derramou faíscas da adaga que ele segurava, guiando-o pelas minas mágicas terrestres que os usuários de magia da Seita Dominion haviam colocado no prado. As armadilhas eram intrincadas e densas, tornando-se quase insuperáveis na frente do escudo de Zachary.

Patrick parou, suas botas enlameadas a meros centímetros da magia defensiva no chão, protegendo o tiro de Ethan na divindade. Ele tocou o rádio, acessando o Canal Um.

— Mulroney, abaixe seu escudo.

A magia de Nadine se desintegrou em torno dele. O vento e a chuva atingiram instantaneamente seu corpo agora que o escudo dela não estava mais protegendo-o. Patrick podia sentir o calor da magia de Ethan mesmo durante a tempestade, um gosto rançoso na boca.

A sombra de uma mão pressionou contra o interior do pilar que ficava em uma linha radial. A imagem posterior de um rosto apareceu, a boca aberta em um grito silencioso. O rosto bonito de uma estudante universitária que nunca realizaria seus sonhos o encarava com horror nos restos de sua alma, a maior parte de sua essência foi para a estrutura do feitiço de sacrifício.

Lama sugou seus pés, botas afundando na terra. A tempestade que assolava a cidade era como um monstro. Aqui, no marco zero, não havia calma para ser encontrada. Apenas o protesto estrondoso da Mãe Natureza enquanto ela protestava contra a subida de uma balança em risco novamente. A luta era familiar, exceto por como não era.

Dessa vez, Patrick não estava parado nas ruínas de uma cidade devastada pela guerra. Ele não estava sofrendo com o professor que o havia ensinado a sobreviver ao que os imortais exigiam dele. Ao contrário de antes, Patrick sabia o que o esperava no centro.

Patrick olhou fixamente para a alma enjaulada dentro daquela prisão quando ele sacudiu a adaga na mão, conseguindo uma melhor aderência. Não foi feito para ser jogado, mas Patrick estava sem opções agora. Ele puxou o braço para trás e o empurrou para frente, colocando toda a sua força atrás do arremesso, a lâmina desaparecendo sob uma luz branca ardente.

A adaga girou no ar e cortou o escudo de Zachary com um som penetrante que fez Patrick querer tapar seus ouvidos. Rachaduras brilhantes fraturaram o ar na frente dele, o dano do golpe em cascata através das alas defensivas e feitiços ofensivos em camadas no chão ao redor dele.

Passado o escudo estava o pilar, e a adaga não parava.

— Porra! — Patrick gritou quando se ajoelhou e passou o braço sobre a cabeça.

A adaga colidiu com o pilar, e a coluna de magia esmaeceu, assim como a linha radial em que se encontrava. Entre um batimento cardíaco e outro, ele havia *quebrado*.

A luz branca quente explodiu para fora, o vento furioso capturou a maioria das faíscas mágicas ardentes e as arremessou no céu. A reação da explosão derrubou Patrick, as mãos deslizando pela lama enquanto ele procurava apoio. Ele piscou, vendo a alma presa encontrar liberdade. Ela se soltou da magia ancorada, braços fantasmagóricos alcançando o céu, a forma de quem ela fora se dissipando na tempestade.

O chão embaixo dele arfava quando a magia que alimentava o feitiço soltou um ponto de ancoragem, girando desigualmente pelo padrão do pentagrama e dos círculos. A linha radial ficou preta, morta, sem mais mágica passando por ela.

Uma mão passou pelo rosto de Patrick, agarrando-o pelo colarinho de sua jaqueta. — De pé.

Carmen levantou Patrick com força sobrenatural, o súcubo coberto de lama, segurando o facão gravado com runas na outra mão. Ela ergueu o facão, a ponta afiada da lâmina voltada para uma bruxa próxima que se virou. Com um grito, a bruxa lançou um ataque que espiralou no ar. Como uma rocha quebrando as ondas, a magia colocada na lâmina do facão forçou o ataque de lado. Tentáculos agitados de magia picaram o braço de Carmen, mas o súcubo não parecia incomodado pelos vergões que apareceram em sua pele. Eles curariam em breve.

— Escudos de Mulroney? — Patrick perguntou, cuspindo lama.

— Ela é útil —, disse Carmen, fungando. Então ela o empurrou para o feitiço de sacrifício. — Mexa-se

Patrick quase caiu de joelhos novamente, mas conseguiu ficar de pé. Ele podia ver sua adaga brilhando na lama entre o círculo mais

externo e o próximo. Quebrar um feitiço complicado como esse sem a adaga na mão seria impossível. Com Carmen assistindo na retaguarda, Patrick correu para a arma dada pelos deuses, com os pés deslizando na lama.

Uma parede de fogo explodiu do nada quando seus dedos envolveram o punho. Patrick levantou a adaga em um amplo arco, seguindo o fogo celestial. A magia apoiada pelos deuses colidiu com o feitiço apontado em sua direção, quebrando-o. Enquanto as chamas mágicas morriam sob a chuva, Patrick olhou para o agressor.

Rachel se plantou no espaço entre dois círculos concêntricos, uma mão levantada e carregando um punhal. A lâmina de prata brilhava com um verde doentio de sua magia. A ex-Agente Especial Encarregada da SOA parecia esmaecida à luz horrível que os cercava. Sombras se destacavam sob seus olhos, raiva torcendo seu rosto em uma expressão feia. Patrick sabia uma coisa ou duas sobre raiva e como às vezes era a única coisa que podia alimentar um corpo.

Ele pegou o rifle pendurado no colete tático, apoiando a ponta dele no ombro. A arma era difícil de manejar com uma mão, mas não impossível de usar. Ele puxou o gatilho e o segurou, esperando que os escudos de Rachel fossem uma merda.

Eles não eram.

As balas enfeitiçadas ricochetearam em suas defesas, e Patrick gemeu. — Traição não é como você faz seu dever cívico!

— Você não pode nos parar —, gritou Rachel, dando um passo à frente. Seu punhal seguiu linhas brilhantes de magia enquanto desenhava um pentagrama no ar diante dela. Não era um globo mágico, mas o foco de sua magia ainda era óbvio.

— Você vai fazer um *monólogo* para mim? — Patrick perguntou incrédulo. — Eu não tenho tempo para essa besteira.

Em resposta, Rachel jogou um raio de magia bruta que se afastou de seu foco no pentagrama. O ataque não era nada parecido com o que um mago poderia produzir, mas sem sua magia, era mais do que suficiente para feri-lo. Embora Patrick não tenha seu time antigo guardando suas costas, ele tinha um substituto decente.

— Atrás de você —, Nadine rosnou sobre suas comunicações. — Abaixe-se

Patrick caiu de joelhos, mantendo a adaga apontada para Rachel, enquanto Nadine levantava um escudo ao seu redor. O ataque explodiu contra o escudo, a luz violeta ondulando em torno dele. Patrick respirou fundo, estremecendo com a pontada aguda de dor nas costelas. Isso não o impediu de recostar os pés debaixo dele. Ele deu alguns passos de volta para a linha radial escura no feitiço, o escudo de Nadine o seguindo.

A magia de Ethan pulsava loucamente ao redor deles. Patrick havia danificado o feitiço apenas o suficiente para que o círculo mais externo não fosse mais estável. Enquanto ele observava, os pilares deslizaram suas linhas radiais para o próximo círculo. O feitiço mudou, compensando o dano. A atenção de Patrick se voltou para o centro, onde os acólitos da Seita Dominion cercavam a forma ajoelhada de Jono.

Ele precisava estar *lá*, não lidando com Rachel.

Um braço roçou o dele, e Patrick desviou o olhar do alvo. Nadine acenou com a cabeça, a arma apoiada contra o ombro dela quando ela olhou para Rachel. Seu globo mágico lançou um brilho

violeta desbotado em seu rosto, a expressão calma, apesar da luta louca acontecendo ao seu redor.

— Viva ou morta? — Nadine perguntou calmamente.

— Viva —, Patrick resmungou. O movimento pelo canto do olho puxou sua atenção, sua alma, mas ele não olhou. Ainda não. — Vamos precisar de respostas.

— Entendido. — Os olhos castanhos deslizaram por um única instante, a cabeça de Nadine inclinando na direção dos feitiços e a ameaça vindo em sua direção. — Sua irmã é a inimiga agora. Lembre-se disso, Collins.

— Eu sei.

Ela assentiu e avançou em direção a Rachel, que não parecia tão emocionada por enfrentar uma maga do calibre de Nadine. Nadine largou o escudo ao redor de Patrick enquanto tentava derrubar a bruxa. A chuva voltou, encharcando-o mais uma vez. Patrick se virou lentamente, a luta um barulho distante ao seu redor enquanto ele encarava seu passado.

Andando pela linha radial enegrecida, longos cabelos ruivos chicoteados para longe de seu rosto pelo vento, vinha sua irmã gêmea.

Os braços de Hannah estavam estendidos ao seu lado, as mãos se movendo pelo ar em movimentos ondulantes, como se ela estivesse passando os dedos sobre objetos que ninguém mais podia ver. Sua aura estava completamente aberta e brilhava como uma estrela moribunda, lavando sua pele com poder que seu corpo mortal mal podia conter. Um corpo muito magro, muito quebrado, muito *humano*.

Ela poderia carregar a divindade de Macaria em sua alma, encadeada por orações, mas ela não era uma deusa.

Patrick engoliu em seco, um tremor fino passando por sua mão que segurava a adaga. — Hannah!

Apesar de serem gêmeos fraternos, eles ainda compartilhavam certas características: o mesmo cabelo da mãe, os mesmos olhos do pai. Foi aí que as semelhanças terminaram. Onde Patrick havia vivido uma vida sob os cuidados distantes de Setsuna e os ensinamentos críticos de Ashanti, Hannah só conhecia o inferno que seu pai a havia submetido. Patrick não podia nem começar a entender a vida que ela viveu que colocou tanta insanidade em seus olhos verdes.

No Cairo, Patrick lamentou por ela, tentou argumentar, mas não havia raciocínio na loucura. Ele sabia disso agora. Por tanto tempo, Patrick só tinha o fantasma dela em sua cabeça, lembranças que ele não conseguia esquecer de uma noite que os separou para sempre. Esse horror nunca o abandonara, e nunca o deixaria.

A lição mais difícil que Patrick já havia aprendido foi o dia em que percebeu que tinha que desistir de Hannah como perdida para sobreviver à ambição cruel do pai.

Patrick sabia agora que não havia como salvar aqueles que não podiam ser salvos.

Ainda doía.

— *Você não pode esperar ficar contra nós* — Hannah disse.

Sua voz lembrou Patrick de Marek quando o patrono do vidente compartilhava seu corpo. Poderoso, desumano, mas com um fio da pessoa cujo corpo estava por baixo. Um eco da humanidade que ainda precisava ser extinto.

Magia vazou de sua aura, contorcendo-se ao redor de seu corpo. A magia de Hannah e a divindade que residia em sua alma há muito tempo se tornaram de Ethan para controlar. Ela viveu apenas para o pai deles, e foram as palavras dele saindo da boca dela, a vontade dele chamando magia através de sua alma.

A irmã gêmea de Patrick era um pesadelo vivo.

Nada mais que uma arma.

— Hannah, por favor, não me faça passar por você —, disse Patrick, incapaz de não implorar. Ele não sabia dizer se a umidade em seus olhos era chuva ou lágrimas.

Eles deveriam ter crescido juntos. Eles deveriam ter sido da família. Em vez disso, eram dois peões em lados opostos de uma guerra impulsionada por crenças que não eram deles.

Três anos atrás, Patrick não havia feito o suficiente no Cairo. Ele ficou muito chocado com a sobrevivência de sua irmã e a tentativa de seu pai de aproveitar uma segunda divindade no meio do inferno na terra para fazer mais do que sobreviver.

Patrick sempre lamentava o que poderia ter acontecido quando se tratava de sua família. Mas foi aí que o luto terminou. Esta noite, ele prestaria seus respeitos aos fantasmas de todas as coisas que o fizeram e *lutaria*.

O ataque mágico que Hannah lançou contra ele explodiu na direção onde ele estava. Mas Patrick já estava se movendo, mergulhando em direção ao próximo círculo concêntrico ativo da magia. Ele caiu de cabeça para baixo, a lama deslizando por baixo de sua jaqueta e apertando sua pele enquanto ele rolava na magia manchada pelo inferno.

Queimou profundamente as partes danificadas de sua alma, ele pensou que vomitaria. Sufocando a bílis, Patrick cortou a adaga através da terra e o círculo de magia ao seu alcance. A reação da perturbação jogou Patrick pelo ar em direção ao centro da magia, em vez de sair dela. O arremesso quase o fez morrer sob o segundo ataque de sua irmã por uma fração de segundo.

Patrick bateu no chão com força, o ar perfurando seus pulmões com uma expiração pesada. A magia de Ethan flutuou ao redor dele quando Patrick se levantou. Hannah torceu o braço em um semicírculo, gritando sem palavras quando a magia guiada por Ethan se lançou sobre Patrick em um raio doentio de poder que fez o ar estalar e queimar.

Patrick girou em pé, o peso da carabina pendurada em seu colete tático quase o deixando desequilibrado. Ele levantou a adaga para combater o ataque, rangendo os dentes contra o calor que queimava entre os dedos.

A ponta da adaga se iluminou como uma estrela, uma teia de aranha de magia queimando ao seu redor. O escudo improvisado conteve o ataque de Hannah, o fogo infernal ondulando contra a defesa criada pelos deuses a um mero braço de distância.

Por um momento, Patrick pensou que ele poderia ter uma chance.

A bala que atingiu sua coxa esquerda o desiludiu com esse pensamento.

A familiar agonia instantânea de carne quente se partindo sob metal rasgou através dele. Patrick gritou de dor quando sua perna esquerda caiu sob ele. Ele caiu duro sobre um joelho, xingando severamente. Soltou a carabina e pressionou a mão contra a ferida

de saída na coxa, sem se importar com a sujeira com a qual provavelmente estava contaminando a ferida. Sangue vermelho brilhante brotou entre seus dedos, o fluxo constante, mas não a rapidez da sentença de morte de uma artéria femoral cortada.

Patrick olhou por cima do ombro e piscou atordoado pela chuva, onde Hades estava entre dois círculos internos concêntricos, uma pistola semiautomática agarrada em uma mão. Enquanto Patrick observava, Hades mudou o ângulo da pistola, apontando para a cabeça de Patrick.

— Você vai morrer aqui hoje à noite como deveria ter sido quando era criança —, prometeu Hades.

Hades apertou o gatilho e Patrick sabia que não havia como escapar daquela bala.

No meio do caminho, a bala se transformou em pétalas de flores, as delicadas plantas destruídas pelo vento. A respiração de Patrick ficou presa na garganta e tudo o que ele sentiu foi a primavera.

— Não —, Perséfone disse enquanto saía do véu para ficar entre Patrick e Hades. — Ele não irá.

Uma mão envolveu seu outro pulso, e a atenção de Patrick se voltou para onde Hermes estava atrás dele, um sorriso sombrio no rosto do imortal. — Esta é certamente uma maneira de parar de fugir, Pattycakes.

Hermes arrancou o escudo de teia de aranha da ponta da adaga, pressionou as mãos nas mechas douradas e derramou sua magia para refletir o ataque de Hannah de volta para ela. Ela foi lançada para trás pela explosão, colidindo do lado de fora do feitiço para pousar perto de um par de caçadores de almas.

— Você não deveria estar aqui —, disse Patrick, cerrando os dentes contra a dor.

Hermes deu de ombros, ajudando Patrick a se levantar. —Aqui ou em outro lugar, o poder de seu pai nos chama.

— Então saia dessa porra de feitiço.

Hermes viu Hannah se levantar do chão lamacento, alimentando um fogo doentio em torno de seu corpo. — Eu vou mantê-la distraída.

— Não se mate.

— Preocupado? — Hermes sorriu, um breve lampejo de alegria no inferno. — Não fique. Hera tem seu clã orando por mim.

A pouca força que suas orações dariam a Hermes provavelmente não seria suficiente para enfrentar Hannah.

— Eu não sou pago o suficiente por isso —, disse Patrick, principalmente para si mesmo.

— Eu não sei. Acho que te compensei muito bem. — Hermes soltou a carabina do colete de Patrick e a ergueu com facilidade em uma mão. — Eu vou pegar isso emprestado.

Hermes correu para lutar, a luz do céu brilhando na outra mão, uma queima mais brilhante e mais limpa do que o que jorrou da alma de Hannah. Patrick se contorceu para encarar o centro do feitiço, sem surpresa ao ver que Hades ainda não havia puxado o gatilho.

— Não fique do lado dele, Perséfone —, implorou Hades.

— O que gostaria que eu fizesse? Ficasse do seu? — ela exigiu.

— Sim, porque é a única maneira de sobrevivermos. A Seita Dominion orará por nós.

— Foi isso que eles prometeram quando roubaram a divindade de Macaria?

A arma que Hades segurou vacilou antes de cair quando ele largou o braço de volta para o lado. A expressão do deus se contorceu. Se ele fosse humano, Patrick pensaria que Hades estava sofrendo.

— Eles queriam *você* — disse Hades, sua voz profunda captando a palavra. — Eu não poderia dar a eles meu coração.

Perséfone cerrou os punhos. — Então, em vez disso, você lhes deu o meu? Macaria pode não ser do meu sangue e essência, mas eu era a mãe dela em todos os aspectos que importavam. Preferia que você tivesse me sacrificado em vez dela.

Ela fez um gesto abrangente com o braço, e a força que soltou derrubou Hades dos pés dele. O deus voou pelo ar e bateu de volta à terra fora do círculo de sacrifício. Perséfone olhou para Patrick, a fúria em seus olhos castanhos dourados temperados pelo arrependimento.

— Pare Ethan antes de perdermos Zeus da mesma maneira que perdemos Macaria —, ela ordenou.

Então Perséfone caminhou em direção ao marido com todo o poder reconfortante da primavera em um punho fechado.

Por conta própria, Patrick cambaleou em direção ao centro do feitiço, deixando os imortais lutarem sozinhos pela primeira vez. Ele tinha outras coisas com que se preocupar, como o fato de Ethan estar quase rasgando o véu, apesar dos danos causados ao feitiço. O inferno na terra seria uma distração mais do que suficiente para Ethan despir Zeus de sua divindade.

Entre os poucos acólitos que restavam no centro, Patrick podia ver o corpo nu e maltratado de Jono, onde ele estava preso à magia.

Um encanto de ligação impedia Jono de escapar enquanto as estacas prateadas atravessadas em cada ombro o impediam de se mover. A pele aberta ao redor dos espigões parecia queimada e infectada. Atrás dele estava um caçador de almas, a feia boca aberta perto de seu crânio, a cena remanescente da visão que Marek tinha visto na semana passada.

— *Filho da puta* — Patrick rosnou.

Aqueles olhos de lobo febril procuraram infalivelmente Patrick. Jono falou, mas Patrick não conseguiu ouvir o que ele disse. A forma que seus lábios formaram poderia ter sido seu nome. Patrick cruzou outro círculo, aproximando-se.

Ele quase conseguiu, mas quase não contava na guerra.

Patrick cruzou o círculo mais interno que ligava os pontos do pentagrama quando a magia o atingiu por trás, derrubando-o para a frente. A única razão pela qual o golpe não o matou foi devido ao encanto de durabilidade colocado em sua jaqueta de couro. O encanto queimou sob o ataque, mas durou o suficiente para salvar a vida de Patrick. Ele bateu o ombro no chão com força, rolando com o movimento para salvar seu pescoço.

Patrick parou, girando a cabeça, ainda segurando firme a adaga. Ele rolou para o lado com um gemido, recebendo um cotovelo embaixo dele enquanto tentava se sentar. Ele não podia ver a bota que batia em seu rosto, mas ele definitivamente podia sentir.

Patrick inclinou-se para o lado, caindo na lama mais uma vez com a chuva caindo em seus olhos. A escuridão corroeu a borda de sua visão, misturando-se com a tempestade. Sua mandíbula latejava com o chute, o sangue enchendo sua boca. Ele virou a cabeça para o lado, observando turvamente o passado voltar para assombrá-lo.

Ethan parecia exatamente como sempre fazia nos pesadelos de Patrick. O brilho doentio de sua magia, reforçado pela divindade de Macaria, pulsava através da aura de seu pai. Patrick tentou se mover, rolar, *afastar-se*, mas seu cérebro não estava funcionando. O medo sufocou os pulmões e a perda de sangue o deixou tonto.

Por trás de tudo isso - a dor, o pânico, o desespero - estava a percepção de que não era assim que ele queria que terminasse. Ele não queria ver outra cidade devastada pelo inferno, ou Jono acabar como Hannah. Patrick não queria perder mais de si mesmo do que já havia dado a esta guerra. Ele ofereceu tudo o que estava disposto desde os oito anos de idade, e isso tinha que parar *agora*.

Um raio brilhou no céu acima, chocando o ar e iluminando a noite. As nuvens pareciam uma coisa viva se contorcendo sobre a cidade de Nova York, começando a girar de uma maneira que Patrick estava familiarizado demais. O véu estava ficando mais fino, e eles estavam ficando sem tempo. O feitiço de sacrifício danificado vibrava com vigor renovado, mas parecia errado, como se a magia contida estivesse girando fora de controle.

Ethan olhou para Patrick com a distância de um homem que nunca se importou com sua família, apenas se importou com o poder que eles poderiam finalmente dar a ele. Uma esposa cuja alma pura foi suficiente para ajudar a prender um imortal esquecido. Uma filha à qual ele se vinculara por toda a vida para promover suas próprias necessidades.

E um filho que não sabia como se deitar e morrer.

— Você não tem utilidade para mim. Nunca teve — Ethan disse a ele. A magia gotejava como fogo de suas mãos quando ele alcançou o coração de Patrick para tentar arrancá-lo novamente.

— Você continua tentando a divindade —, Patrick cuspiu enquanto levantava as duas mãos sobre o peito, a adaga brilhando com orações feitas por magia. — E você continua falhando porque não é *digno*.

Ele cortou a adaga sobre a carne da palma da mão, cortando fundo. O sangue escorria de suas mãos e pulsos, uma cascata vermelha que ele bateu na linha do hexágono que formava o centro do pentagrama. O impacto soou como um sino em sua cabeça, um som ensurdecedor que bloqueou todo o resto.

Sangue pedia sangue, e Patrick tinha apenas um comando.

— *Quebre!* — ele rosnou, derramando toda a sua vontade na palavra.

Ele não tinha mais magia, apenas o poder emprestado que a adaga poderia lhe dar. Foi o suficiente para quebrar o contorno do pentagrama, o centro do feitiço se desfazendo em pedaços.

— Não! — Ethan rugiu, forçado a derramar sua magia no feitiço, em vez do corpo de Patrick, lutando para mantê-la unida.

Patrick rolou para longe, procurando profundamente uma força que o levara através de sua vida. Ele colocou as mãos e um joelho embaixo dele e começou a engatinhar. Pedaços do pentagrama flutuavam no ar, fios de magia lutando para realinhar a forma dele. Mas a magia era muito selvagem, a fundação, muito instável, para ser reunida rapidamente e corretamente.

Os acólitos no centro do feitiço gritaram quando eles morreram, suas magias e almas sugadas pelo feitiço pela necessidade de Ethan. O ar estava pesado ao seu redor, a pressão vindo de cima, de onde o céu se abriu com a folga, o rasgo no véu, um feio buraco entre todos os infernos e o plano mortal.

Os pilares da luz queimavam um por um, exceto onde Zeus estava, ainda amarrado à magia, uma âncora que precisava ser libertada. Patrick mantinha seu foco em Jono, os olhos piscando para o caçador de almas que só podia seguir sua fome.

Aquela boca enorme se abriu, todos os dentes irregulares brilhando no brilho da magia. O desespero deu a Patrick o impulso que ele precisava para Jono e atacar o demônio com a intenção de arrancar a alma do outro homem.

A adaga cortou o crânio do caçador de almas com facilidade, mas não antes que aqueles dentes afiados afundassem no ombro de Jono. Seu grito encheu os ouvidos de Patrick, o sangue escorrendo pelo seu tronco. A lâmina negra da adaga ficou branca, o fogo celestial queimando através do corpo do caçador de almas como um inferno. O demônio se transformou em cinzas que se misturavam com a chuva, gotas sujas de água escorrendo pelo torso de Jono, misturando-se com seu sangue.

O feitiço de ligação se desfez sob o corte da adaga. Patrick ofegou, o estrondo do trovão o fez olhar para cima. Um brilho infernal vermelho se espalhou pelo céu, e tudo o que ele podia sentir em sua alma danificada era o inferno.

— *Você precisa fechá-lo.*

Seus olhos se voltaram para o rosto pálido de Jono, a voz de um deus caindo entre eles. O sotaque de Jono se foi, substituído por um diferente que parecia dentes rasgando ossos.

— Eu não posso —, disse Patrick desesperadamente. —Fechar uma fenda requer um nexo.

Ele não tinha mais esse alcance, não tinha a capacidade de canalizar magia externa. Três anos desde aquela perda e sua ferida na alma nunca pareciam tão incapacitantes.

— *Você precisa.*

Patrick balançou freneticamente a cabeça enquanto puxava as estacas de prata dos ombros de Jono, uma de cada vez. As feridas não fecharam imediatamente, as queimaduras químicas enegrecidas nas bordas dizendo a Patrick que acônito provavelmente estava envolvido. Jono ainda estava ligado ao feitiço que Ethan estava segurando, a divindade de Zeus, um prêmio que seu pai faria qualquer coisa para ganhar - mesmo que isso significasse deixar o inferno reinar na terra mais uma vez.

— Patrick. — A voz de Jono desta vez, sem o toque de outro mundo de um deus em seu tom. — Aqui é onde eu devo estar.

Aqui, no meio de um turbilhão, um werewolf alfa com linhagem divina e laços com um imortal. Alguém que o Destino havia jogado no caminho de Patrick sem dar a nenhum deles uma escolha no assunto.

— Jono —, disse Patrick, sua voz falhando no nome do outro homem.

A magia ao redor deles começou a se reformar, o feitiço se juntando sob a vontade concentrada de Ethan, apoiado pela Seita Dominion que o servia.

Estavam ficando sem tempo.

— *Nos salve.*

Patrick tocou a mão ensanguentada no rosto de Jono, manchando de vermelho a pele muito fria e deu um beijo duro nos lábios gelados. — Diga ao seu deus que ele é péssimo em guiar você.

Então ele pegou a mão direita de Jono a sua esquerda, pressionou-a no chão lamacento e passou a adaga pelas duas mãos.

A dor rasgou o braço de Patrick, as pontas dos dedos ficando dormentes. A magia explodiu para longe de suas mãos unidas, a adaga impossível de ver dentro do brilho estrelado. Patrick sabia que ele gritava, mas ele não conseguia ouvir sua própria voz sobre a escaldante onda de força brotando em sua alma. Cortou profundamente, rasgando cicatrizes metafísicas, e Patrick tinha certeza de que a única razão pela qual sua alma não foi arrancada de seu corpo foi devido às proteções de Perséfone em seus ossos.

Os canais marcados de sua alma se abriram quando algo mais - *alguém* mais - preencheu o espaço. Patrick olhou nos olhos estranhamente calmos de Jono enquanto a magia colocada na adaga amarrava suas almas através do sangue.

Exatamente como Ethan tinha ligado Hannah a ele.

Tal pai tal filho.

Essa percepção doentia fez Patrick cambalear para trás, mas não conseguiu escapar do que estava acontecendo. Tudo o que ele podia fazer era viver com isso, a lavagem brilhante da consciência que ele não sentia há anos derramando através de Jono. Através da alma de Jono, Patrick podia sentir o nexo - cheio de magia selvagem - bem abaixo da terra.

Ele poderia *alcançá-lo*

A alma de Jono, atada à dele, agia como uma quebra de segurança para sua magia. Patrick podia sentir como a conexão entre eles poderia ajudá-lo a canalizar o poder sem que nenhum deles se esgotasse - Patrick porque ele era um mago com magia aleijada e Jono por causa da benção de um deus.

Patrick procurou a adaga, dedos fracos a puxando livre. Sua boca se abriu em um grito silencioso, a dor subindo pelo braço da facada auto infligida. Sangue acumulou na ferida que deixou para trás antes de derramar entre os dedos. Tudo ao seu redor tinha adquirido um novo tom, e as cores giravam doentiamente quando Jono o jogou no chão.

O feitiço de onda de choque rolou sobre eles, mas a ponta do ataque quebrou contra a forma instável de Jono, a magia entre eles a dissipando. Ele não deveria ter sido capaz de mudar, não com envenenamento por acônito correndo em suas veias, mas Jono era um werewolf alfa com linhagem divina e laços com um deus. Ele tinha reservatórios de força que poucas outras werecreatures possuíam.

O homem mudou para fera com um esmagamento doentio de ossos e rachaduras na pele acima do corpo de Patrick. Uma pata grande do tamanho de sua cabeça afundou no chão lamacento perto de suas costelas. Jono era tão grande em sua forma de lobo que quase impediu a chuva de molhar o corpo de Patrick. Aquela monstruosa cabeça de lobo se inclinou para ele depois da mudança, brilhantes olhos azuis encontrando os dele.

Patrick levantou a mão sangrando e gentilmente tocou o focinho frio de Jono. Seus dedos trêmulos deslizaram entre dentes afiados. Magia estalou entre eles, a atração do nexo impossível de resistir através de suas almas.

Então Patrick não o fez.

Ele fechou os olhos, alcançando através da alma de Jono algo que ele nunca tinha pensado em tocar novamente. A alma de Patrick se esticou, mas a de Jono o manteve ancorado enquanto ele

procurava repor sua magia drenada com o reservatório de poder que vivia sob a cidade de Nova York.

Ele agitou muito abaixo da superfície, desestabilizado pela interferência de Ethan. Patrick podia sentir como as linhas ley haviam sido sufocadas, quebra-mares iniciados nesses rios de magia por magos da SOA. O nexo em si ainda era viável, apesar de tudo acontecendo ao seu redor.

Patrick respirou fundo e quando expirou, foi como ser atingido por um raio.

A magia derramou através dele - magia profunda e selvagem que ele inclinou à sua vontade. Com base nas habilidades que ele deixara de lado quando nunca mais pensou que teria isso, Patrick manipulou a magia crua em algo semelhante a um raio reverso. Ele abriu os olhos e levantou o outro braço em direção ao céu, olhando além da adaga ardente em sua mão a fúria do inferno girando através da tempestade.

Patrick enquadrou o feitiço em sua mente, o mesmo que ele usara no Cairo. Ele podia ver isso se formando no mundo ao seu redor, o padrão cristalino e nítido.

— *Fechar*.

Magia explodiu através deles, guiada pela vontade focada de Patrick. Sua coluna arqueada, ombros e calcanhares pressionando a lama enquanto o poder colidia com o feitiço com resultados devastadores. Ele correu através de suas almas e encontrou liberação através da adaga, o fogo divino guiando a magia para o céu.

Ele atingiu as nuvens, afundando em suas profundezas negras. A chuva pareceu fluir para cima, para o céu, antes de cair novamente na terra. O boom sônico da magia explodindo no céu,

brilhando como o sol de meio-dia por um instante abrasador que momentaneamente cegou Patrick.

Ele piscou, manchas coloridas dançando em seus olhos antes de se fundirem em estrelas no céu noturno. Um círculo perfeito se formou dentro das nuvens de tempestade acima do Central Park, a chuva caindo ao redor deles nas bordas como uma cachoeira.

O véu havia se fechado, mas o que acontecera enquanto estava aberto precisaria ser tratado no futuro.

O braço de Patrick caiu no chão, soltando a adaga, agora quieta. Seus dedos deslizaram livres dos dentes de Jono quando o werewolf caiu no chão ao lado dele. As linhas radiais e os círculos do feitiço de sacrifício haviam se quebrado em um milhão de pedaços brilhantes que estavam desaparecendo ao redor deles.

No topo da linha radial, uma vez apontada para o norte, Zeus se livrou da magia que o amarrava. Seu terno feito sob medida foi arruinado pela tempestade, cabelos grisalhos molhados e enrolados em um rosto severo. O rei dos deuses gregos parecia perturbadoramente humano naquele momento, o que provou o quão perto Ethan havia chegado do sucesso dessa vez.

O deus se aproximou de onde Patrick e Jono estavam com passos medidos. Patrick o assistiu vir - entorpecido demais, frio demais, embriagado demais para se importar com imortais e seus jogos.

Zeus se ajoelhou na lama do campo de batalha urbano e tocou um dedo na testa de Patrick.

— Durma —, Zeus disse, sua voz como o trovão da tempestade no alto.

Patrick fechou os olhos e dormiu, mas não conseguiu escapar de seus pesadelos. Eles o seguiam incansavelmente em seus sonhos.





PERDER a noção do tempo sempre era desorientador.

Patrick abriu os olhos para as paredes brancas e o teto de um quarto de hospital privado, o som constante de máquinas monitorando seus sinais vitais enchendo seus ouvidos. O aperto de uma agulha picou as costas da mão, e ele olhou para onde duas linhas intravenosas estavam conectadas a uma veia. A bata do hospital estava coçando e áspera. O monitor de batimentos cardíacos preso no final do dedo indicador direito era irritante.

A cama estava posicionada e ele estava meio sentado. Patrick olhou ao redor do quarto vazio do hospital, notando a grande janela à direita que dava para a mesa de uma enfermeira. Ele viu dois agentes da SOA armados de guarda do lado de fora de seu quarto.

A coxa esquerda doía, mas não tanto quanto ele pensava que deveria. Ele arrastou o cobertor fino para o lado e cutucou o curativo enrolado na perna. Ou ele esteve inconsciente por mais tempo do que pensava, ou alguém havia acrescentado um curandeiro à mistura de médicos que supervisionavam seus cuidados. Patrick assumiu que era o último. Um curandeiro poderia cuidar do corpo, mas eles não podiam fazer nada sobre o estado de sua alma.

Sua mão esquerda estava levemente enfaixada e doía, mas não parecia mais estar em chamas. Quando Patrick flexionou os dedos, todos responderam, um sinal claro de que ele escapara dos danos nos nervos. Patrick pressionou a outra mão sobre as cicatrizes no peito, tentando acalmar a respiração. Ele podia sentir sua magia novamente, um lampejo silencioso no fundo de sua alma quando lentamente retornou, mas isso não era tudo que ele podia sentir.

Jono, ele pensou sombriamente.

Patrick se esquivou dos laços que ligavam sua alma a outra pessoa, a ilegalidade do ato ameaçando deixá-lo doente. Ele usou seu fio de magia para redefinir seus escudos pessoais usando as âncoras esculpidas em seus ossos. Eles não fizeram nada para bloquear a consciência de Patrick sobre Jono.

— Merda —, disse ele, passando a mão pelos cabelos.

— Você está acordado.

A cabeça de Patrick levantou, observando Nadine entrar no quarto do hospital. Ela parecia cansada, uma mão segurando um pequeno copo do café horrível de hospital. Ela se aproximou da cabeceira da cama com passos silenciosos, olhando-o criticamente. Círculos escuros apareciam sob seus olhos, mesmo através da maquiagem. Seus ombros estavam caídos de exaustão, mas ela ainda conseguiu dar um sorriso cansado para ele.

— Onde eu estou? — Patrick perguntou com uma voz áspera. Sua boca estava seca e com um gosto repugnante. Ele precisava de um galão de Listerine para consertar isso, ou uma dose de uísque. Ele aceitaria qualquer um agora. — Que dia é hoje?

Nadine pegou a jarra de água da mesa de cabeceira e serviu-lhe um copo. Patrick aceitou com gratidão.

— Bellevue. É quinta-feira à tarde. Você está fora há um bom tempo — ela disse.

Patrick olhou o quadro branco preso na parede oposta ao pé da cama. O nome de sua enfermeira atual estava escrito em tinta lavável, bem como uma lista codificada de seu tratamento atual que poderia muito bem estar escrito em uma língua estrangeira por tudo que ele entendia.

Ele engoliu lentamente, tremendo com a lembrança da briga no Central Park. — Conte-me o que aconteceu.

Nadine arrastou a cadeira do hospital de aparência desconfortável para perto de sua cama. Ela se sentou, nunca largando o café. — Tenho certeza que você notou os guardas.

— Eu não estou algemado.

— Você não está preso. Eles são para sua proteção. Nem todos os usuários de magia da Seita Dominion foram pegos.

Ele podia adivinhar quem estava desaparecido. — Ethan e Hannah escaparam.

— Sim. Hades os levou através do véu.

Patrick deixou a cabeça cair contra o travesseiro. — Você sabe que nenhum segurança no mundo seria capaz de detê-los se eles realmente quisessem entrar aqui?

Nadine sorriu sombriamente. — Eu protegi a sala. Além disso, Ethan provavelmente ficará quieto por um tempo agora que o público sabe que ele está vivo.

— Alguém dos seus seguidores sobreviveu a luta?

— Rachel. Fora a fuga de Ethan, sua prisão é tudo o que se fala no noticiário.

— Você não a matou?

Nadine arqueou uma sobrancelha. — Você me pediu para não fazer.

Patrick deu de ombros, cansado. — Se seu dedo acidentalmente escorregasse no gatilho, eu não teria culpado você.

— Acredite, pensei nisso, mas sua diretora vai precisar de um bode expiatório quando a poeira finalmente baixar

— O que quer dizer?

— Esse congresso não aprecia a minha decisão de manter Rachel em sua posição quando tive minhas suspeitas sobre sua lealdade. Eles não conseguem entender que uma crença não é causa provável, muito menos evidência sólida —, respondeu uma voz familiar.

Patrick olhou para onde a diretora da SOA, Setsuna Abuku, estava na porta do quarto do hospital. A mulher de 51 anos de idade possuía riqueza de poder em sua aura, apesar de ser apenas uma bruxa. Sua presença absoluta era suficiente para chamar a atenção quando ela entrava em uma sala.

No lado delicado, com cabelos negros em volta de um rosto magro e pouco enrugado, a diretora da SOA usava um terno de negócio precisamente adaptado. Ela segurava uma bolsa em uma mão e uma bengala de jacarandá na outra. A bengala tinha desenhos intricadamente esculpidos, girando para cima à imagem de um santuário xintoísta no topo. Kanji delicados foram escritos, as orações um zumbido silencioso para os sentidos de Patrick.

Setsuna deixou a porta se fechar atrás dela e bateu com a bengala, protegendo a sala em silêncio. A estática fluiu pelas paredes, teto e chão, envolvendo-os em uma bolha de privacidade.

— Já existem rumores sobre uma audiência no congresso —, acrescentou Nadine.

Patrick fez uma careta. — Ótimo. O que eu não daria para voltar às forças armadas, para que o alto escalão pudesse lidar com a bagunça e me deixar de fora.

Seus relatórios pós-ação sobre a Guerra dos Trinta Dias eram altamente confidenciais e ele alegremente deixou a cadeia de comando lidar com o escrutínio do público quando a luta terminou. Infelizmente, Patrick não achou que seria capaz de deixar de testemunhar perante o Congresso o que aconteceu esta semana se o intimassem.

— Talvez eu tenha que entrar em contato com os Chefes de estado sobre esse assunto. Veremos — disse Setsuna.

Nadine tomou um gole de café e fez uma careta para sabe-se lá que sabor ela sentiu. — Temos Rachel para enfrentar a derrocada. Isso deve ser útil até certo ponto.

Patrick bufou. — Até que a Seita Dominion decida que ela está melhor morta para manter seus segredos.

— Ela está sendo vigiada 24 horas em um local secreto —, disse Setsuna.

— Usando prisões secretas em solo doméstico novamente, não é? — Patrick perguntou causticamente.

Setsuna apontou um olhar plano para ele. — A SOA não tem isso.

Patrick revirou os olhos, deixando-a aderir à história que ela queria contar. Ele alegaria negação por inconsciência até os tribunais daquela área. — Quando posso sair?

— Você ainda precisa ser interrogado.

— Isso não é uma resposta.

— Você está se recuperando de um ferimento de bala na coxa, uma facada na mão, hematomas graves e reações adversas em cima de um desgaste mágico —, apontou Nadine.

— Eu posso negociar minha saída com os médicos ou apenas sair contra as recomendações.

— Eles são médicos. Nós não negociamos com pessoal médico assim.

— Vou sair contra as recomendações médicas então.

Nadine pegou o celular da mesa e acenou para ele. — Sobreviveu à luta no Central Park com apenas uma tela ligeiramente rachada, o que foi impressionante. Eu tenho um texto do Smooth Dog que insiste em que você vai tentar fazer isso e que eu devo algemar você na cama como medida preventiva.

— Kinky[40], mas ele sabe que esse não é o meu tipo de torção. Devolva meu telefone.

Nadine entregou. Ela sabia a senha dele pela mesma razão que ele sabia a dela. Patrick não estava surpreso que ela estivesse monitorando seu telefone enquanto ele estava inconsciente. Patrick desbloqueou o telefone e olhou para as mensagens de texto de seu antigo capitão de equipe. Smooth Dog era um apelido que o capitão Gerard Breckenridge nunca se livraria enquanto Patrick estivesse vivo para provocá-lo sem piedade.

[40] Kinky, traduzido literalmente seria algo como perversão, está relacionado ao uso de práticas, conceitos ou fantasias sexuais não convencionais. O termo "torção" foi reivindicado por alguns que praticam o fetichismo sexual como um termo ou sinônimo de suas práticas, indicando uma variedade de práticas sexuais, desde brincalhão até objetivação sexual e certas parafilias.

A conversa de texto entre Gerard e Nadine foi de dez horas atrás, o excesso de mensagens se estendendo por aproximadamente trinta minutos.

— Huh —, ele murmurou. — Acho que eles não estão mais sombrios.

Isso não significava necessariamente que seu antigo time estava acessível, ou que eles poderiam ligar. Muito provavelmente, Gerard havia subornado alguém para lhe dar permissão para usar seu telefone celular pessoal e obter um impulso de sinal.

Patrick voltou à fila geral de conversas de texto e bateu na próxima de Marek. Ele não conseguiu ir além da última.

TODO MUNDO SEGURO. JONO ESTÁ CONOSCO.

Ver o nome de Jono lembrou Patrick de todos os problemas que esse caso gerou para ele pessoalmente e de como ele não estava remotamente pronto para processar nada. Seu terapeuta da VA provavelmente teria algo a dizer sobre isso, mas Patrick era a favor de manter a cabeça na areia por mais algum tempo.

Ele largou o telefone na cama, suspirando profundamente. — Perdemos alguém?

— Nós sofremos mais ferimentos graves do que mortos, mas sim. Perdemos alguns agentes. Eles morreram para garantir que caçadores de almas não escapassem do Central Park. Quando o feitiço explodiu, a sobrecarga separou os demônios desde que estavam ligados a ele —, disse Setsuna.

— Alguém que eu conheço?

Porque quase todos os agentes SOA em campo na noite de terça-feira eram da Divisão de Resposta Rápida. Patrick não teve um parceiro permanente, mas ele havia trabalhado com alguns deles ao

longo dos anos, quando seus casos se cruzaram e ele era trazido como apoio a outros.

— Talvez. Vou pegar uma lista para você.

Como se ela já não soubesse os nomes dos mortos, o que significava que ele provavelmente conhecia um ou mais dos agentes que morreram. — Ok.

— Todos eles receberão elogios póstumos por bravura no cumprimento do dever.

E funerais com toda a pompa e circunstância que a agência poderia reunir sob o brilho das câmeras da mídia. Patrick sabia que Setsuna não estaria acima de usar suas mortes para gerar simpatia pela SOA e pelo perigo sob o qual seus agentes operavam. Patrick odiava a muito as políticas, mas sabia como o jogo era jogado.

— E Lucien?

— Está por perto —, disse Nadine. — Por alguns dias ou algumas semanas, ele não dirá.

— E você?

A boca de Nadine se curvou em um leve sorriso torto. — Estou sendo formalmente repreendida por concordar em entrar em contato sem permissão durante as férias, sem a documentação adequada e por não informar meus superiores sobre minhas intenções ou a ameaça em questão. A PIA também estará me elogiando por bravura em campo.

Patrick riu um pouco. — Claro que eles vão.

Setsuna pigarreou. — Agente Especial Mulroney, eu gostaria de falar com Patrick a sós.

Nadine se levantou sem discutir. — Vou procurar a médica e deixá-la saber que você está acordado, Patrick.

Ela saiu da sala, a ala do silêncio se reformando depois que ela se foi. Setsuna se aproximou da cama e colocou sua bolsa na cadeira que Nadine havia desocupado. Ela retirou a adaga dela, e Patrick não percebeu o quão tenso ele estava até que voltou a vê-la. Setsuna passou a adaga e ele praticamente a tomou da mão dela.

— Obrigado —, ele disse.

Setsuna cruzou as duas mãos por cima da bengala, os dedos curvando-se sobre os portões do santuário xintoísta. — O que você fez naquele círculo?

— Eu não estou falando sobre isso com você.

— Então devo dar um palpite? Porque sua alma alcança outra quando nunca o fez antes.

— *Eu sei*.

O som do monitor de batimentos cardíacos emitindo um bipe mais alto fez Patrick arrancar os eletrodos do peito para silenciar a maldita coisa. Ele olhou para Setsuna, apertando sua mandíbula com tanta força que seus dentes doíam. Ele sabia *exatamente* o que ele tinha feito com Jono e quão ilegal foi essa ação.

As almas deveriam estar fora dos limites.

Patrick esforçou-se por toda a sua vida para nunca se tornar como seu pai, e tudo isso mudou no solstício de verão. Ele fez o impensável e não sabia como *consertar* porque a ligação que vinculava sua alma à de Jono parecia permanente.

Setsuna olhou para ele com um olhar ilegível nos olhos castanhos antes de assentir, mais para si mesma do que para ele. — Estabeleci um feitiço de esquecimento nos curandeiros e bruxas que são responsáveis por seus cuidados. Suas ações em relação a esse

problema específico serão mantidas fora de todos os relatórios oficiais. Isso não impedirá que o Sr. De Vere precise ser entrevistado.

Patrick mordeu a língua com essa admissão. Suas ações dela, por mais ilegais que fossem, não o fizeram se sentir melhor. Mas o manteriam seguro, gostando ou não. Quanto a Jono... bem, Patrick duvidava que ele tivesse que lembrá-lo de guardar seus segredos.

— A posição de SAIC aqui na cidade de Nova York será preenchida provisoriamente para eventual colocação permanente pela SAIC Assistente fora da Califórnia —, continuou Setsuna.

— Presumo que você não pode confiar naqueles aqui?

— Toda a alta gerência no escritório da cidade de Nova York está sob investigação. O escritório na Califórnia está livre de ameaças ocultas.

Patrick teve que pensar muito por alguns segundos sobre o motivo disso antes de se lembrar de quem chefiava o posto de SAIC em São Francisco. — Talvez você deva colocar uma bruxa com uma afinidade pela magia mental em todos os escritórios.

A ex major Veronika Federova ficou anos fora de serviço com o Caster Corps no Departamento de Preternatural dos EUA. Sua propensão a fazer tudo pelo livro e *sabendo* quando as pessoas estavam mentindo, mesmo através de escudos, significava que as fileiras abaixo dela operando no oeste estavam limpas. Patrick sabia que ela não gostaria de renunciar ao seu SAIC Assistente, mas quem fosse transferido para Nova York daquele escritório seria confiável.

— Será uma venda difícil fazer o público em geral confiar em nosso escritório aqui novamente. Uma investigação transparente ajudará muito nisso.

Patrick olhou para ela duvidosamente. — Você odeia transparência.

— Às vezes é necessário —, disse Setsuna com todo o desgosto de uma pessoa pisando em merda de cachorro.

— Boa sorte com isso.

— Você vai querer guardar um pouco dessa sorte para si mesmo. Estou transferindo você aqui para a cidade de Nova York.

— *O que*?

Setsuna não parecia incomodada por sua raiva. — Você ajudou a salvar esta cidade, e isso traz boa vontade que eu me recuso a desistir. A Divisão de Resposta Rápida daqui perdeu alguns agentes na luta. Você é mais do que capaz de assumir um dos lugares deles.

— Não.

— Isso não é negociável, Patrick. A papelada de transferência já foi elaborada.

Patrick sabia que era uma ordem que ele não podia argumentar. Seu contrato de trabalho com o governo foi uma das poucas barreiras entre si e as demandas impostas pelos imortais. Ele não estava disposto a desistir dessa defesa, mesmo que isso significasse que ele teria que se curvar às demandas do que a SOA precisava dele.

Uma pequena voz no fundo de sua mente apontou que ficar na cidade de Nova York significava ficar com Jono.

Patrick ignorou essa voz.

— Você poderia pelo menos ter perguntado —, disse Patrick com raiva.

— Você terá um mês para colocar todos os seus assuntos em ordem em Washington e se mudar para aqui. Até te darei tempo para tirar suas férias.

— É um pouco tarde para subornos, e é melhor a agência me reembolsar pelas férias que tive que cancelar.

Setsuna bateu a ponta da bengala no chão, seu olhar nunca deixando o dele. Patrick pensou que ela poderia tentar confortá-lo, exceto que não. Ele não sabia por que, naquele momento, ele queria que ela fizesse. Setsuna assumiu a tutela dele quando criança e o abandonou aos dezessete anos quando ele ingressou no Mage Corps. Ela havia fornecido quase uma década de internatos em uma academia e um apartamento compartilhado com ela em Washington, DC, durante os intervalos de férias que nunca se pareceu com um lar.

Ela gostava dele, mas nunca parecia se *importar* com ele.

Pela primeira vez, Patrick desejou que ela fizesse.

— Espero seu relatório até o final do fim de semana. Acredito que o chefe Casale preferiria mais cedo, mas não se apresse. Eu cuidarei de todo o resto — Setsuna disse calmamente. — Até mais, Patrick.

Ele não a olhou sair. Nadine entrou na sala com a médica um minuto depois. — Estou indo embora — disse ele.

— Eu não aconselharia isso —, respondeu a médica.

— Aconselhamento ignorado. Não vai me impedir de sair por aquela porta hoje.

— Você pode nos dar um minuto? — Nadine perguntou a médica, dando-lhe um sorriso educado.

Ela saiu, mas não antes de lançar a Patrick um olhar severo, que ele ignorou. Nadine foi para o lado da cama novamente e estendeu a mão para passar os dedos pelos cabelos sujos e ruivos. — Você ainda tem lama no cabelo. Acho que o banho de esponja não se livrou de tudo.

— Eu posso tomar um banho de volta no apartamento.

— Fique mais um dia, Patrick. Você precisa descansar.

— Nadine-...

— Mais um dia. Então eu vou escoltá-lo para fora daqui, não importa o que a médica diga. Tudo o que você pensa que precisa fazer, pode esperar. — Ela fez uma pausa, pousando a mão no ombro dele e olhando em seus olhos. — Jono pode esperar.

Patrick fechou os olhos e soltou um suspiro frustrado. — Eu odeio hospitais.

— Todos nós odiamos hospitais. Agora não morda a cabeça da pobre médica quando ela voltar.

Nadine foi buscar sua médica mais uma vez. Acabou que a medicina moderna e a fermentação de uma bruxa poderiam reduzir o tempo de cicatrização pela metade, mas não era uma cura completa. Os danos nos tecidos moles da coxa esquerda estavam semanas à frente no processo de cicatrização, mas os músculos ainda eram delicados. Ele cicatrizava e precisava de algumas semanas de fisioterapia, mas os médicos acreditavam que ele recuperaria toda a amplitude de movimento da perna.

A facada na mão esquerda também curou, mas a pele ainda era delicada. O curativo era para manter o último tratamento com pomada no local, e a bruxa enfermeira prometeu que as marcas em sua pele desapareceriam em alguns meses.

Ninguém mencionou a bagunça em sua alma, o feitiço de esquecimento de Setsuna mantendo seu segredo.

Nadine saiu pouco depois da médica, para lidar com o que precisava ser tratado agora. Patrick pegou o controle remoto da mesa lateral, ligou a televisão e o mudou para um canal de notícias. Ele precisava se atualizar.

Acontece que quando você rompia com um feitiço de sacrifício de alto nível por meio de sobrecarga mágica, ele realmente fazia um número na grama.

O North Meadow no Central Park não passava de lama em torno de crateras feitas por granadas e feitiços ofensivos. Os campos de beisebol ficariam em ruínas durante o resto do verão, e o próprio parque havia sido fechado ao público pela semana seguinte, no mínimo. Uma dúzia de pessoas falando em metade dos canais estava ocupada discutindo o que havia acontecido e entendendo muitos fatos errados ao fazê-lo.

A rotação vai ser feia, Patrick pensou consigo mesmo algumas horas depois.

— Você não deveria estar assistindo isso. Só vai te irritar.

Patrick virou a cabeça quando Casale entrou no quarto do hospital. Ele limpou a garganta, silenciando a televisão. — Precisava obter informações de alguma forma. O que você está fazendo aqui?

Casale olhou-o criticamente quando ele se aproximou. — Eu queria ver como você estava indo.

— Você já veio antes?

— Eu vim, mas você ainda estava inconsciente. Recebi uma ligação da sua diretora de que você estava acordado.

— Eu não tenho meu relatório pronto.

— Enquanto eu ficaria feliz se você o fizesse, eu não estou aqui por isso. — Casale puxou um envelope branco liso do bolso interno do terno e entregou a Patrick. — Isto é para você.

Patrick pegou e deslizou o polegar sob a aba para abri-lo. Ele olhou confuso para a pequena pilha de dinheiro dentro. — Isso é suborno? Você está me subornando? Espere um minuto. Não deveria ser eu quem subornava você para manter a imprensa afastada?

Casale soltou uma risada seca. — Não é suborno. Ramirez e Guthrie queriam que eu desse isso a você. Aparentemente, você ganhou o prêmio sobre o qual não sei nada. Achei que você mereceu.

Demorou um momento até Patrick se lembrar do que Casale estava falando. Ele não se incomodou em esconder o sorriso. — Eu ganhei o prêmio.

— Sobre o qual eu não sei nada —, enfatizou Casale.

Patrick colocou o envelope debaixo do cobertor e acenou para a única cadeira na sala. — Sente-se. Não posso prometer que serei uma ótima companhia agora, mas não é como se eu fosse a algum lugar hoje.

— E amanhã?

— Oh, você é bom. Mas não, ainda é hoje, então estou preso comendo comida de hospital por mais uma noite.

Talvez ele pudesse subornar as enfermeiras para pedir uma pizza para ele. Com dinheiro disponível, isso era uma possibilidade agora.

— Você tem certeza que deixar um atendimento médico tão cedo é uma boa ideia?

— Eu vou ficar bem, Casale. Já tive pior e continuei trabalhando.

— Isso não é exatamente um endosso das suas habilidades de tomada de decisão quando se trata de sua saúde.

Casale recostou-se um pouco na cadeira. Seu terno estava levemente enrugado em alguns lugares e úmido nos ombros. Patrick olhou pela janela que dava para a rua, vendo a chuva ainda cair, mas nem de longe tão violenta quanto no solstício de verão. No momento, era mais um banho preguiçoso.

— Nossas bruxas do tempo dizem que a tempestade reacionária desaparecerá amanhã à noite —, disse Casale.

— Isso é bom. — Patrick era absolutamente terrível com a magia do tempo. Ele não tinha nenhuma afinidade por isso. Ele descobria como seria o tempo no dia-a-dia, verificando um aplicativo em seu telefone, em vez de conversar com a natureza. —Significa que posso fazer uma pausa para fumar lá fora quando finalmente parar.

A boca de Casale se contraiu um pouco. — Devo avisar que a mídia acampou do lado de fora do hospital. Pode querer esperar essa pausa para fumar.

Patrick fez uma careta. — Porra de mídia. A imprensa é como baratas.

— Pior, de vez em quando.

— Sim, bem, vou pedir a Nadine para lançar um feitiço de disfarce quando fizermos nossa grande fuga. — Ele arranhou onde a fita médica havia sido colada em seu braço. Independentemente de qual marca fosse usada, sempre fazia sua pele coçar. — Todo o seu pessoal sobreviveu?

— Sim. Não perdemos ninguém, apesar de ter ouvido que sua agência perdeu.

— Ossos do ofício.

— Pelo que entendi, esse trabalho em particular quase te custou a vida.

— Bem, não foi dessa vez.

Casale levantou-se e estendeu a mão. — Descanse um pouco. Vou manter contato com você e sua diretora quando encerrarmos os casos do nosso lado.

Patrick apertou a mão de Casale com firmeza. — Vou terminar meu relatório até domingo à noite, o mais tardar. A diretora Abuku terá que assinar o antes que você solicite seus registros.

— Vou ficar de olho nisso.

Casale saiu com um último adeus. Patrick pegou o controle remoto e tirou a televisão do modo mudo. Ele se mexeu na cama, tentando se sentir confortável. A dor em sua perna era uma espécie de dor nebulosa, entorpecida por drogas, apesar dos profissionais médicos de cura forçada o terem feito passar. Ele puxou o cobertor para o lado e subiu um pouco a bata do hospital, cutucando o curativo novamente.

— Você provavelmente não deveria tocar nisso.

Patrick pegou sua adaga e apontou para Hermes antes mesmo de se registrar. O deus mensageiro revirou os olhos por trás do gigantesco vaso de flores brancas que ele carregava. Ele estava vestido com shorts jeans pretos e justos que iam até os joelhos, uma jaqueta de ciclismo impermeável e sapatos de ciclismo. Uma bolsa impermeável estava pendurada em um ombro e seu capacete preto de bicicleta tinha asas de prata pintadas nas laterais.

— Mesmo? — Patrick perguntou. — Você é um mensageiro de bicicleta quando não está me incomodando?

Hermes sorriu para ele e depositou o vaso na mesa lateral, tirando um momento para ajustar os cachos de pequenas flores brancas. — Hoje eu sou.

— O que você quer?

Hermes apoiou o quadril no parapeito da cama, observando o estado não muito brilhante de Patrick. — O que você acha? Eu vim para lhe dar uma mensagem.

Patrick olhou para as flores, sem humor para aceitar mais presentes dos deuses. — Alguma chance de eu rejeitar isso?

— É habitual trazer as flores aos feridos. Hera pensou que você gostaria delas. São rosas do penhasco. Nativas da Grécia. — Hermes inclinou a cabeça para o lado, a água da chuva pingando do capacete sobre a cama. — Manhattan agora ostenta quatro arbustos de flores em terra nos pontos cardeais.

— Um simples agradecimento seria suficiente, mas seu tipo não sabe o significado dessa frase.

Hermes riu. Ele estalou os dedos e uma única moeda de ouro surgiu no ar. Ele caiu na cama entre os joelhos de Patrick.

— A luta não acabou. Essa é a sua mensagem.

Patrick piscou. Quando ele abriu os olhos novamente, Hermes tinha sumido.

— Foda-se a minha vida —, ele murmurou.

Patrick apertou o botão de chamado da enfermeira, imaginando que elas gostariam mais das flores do que ele.

Ele guardou a moeda.



A CHUVA ERA nada mais do que um leve chuvisco na manhã de sexta-feira, quando Patrick finalmente escapou dos limites de Bellevue.

Vestido com roupas de verdade, em vez de um vestido de hospital, Patrick ignorou a carranca desaprovadora de sua médica e se retirou contra aconselhamento médico. Nadine o tirou de Bellevue sob uma ala de desvio e um feitiço furtivo, mantendo-os escondidos de qualquer olhar curioso.

— Para onde estamos indo? — Patrick perguntou, fechando a jaqueta de couro, apesar do clima abafado. Nadine havia redefinido o encanto de durabilidade em sua jaqueta e ele gostava do conforto que fornecia naquele momento.

— Seu apartamento —, disse Nadine.

Seus dedos roçaram o punho da adaga enquanto caminhavam, e tudo o que Patrick conseguia pensar era Jono. Parte dele queria pedir a Nadine que dirigisse para a casa de Marek no Upper East Side, para que ele pudesse ficar cara a cara com seu pior erro. O resto dele queria fugir, mas isso não era mais uma opção.

Nunca foi realmente.

Nadine havia trocado seu utilitário esportivo alugado por um carro comum retirado da frota de veículos da PIA. Patrick se sentou no banco do passageiro da frente e apertou o cinto, olhando cansado pelo para-brisa.

— Aqui —, disse Nadine, entregando-lhe a garrafa térmica de café sentada no porta-copos entre seus assentos. — Não diga que nunca fiz nada por você.

— Você fez mais do que o suficiente e sabe disso. — Patrick pegou a garrafa térmica e a abriu. O cheiro de café tingido de uísque atingiu seu nariz, e ele suspirou feliz. — Obrigado.

— Achei que você poderia usar um pouco de coragem líquida —, disse Nadine enquanto entrava na rua.

Patrick congelou com a garrafa térmica contra a boca. — O que isso deveria significar?

— Adivinhe.

De repente, o café fez seu estômago revirar.

O fato de ter amigos era que às vezes eles não o deixavam afundar em sua culpa. Ele deveria saber que Nadine não se entregaria a seus vícios sem um motivo oculto.

A viagem para o apartamento dele não demorou tanto tempo. Patrick desejou que isso tivesse durado para sempre.

— Posso pedir uma carona para o aeroporto? — Patrick perguntou quando ela finalmente parou em frente ao prédio.

— Não. — Quando Nadine olhou para ele, tudo o que viu foi encorajamento nos olhos dela. — Ele não culpa você.

Patrick balançou a cabeça. — Ele deveria.

Patrick saiu e deixou a porta se fechar atrás dele. Nadine partiu sem olhar para trás. Ele abaixou a cabeça contra a garoa ainda

caindo e tirou as chaves do bolso da jaqueta. Ele havia perdido o molho de chaves original durante a luta e esse era uma cópia. Ele teria que devolvê-las em breve, porque de jeito nenhum ele ficaria neste lugar permanentemente.

Patrick chegou ao apartamento e não ficou surpreso quando a porta se abriu antes que ele pudesse enfiar a chave na fechadura. Ele segurou a chave com força suficiente, deixando uma marca na palma da mão enquanto olhava para o homem que ocupava quase todos os seus pensamentos desde que acordou após a luta.

Jono estava emoldurado na porta, vivo e inteiro, mesmo que fosse tudo mentira. A alma de Jono não pertencia mais apenas a ele, e Patrick nunca se perdoaria por fazer isso. Patrick bebeu a visão dele, notando as olheiras sob os olhos de Jono, o crescimento da barba que precisava de um bom barbear e a exaustão em todas as linhas de seu corpo.

— Oi —, Patrick resmungou.

Jono olhou para ele, olhos brilhantes de lobo flutuando para cima e para baixo em seu corpo. — Você não deveria estar no hospital ainda?

— Odeio hospitais. Eu me dei alta.

Jono soltou um suspiro cansado, passando a mão pelo cabelo preto bagunçado. Parecia que ele não dormia há dias. — Claro que deu.

Jono abriu a porta e se afastou. Patrick passou por ele, ombros encolhidos, esperando por um golpe que nunca veio. Ele seguiu Jono até a sala e tirou a jaqueta de couro, pendurando-a nas costas de uma cadeira da sala de jantar.

— Você ficou aqui? — Patrick perguntou.

— Eu fiquei na casa de Marek. Eu vim aqui esta manhã porque Nadine me disse para encontrá-la. Acho que agora sei por quê.

— Como está Marek? E Emma? E a matilha?

— Eles estão bem. Marek está meio que brigando com Youssef e Estelle. Eles não estavam satisfeitos com o bando Tempest lutando no solstício de verão. — Ele parou, encarando Patrick com olhos cansados. — Eles estão com mais raiva de mim por estar no centro de toda a confusão.

Patrick sabia que talvez ele não estivesse preparado para essa conversa. Mas se esconder só iria adiar o inevitável, porque aqui, agora, era onde ele enfrentava seus erros. Não se desculpar seria um crime.

Engolindo contra a secura repentina em sua boca, Patrick se forçou a olhar Jono nos olhos. — Sinto muito.

— Você não tem nada para se desculpar, Pat.

A ligação de alma que eles compartilhavam agora dizia o contrário, e sempre diria.

Patrick podia ver como a alma de Jono sangrava através de sua aura agora, como se ele tivesse magia quando não. A falta de feridas em seu corpo não era nada comparada ao que Patrick tinha feito à alma de Jono sem permissão.

Seu café com uísque queria rastejar de volta pela garganta. — Isso é minha culpa.

Jono balançou a cabeça e sentou-se no sofá, pegando sua caneca de chá da mesa de café. Ele fez um gesto para Patrick se sentar ao lado dele. — Você tem uma coisa por culpa mal colocada, não é? Todas as merdas que aconteceram no solstício de verão? Não foi sua culpa.

Patrick sentou-se, consciente da perna esquerda. Mesmo com a fermentação de uma bruxa empurrando suas semanas de cura para o futuro, sua perna ainda estava dolorida. — Você não sabe disso.

— Eu sei que não foi você quem me machucou.

Patrick instintivamente o alcançou nessa admissão, mas congelou quando Jono se encolheu, derramando chá quente sobre o lado de sua caneca. Jono fez uma careta e colocou-a sobre a mesa de café, limpando as mãos nos jeans. Patrick olhou para ele, com o estômago revirando.

— Oh —, ele disse secamente, pensando no dia em que havia perdido enquanto passava o véu. — O que Ethan fez com você?

Jono não olhou para ele. — Não importa.

— Jono-...

— Não, parceiro. Isso não é com você.

Patrick cerrou os dentes, apertando o peito. — Exceto que é.

Mais do que qualquer outra pessoa no mundo, Patrick devia a Jono uma verdade que ele não dera voz desde que era criança. Patrick passou a mão no rosto e lentamente deixou cair os escudos. Sem eles, Jono era um farol brilhante ao lado de que Patrick nunca seria capaz de se afastar.

— Não sou muito bom em falar sobre meus problemas. Até meu terapeuta não sabe o que vou lhe dizer. Provavelmente ajudaria com minha terapia se eu *pudesse* contar a ele, mas ele não pode saber — confessou Patrick.

O escrutínio de Jono era difícil para Patrick, então ele não o fez. Ele olhou para a parede, as mãos, o chão - qualquer lugar, menos Jono. Tornou mais fácil encontrar as palavras, mas elas ainda doíam.

— Nasci em Salem, Massachusetts —, disse Patrick calmamente. — O lado da família da minha mãe é originalmente de lá. Ela era uma bruxa, uma curandeira, que pertencia ao Coven de Salem.

O Coven de Salem era o único grupo de bruxas que praticavam naquela cidade atualmente. Todos nesse clã eram descendentes daqueles que haviam sobrevivido aos julgamentos das bruxas de Salem. Eles eram um dos clãs mais antigos do país e o mais poderoso, um grupo unido de família extensa.

Patrick não pusera os pés em Salem em vinte e um anos.

— Minha mãe era Clara Patterson. Ela teria sido a alta sacerdotisa do Coven de Salem um dia. Se ela estivesse viva. — Patrick enfiou um fio no jeans, desenterrando memórias que havia enterrado há muito tempo. — Ela se casou com Ethan quando tinha dezoito anos. Deu à luz minha irmã gêmea, Hannah, e eu quando tinha dezenove anos. Oito anos depois, ele a assassinou no porão de nossa casa.

Patrick engoliu em seco, mas continuou falando. — Ethan não ficava por perto muito tempo. Ele passava a maior parte do tempo na sede da SOA em DC ao invés de em Salem ou no campo. Eu acho que a ausência dele afetou minha mãe. Lembro que eles brigavam muito perto do fim, sempre nossa causa. Mas isso não importava, porque minha mãe sempre perdia contra a Seita Dominion.

— Por quê?

— Porque a família de Ethan é uma das três que ajudaram a fundar a Seita Dominion. É por isso que Ethan acredita que ele merece ser um deus. É por isso que ele só viu sua esposa e filhos como um meio para um fim.

Patrick balançou a cabeça, tentando afastar a memória daquela noite há muito tempo quando seu mundo foi destruído. O passado de onde ele veio era uma das coisas que ele se resignou a nunca fugir completamente.

— Eu vi sua irmã —, Jono disse calmamente. — Ela estava lá onde eles me mantiveram antes de me levar ao Central Park. Ela não parecia... bem.

— Ela carrega uma divindade roubada em sua alma há mais de duas décadas. Não sobrou nada da minha irmã gêmea. — As palavras doíam, mas eram verdadeiras. Patrick passou a mão pelos cabelos, encolhendo os ombros. — Disseram-me quando eu era um adolescente que a Seita Dominion tinha encontrado Macaria em Harvard. A atraíram a Salem para o festival de Halloween. Ethan nos sacrificou ao feitiço que era suposto transferir a divindade de Macaria para ele. Eu não sei como, mas Perséfone nos encontrou. Mas era tarde demais para fazer diferença.

— Você está vivo.

Patrick inclinou a cabeça para trás, encarando o teto enquanto uma risada sem alegria escapava da sua boca. — É. Eu estou vivo. Não, graças a Perséfone. Ela me libertou do feitiço e me levou ao submundo. Ela deixou Hannah para trás.

Ele apertou a mão nas cicatrizes, o peito subitamente doendo. As dores fantasmagóricas fizeram Patrick cravar os dedos no tecido da cicatriz que ele podia sentir sob a camiseta. Ele se assustou bastante quando Jono afastou a mão, dedos fortes girando em torno de seu pulso. Patrick olhou para ele, sua respiração mais rápida do que era confortável.

— Você não teve essas cicatrizes durante o seu tempo no Mage Corps, não é? — Jono perguntou.

Patrick balançou a cabeça lentamente. — Ethan tinha caçadores de almas ajudando com o feitiço. Um dos demônios continuou tentando arrancar meu coração. De nós dois. A última coisa que lembro é de Hannah gritando para eu ajudá-la quando Perséfone chegou.

— A imortal salvou você.

A boca de Patrick torceu em um sorriso de ódio. — Ela não me salvou. Ela me escravizou. Perséfone é dona da minha dívida de alma.

Jono piscou surpreso. — Ah.

— Tentei convencer Perséfone a voltar e salvar Hannah, mas eu estava sangrando no Submundo e ela me perguntou se eu queria que ela me salvasse. Eu disse que sim. Eu tinha oito anos e não sabia de nada, então eu disse *sim*. Sim para ela me curando. Sim para mim devendo a ela minha vida e alma. Devendo a ela e aos do seu tipo.

— Por causa do que Ethan fez com Macaria?

Patrick assentiu, cansado. — O panteão grego quer Macaria de volta. Quando Ethan estiver morto e ela voltar para eles, eles me deixarão ir. A dívida da minha alma será paga integralmente.

Era uma tarefa impossível que se tornava cada vez mais difícil a cada ano que Patrick colocava atrás dele.

— Ethan não é um deus, mesmo com ela sob seu controle.

— Não, ele não é, porque o feitiço deu errado e ela ficou presa na minha irmã. Naquela época, Macaria não era adorada e era praticamente esquecida. Ela não tinha o reconhecimento da adoração que a maioria dos outros deuses tinha na época. Ethan foi capaz de uni-los e... — A voz de Patrick parou, e ele tentou se libertar

dos braços de Jono, mas ele não deixou, deslizando as mãos juntas e segurando firme.

— E? — Jono persuadiu.

— Ele ainda está procurando uma divindade. Ele foi atrás de Rá durante a Guerra dos Trinta Dias.

— Os relatórios dessa guerra se concentraram apenas em todos os infernos.

— Sim, bem, o inferno fez uma grande distração. As pessoas não estão procurando a criação de um novo deus quando têm um inferno literal na Terra com o que se preocupar. — Patrick mordeu o lábio inferior e deu de ombros. — Durante a guerra, tive a chance de matá-lo. Estávamos no Cairo, e eu tinha Ethan na minha mira e ao alcance da minha magia, mas Hannah atrapalhou.

Patrick se perdeu nessa memória, a cena em sua mente vívida e surreal, quase como um sonho lúcido. Um Ethan ferido de joelhos quando o feitiço se separou ao redor deles, a adaga em uma mão e seu rifle na outra, quando Hannah se colocou entre eles. O choque de vê-la viva havia roubado a atenção e a vantagem de Patrick.

Ele deveria tê-la matado naquele dia. Ele poderia.

Ele não fez.

— Pensei que ela tivesse morrido naquele porão todos aqueles anos atrás. Quando a vi, pensei que talvez restasse alguma coisa dela para eu salvar. Eu não poderia matá-la para chegar a Ethan. Eu implorei para ela sair do caminho, mas ela não se mexeu. Olhando para trás, eu sei que não restava nada da minha irmã gêmea, mas foi impossível entender isso na época.

— Você não pode se culpar por isso —, disse Jono.

— Mais fácil falar do que fazer —, respondeu Patrick, tentando não parecer tão amargo. — Ethan destruiu o que restava do nexo abaixo do Cairo através da alma de Hannah antes de escapar. Peguei o peso dessa reação para tentar salvar meu time. Eu sou o filho de sangue de Ethan, então eu podia acessar o feitiço, mas isso me custou.

— Você conseguiu salvá-los?

— Nem todos eles, e eu perdi minha capacidade de explorar as linhas e os nexos devido aos meus esforços.

Patrick desviou o olhar, os olhos secos, porque ele já havia sofrido um colapso por encontrar sua irmã gêmea viva e perder membros dos Hellraisers três anos atrás. Ele fez o máximo para subir do fundo de uma garrafa e afogar seus pesadelos depois daquela luta. Ele enterrou muitas pessoas, dobrou muitas bandeiras tiradas de caixões, viu como os irmãos de armas que ele não podia salvar foram baixados nas colinas verdes de Arlington.

Ele ainda deixava moedas nas lápides todos os anos no Memorial Day.

— Ethan amarrou Hannah a ele para que ele pudesse acessar a divindade de Macaria como um nexo. Ele extrai o poder da divindade para seus acólitos dentro da Seita Dominion para manter Hannah viva como seu receptáculo. Mas ele nunca pretendeu que as coisas fossem assim. Ethan quer ser um deus. Ele quer poder. Ele queria que fosse ele.

Jono apertou sua mão. — Você não é nada como Ethan.

— Exceto que eu sou, mas eu nunca quis ser como ele, Jono. Sinto muito, porra.

— Não há nada para ser perdoado.

— Eu liguei a sua *alma* à minha — disse Patrick, com a voz tensa, em pânico, fazendo-o morder as palavras em um ritmo rápido. — Atei você Jono, e isso significa sentença de morte neste país. Em *qualquer* país.

No fundo, parte dele se deleitava em poder explorar um nexo novamente, mesmo que fosse através da alma de Jono. Patrick se sentia inteiro novamente de uma maneira que não fazia há anos.

Isso veio apenas ao custo da liberdade e autonomia de Jono.

— Olhe para mim, Patrick. Por favor.

Patrick balançou a cabeça, tentando tirar a mão das mãos de Jono. Jono não o deixou ir. Dedos fortes se curvaram sobre seu queixo, forçando a cabeça de Patrick. Ele se viu olhando nos olhos de Jono e não vendo o ódio que esperava, nem a raiva.

— Você pode desfazê-lo? — Jono perguntou.

— Não —, respondeu Patrick com sinceridade. — Não foi minha mágica que uniu nossas almas.

— Outra pessoa pode?

Patrick hesitou, pensando em seu único amigo morando na costa oeste. Spencer Bailey era um mago cuja mágica era *tecnicamente* classificada na família da necromancia, mas o governo havia lhe perdoado a vida quando ele era criança. Spencer era um destruidor de almas, mas ele usou sua magia para exorcizar demônios e enviar os mortos para o descanso; ele não os criou. Patrick não sabia se o que unia ele e Jono era algo que poderia ser quebrado, mas se alguém tivesse chance de ter sucesso, seria Spencer.

— Talvez.

O polegar de Jono deslizou sobre sua bochecha em movimentos lentos. — Isto pode esperar.

— Realmente não pode. Não vou usar você como Ethan usa Hannah. Pelo amor de Deus, eu acabei de dizer-...

— Eu sei o que você disse —, interrompeu Jono. — Mas está tudo bem.

Patrick olhou para ele, incrédulo, enfiando os dedos nas costas da mão de Jono. — *Como* está tudo bem?

— Porque o destino me deu a você —, disse Jono lentamente. — Eu acho que é por isso que Marek me trouxe aqui. Para você.

Patrick engoliu em seco, o movimento fazendo seus ouvidos estalarem. — A quem você serve?

Jono inclinou a cabeça para o lado, como se estivesse ouvindo algo que Patrick não pudesse ouvir. — Fenrir me guia. Ele guiaria minha matilha se eu tivesse uma.

Patrick fechou os olhos, respirando fundo. Jono era para ser uma arma, uma maneira de os deuses retribuírem o que Patrick havia perdido ao longo dos anos. Para nivelar o campo de jogo entre a magia aleijada de Patrick e a lenta decadência de Ethan na deidade de Macaria.

Os deuses haviam roubado uma vida da mesma maneira que Ethan, e Patrick se perguntou se isso era um castigo ou o único caminho a seguir no escuro solitário dessa luta.

Conhecendo os deuses, provavelmente eram os dois.

— Minha resposta usual para o que o destino quer é um dedo do meio ou uma bala —, Patrick murmurou, abrindo os olhos novamente.

A boca de Jono se curvou em um sorriso suave. — Um pouco temperamental, não é?

Patrick levou a mão livre à boca de Jono, pressionando os dedos sobre os lábios secos e rachados. — Você gosta de mim assim.

— Sim, Pat. Eu gosto.

— Eu odeio esse apelido.

Jono sorriu contra seu dedo, lento e quente. — Não, você não odeia.

Patrick possuía tão pouco de si mesmo hoje em dia, e os nomes eram moeda por direito próprio. Mas Patrick não se incomodou em esconder a mentira que acabara de dizer. — Você tem razão. Eu não odeio. Não quando é você quem está usando.

Jono puxou a mão para o lado e fechou a distância entre eles. O primeiro toque de seus lábios foi suave, uma exploração gentil que foi tão fácil quanto respirar. Então Jono inclinou a cabeça, passou a língua pelos dentes de Patrick e o beijou até doer. Patrick permitiu, aproximando-o, sentindo a conexão entre suas almas queimando no limite de sua consciência.

— Eu serei sua arma se você for minha matilha —, Jono sussurrou contra seus lábios, ecoando os pensamentos de Patrick.

Depois de tudo o que eles passaram - tudo o que havia mudado entre eles nas mãos dos deuses - Patrick não podia negar nada a Jono. Ele lutaria até o último suspiro para manter Jono a salvo de quaisquer outras maquinações que os deuses pudessem seguir em frente, por mais infrutíferos que fossem seus esforços.

Por Jono, ele faria qualquer coisa.

— Tudo bem —, disse Patrick, inclinando-se para o toque de Jono, desejando-o. — Vamos dar um jeito nisso.

Jono puxou Patrick para o colo, consciente da perna esquerda. Ele estava quente e sólido embaixo de Patrick, sua pele não marcada graças ao werevirus correndo por suas veias.

— Você acha que pode fazer o que fez no Central Park com sua magia de novo? — Jono perguntou.

Patrick passou os dedos pelos cabelos de Jono antes de segurar a parte de trás do crânio. — Sim, mas eu não vou.

— Você nunca deve se segurar em uma briga.

— Eu vivi sem essa parte de mim por anos. Machucar você apenas para tocar uma linha ley não é algo que estou disposto a fazer.

— Não me machuca —, disse Jono, encarando-o com aqueles olhos brilhantes.

Patrick se inclinou para beijá-lo. — Você é um mentiroso e nem preciso de sentidos aprimorados para saber disso.

Patrick beijou o argumento de Jono, se afogando no gosto dele. As mãos de Jono acariciaram suas costas para agarrá-lo pelos quadris e puxá-lo para mais perto. Patrick não sabia se a necessidade desesperada de proximidade era impulsionada por suas almas recém-amarradas ou pela exuberante percepção de que eles haviam sobrevivido à luta. O que quer que os levou, foi muito melhor do que procurar o fundo em uma garrafa de álcool.

Somente quando seus pulmões doíam com a necessidade de respirar é que Patrick arrancou a boca da de Jono, pressionando suas testas juntas.

— O que acontece agora? — Jono perguntou no silêncio entre eles.

Patrick suspirou, inclinando-se um pouco para trás e tentando ignorar o quão desconfortáveis seus jeans estavam ficando. — Estou

sendo transferido para o escritório de campo da cidade de Nova York aqui, então você não precisa se mudar.

Jono deslizou as mãos sob a camiseta de Patrick, levantando-a um pouco enquanto procurava a pele. — Aposto que Youssef e Estelle vão ficar emocionados com isso.

— Eles têm patronos imortais?

Jono deu de ombros. — Talvez? Eu realmente não sei. Eu não faço parte da matilha deles.

— Ótimo. É tudo o que precisamos — Patrick murmurou. — Uma merda de guerra civil na comunidade de werecreatures.

Jono mordeu sua boca, roubando outro beijo. — Quando a transferência vai acontecer?

— Setsuna me deu um mês para a mudança. Ela até me ofereceu férias.

— Então você não está se mudando por minha causa?

— Eu não contei a Setsuna sobre você.

Jono olhou para ele, pensativo. — Mas ela sabe?

— Sobre o nosso vínculo? Ela suspeita, mas se certificou de que ninguém mais descobrisse — disse Patrick cuidadosamente. — Se alguém descobrir o que eu fiz com você, eu vou para a prisão, Jono. Eu serei culpado de destruir a essência da sua alma, e isso é um crime capital lá em cima com assassinato.

Uma alma, como uma vida, era sagrada. A lei era muito clara quanto a isso, e sempre que Patrick a aplicara para terminar um caso, ele nunca a havia violado dessa maneira antes.

— Passei os últimos treze anos sem matilha. Ninguém está tirando você de mim — Jono rosnou.

— Eu não sei nada sobre como ser uma matilha.

— Nem eu. Vamos descobrir.

Patrick passou os braços em volta dos ombros de Jono, puxando-o para frente. Jono foi de bom grado, pressionando a testa no peito de Patrick, por cima das cicatrizes. Ele soltou um suspiro trêmulo que fez Patrick segurá-lo com mais força.

— Eu não consigo dormir —, disse Jono em voz lenta. —Estou tão cansado, mas tudo que vejo é...

Ele parou, mas Patrick sabia o significado daquele silêncio. Ele sabia como os pesadelos roubavam tudo de uma pessoa - seu sono, seus sonhos, sua sensação de paz. Tentar seguir os movimentos de normalidade após um trauma só deixaria uma pessoa louca ao longo do tempo. Se havia algo que anos de terapia individual e em grupo havia mostrado a Patrick, era que normal é relativo, e que você deve viver todos os dias, um dia de cada vez.

Ele se mexeu, afastando-se de Jono apenas o tempo suficiente para colocar os dois deitados no sofá. Jono passou os braços em volta do tronco de Patrick, as pernas entrelaçadas. Patrick colocou o queixo no topo da cabeça de Jono, ouvindo-o respirar.

Entre eles, o vínculo de alma ficou cada vez mais apertado.

Deveria tê-lo assustado, mas se Jono estivesse bem com isso, Patrick aprenderia a estar também.

Afinal, o que era mais uma dívida?



— VOCÊ ME DEVE FÉRIAS.

Patrick riu na cara de Nadine. — Eu devo a mim mesmo primeiro.

— Deveria ter aceitado a oferta da sua diretora para adicioná-la à sua linha do tempo e custos em movimento.

— Talvez.

Nadine vasculhou sua bolsa, checando três vezes se tinha os documentos apropriados em mãos para obter sua Browning 9mm[41] com a segurança. LaGuardia estava lotado com executivos voltando de voos de negócios em uma noite de terça-feira. Ninguém sequer olhou duas vezes para o sua despedida no terminal.

Setsuna manteve a identidade de Nadine trancada a pedido da PIA. Ela estava tendo mais dificuldade em manter Patrick fora dos holofotes, mas essa era a natureza do trabalho.

---

41 

A bagagem de mão de Nadine era uma maleta de capa dura bem gasta em viagens, com a maçaneta na posição trancada. A jaqueta cinza pomba de seu terninho combinava muito bem com a blusa rosa pálida por baixo. Seus saltos poderiam matar um homem, e os pés de Patrick doíam só de olhar para eles.

Ela se vestira para uma briga hoje em face de várias longas reuniões na cidade de Nova York. Marek havia comprado para ela alguns novos ternos de poder para ajudá-la nos próximos dias como agradecimento por sua ajuda durante a bagunça na semana passada. Patrick não invejou o pobre bastardo na sede da PIA em Washington, DC, encarregado do interrogatório pessoal de Nadine amanhã. Ela os comeria vivos.

Encontrando tudo em ordem, Nadine colocou as alças da bolsa no ombro e colocou um pouco do cabelo castanho solto atrás da orelha, papéis e distintivo da PIA na mão. — Ligue para mim quando chegar a DC. Eu ainda devo estar nos EUA. Vamos jantar.

— Este fim de semana, talvez. Preciso arrumar meu apartamento e ligar para um dos responsáveis pela transportadora que a agência usa.

— Você já deu uma olhada em algum apartamento aqui?

Patrick fez uma careta. — Vou gastar metade do meu salário em aluguel sozinho. Deixe-me lamentar minha conta bancária um pouco mais.

— Assim que você escolher um lugar, envie-me seu endereço. Vou lhe enviar um presente de inauguração de casa de Paris.

— Melhor ser álcool.

— Vai ser alguma coisa.

Nadine estendeu a mão para ajustar a gola da camisa de botão. Hoje, os dois se vestiram um pouco diante das reuniões com autoridades da cidade, os funcionários da polícia de Nova York e os escalões superiores da SOA. Setsuna havia retornado à Washington DC dias atrás, mas Priya ainda estava em Nova York, ajudando o novo SAIC a se estabelecer no meio das consequências do caso. Patrick não tinha inveja desse trabalho de Henry Ng.

Patrick olhou para o quadro das partidas e verificou as horas. — Você deveria ir. A segurança parece uma bagunça, e você precisa ter a liberação da sua arma.

— Eu ainda tenho tempo. — Nadine sorriu para ele antes de se inclinar para beijar o ar em ambos os lados de suas bochechas. — Tenha cuidado.

— Você também.

— Boa sorte com seu lobo.

Patrick teve que morder a negativa de que Jono era seu lobo, porque neste momento discutir era inútil. — Obrigado. Por tudo.

Ela fez uma pequena saudação rápida e piscou. — Para que servem os amigos?

— Boa viagem.

Nadine inclinou a cabeça em reconhecimento silencioso antes de pegar a alça da bagagem e partir. Ela não olhou para trás e ele não esperava que ela fizesse. Não era assim que a amizade deles funcionava. Se eles precisassem um do outro, eles estariam lá um para o outro, sem perguntas. Patrick cruzou os braços sobre o peito e a observou ir.

A coceira entre as omoplatas se intensificou.

— Ela é uma boa guerreira —, uma voz profunda que ecoou como um trovão disse atrás dele.

— Nadine salvou muitas vidas no exterior —, respondeu Patrick enquanto se virava. — Ela ainda faz.

— Lealdade é uma característica admirável.

Zeus estava no meio da multidão do aeroporto, vestindo um terno sob medida que provavelmente custa pelo menos cinco dígitos. O imortal parecia melhor do que durante o solstício de verão, vinculado a um feitiço que chegara perto demais de desfazer sua divindade. Alto e de ombros largos, com a pele profundamente bronzeada e cabelos pretos que brilhavam com mechas de prata, a presença de Zeus queimava contra a magia recém-reabastecida de Patrick, mesmo através de seus escudos.

No momento em que eles se olharam, o mundo congelou, o tempo chegando a uma paralisação impossível. Patrick manteve o batimento cardíaco firme enquanto se sentia puxado para a órbita da magia poderosa e primordial do imortal.

Zeus não era nada como Hermes, com seus truques voláteis. Ele também não era como Perséfone, com sua profunda conexão com a terra e seus laços com o inferno provocados pela magia dentro de seis pequenas sementes de romã. Não, Zeus não era nada como o resto dos deuses em seu panteão. Sua magia era tão feroz e imprevisível quanto uma tempestade e tão destrutiva. O poder que tudo consome brilhava em sua aura deveria ter queimado Patrick em sua essência, mas não o fez.

Ele tinha que agradecer a Hera por isso.

A deusa estava ao lado do marido, passaporte na mão e óculos escuros no nariz aquilino. Uma mão se curvou sobre o cotovelo de

Zeus de uma maneira possessiva, como se soubesse o quão perto estivera de perdê-lo e não quisesse deixá-lo ir.

— Patrick —, disse Hera. — Você gostou das flores que eu te enviei?

— Tenho certeza de que as enfermeiras gostaram —, disse ele.

— Elas foram feitas para você.

— Eu não gosto de presentes de deuses.

— Você parece gostar muito do lobo —, disse Zeus.

A raiva ressoou na alma de Patrick quando ele considerou essas palavras uma ameaça. — Ele não deveria ser de ninguém para dar.

— Os Nórdicos fazem o que gostam —, disse Hera ironicamente. — Como todos nós.

Ele não queria falar sobre Jono com eles. Ele preferiria que eles se mantivessem afastados do werewolf, mas Patrick tinha um sentimento de que isso era uma ilusão neste momento. — Saindo do país?

— Fazendo uma pausa muito necessária —, respondeu Zeus.

As notícias haviam relatado brevemente o desaparecimento e reaparecimento de Malcolm Cirillo, supostamente sem memória de onde ele estivera, antes de deixar a história em favor dos assassinatos sacrificiais. O sensacionalismo vendeu muito melhor do que um cara rico desaparecido nos dias de hoje. Patrick tinha a sensação de que Hera poderia ter lançado um pouco de magia, com a ajuda de seu clã, para fazer com que a mídia local parecesse indiferente. No grande esquema das coisas, ele estava bem com as notícias perdendo o elo entre as duas histórias. Ele tinha a sensação de que Zeus e Hera também estavam.

— Se você estiver indo embora, não precisa me dizer adeus. Seu tipo nunca aparece, a menos que você queira alguma coisa — disse Patrick.

— Nós já temos você.

— Porque Perséfone não podia me deixar morrer.

— Não somos nós que deixamos de lado uma arma quando a encontramos —, respondeu Hera friamente.

— É preciso uma pessoa realmente ruim para pensar que uma criança deve ser transformada em uma arma.

Zeus levantou uma sobrancelha. — Nós imortais temos uma visão diferente do valor. Sempre o fizemos.

Ele não parecia condescendente; ele não zombou das palavras. Zeus falou como se o que ele dissesse fosse uma verdade factual, nada mais e nada menos. O deus ou não se importava, ou não estava ciente, de como suas palavras rasparam Patrick cru em algum lugar no fundo, onde a criança que ele costumava ser ainda gritava horrorizada com o que havia testemunhado e o adulto em que havia crescido lamentou o que ele se tornou.

— Deve ser difícil —, disse Patrick firmemente. — Sobreviver da maneira que você faz. Todos vocês velhos demais para mudar, também definido em seus caminhos, e então você se pergunta por que o mundo se esqueceu de você ao longo dos anos. Você quer saber por que você precisa implorar que os poucos seguidores que você pode encontrar para rezar por suas vidas.

A boca de Zeus se moveu levemente para baixo nos cantos. — Nós nunca fomos esquecidos.

— Você acabou de ser relegado a uma nota de rodapé na história de outra pessoa, mais ou menos milênios ou dois. Veja, essa

é a coisa sobre mitos. Eles não são homens e não são lendas. Na essência, você é apenas um monte de tragédias e histórias de advertência. Você não envelhece quando é um mito, mas isso significa que você não sabe como deixar as coisas passarem e morrer.

Os olhos cinza-azulados de Zeus se encheram da fúria de uma tempestade que nunca morreria. Quando o deus finalmente se dignou a responder, suas palavras pareciam um aviso, uma calma antes de uma tempestade se elevar no horizonte.

— Vejo que Perséfone escolheu o gêmeo certo todos esses anos atrás.

Patrick levantou o queixo em desafio silencioso, apertando as mãos em punhos. — Eu teria preferido que ela nos tivesse deixado ambos morrer.

Hera riu, o som rangendo nos ouvidos de Patrick. — Há poder nas linhagens e nos gêmeos. Você sabe disso, Patrick. Você sabe de onde você vem. Nós deuses tivemos uma oportunidade, e aproveitamos. Foi por isso que Perséfone levou você.

— Você sabe o que Ashanti me disse uma vez? — Patrick disse, pensando na mãe de todos os vampiros e em sua vontade implacável. A maneira como ela se recusou a deixá-lo permanecer ignorante de sua sorte na vida. — A imortalidade não é viva. Está apenas sobrevivendo.

Algo feio e perigoso passou pelos olhos de Zeus, como um raio antes de ele falar. — Longe de mim falar mal dos mortos.

Ashanti pode estar morta, mas seus filhos e seus ensinamentos continuaram. Patrick pode carregar uma lâmina feita pelo poder celestial, mas ele carregava a mancha do inferno em sua alma e as palavras de Ashanti em sua mente.

Uma arma, não importa sua forma, ainda é uma arma. Então, use.

Ele e Jono fariam tudo o que podiam para se empunhar antes que deixassem os deuses controlar suas vidas.

No final, poderia matá-los, mas eles morreriam em seus próprios termos.

Patrick piscou e, nessa fração de segundo, Zeus e Hera desapareceram. O mundo voltou ao movimento, o barulho da multidão correndo de volta para encher seus ouvidos. Patrick balançou a cabeça para limpá-la e caminhou em direção à saída.

— Malditos imortais —, ele murmurou baixinho.

Patrick foi até o carro emprestado da garagem da SOA e voltou para Manhattan. Levou mais de uma hora para ele chegar a Tempest no trânsito noturno e mais quinze minutos depois para encontrar uma vaga de estacionamento. Ele finalmente encontrou a três quarteirões de distância. Trancando o carro, Patrick pisou na calçada, evitando alguns turistas.

Com a tempestade reacionária há muito tempo terminada, o calor do verão voltou como uma vingança. O clima abafado não se dissipou com o pôr do sol e a camisa de botões de Patrick parecia um pouco quente demais, mesmo com as mangas arregaçadas até os cotovelos. A gravata que ele usara em suas reuniões fora jogada no banco de trás no momento em que seu dia acabou.

Ele acenou um olá para o segurança quando chegou ao bar. Tempest havia se recuperado completamente do ataque na outra semana, as multidões voltando para preencher o espaço. Desapareceu o desconforto e o medo do primeiro ataque de caçadores de almas, substituído por risadas, conversas altas e música. Os

olhares lançados na direção de Patrick desta vez foram curiosos e respeitosos, e não hostis. As pessoas deslizaram para fora do caminho dele antes que ele precisasse pedir *com licença* enquanto caminhava até o bar propriamente dito.

O pequeno grupo de pessoas que lentamente entrava na categoria de amigos, quer Patrick gostasse ou não, estava esperando por ele. Emma e Sage estavam sentadas em dois dos bancos, um terceiro vazio entre elas, enquanto Marek e Leon se inclinavam ao redor deles para conversar com Jono, que estava trabalhando em suas bebidas.

Patrick observou Jono levantar a cabeça, os olhos procurando os seus no bar lotado. Seja por perfume ou batimentos cardíacos ou através de seu vínculo de alma, Jono sempre poderia encontrá-lo. Patrick se aproximou e Emma se voltou sem olhar para agarrar seu braço. Ela o arrastou para o banquinho vazio, nunca parando de discutir com Marek sobre um projeto relacionado ao trabalho. O que quer que fosse a conversa deles tinha Jono revirando os olhos e compartilhando um olhar de lamentação com Sage.

Patrick se acomodou no banquinho, apoiando os cotovelos na beira do bar enquanto olhava para Sage. — Eu quero saber sobre o que eles estão discutindo?

Sage não levantou os olhos ao ler o e-mail de trabalho em seu telefone, seu copo de vinho pairando perto de sua boca. Marek tinha uma mão pressionada na parte inferior das costas e seu corpo estava inclinado em direção ao dele. — Está tudo em código.

— Trabalho de criptografia?

— Não. Código como na codificação. Eles discutem sobre uma nova atualização para o PreterWorld desde que chegaram aqui.

— Eu pensei que não íamos conversar sobre trabalho hoje à noite? Foi-me prometido uma noite de bebedeira.

— Estou limitando você a dois drinks. Você dirigiu aqui e vai voar amanhã — Jono lembrou.

Patrick tamborilou com os dedos no balcão do bar. — Eu posso sempre mudar meu voo de volta.

Jono sacudiu vigorosamente a coqueteleira, e Patrick se deixou distrair com seus braços musculosos. — Vou te chutar da cama e te levar lá. Escolha sua primeira bebida.

— Meu habitual.

Parecia estranho que ele tivesse um costume aqui. Patrick nunca tinha um bar local onde pudesse ir beber que não estava perto de uma base e servir aos soldados. Ele raramente ficava perto daqueles perto de seu futuro apartamento em Washington, preferindo a privacidade de sua casa a qualquer espaço público. Isso estava mudando, apenas porque Emma era inflexível, ele não manteria distância, não importava o que a matilha divina da cidade de Nova York preferisse.

Patrick se perguntou se a opinião dela sobre ele mudaria se ela soubesse o que ele havia feito com Jono. Ele e Jono mantinham em segredo o que lhes havia acontecido, e manteriam o tempo que pudessem. Patrick não tinha certeza de como o vínculo de alma afetaria suas vidas no futuro, mas quanto menos pessoas soubessem disso, mais seguras estariam. A pequena matilha de duas pessoas não era oficial, embora eles tivessem optado por compartilhar essas notícias com Emma, Leon, Marek e Sage, que só ficaram felizes por eles.

E se- *quando* - a matilha divina da cidade de Nova York descobrisse que Jono havia formado uma matilha dentro de seu território, haveria um inferno para pagar, mas eles pagariam depois.

Marek se moveu ao redor de Sage para ficar entre Patrick e Emma quando Jono colocou o copo de uísque Macallan de 15 anos na frente de Patrick. Ele apontou para o copo. — Guarde sua carteira. Isso é por conta da casa.

Patrick pegou o copo e o inclinou na direção de Marek em um brinde silencioso antes de tomar um gole. — Obrigado.

Jono colocou um copo com a borda de sal na frente de Emma, a fina camada de espuma macia de clara de ovo por cima já se dissolvendo lentamente. — Patrick está certo. Pare de conversar sobre trabalho, Em.

Emma revirou os olhos e colocou a mão na boca de Marek antes que ele pudesse protestar. — Certo.

— Onde está minha bebida? — foi a pergunta abafada de Marek.

Jono entregou uma IPA para Leon e um shot de Bulliet para Marek. Sua própria bebida foi uma dose dupla de Redbreast, que ele bateu no copo de Patrick. — Saúde, companheiro.

O resto do grupo se juntou ao brinde casual, rindo através do — Saúde! — e o alto — *Salud!* — de Leon

Eles não tomaram as bebidas depois do gesto, exceto Jono, que deixou de lado o copo vazio em uma lixeira suja. Ele desceu um pouco o bar para cuidar de alguns pedidos de bebida. Patrick observou-o trabalhar, os olhos persistentes em sua bunda e bíceps. A presença de Jono era um frisson que Patrick não podia ignorar, e ele não queria.

Emma o cutucou de lado, afastando sua atenção de Jono. Ela levantou uma sobrancelha para ele. — Está tudo bem?

— Sim. Só pensando.

— Não pense demais. Esta noite deve ser divertida.

— Faz um tempo desde que eu tive isso —, Patrick admitiu.

— Então você não tirou férias? — Marek perguntou.

— Eu vou tirar depois. Provavelmente pelas festas de fim de ano. Preciso me instalar aqui primeiro.

Sage finalmente desviou o olhar do telefone. — Alguma ideia de onde você quer ficar? Posso recomendar um bom corretor, se você precisar de um.

Patrick não podia assumir o aluguel do apartamento em que ele estava hospedado, e sinceramente ele não queria. Se Patrick ia chamar essa cidade de lar no futuro próximo, ele estava muito bem indo para algum lugar que ele gostasse.

— Nós estamos trabalhando nisso.

— Nós, é? — Leon perguntou, erguendo uma sobrancelha para Jono. — Você está quebrando seu contrato cedo?

— Não que isso seja da sua conta, mas sim —, respondeu Jono, medindo uma dose de vodka.

— Não quebre seu contrato —, disse Marek enquanto se aproximava de Sage novamente, a fim de envolver um braço em volta de sua cintura. — Você tem mais seis meses, certo? Tenho certeza de que podemos sublocá-lo a alguém da comunidade.

— Eu vou deixar você descobrir a logística para isso.

A conversa passou da procura de apartamento para descobrir a programação de todos para o jantar mensal na casa de Marek e Sage.

— Você vem quer goste ou não —, Leon disse a ele.

— Eu não sei cozinhar —, protestou Patrick. — Eu realmente nunca aprendi.

— Sério? — Emma perguntou.

— Fui para um internato para usuários de magia e depois entrei para o exército. Quando você acha que eu teria tido tempo de aprender a cozinhar?

— Nos últimos três anos que você esteve fora? — Marek disse com um sorriso provocador.

Patrick balançou a cabeça. — Qualquer coisa que não seja a ração A é uma porcaria e meu estômago ainda está se recuperando de comida bagunçada. Estou compensando as refeições perdidas comendo o máximo de comida possível.

— Por *três anos*?

— Estou determinado a experimentar a versão de todos os estados da comida caseira pelo menos uma vez. Se eu puder gastar com a agência, tanto melhor.

Leon riu, batendo no ombro dele. — Nossos dólares de impostos no trabalho.

— Isso aí.

— Traga algumas garrafas de álcool. Ainda vamos deixar você passar pela porta, nenhuma cerimônia de hospitalidade é necessária desta vez — disse Sage.

— E Jono?

— Oh, você vai fazer o seu assado, Jono? — Emma perguntou, se animando.

— Eu vou levar a torta doce ao invés —, Jono gritou do outro lado do bar. — Mas apenas uma. Vocês podem descobrir quem ganha um pouco dessa vez.

Emma sorriu. — Isso é quase melhor que o seu assado.

— Torta doce? — Patrick perguntou.

— Apenas a torta mais ridiculamente doce, cheia de manteiga e açúcar pegajoso que você já comeu. Você vai gostar — disse Sage.

Ela bebeu o resto do vinho tinto e passou o copo vazio pelo bar. Jono veio depois de terminar sua rodada de pedidos para verificar suas bebidas e começar a fazer novas. Ele estava servindo um segundo copo de uísque para Patrick e conversando com Marek sobre sua agenda no bar para a próxima semana, quando o telefone de Patrick tocou.

Ele tirou do bolso, piscando para a longa sequência de números na tela. Ele aceitou a ligação e pressionou o telefone no ouvido. — Agente Especial Collins. Linha e localização não são seguras.

— Caçadores de almas —, disse uma voz familiar através de uma conexão estática de telefone de longa distância. — Eu tive que descobrir que sua bunda estúpida estava lutando contra malditos demônios pela porra das notícias, Collins?

Patrick congelou, os olhos arregalando quando ele reconheceu a voz. — Ai, merda.

O capitão Gerard Breckenridge, comandante dos Hellraisers, bufou ironicamente por telefone. — Ai, merda, ele diz.

— O que você quer dizer com *Ai, merda*? — alguém gritou no fundo da ligação, parecendo muito com o sargento Keith Pearson,

especialista em demolições da equipe. — Isso não é uma resposta caralho.

— Não é grande resposta, mas aceito uma explicação a qualquer momento, Collins.

Patrick estremeceu, ciente de que havia atraído toda a atenção dos outros, com Jono chegando ao ponto de parar de servir seu uísque. Patrick fez um gesto desesperado para Jono continuar.

— Mulroney manteve você atualizado —, disse Patrick, sabendo que não era muita desculpa.

— Só porque ela teve acesso ao seu telefone celular e pôde responder minhas mensagens de texto pelos trinta minutos em que consegui obter permissão para usar meu telefone pessoal —, replicou Gerard. — Tive que entrar em contato com o Velho e cobrar um favor por essa ligação.

O estremecimento de Patrick ficou mais profundo. Malditos dragões e seus tesouros. — Você não deveria ter desistido de um favor por mim.

— Eu tenho muito o que gastar. Mulroney mencionou que você tinha vampiros em campo. Eu *te disse* para nunca chamar-...

— Qual parte de a linha *não é* segura você não ouviu? — Patrick interrompeu.

— Onde diabos você está que não é seguro?

— Em um bar.

— Em um bar — veio a resposta simples. — Por favor, me diga que você não está bebendo sem ninguém para cuidar da sua retaguarda depois do show de merda que acabou de acontecer.

— Eu não estou sozinho, mas é um bar de werecreatures, então cuide das suas malditas palavras, senhor.

Gerard emitiu um som interrogativo no fundo da garganta. — Eu ainda não ouço você negando que levou esse bastardo para o campo com você.

Patrick pegou seu copo de uísque do balcão e engoliu em um gole rápido, olhando para o teto com um expressão de *Oh Deus, porque* em seu rosto. — Não fui eu quem o chamou.

— Entendo. — Gerard suspirou em irritação. — Eu vou ter uma conversa com sua diretora sobre trazer aquele idiota. Que diabos ela estava pensando?

— Eu tinha uma equipe...

— Como o inferno que malditos *Vampiros* são a porra de uma *equipe...*

— Eu não disse que eram eles, eu disse que tinha uma aquipe. Se você estivesse disponível, eu teria ligado, mas você já está no escuro há dois malditos meses...

— Quem te apoiou? — Gerard interrompeu. — Apenas me diga que é alguém que conhece os seus hábitos quase suicidas, indutores de ataques cardíacos em campo, como eu. Mulroney não conta, porque ela é tão louca como você às vezes.

— Eu nunca te dei um ataque cardíaco —, Patrick murmurou.

— Meus níveis de estresse quando você estava no meu time dizem o contrário. Responda a minha pergunta.

Patrick suspirou. — Mulroney cuidou da defesa. O resto foram werecreatures civis antes que agentes da SOA entrassem em cena. Foi uma bagunça, mas foi resolvido.

Gerard ficou em silêncio por tempo suficiente Patrick se perguntou se a conexão havia quebrado. As chamadas de campo nem

sempre eram confiáveis. Ele afastou o telefone do ouvido para garantir que a ligação ainda estivesse viva.

Jono olhou-o com curiosidade. — Tudo bem aí?

Patrick assentiu antes de colocar o telefone de volta no ouvido. — Você está aí?

— Civis —, disse Gerard, parecendo irritado com a maneira como Patrick se lembrava de anos em campo quando seu capitão era *feito com essa merda* e pronto para causar estragos. Os meio fae eram bastante bons nisso. — Você teve civis apoiando você. Isso é simplesmente inacreditável.

— Eles se sustentaram e tudo foi resolvido.

— Oh, eu estou bem ciente do que você quer dizer quando diz *resolvido*. — Gerard lançou sua voz em uma zombaria da de Patrick quando disse: — Não, está tudo bem, capitão, não estou sangrando de um buraco de bala ao meu lado...

— Isso foi *uma vez* e eu não estava sangrando, com todo respeito, foda-se, senhor. Eu cheguei ao ponto de extração sozinho.

A voz de Gerard ficou contemplativa demais para o gosto de Patrick. — Quer saber? Devemos voltar aos EUA após a próxima missão. Eu e alguns garotos vamos fazer um R & R[42] e vir fazer uma visita para conferir essa sua equipe. Vamos garantir que você ainda possa encontrar sua bunda com as duas mãos depois de três anos sendo civil.

— Sinto muito, qual de nós nesta conversa está usando trilhos de trem?

[42] R&R, gíria militar para descanso e recuperação, é um termo usado para o tempo livre de um soldado ou de pessoal internacional da ONU servindo em postos de serviço não acompanhados.

Keith caiu na gargalhada no fundo da ligação, suas palavras entrando na linha um pouco abafadas. — Ele pegou você, Smooth Dog.

Gerard o ignorou. — Estamos visitando, e você paga a conta do bar quando o fizermos.

Patrick gemeu, bem ciente de quanto seu time antigo poderia beber. — Certo.

— Escute, nós temos que ir. Mantenha sua cabeça erguida, Collins. Não morra.

— O mesmo para você. — A ligação foi cortada e Patrick largou o telefone no balcão do bar. Ele olhou para Jono por um longo momento antes de dizer: — Me passe a garrafa de uísque. Mais uma dose não é suficiente.

Jono pegou a garrafa de uísque, mas não a entregou. — Esse era seu antigo capitão?

— Eu sei que você não manteve seus ouvidos para si mesmo, então eu nem vou me preocupar em responder sua pergunta.

Jono serviu-lhe outro copo, apesar dos protestos anteriores sobre o limite de Patrick. — Parece um cara decente. Não me importaria de conhecê-lo.

Patrick emitiu um som inarticulado de raiva afrontada no fundo de sua garganta. Emma riu dele e bateu o punho contra o ombro dele. — Deixe-nos saber quando eles vierem. Eles podem beber aqui.

Patrick enrolou a mão em torno do copo de uísque como se pudesse salvá-lo. — Credo, não. Eu nunca sobreviveria a essa reunião.

A julgar pelos olhares pouco impressionados que todos atiraram nele, eles não se importavam.

— Traidores —, ele murmurou sombriamente, tomando um gole de uísque. — Você está do lado de Gerard e nem o conhece.

— Alguém precisa estar do seu lado, e ele parece que tem estado —, respondeu Jono.

Patrick realmente não podia argumentar com essa afirmação. — É. Acho que sim.

Jono revirou os olhos e se inclinou sobre o balcão do bar, deslizando os dedos sob a gola da camisa de Patrick para prender as placas de identificação. Ele puxou-os com firmeza, atraindo Patrick para a frente em um beijo rápido e duro que não passou despercebido por ninguém no bar, a julgar pelas chamas que explodiram em torno deles.

— Tudo bem, tudo bem, faça seu trabalho, Jono. Você pode ter Patrick mais tarde — Marek falou sobre o barulho do bar.

Patrick sentou-se em seu banquinho, depois estendeu a mão em volta de uma Sage curvada de rir para dar um tapa em Marek na cabeça.

— Ai! — Marek exclamou com uma voz falsa e ferida. — O que foi?

— Por todas as vezes que você não ficou parado na outra semana e eu não consegui estrangular você.

— É isso. Não vou te dar sua próxima rodada.

— Ele não está bebendo outra rodada —, Jono lembrou a todos.

Patrick suspirou e resolveu fazer seu último copo de uísque durar o resto da noite. — Pelo menos a companhia é boa para variar.

Jono sorriu para ele do outro lado do bar e aqueceu Patrick melhor do que o uísque em sua língua.





JONO FICOU DE PÉ com os braços cruzados sobre o peito na reivindicação de bagagem no Terminal B de LaGuardia, os olhos escondidos atrás dos óculos de sol. O cheiro de tantas pessoas vindas de tantos lugares, embalados em uma área apertada, fez seu nariz tremer. Jono poderia ter ficado no carro, mas estava impaciente agora. Ele checou seu celular mais uma vez, mas Patrick não tinha mandado uma mensagem desde que disse que ele pousou e respondeu com um emoticon de rosto sorridente quando Jono respondeu que estava esperando na reivindicação de bagagem.

Jono havia escolhido um lugar fora do caminho das pessoas que chegavam para pegar sua bagagem, mas ainda tinha uma boa visão. Ninguém olhou duas vezes para ele se ele não contasse a criança que uma mãe cansada estava tentando manter ocupada. Jono ignorou o garoto a favor de ficar de olho na multidão em movimento, animando-se quando viu um rosto familiar.

Em um mar de pessoas, os cabelos ruivos escuros de Patrick se destacavam, e Jono sentiu seus ombros relaxarem quando finalmente olhou para o mago. Três semanas de separação doeram de uma maneira que não haviam previsto, a ligação de alma ainda

era nova demais para que a distância fosse fácil. O vínculo estava se estabelecendo, a consciência dele se enterrando profundamente sob seu lobo, mas Jono sabia que sempre estaria ciente de Patrick a partir de agora em diante.

— Hey —, disse Patrick com um sorriso cansado. — Você poderia me pegar na calçada e economizar algum dinheiro.

— Cala a boca! Você vale muito mais do que uma multa de estacionamento.

Jono fechou a distância entre eles e deu a Patrick um beijo acolhedor que durou mais do que provavelmente era educado para o público. Jono não se importou, feliz por ter Patrick à vista novamente. Textos, telefonemas e FaceTime não podiam competir com a possibilidade de alcançar e tocar. Ter o único membro de sua matilha fora deixou Jono irritado, a ponto de Emma o ter mandado para casa mais cedo do bar algumas noites durante a última semana.

Quando ele se afastou, Jono fez questão de arrastar a mão sobre o lado da garganta de Patrick, discretamente marcando-o. A maioria das pessoas não reconheceria o toque pelo que realmente significava, mas isso estabeleceu algo profundamente dentro dele. A sobrancelha levantada de Patrick disse que ele não estava sendo sutil, mas Jono não se importava.

Patrick subiu a mochila de camuflagem de aparência gasta, provavelmente emitida por militares, nos ombros e acenou com a cabeça para o carrossel de bagagens. — Eu vim com duas outras malas.

— Espero que este seja o último.

— Deve ser. Você lidou com todo o resto.

Jono assentiu, lembrando-se das inúmeras orientações de dezenas de apartamentos que Patrick o mandara fazer com a ajuda de um corretor. A sugestão de Sage tinha sido uma bruxa que não piscou aos olhos de Jono e conseguiu interpretar facilmente os requisitos mágicos que Patrick lhe lançou por telefone, dizendo que Jono não tinha ideia do que estava falando.

No final, após sete dias de buscas sem interrupções, Patrick assinou o contrato com Jono para um flat no topo de uma mansão de cinco andares no Chelsea. A casa era mais antiga que a maioria dos outros lugares da lista, mas o apartamento de dois quartos era surpreendentemente espaçoso e havia passado por uma reforma recente. O pequeno jardim privado na parte de trás do prédio, compartilhado por todos os inquilinos, tinha sido um privilégio que Jono duvidava que usassem muito, mas era bom ter.

Jono estava morando em Manhattan há tempo suficiente para saber que era um roubo. O trabalho de Patrick como agente especial da SOA poderia ter aumentado suas chances de qualquer maneira, mas eles tiveram sorte e derrotaram outros locatários em potencial. Jono lidara com os caminhões em movimento cheios das coisas de Patrick, sendo entrevistados pela polícia fora do PCB sobre o que havia acontecido durante o solstício de verão.

Jono alegou não se lembrar muito de seu tempo com Ethan apenas porque não queria reviver aquela tortura ainda. Além disso, ele não sabia onde a Seita Dominion o havia mantido em cativeiro, nem as identidades dos acólitos que vira.

No momento, tudo o que Jono se importava era com o homem que chegara em casa para ele. Patrick havia conseguido condensar todas as suas reuniões em três semanas, em vez de quatro, desde

que Jono ajudara em alguns dos problemas. Isso foi uma semana mais cedo do que eles pensavam inicialmente, e Jono mal podia esperar para estar a sós com Patrick.

A bagagem saiu surpreendentemente rápida, e Jono pegou o essência de Patrick. Ele puxou os dois da correia transportadora e partiu para a saída.

— Eu preciso comprar um carro —, disse Patrick enquanto eles saíam no calor abafado de julho. O sol da tarde brilhava no céu sem nuvens. — Eu odeio dirigir nesta cidade.

— Marek está nos emprestando um dele por enquanto. Foi o que eu dirigi para buscá-lo.

— O Maserati?

Jono bufou. — Ah se fosse.

O Lexus era perfeitamente adequado às necessidades deles, e Jono não havia discutido a escolha. Ele jogou a bagagem na mala quando chegaram ao veículo e ficaram ao volante.

— Marek vai me matar se eu fumar? — Patrick perguntou uma vez que estavam na estrada.

Jono franziu o cenho. — Provavelmente, mas você realmente não deveria fumar.

Patrick se sentou no banco e inclinou a cabeça para trás. — É alívio do estresse. DC foi uma merda.

— Como?

Patrick deu de ombros. — A agência está sendo invadida pelas brasas do congresso. Nunca parece bom quando agentes duplos são desenterrados no governo. Setsuna está se segurando no emprego, mas quem sabe se o manterá.

— E você? — Jono queria saber.

— Enviei meu relatório oficial, mas há uma chance de testemunhar em uma audiência fechada diante do Comitê de Supervisão da Câmara.

Jono não era muito versado em como o governo dos Estados Unidos funcionava, mas isso não lhe parecia bom. — Isso significa que você está com problemas?

— Apenas significa que tenho muitos olhos olhando para mim. Nós dois precisamos ter cuidado.

— Está bem.

— Eu ainda quero um cigarro.

Jono não se importava com o cheiro de nicotina, mas lidaria com isso até conseguir convencer Patrick a abandonar esse hábito. Ele estendeu a mão e colocou a mão no alto da coxa de Patrick, os dedos acariciando levemente. — Acho que posso distraí-lo desse desejo.

— Hum. — Patrick abriu as pernas um pouco e Jono respirou fundo, cheirando a excitação sob a amargura subjacente em seu perfume. Mesmo depois de semanas separados, ele ainda cheirava bem. — Você pode estar no caminho certo.

A viagem de volta a Manhattan foi torturante, não apenas por causa do tráfego. Patrick estava *ali*, e Jono não poderia fazer nada sobre isso até que chegassem à sua nova casa. Levou quase uma hora para eles finalmente chegarem lá. Jono encontrou uma vaga de estacionamento na rua, a um quarteirão e meio de distância, do lado que não teria limpeza nas ruas amanhã.

Eles saíram e Jono pegou a bagagem novamente, acenando com a tentativa de Patrick de pegar uma. — Por aqui.

Jono levou Patrick para casa, seu humor melhorando a cada passo que os aproximava da porta da frente. A casa em si tinha uma fachada marrom e escadas que levavam à entrada. Quase todas as janelas de frente para a rua tinham um aparelho de ar condicionado instalado. Jono não se importava com o calor tanto quanto a maioria das pessoas, mas ligou o ar condicionado naquela manhã para Patrick.

— As chaves estão no meu bolso —, disse Jono quando chegaram ao patamar da frente.

Patrick tomou isso como convite para se aproximar e deslizar a mão no bolso da frente de Jono. Eles se entreolharam através dos óculos escuros, enquanto Patrick fazia o possível para arrastar os dedos ao lado do pênis vestido de Jono enquanto procurava as chaves. O toque fez seu pau endurecer um pouco em antecipação.

— Onde estão as minhas? — Patrick perguntou quando ele finalmente soltou a mão, as chaves pendendo dos dedos.

O jeans de Jono estava definitivamente muito apertado agora. — Escadas.

— Mostre o caminho.

Jono abaixou as alças da bagagem pesada e pegou cada uma como se não pesasse nada. Patrick abriu a porta para ele e eles entraram na pequena entrada. Jono ignorou a porta do inquilino do primeiro andar e subiu as escadas à direita, contornando mais três patamares até chegar ao quinto andar.

Sua entrada no patamar superior era pequena, tornada mais lotada por ambos e pela bagagem. Patrick jogou as chaves para Jono, e ele destrancou a porta mantendo-a aberta com o ombro, Jono levou a bagagem para dentro e depositou-as perto da parede.

Patrick não entrou imediatamente, parado do outro lado da porta da frente com as duas mãos no batente da porta. Ele olhou para o chão com um olhar de concentração no rosto, a luz azul pálida piscando nas pontas dos dedos. Jono esperava sentir algo através da ligação da alma enquanto Patrick lançava magia, mas ele não sentiu.

Acho que é só quando ele precisa tocar uma linha ley que eu vou sentir, Pensou Jono.

Eles conversaram um pouco sobre o que aconteceu antes de Patrick partir para Washington, DC, três semanas atrás. Descobrir a extensão do vínculo de alma iria acontecer por tentativa e erro. Não era algo que nenhum deles pudesse exibir em público, e Patrick relutava em tentar canalizar sua magia através da alma de Jono ainda.

Jono estava convencido de que eles deveriam trabalhar nisso. Em uma luta, Jono precisava saber o que esperar quando a magia atravessasse sua alma. Ele precisava saber como lidar com isso. A única maneira de fazer isso era experimentá-lo em primeira mão.

Por enquanto, Jono poderia esperar.

— Ok, o limiar está definido —, disse Patrick, finalmente entrando e tirando os óculos de sol. — A corretora estava certa. Este lugar tem fortes pontos de ancoragem.

Jono assistiu enquanto Patrick viu o apartamento em pessoa pela primeira vez. A porta abria-se na longa área de vivência de plano aberto. A sala era à esquerda, as cortinas sobre as janelas de frente para a rua puxadas para deixar entrar a luz do sol. A cozinha estava localizada fora à sua direita, com uma ilha separando-a da área de jantar. As janelas de lá com vista para o jardim dos fundos.

Do outro lado da porta da frente, havia um pequeno corredor que levava ao quarto principal e seu banheiro privativo, assim como a sala menor e o segundo banheiro do corredor. A maioria dos móveis era de Patrick, mas alguns itens novos haviam sido comprados em uma loja de departamentos local, e Jono havia trazido uma ou duas de suas próprias peças. O sofá era novo, assim como a cama king-size em que Jono dormira sozinho por muito tempo. O apartamento só cheirava a ele na última semana e meia desde que se mudara oficialmente, e Jono estava determinado a consertar isso hoje.

Ele fechou a distância entre eles, passando os braços em volta de Patrick por trás. Jono arrastou uma mão pelo peito de Patrick para segurar seu pau com dedos fortes. Patrick soltou um assobio, arqueando o toque de uma maneira deliciosa.

Jono passou o nariz contra a linha arqueada do pescoço de Patrick até a orelha, respirando o cheiro dele. — Há uma cama nova em folha que estou querendo inaugurar.

Patrick levantou um braço para enredar os dedos nos cabelos de Jono quando ele virou a cabeça para um beijo. — Verdade?

Jono inclinou a boca sobre a de Patrick, beijando-o com uma necessidade que ele não tinha vergonha. Seu pênis endurecido pressionou contra a curva superior da bunda de Patrick, e Jono mal podia esperar para se enterrar no outro homem.

— Quarto —, Jono rosnou.

— Você terá que parar de tentar me fazer gozar aqui, se quiser que a gente consiga chegar *lá* — disse Patrick, moendo contra Jono.

Jono virou Patrick e facilmente puxou o homem mais magro por cima de um ombro. O grito indigno que Patrick soltou o fez rir.

— Eu vou *matar você* se você não me colocar no chão, — rosnou Patrick.

Jono deu um tapa na bunda dele, apertando-o um pouco. — Promessas, promessas.

O fato de Patrick não ter se esforçado para descer fez Jono sorrir enquanto se dirigia para o quarto principal. O grande espaço tinha uma mistura de móveis incompatíveis, mas a cama era a única coisa que importava. Jono não tinha arrumado naquela manhã, então pegou um punhado do edredom e puxou a roupa de cama antes de jogar Patrick no colchão. Ele saltou um pouco ao pousar, o rosto corado de excitação e um pouco de vergonha.

— Você faz isso de novo onde qualquer um possa ver vai estar dormindo no sofá —, Patrick disse, já puxando os cadarços de suas botas de combate.

— Duvidoso, — Jono disse enquanto tirava a camiseta.

Os dedos de Patrick vacilaram por um segundo enquanto ele observava o peito nu de Jono, os olhos escurecendo. — Você acha que eu não te baniria do quarto?

— Metade da cama é minha.

Patrick tirou os sapatos e começou a soltar as tiras da coxa segurando a adaga no lugar. — Cale a boca e tire a roupa.

Jono riu, já abrindo a fivela do cinto. — Mandão. Nós somos um matilha, amor. Você não pode ser um ditador.

— Eu serei, se isso significa que você vai me foder.

Posto assim, Jono se apressou e ficou nu. No momento em que tirou a roupa, Patrick estava apenas desfazendo o jeans. Jono ajudou a tirá-lo junto com sua cueca com puxões rápidos. Então ele ficou de

joelhos na frente de Patrick, seguindo o cheiro almiscarado de excitação do pênis de Patrick.

— Deuses —, Patrick gemeu quando Jono o levou na boca. — *Jono*.

A voz de Patrick sumiu em um suspiro que passou pelos ouvidos de Jono. Jono chupou com força a cabeça de seu pau antes de engolir mais dele. O tom vermelho escuro de seus pelos pubianos estava raspado perto da pele, e Jono arrastou o polegar pelas bolas de Patrick, puxando-as de uma maneira provocadora.

As pernas de Patrick pressionaram contra os ombros de Jono em reação ao toque. Jono se afastou o suficiente para lamber o liquido seminal que vazava da fenda, a língua enrolando em torno da cabeça sensível. Dedos calejados emaranhados em seus cabelos e deram um bom puxão. Jono acariciou o pênis de Patrick com dedos firmes quando ele olhou para cima, recusando-se a parar de tocá-lo.

Rosto corado, olhos bem abertos, Patrick parecia não se importar de Jono ter seu mau caminho com o mago.

Jono pretendia fazer exatamente isso.

— Suba aqui —, Patrick implorou.

Essa foi uma ordem que Jono não se importou em obedecer. Com uma última sucção na ponta do pênis de Patrick, Jono se levantou quando Patrick se moveu ainda mais na cama, inconscientemente lambendo os lábios. Jono acariciou seu próprio pênis enquanto desenterrava uma nova garrafa de lubrificante da mesa de cabeceira, bem consciente de como Patrick não conseguia desviar o olhar.

Jono se orgulhava de seu corpo de ambas as formas, e gostava da maneira gananciosa de Patrick alcançá-lo quando se aproximou.

Sua pele não apresentava o mapa de cicatrizes que Patrick tinha, e Jono resolveu rastrear as memórias espalhadas pela pele pálida posteriormente. No momento, Jono não estava com disposição para ir devagar. Ceder à necessidade de Patrick hoje era a única coisa que Jono queria fazer.

Patrick gostava duro e rápido, querendo gozar o mais rápido possível. Ensiná-lo a ir devagar era um trabalho em andamento, e Jono não se importava em mostrar a ele o quão bom poderia ser. Mas depois de três semanas de separação, se ele não colocasse seu pênis na bunda de Patrick, ele definitivamente mutilaria alguém.

— Senti sua falta —, Patrick gemeu contra sua boca quando Jono se estabeleceu entre suas coxas. — Porra, eu não me lembro de sentir falta de ninguém como eu senti sua falta.

— Sim —, Jono murmurou quando ele abriu a garrafa de lubrificante com uma mão. — Odiei ter você longe.

Talvez fosse a ligação de almas a fazê-los se sentir assim, mas Jono não tinha tanta certeza. Patrick chamou sua atenção desde o primeiro segundo em que se viram. A atração havia fervido entre eles desde a primeira noite em que fizeram sexo. Relacionamentos e matilhas foram construídos com menos. Ele tinha visto por si mesmo em Londres e aqui na cidade de Nova York.

Pessoas mataram por menos.

Ele tinha matado por menos, e Jono sabia que Patrick nunca o julgaria por isso.

Jono lutaria por Patrick, e ele sabia que Patrick faria o mesmo por ele. Podia não ser amor, mas lealdade e carinho ainda eram poderosos por si mesmos.

O sexo era definitivamente uma vantagem.

Jono cobriu os dedos com lubrificante antes de envolvê-los nos pênis dos dois. Patrick mordeu o lábio e gemeu, empurrando o círculo apertado dos dedos de Jono. O rubor em seu rosto se moveu pelo pescoço e no peito, mamilos escuros e duros. Jono não pôde evitar e se inclinou para chupar um em sua boca.

— Você está me matando aqui, Jono —, Patrick gemeu, sua mão apoiada na parte de trás do crânio de Jono para mantê-lo lá.

Ele riu contra a pele quente, mordendo o nó sensível entre os dentes. — Que caminho a percorrer, amor.

Patrick riu, o som engatando em sua garganta quando Jono gentilmente beliscou a ponta do seu pau. — Me foda. *Por favor*.

Jono deu um último golpe em ambos os pênis antes de se sentar e alcançar o lubrificante novamente. Patrick se moveu contra a cama, empurrando-se para uma posição sentada. Ele se arrastou para o colo de Jono com um olhar ardente em seus olhos verdes, pernas abertas sobre as coxas de Jono.

— Assim —, disse Patrick, ajoelhando-se um pouco. —Mostre-me o que você tem.

Jono passou a mão por uma das bochechas de sua bunda, abrindo Patrick para que ele pudesse empurrar um dedo dentro daquele calor apertado. Patrick estremeceu contra ele, pressionando suas bocas juntas em um beijo que era todo dentes e língua enquanto eles lutavam pelo controle. Jono acariciou a mão livre pelas costas de Patrick para prender bem os cabelos e puxar a cabeça para trás. Mantendo-o em um só lugar, Jono o beijou absolutamente sem fôlego.

Patrick ofegou contra os lábios quando Jono empurrou um segundo dedo nele, levantando-se antes de afundar nos dedos de Jono.

— Não conseguia parar de pensar em você no vôo para cá — murmurou Patrick, enfiando as mãos nos ombros de Jono.

— Eu não estou no turno hoje à noite —, Jono disse enquanto curvava os dedos, procurando aquele ponto ideal. — Podemos batizar o sofá, se você quiser. Talvez a parede. A mesa de jantar é um pouco arriscado — acho que a gente quebraria.

Patrick riu, o som quebrando em um gemido quando Jono encontrou sua próstata e a esfregou. — Você está me chamando de *barato*?

Seus pênis se esfregaram entre seus corpos quando Patrick balançou contra ele, montando seus dedos. A dor em seu próprio pênis estava começando a se distrair. — Você não é barato, mas seu gosto é.

Patrick riu, seu corpo inteiro tremendo com isso. Jono esticou os dedos contra o aperto dos músculos e sorriu contra a curva quente do pescoço e ombro de Patrick. Ele respirou fundo, o cheiro de Patrick amargo e afiado no nariz.

Ele era a melhor coisa que Jono cheirava há muito, muito tempo.

— Você está —, disse Patrick, ainda rindo. — Você está me chamando de *barato*! Eu trabalho para o governo, o que você esperava?

— Esqueça o governo —, Jono murmurou enquanto soltava os dedos.

Ele agarrou Patrick pela cintura, insistindo com ele. Mãos quentes emolduraram seu rosto, e Patrick o beijou com uma intensidade concentrada que Jono apreciou. Ele cuidadosamente guiou Patrick para baixo em seu pau duro, gemendo quando a ponta gorda empurrou para dentro. A resistência cedeu com um impulso raso enquanto mais de seu pênis deslizou para dentro com um pouco de pressão. Patrick gemeu, mordendo o lábio inferior. Jono abriu as pernas, forçando Patrick a ficar mais largo.

Ele empurrou o calor com impulsos rápidos e fortes que abriram Patrick polegada por polegada grossa. Jono sempre ficou satisfeito com o tamanho e a espessura de seu pênis, do jeito que ele sabia que seus parceiros gostavam de tomá-lo. Patrick não era diferente, as respirações suaves e engatadas que se prendiam no fundo de sua garganta a cada centímetro que Jono trabalhava dentro dele, impossível para Jono ignorar. As unhas arranharam sua pele, a rápida irritação desaparecendo em segundos quando Jono olhou nos olhos de Patrick.

Jono colocou uma mão no quadril de Patrick, achatando a outra contra o espaço entre as omoplatas afiadas nas costas cicatrizadas. Patrick recostou-se em seu toque, os olhos semicerrados, a língua espreitando por entre os lábios molhados quando Jono o puxou até seu pau duro e dolorido.

O som que saiu da boca de Patrick era sem palavras, carente, os dedos cravando contusões no ombro de Jono. Jono chegou ao fundo com um rosnado, o pau latejando profundamente dentro de Patrick, exatamente onde ele queria estar. Ele podia sentir Patrick apertando fracamente ao seu redor, o aperto que Jono tinha que respirar. Ele estendeu a mão para traçar os dedos em torno de onde

estavam unidos, esfregando as pontas dos dedos quentes em torno da pele esticada do buraco de Patrick.

A maneira como Patrick estremeceu trouxe um sorriso ao rosto de Jono.

— Se você não se mexer —, Patrick se engasgou, quadris rolando superficialmente para se afastar do toque de Jono. Só serviu para mudar o pênis de Jono dentro dele, fazendo-o gemer.

— Você vai o que? — Jono perguntou, enquanto reajustava seu controle sobre o corpo de Patrick, deslizando o mago de seu pênis um pouco.

— Eu vou...

Tudo o que ele teria dito foi esquecido no primeiro estalo duro dos quadris de Jono, o pênis penetrando fundo. Patrick gritou, empurrando de volta para o pau de Jono, enquanto ele empurrava novamente. Jono colocou as duas mãos na bunda de Patrick e o puxou de seu pênis novamente, mantendo-o lá. Isso deu a Jono espaço para empurrá-lo, arrastando o pau contra sua próstata. Patrick torceu em seus braços, xingando enquanto tentava afundar e foi incapaz. Jono o segurou no lugar com mãos fortes, o buraco esticado ao redor de seu pênis, o longo deslize molhado e um pouco menos apertado agora.

— Vou te levar assim. Vou *possuir* você — Jono rosnou enquanto acelerava o movimento dos quadris. — Você quer?

Patrick respondeu com um beijo desarrumado e descoordenado. — *Sim*.

Jono o elevou mais alto, apenas um pouco, segurando-o lá com força fácil, para que Jono pudesse transar com ele tanto quanto ele gostava, tanto quanto ele ousava. O som da pele batendo juntos

encheu o quarto, o suor deixando seus corpos escorregadios enquanto eles se abraçavam. Os pequenos gemidos ofegantes de Patrick eram como música para os ouvidos de Jono, e ele perseguiu o som com a boca.

O pênis de Patrick estava preso entre seus corpos, a fricção e as batidas fortes que Jono estavam dando em sua bunda era tudo o que era necessário para, eventualmente, derrubá-lo no limite. Patrick gozou com um grito, a cabeça inclinada para trás, pintando o peitoral dos dois. Seu corpo tremia nos braços de Jono, apertando seu pênis de uma maneira emocionante. Ele resmungou, mudando de posição e diminuindo um pouco a resistência repentina.

— Vamos, não pare —, disse Patrick, puxando seus cabelos. — Você sabe que quer seu gozo em mim.

Jono xingou, mordendo a clavícula cicatrizada de Patrick com dentes delicados com essas palavras. — Porra, eu quero *destruir* você.

— Sim, sim, você deveria.

Jono aceitou isso como permissão e se inclinou para frente, guiando Patrick até a cama novamente. Ele não saiu, apenas torceu os quadris para que, quando as costas de Patrick tocassem o colchão, Jono estivesse voltando ao seu buraco. Patrick gemeu, as mãos nos ombros de Jono, puxando-o para mais perto.

Sem precisar segurar Patrick, Jono poderia se concentrar em gozar da melhor maneira possível. Foder com Patrick era como voltar para casa, seu corpo aberto e disposto sob Jono, mãos gananciosas com o toque. Jono não poderia durar muito mais tempo, não da maneira que Patrick estava olhando para ele, como se Jono fosse o único que ele poderia querer.

Jono veio com um grito, triturando Patrick por alguns golpes curtos antes de se afastar e acariciar seu pau com um punho duro. Sêmen respingou sobre as bolas de Patrick e a pele delicada embaixo delas, pingando em seu buraco solto.

Exausto, Jono alcançou entre as pernas de Patrick para esfregar seu esperma na pele muito sensível, misturando seus aromas naquele local íntimo. Patrick estremeceu um pouco com o toque, joelhos pressionando contra os lados de Jono.

— Você vai me limpar —, disse Patrick preguiçosamente, respirando com um pouco de dificuldade, a pele corada de vermelho na luz da tarde por causa do sexo.

Jono sorriu para ele, lento e cheio de promessas enquanto provocava o buraco de Patrick antes de empurrar um pouco de esperma de volta para dentro dele. Ele deixou os dedos ficarem lá, mantendo Patrick aberto ao seu toque.

— Depois. Ainda temos um sofá para profanar.

O riso de Patrick encheu o quarto, fácil e rico, e seu sorriso era tudo que Jono podia ver. O ligação de almas era uma coisa indescritível que o ligava a este homem, e deveria tê-lo assustado, mas não o fez. Era exatamente o que Marek prometera a Jono três anos atrás, quando o vidente o tirou de Londres.

Matilha, Jono pensou quando Patrick o alcançou, puxando-o para um beijo persistente.

Um lar.

ÍNDICE

Breves descrições de palavras, acrônimos e frases usadas na história que não foram prontamente explicadas no texto. Também estão incluídos os nomes dos personagens.

Abuku, Setsuna: Bruxa. Diretora que supervisiona e lidera a Agência de Operações Sobrenaturais.

Academia: Escola K-12 que ensina magia a praticantes de todas as afinidades e designações. Todos oferecem opções de embarque para os alunos.

Alas: Magia defensiva.

Ares: Imortal. Deus grego da guerra.

Artemis: Imortal. Deusa grega da caça, florestas e colinas, lua e arco e flecha.

Ashanti Imortal. Deusa e mãe de todos os vampiros. Assume a forma de um vampiro Asanbosam fora dos mitos da África Ocidental.

Beacot, Sage: Weretiger. Uma advogado da Diné que trabalha para o escritório de advocacia fae Gentry & Thyme.

Bruxo/Bruxa: Classificação mais comum de usuários mágicos.

Carmen: Súcubo. A primeira aparição registrada conhecida foi em Veneza, Itália.

Casale, Giovanni: Humano. Chefe do Departamento de Crimes Sobrenaturais da polícia de Nova York.

Caster Corps: Ramo militar sob a alçada do Departamento de Preternatural dos EUA. Aceita todos os tipos de praticantes de magia, exceto magos.

Cerberus: Imortal. Cão de Hades e guarda os portões do submundo.

Charon: Imortal. Balseiro do Submundo Grego.

Cidadela: Academia militar dos Estados Unidos para usuários de magia. Localizado em Maryland. Todas as academias do país alimentam a Cidadela. Magos recebem inclusão automática. Todos os outros tipos de usuários mágicos precisam de recomendações.

Collins, Patrick: Mago. Antigo mago de combate do Mage Corps, atualmente um agente especial da SOA. Tem uma alma contaminada e magia aleijada. É tecnicamente um mago apenas no nome devido a uma ferida na alma.

DCPI: Gabinete do Vice-Comissário, Informação Pública. Parte da NYPD, este escritório é responsável por trabalhar com organizações de mídia locais, nacionais e internacionais para fornecer as informações mais precisas e oportunas ao público sobre notícias de casos em andamento.

de Vere, Jonothon: Werewolf com linhagem divina. Originalmente de Londres, Inglaterra, atualmente reside em Nova York. É um alfa independente na comunidade werecreature e não pertence a nenhum grupo.

Departamento do Preternatural dos EUA: Emprega todo tipo de pessoas magicamente afiliadas e sobrenaturais para o serviço militar. Os magos de combate em serviço ativo são destacados para

o Exército, Marinha, Força Aérea e Fuzileiros Navais e são obrigados a passar pelo BTC e treinamento conjunto.

Dionísio: Imortal. Deus grego da videira, colheita de uvas, vinificação, vinho, loucura ritual, êxtase religioso e teatro.

Divindade: Poder primordial pertencente aos imortais que lhes dá vida. A força de seu poder pode ser alterada pela adoração ou falta dela.

Dire: Uma classificação realizada apenas dentro de uma matilha divina. O apelido é derivado de lobo terrível (dire wolf), mas foi reduzido para abranger as diferentes espécies de werecreatures. Essencialmente, uma posição mantida por um membro fiel da matilha que ajuda a fazer cumprir as ordens dos alfas.

Escudos: Alas. Magia defensiva usada para proteção em grande ou pequena escala.

ESU: Unidade de Serviço de Emergência da polícia de Nova York. A unidade faz parte do Departamento de Operações Especiais da NYPD. Eles são treinados e equipados para executar tarefas de resgate tático e técnico para outros departamentos da polícia de Nova York.

Feitiços: Magia ofensiva.

Feiticeiro/Feiticeira: O segundo maior ranking de usuários de magia e moderadamente mais comum que os magos, mas são superados em número por bruxas e bruxos.

Fenrir: Imortal. Lobo no panteão nórdico. Patrono de uma matilha divina.

FOB: Base operacional avançada. Uma posição militar avançada que apoia operações táticas.

Ginnungagap: Vazio primordial. Pertence aos mitos nórdicos.

Greene, Ethan: Mago. Era um agente duplo empregado formalmente pela SOA. Atualmente é um mercenário e aliado à Seita Dominion.

Greene, Hannah: Maga. Atualmente um receptáculo. Espiritualmente falecida.

Hades: Imortal. Deus grego dos mortos e do submundo.

Hera: Imortal. Deusa grega das mulheres e rainha titular do panteão grego.

Hermes: Imortal. Deus mensageiro grego e deus do comércio, ladrões, viajantes, esportes, atletas, passagens de fronteira e guia para o submundo

Hernandez, Leon: Werewolf. Parceiro de Emma Zhang e segundo líder da matilha Tempest.

Infantaria Preternatural: Ramo militar sob a alçada do Departamento de Preternatural dos EUA. Aceita apenas aqueles com antecedentes sobrenaturais ou preternaturais, ou seja, werecreatures, vampiros, criptidos[43], etc.

Kahn, Youssef: Werewolf com linhagem divina. Alfa da matilha divina da cidade de Nova York.

Kavanaugh, Nicholas: Werewolf alfa. Dire da matilha divina em Nova York

Limiar: Ala. Aplicado a uma soleira e a um lar para proteção, para afastar magias negativas, espíritos e demônios.

[43] Criptido ou criptídeo é um termo usado na criptozoologia para se referir a uma criatura cuja existência é sugerida mas para a qual não existem provas científicas para comprovar.

Linhas Ley: Rios metafísicos de poderes que drenam em nexos.

Lucien: Mestre vampiro. Foi um soldado do exército de Guilherme, o Conquistador, antes de ser transformado por Ashanti. Atualmente é traficante de armas e magia. É procurado por muitos governos.

Macaria: Imortal. Deusa grega da morte abençoada e filha de Hades.

Mago: O mais alto nível de usuários de mágica e os únicos praticantes que podem extrair energia externa de linhas e nexos ley.

Mage Corps: Ramo militar sob a alçada do Departamento de Preternatural dos EUA. Aceita apenas magos.

Magia: Emanando e alimentada pela alma de uma pessoa. Aproximadamente um quarto da população mundial possui magia. A força varia, com diferentes títulos sendo concedidos, dependendo do alcance mágico de uma pessoa. O elenco é dividido em alas defensivas e feitiços ofensivos.

Matilha divina: uma matilha de werecreatures infectadas com a cepa divina do werevirus. Eles atuam como porta-vozes dos bandos de werecreatures ocultas em seu território. Eles são suportados por dízimos monetários das matilhas sob sua proteção. Muito poucos mantêm uma conexão com seus patronos deuses animais.

Moirai: Imortais. Destinos gregos.

Mulroney, Nadine: Maga. Trabalha na contra inteligência para a PIA. É fluente em francês e mora em Paris, França.

Necromante: Um usuário mágico que pode ter qualquer classificação. Sua magia tem uma afinidade com a morte, permitindo que eles ressuscitem os mortos, controlem zumbis e manipulem as almas remanescentes dos mortos. Seu tipo de magia tem uso fortemente restrito nos Estados Unidos e na maioria dos países.

Necromancia: Uma parte da magia que lida com os mortos, geralmente envolvendo magia de sangue e sacrifícios. Predominantemente ilegal ou restrita na maioria dos países.

Nexo: Lago metafísico de poder sob a terra. Geralmente localizado em áreas sagradas ou abaixo das principais cidades.

Night Court: Grupo de vampiros que supervisiona o território reivindicado. Encabeçado por um único mestre vampiro. Várias Night Courts podem existir na mesma grande cidade.

Norns: Imortais. Destino nórdico.

PCB: Departamento de Crimes Sobrenaturais. Um PCB geralmente é encontrado apenas nos departamentos de polícia das principais áreas metropolitanas dos Estados Unidos. O PCB na cidade de Nova York é chefiado por um chefe do Bureau. Os cinco distritos de detetives da NYPD são todos detetives especializados em crimes sobrenaturais por meio do PCB. O PCB tem jurisdição nos cinco distritos e seu próprio destacamento de policiais que trabalham em homicídios, narcóticos, crimes graves e CSU. O PCB é um dos departamentos menos tripulados no Departamento de Polícia de Nova York devido ao tipo de casos que trata.

Perséfone: Imortal. Deusa grega do submundo e da primavera.

PIA: Agência de Inteligência Sobrenatural. A PIA é uma organização de inteligência estrangeira em nível nacional, supervisionada pelo Secretário de Defesa diretamente através do USDI. As operações de inteligência da PIA se estendem além das zonas de combate e aproximadamente metade de seus funcionários atua no exterior em centenas de locais e embaixadas dos EUA em muitos países. A agência é especializada na coleta e análise de informações de fontes sobrenaturais, tanto abertas quanto clandestinas, além de lidar com as relações diplomáticas militares americanas no exterior. A agência não possui autoridade de aplicação da lei. (Equivalente à CIA)

Seita Dominion: Um grupo terrorista sombrio composto por humanos mundanos, usuários de magia desonestos, imortais alinhados com os infernos e outras criaturas sobrenaturais que pretendem destruir o véu entre mundos para que o inferno e seus habitantes possam reinar na terra. Alguns membros estão tentando roubar divindades, a fim de garantir seu poder no novo mundo que esperam criar.

SERE: Sobrevivência, Evasão, Resistência e Fuga. Um programa militar que fornece ao pessoal militar dos EUA, civis do Departamento de Defesa, contratados militares particulares e outros agentes e pessoal em risco treinamento sobre como fugir do inimigo, sobreviver e resistir ao inimigo se for capturado e escapar.

Skuld: Imortal. Deusa do destino e uma das Norns.

SOA: Agência de Operações Sobrenaturais. SOA é o serviço de inteligência e segurança doméstica dos Estados Unidos que se concentra em crimes mágicos e sobrenaturais e terrorismo. Emprega

pessoas humanas, sobrenaturais e magicamente afiliadas para posições de campo na defesa doméstica. (Equivalente ao FBI)

Soulbond/Ligação de almas: Uma ligação de duas ou mais almas para unir as pessoas para necessidades mágicas. Ilegal sob as leis de todos os governos.

Taylor, Marek: Vidente. CEO da PreterWorld, uma plataforma de mídia social voltada para a comunidade sobrenatural e preternatural. Seus patronos são os Norns.

Trilhos de trem: Gíria militar para as fileiras de um capitão, que são duas barras verticais.

Véu: A barreira metafísica entre a Terra / plano mundano e outros mundos / dimensões / planos, como o Reino das Fadas, versões do inferno e do céu derivadas de mitos.

Walker, Estelle: Werewolf com linhagem divina. Alfa da matilha divina da cidade de Nova York.

Werecreatures: Humanos que estão infectados com o werevirus. Podem mudar de forma para várias formas animalescas. As werecreatures são infectadas mais tarde na vida ou nascem com a doença.

Werevirus: Uma doença incurável que transforma aqueles infectados em bestas monstruosas. Criado por um antigo mago romano, o werevirus foi um dos primeiros casos registrados de guerra biológica criada magicamente, introduzida na sociedade. As pessoas nascem com o werevirus ou são infectadas por meio de relações sexuais ou sangue. Existem duas linhagens: uma linhagem normal e uma linhagem divina. A linhagem divina possui propriedades

mágicas mais fortes, que podem fazer com que os infectados sejam suscetíveis a um patrono imortal.

Wizard: Segundo ranking mais comum de usuários mágicos.

Zeus: Imortal. Deus grego do trovão e rei titular do panteão grego.

Zhang, Emma: Werewolf. Alfa da matilha Tempest.



NOTAS DA AUTORA

Esta história tem sido um trabalho de amor por muitos, muitos anos. É o livro do meu coração, e estou imensamente feliz por finalmente compartilhá-lo. Mas o coração desta história realmente pertence a Nora, que passou anos lendo as muitas versões pelas quais passou. Quem me incomodou por mais, que nunca me deixou esquecer que estava lá e que me falou de todos os detalhes importantes, independentemente de onde ela estivesse no país ou no mundo. Essa história não existiria sem a contribuição dela e por amá-la quase mais do que eu.

Para a melhor leitora beta do mundo inteiro, esse prêmio pertence a Leslie Copeland. O que eu faria sem você? Não posso nem imaginar. Você faz os pequenos momentos brilharem. Sou tão incrivelmente feliz de poder chamá-la de amiga.

Para Lily Morton, que se tornou uma amiga inestimável. Você também é uma das melhores leitores alfa por aí, que garantiu que eu não seguisse a rota de Dick Van Dyke. Sua amizade significa o mundo para mim e mal posso esperar pelo dia em que estaremos juntas na mesma cidade!

A Sheena J. Himes, pelos olhos frescos e por sua disposição de tirar um tempo do verão agitado para fazer uma leitura alfa para mim. Sua ajuda foi imensamente apreciada e não posso agradecer o suficiente. Você é incrível.

A May Archer, outra incrível amiga leitora alfa que ajudou imensamente a garantir que eu não estragasse alguns detalhes menores! Salt bae do meu coração, nunca me deixe.

Suportar, por toda sua ajuda e aceitando os numerosos textos que eu lhe envio sem reclamar! Seu encorajamento não conhece limites, e eu te adoro por isso.

Por último, mas não menos importante, para meus leitores. Muito obrigado por apreciar os mundos sobre os quais escrevo, para que eu possa escrever mais. Vocês são incríveis e eu não faria isso sem vocês.

Tomei liberdades com o trabalho da polícia e agências federais nesta história. Não trabalho em nenhum dos campos e tentei mesclar o mundo que criei da melhor maneira possível. Quaisquer erros pertencem a mim.

Eu ficaria emocionada e agradecida se vocês considerassem avaliar *A Ferry of Bones & Gold* na Amazon ou Goodreads. Aprecio todas as críticas honestas, positivas ou negativas. Comentários definitivamente ajudam meus livros a serem vistos, então, obrigado!

Design da capa por AngstyG .

Professional Beta Reading por Leslie Copeland: lcopelandwrites@gmail.com

Editado por Sandra em One Love Editing

Prova de Lori Parks: lp.nerdproblems@gmail.com



CONECTAR COM HAILEY

Visite o site de Hailey: www.HaileyTurner.com

Junte-se ao grupo de leitores no Facebook: Hellions de Hailey

Como a página de autor de Hailey no Facebook

Ou segui-la Tumblr no blog de Hailey

Acompanhe as novidades do meu livro inscrevendo-se no meu Boletim de Notícias e obtenha o conto gratuito de Soulbound prequel *Por um caminho torcido* e o conto gratuito Metahuman Files *Uma devoção distante* enquanto você está nisso.



OUTROS TRABALHOS DE HAILEY TURNER

Romance militar de ficção científica de M / M:

O capitão Jamie Callahan, filho de um rico senador e mãe socialite, é um sobrevivente.

O sargento Kyle Brannigan, agente das Forças Especiais, é um homem com segredos.

Alpha Team, o time de campo mais bem classificado da Força de Defesa Meta-Humana, é onde os dois colidem e suas vidas nunca mais serão as mesmas.

Arquivos Meta-Humanos

01 - Nos destroços

02 - Nas Ruínas

03 - Nas sombras

04 - No Sangue

05 - No Requiem

Arquivos Meta-Humanos: Novela Classificada

01 - Fora das Cinzas

Obrigada pela leitura!

